



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Memórias de um médico:  
O Colar da Rainha  
Volume I  
Alexandre Dumas

## AO LEITOR

Permitam os leitores que lhes dirijamos uma curta explicação a propósito do título que demos a este nosso escrito. Há já vinte anos que vivemos em excelentes relações, e as poucas linhas que seguem, em vez de enfraquecer a nossa antiga amizade, é de esperar que, pelo contrário, a estreitem mais intimamente.

Depois das últimas linhas que escrevemos, sobreveio uma revolução, que profetizáramos em 18321, tendo exposto as suas causas, seguido a progressão, e até descrito o desfecho; mais ainda: dissemos há dezesseis anos o que faríamos há oito meses.

Permitam-nos que transcrevamos aqui as últimas linhas do epílogo profético, que termina o nosso livro Gália e França.

“Eis o abismo em que vai precipitar-se o governo atual. O farol que lhe colocamos no caminho só alumiará o seu naufrágio, porque ainda que ele quisesse virar de bordo já não o poderia fazer: a corrente que o arrasta é fortíssima, e o vento que o impele muito violento. Mas, na hora da perdição, as nossas recordações de homem, sobrepujando o nosso estoicismo de cidadão, farão ouvir uma voz, que dirá: Morra a realeza, mas Deus salve o rei!”

“Essa voz será a nossa.”

Faltámos à nossa promessa ? E não bradou bastante alto para que a ouvissem a única voz que em França disse adeus a uma augusta amizade, no meio da queda de uma dinastia?

A revolução prevista e anunciada por nós não veio encontrar-nos desprevenidos. Saudámo-la como uma aparição fatalmente

esperada; não a esperávamos melhor, e temíamos-la pior. Há vinte anos que perscrutamos o passado dos povos, e sabemos por isso o que são as revoluções.

Dos homens que a fizeram, e dos que com ela aproveitaram, não falaremos. Toda a tempestade turva a água, todos os abalos da terra trazem escórias à superfície. Depois, pela lei natural do equilíbrio, cada molécula retoma o seu lugar. A terra une-se, a água purifica-se, e o céu, momentaneamente toldado, reflete no lago eterno as suas estrelas de ouro.

Os nossos leitores vão, pois, encontrar-nos o mesmo que éramos antes do dia 2 de fevereiro; apenas uma ruga de mais na fronte, e uma chaga no coração foram a mudança que em nós se operou durante os terríveis oito meses que acabam de decorrer.

Os que estimávamos, continuamos a estimá-los; os que temíamos, já os não tememos; os que desprezávamos, desprezamo-los mais do que nunca.

Assim, pois, tanto na nossa obra como em nós, não há mudança alguma; a única que se notará, como já dissemos, será uma ruga de mais na nossa fronte, e uma chaga novamente aberta no nosso coração.

Até esta data temos escrito pouco mais ou menos quatrocentos volumes; temos registrado bastantes séculos, e evocado muitos personagens, maravilhados por se verem de pé à luz da publicidade.

Desafiamos toda essa falange de espectros para que digam se alguma vez sacrificámos os seus vícios ou as suas virtudes às exigências do tempo em que vivemos. Tanto a respeito dos reis e dos grandes fidalgos, como a respeito do povo, sempre dissemos a verdade, ou o que cremos ser a verdade; e, se os mortos pudessem reclamar como os vivos, do mesmo modo que nunca, perante estes, tivemos de desdizer-nos, estamos certos que também não teríamos que fazer qualquer retratação perante aqueles.

Para certos corações toda a desventura é sagrada, toda a desgraça respeitável; seja esta da vida à morte, ou do trono ao desterro, é dever do homem inclinar-se diante de um sepulcro aberto, ou de uma coroa despedaçada.

Ao escrever o título na primeira página do livro que hoje começamos, importa dizer que não foi ele determinado por livre escolha nossa; a sua hora e a sua vez tinham de chegar. A cronologia é inflexível; depois de 1774 devia vir 1784; depois de José Bálamo, o Colar da Rainha.

Sosseguem, contudo, as susceptibilidades mais escrupulosas. Por isso mesmo que hoje tudo se pode dizer, será o historiador o censor do poeta. Nada de inexato, de exagerado ou de equívoco se dirá sobre a rainha mártir. Ao descrever a fraqueza da humanidade e o orgulhe da jerarquia, procuraremos fazê-lo como os pintores idealistas, que também sabiam tomar o lado belo da semelhança: procuraremos fazer como aquele artista denominado o Anjo, quando ao pintar uma santa madona retratava a mulher que adorava, e seguiremos através dos libelos infamantes e das acusações exageradas, com passo firme e imparcial, a florida senda da poesia.

A mulher, cuja cabeça o carrasco mostrou à multidão, comprou bastante caro o direito de não ter que rezear a posteridade.

Paris, 29 de novembro de 1847.

ALEXANDRE DUMAS

# PRÓLOGO

## Um antigo fidalgo e um mordomo antigo

Num dos primeiros dias do mês de abril de 1784, pelas três horas da tarde, mirava-se o velho marechal de Richelieu, nosso antigo conhecido, a um espelhe, que lhe fora apresentado pelo seu criado de quarto, indigno sucessor do fiel Rafté. Depois de ter pintado as sobrancelhas com uma composição aromática, movendo a cabeça com o modo que lhe era particular, o duque disse:

– Bom! Assim estou bem...

E ergueu-se da cadeira, com maneirismos juvenis, sacudindo com os dedos os pós brancos que da cabeleira lhe tinham caído sobre os calções de veludo azul-claro.

Depois, dando duas ou três voltas no seu quarto de vestir, estendendo a perna e endireitando-se, ordenou:

– Chamem o mordomo!

Cinco minutos depois apareceu o mordomo em traje de cerimónia.

O marechal tomou o aspecto grave que a situação exigia, e disse-lhe:

– Suponho que mandou fazer um excelente jantar?

– Sim, Sr. duque.

– Mandei dar-lhe a lista dos meus convidados, não?

– E lembra-me fielmente o número deles. Nove talheres, não é assim?

– Há talheres de várias espécies, senhor mordomo.

– Sim, Sr. duque, mas...

Richelieu interrompeu o mordomo com um leve movimento de impaciência, acompanhado de um certo modo majestoso.

– "Mas"... não é resposta, senhor; cada vez que ouço a palavra "mas", – que bastantes vezes a tenho ouvido em oitenta anos, – sinto muito ver-me na necessidade de lhe dizer, Sr. mordomo, cada vez que a tenho ouvido, tem sido sempre precedida de uma grande tolice.

– Senhor!

– Vamos primeiro a saber: a que horas me dá de jantar?

– Sr. duque, a gente do povo janta às duas horas, os magistrados às três, e os nobres às quatro.

– E eu, Sr. mordomo?

– V. Ex.<sup>a</sup> jantará hoje às cinco horas.

– Oh! Oh! às cinco horas!

– Sim, senhor, como *el rei*.

– E por que há de ser como *el rei*?

– Porque na lista que V. Ex.<sup>a</sup> fez a honra de me dar vejo um nome de rei.

– Não há tal, Sr. mordomo, está enganado; entre os meus convidados de hoje não há senão simples fidalgos.

– V. Ex.<sup>a</sup> quer, sem dúvida, caçoar com o seu humilde servo, e agradeço a honra que me faz. Mas o Sr. conde de Haga, que é um dos convivas de V. Ex.<sup>a</sup>...

– Depois?

– Depois... o Sr. conde de Haga é rei.

– Não conheço rei nenhum assim chamado, Sr. mordomo.

– Perdoe-me então V. Ex.<sup>a</sup> – disse o mordomo inclinando-se – eu julgava... eu supunha...

– A sua obrigação não é de julgar, senhor mordomo! O seu dever não é de supor nem julgar! O que tem que fazer é ler as ordens que lhe dou, sem lhes acrescentar comentários. Quando quero que saibam uma coisa, digo-a; quando não a digo, é porque quero que a ignorem.

O mordomo inclinou-se segunda vez, e talvez com mais profundo respeito do que se estivesse falando com um imperante.

– Assim, pois, senhor – prosseguiu o velho marechal – como os meus convidados são simples fidalgos, espero que me fará o favor de mandar pôr o jantar na mesa às horas do costume, isto é, às quatro horas.

Ouvindo esta ordem, a fronte do mordomo anuviou-se, como se acabasse de ouvir proferir a sua sentença de morte. Tornou-se pálido e vergou com o golpe.

Depois, endireitando-se com a coragem do desespero, disse:

– Seja o que Deus quiser, mas V. Ex.<sup>a</sup> não jantará senão às cinco horas.

– Por que, e como se entende isso? – bradou o marechal endireitando-se.

– Porque é materialmente impossível que V. Ex.<sup>a</sup> jante mais cedo.

– Sr. mordomo – disse o velho marechal erguendo com altivez a cabeça – há vinte anos, creio eu, que está ao meu serviço?

– Vinte e um anos, um mês e duas semanas, senhor duque.

– Pois, senhor mordomo, a esses vinte e um anos, um mês e duas semanas não acrescentará nem mais um dia, nem mais uma hora. Ouviu? – replicou o ancião mordendo os lábios delgados, e franzindo os pintados sobrolhos; – pode hoje mesmo procurar outro cómodo. Não percebo que em minha casa só pronuncie a palavra impossível; e não será na idade que tenho que aprenda a significação dessa palavra. Tenho mais em que empregar o tempo.

O mordomo inclinou-se pela terceira vez.

– Esta noite – disse ele – terei a honra de me despedir de V. Ex.<sup>a</sup>, mas até ao último momento o meu serviço há de ser feito convenientemente.

E deu dois passos recuando para o lado da porta.

– E a que chama convenientemente? – bradou o marechal. – Deve saber que aqui as coisas têm de ser feitas como me convém a mim, e que é esse o único convenientemente que eu entendo. Ora, eu quero jantar às quatro horas, e quando quero jantar às quatro horas, não me convém que tenha a lembrança de me fazer jantar às cinco.

– Sr. marechal – disse secamente o mordomo – servi de despenseiro ao Sr. príncipe de Soubise, e de mordomo ao Sr. príncipe cardeal Luís de Rohan; em casa do primeiro jantava Sua Majestade o falecido rei de França uma vez cada ano; em casa do segundo jantava uma vez cada mês Sua Majestade o imperador de Áustria. Portanto, Sr. marechal, sei como devem ser tratados os soberanos. Debalde *el rei* Luís XV se chamava em casa do Sr. de Soubise barão de Gonesse, que sempre era rei. Em vão em casa do segundo, isto é, em casa do Sr. de Rohan, o imperador José se dizia conde Packenstein, era sempre o imperador. Hoje recebe o Sr. marechal um conviva, que se diz conde de Haga sem por isso deixar de ser *el rei* da Suécia. Sairei portanto esta noite do palácio de V. Ex.<sup>a</sup>, mas o Sr. conde de Haga há de aqui ter sido tratado como um rei.

– Ora aí está exatamente o que quebro a cabeça em proibir-lhe, Sr. teimoso; o Sr. conde de Haga quer conservar o incógnito mais estrito, mais absoluto. Com os diabos, nisto reconheço eu perfeitamente as suas vaidades, srs. chefes do guardanapo! Não é a coroa que assim honram a quem querem glorificar, é a si mesmos, mas com o nosso dinheiro.

– Não creio – disse amargamente o mordomo – que seja a sério que V. Ex.<sup>a</sup> me fale em dinheiro.

– Não, senhor – disse o marechal quase humilhado: – não. Dinheiro! quem é que lhe fala em dinheiro? Não transforme a questão; repito-lhe que não quero por forma alguma que se trate aqui de rei.

– Mas, Sr. marechal, quem julga V. Ex.<sup>a</sup> que eu seja? Pensa que ando assim às cegas? Não se há de tratar aqui de rei.

– Então acabe com essa obstinação, e dê-me de jantar às quatro horas.

– Não, Sr. marechal, porque às quatro horas não terá chegado o que eu espero.

– Então o que espera? algum peixe, como o Sr. Vatel esperava?

– O Sr. Vatel, o Sr. Vatel... – murmurou o mordomo.

– Que é isso! não lhe agrada a comparação?

– Não me importa, mas por uma triste espadeirada que o Sr. Vatel deu em si, ficou imortalizado?

– Ah! ah! e parece ao Sr. mordomo, que o seu colega comprou a glória por baixo preço?

– Não, senhor; mas quantos na nossa posição sofrem mais do que ele, e devoram penas ou humilhações cem vezes piores do que uma espadeirada e, entretanto, não se têm imortalizado?!

– Ai, meu caro senhor, para ser imortalizado, não sabe que é preciso pertencer à academia das ciências ou ter morrido?

– Senhor, se assim é, mais vale estar bem vivo, e fazer o serviço. Não morrerei, e o meu serviço há de ser feito como o teria sido o do Sr. Vatel, se o senhor príncipe de Condé tivesse paciência de esperar meia hora.

– Oh! promete-me então maravilhas; isso é hábil.

– Não, senhor, não prometo maravilhas.

– Mas que espera, então?

– V. Ex.<sup>a</sup> quer que lhe diga?

– Sim, por vida minha! sou curioso.

– Espero uma garrafa de vinho.

– Uma garrafa de vinho! Explique-se, que o caso começa a interessar-me.

– Aqui está de que se trata, senhor. Sua Majestade *el rei* da Suécia... perdão, eu queria dizer, S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. conde de Haga não bebe senão vinho de Tokay.

– Pois a minha garrafeira está tão desprovida que não haja lá vinho de Tokay? Nesse caso trate de despedir o meu despenseiro.

– Não, senhor, há lá muito na garrafeira, pelo menos umas sessenta garrafas.

– Julga então que o conde de Haga há de beber sessenta e uma garrafas de vinho ao jantar?

– Tenha paciência, meu senhor; quando o Sr. conde de Haga veio pela primeira vez a França, apenas era príncipe real; então, jantou em casa do falecido rei, que tinha recebido doze garrafas de Tokay de Sua Majestade o imperador da Áustria. V. Ex.<sup>a</sup> sabe que o Tokay de primeira qualidade é reservado para a adega dos imperadores, e que os próprios reis não bebem semelhante vinho,

senão quando Sua Majestade o imperador se digna mandar-lhe algum.

– Bem sei.

– Pois bem, dessas doze garrafas, de que o príncipe real provou, e que achou de óptima qualidade, só duas existem hoje.

– Oh! oh!

– Uma delas está ainda na garrafeira de *el rei* Luís XVI.

– E a outra?

– Ah! chegamos ao caso, senhor duque – disse o mordomo com sorriso triunfante, porque sentia que depois da longa luta que acabava de sustentar, se aproximava o momento da vitória; – a outra, ah! A outra foi furtada.

– Por quem?

– Por um amigo meu, que era despenseiro do falecido rei e me devia grandes obrigações.

– Ah! ah! E ele deu-lha?

– Decerto deu – disse o mordomo com orgulhe.

– E que fez dela?

– Guardei-a precisamente na adega de meu amo, senhor.

– De seu amo? E quem era o seu amo naquela época?

– Era o Sr. cardeal príncipe Luís de Rohan.

– Ah, santo Deus! em Estrasburgo?

– Em Saverne.

– E mandou buscar essa garrafa para o jantar que dou?! – bradou o velho marechal.

– Mandei, sim, Sr. duque – respondeu o mordomo, no tom em que diria: ingrato!

O duque de Richelieu tomou da mão ao velho servidor, bradando:

– Peço-lhe perdão; o senhor é o rei dos mordomos!

– E despede-me! – respondeu este com um movimento de cabeça e de ombros intraduzível.

– Pagarei pela garrafa cem escudos.

– Com mais cem que custarão a V. Ex.<sup>a</sup> as despesas da jornada, soma duzentos escudos. Mas o Sr. marechal há de confessar que ainda assim é de graça.

– Confessarei tudo quanto quiser; e, de hoje em diante, dobre-lhe o ordenado.

– Mas, Sr. marechal, V. Ex.<sup>a</sup> nada tem de que me recompensar; não fiz mais que o meu dever.

– E quando chega o seu correio de cem escudos?

– V. Ex.<sup>a</sup> ajuizará se perdi tempo: em que dia encomendou o Sr. marechal o jantar?

– Há de haver três dias, creio eu.

– Para um correio que vá a toda a brida são precisas vinte e quatro horas para ir e vinte e quatro horas para voltar.

– Sobejam, portanto, vinte e quatro horas, príncipe dos mordomos: o que fez dessas vinte e quatro horas?

– Ai, senhor duque! perdi-as. A ideia de mandar buscar o vinho só me ocorreu no dia seguinte àquele em que V. Ex.<sup>a</sup> me deu a lista dos convidados. Calculemos agora o tempo que levou a negociação e verá, que não pedindo senão até às cinco horas, só peço o tempo estritamente necessário.

– Como! pois a garrafa ainda não chegou?

– Não senhor.

– E se se desse o caso do seu colega de Saverne ser tão fiel ao Sr. príncipe de Rohan como o senhor o é a mim?

– E daí, Sr. marechal?

– Se ele recusasse dar a garrafa, como o senhor decerto recusaria?

– Eu, senhor?

– Sim; estou persuadido que se tivesse na minha adega semelhante garrafa, o senhor não a daria.

– Peço humildemente perdão a V. Ex.<sup>a</sup>. Se um colega meu tivesse que dar de jantar a um rei e me viesse pedir a garrafa do melhor vinho da adega de V. Ex.<sup>a</sup> eu dava-lha imediatamente.

– Oh! oh ! – disse o marechal, fazendo uma visagem.

– Devemo-nos ajudar uns aos outros, senhor duque.

– Então estou mais sossegado – disse o marechal suspirando; – mas temos um perigo.

– Qual é, senhor?

– O de quebrar-se a garrafa.

– Oh! senhor, não há exemplo de se ter quebrado nunca uma garrafa de vinho de tanto valor.

– É verdade, estou em erro, não falemos mais nisso. Agora, diga-me, a que horas lhe parece que o seu correio chegará?

– Às quatro em ponto.

– Então, por que não jantamos às quatro horas? – perguntou o marechal, que era teimoso como uma mula espanhola.

– Porque o vinho precisa pelo menos uma hora para descansar, graças a um processo que inventei, e sem o qual seriam precisos três dias.

Vencido mais esta vez, o marechal fez uma cortesia ao seu mordomo.

– E demais – continuou este – os convivas de V. Ex.<sup>a</sup>, sabendo que hão de ter a honra de jantar com o Sr. conde de Haga, só chegarão às quatro horas e meia.

– Essa é nova!

– Decerto, Sr. marechal; os convivas de V. Ex.<sup>a</sup> são: o Sr. de Launay, a Sr.<sup>a</sup> condessa Dubarry, o Sr. de Lapeyrouse, o Sr. de Favras, o Sr. de Condorcet, o Sr. de Cagliostro e o Sr. de Taverney; não é exato?

– Sim, e depois?

– Depois, senhor, procedamos por ordem: o Sr. de Launay vem da Bastilha, de Paris, e com o gelo que há por essas estradas, não gasta menos de três horas.

– Sim, mas há de partir, logo depois do jantar dos presos, isto é, ao meio-dia; isso sei eu muito bem.

– Perdão, mas depois que V. Ex.<sup>a</sup> esteve na Bastilha, a hora do jantar mudou; agora na Bastilha janta-se à uma hora.

– Sr. mordomo, agradeço a notícia; todos os dias aprendemos alguma coisa. Prossiga.

– A Sr.<sup>a</sup> Dubarry vem de Luciennes, uma descida contínua, por cima da neve.

– Oh! isso não a há de impedir de ser exata. Desde que apenas é favorita de um duque, só faz de rainha com os barões. Mas o caso é este, Sr. mordomo; eu queria jantar cedo por causa do Sr. de

Lapeyrouse, que deve partir hoje mesmo, e não há de querer sair tarde.

– O Sr. de Lapeyrouse está com *el rei*: conversa em geografia e cosmografia com Sua Majestade. *El rei* não o deixará, portanto, sair do palácio tão cedo.

– É possível...

– É certo, senhor duque, e o mesmo há de acontecer ao Sr. de Favras, que está com o Sr. conde de Provença, e que sem dúvida discorre sobre a peça do Sr. Caron de Beaumarchais.

– Do casamento de Fígaro?

– Sim senhor.

– Estou-o achando muito letrado, Sr. mordomo!

– Nas minhas horas vagas, leio alguma coisa, Sr. marechal.

– Temos o Sr. de Condorcet, que na sua qualidade de geômetra há de querer ser exato.

– Sim, mas começará a traçar o círculo, e quando acabar há de ser meia hora mais tarde do que ele queria. Quanto ao Sr. conde de Cagliostro, como é um fidalgo estrangeiro, e que há pouco tempo se acha em Paris, é provável que não conheça ainda perfeitamente o viver de Versalhes, e há de fazer-se esperar.

– Ora bem – disse o marechal – excetuando Taverney, nomeou todos os meus convivas, e por uma ordem de categoria digna de Homero ou do meu pobre Rafté.

O mordomo inclinou-se.

– Não falei do Sr. de Taverney – disse ele – porque é um homem velho, que se há de conformar com os usos. Parece-me, Sr. marechal, que são estes os oito talheres do jantar, não é verdade?

– Perfeitamente. E em que casa nos serve a mesa?

– Na sala grande de jantar, Sr. marechal.

– Teremos lá um frio de gelar.

– Há três dias que se está aquecendo, e graduei a atmosfera a dezoito graus.

– Muito bem! mas aí dá meia hora.

O marechal olhou para o relógio.

– São quatro horas e meia, Sr. mordomo.

– Sim, Sr. marechal, e lá entra um cavalo no pátio; é a minha garrafa de vinho de Tokay que chega.

– Possa eu ser ainda servido vinte anos deste modo – disse o velho marechal voltando ao seu espelhe, enquanto o mordomo corria para fora da sala.

– Vinte anos! – disse uma voz alegre, que interrompeu o duque no primeiro lance de olhes dirigido ao espelhe; – vinte anos! meu caro marechal, desejo muito que lá chegue; mas então hei de eu ter sessenta, duque, e hei de estar velhíssima.

– A condessa! – bradou o marechal; – a condessa é a primeira a chegar?! Meu Deus, como está sempre formosa e fresca!

– Fresca? diga antes gelada, duque.

– Entre no meu gabinete.

– Oh! sozinha, marechal?

– Não, comigo – respondeu uma voz trémula.

– O barão de Taverney! – bradou o marechal. – O diabo leve o desmancha-prazeres! – disse ele ao ouvido da condessa.

– Presunçoso! – murmurou a Sr.<sup>a</sup> Dubarry soltando uma estrepitosa gargalhada.

E entraram, todos três na casa contígua.

# Lapeyrouse

No mesmo instante o rodar de várias carruagens na calçada, recamada de neve, advertiu o marechal da chegada dos seus convidados, e pouco depois, graças à exatidão do mordomo, nove convivas assentavam-se em torno da mesa oval da sala de jantar. Nove criados, silenciosos como sombras, ágeis sem precipitações, atentos sem impertinência, correndo sobre os tapetes, passavam entre os convivas, sem nunca lhes tocar, sem bater de encontro às cadeiras em que estavam assentados, as quais, enterradas numa montanha de peles, cobriam até aos joelhos as pernas dos convivas.

Era este o confortável dos convidados do marechal, acompanhado com o doce calor dos fogões, o vapor das iguarias, o aroma dos vinhos, e o sussurrar das primeiras palavras que soltavam depois da sopa.

Não se ouvia rumor algum de fora, porque as janelas tinham surdinas; do interior também se não ouvia ruído, salvo o que faziam os convivas; os pratos mudavam de lugar sem bulha, a prata passava dos bufetes para a mesa sem uma única vibração; o mordomo não se ouvia e dava as suas ordens com os olhos.

Por isso, ao cabo de dez minutos, sentiram-se perfeitamente sós naquela sala; e de facto, servidores tão calados, escravos tão impalpáveis, deviam necessariamente ser surdos.

Foi o Sr. de Richelieu o primeiro que rompeu tão solene silêncio, que dura geralmente o tempo preciso para comer a sopa, dizendo ao seu vizinho da direita:

– O Sr. conde não bebe?

A pessoa a quem se dirigiam estas palavras era um homem de trinta e oito anos, cabelos louros, pequena estatura, largo de ombros; os olhos eram algumas vezes vivos, e muitas vezes melancólicos; na fronte generosa e franca via-se-lhe desenhada a nobreza com a mais viva expressão.

– Só bebo água, marechal – respondeu ele.  
– Exceto em casa do rei Luís XV – disse o duque.  
– Tive a honra de lá jantar com o Sr. conde, e dessa vez dignou-se beber vinho.

– Traz-me à memória uma excelente recordação, Sr. marechal; sim, em 1771, era vinho de Tokay, de qualidade imperial.

– Era irmão deste que o meu mordomo tem a honra de servir neste momento ao Sr. conde – respondeu Richelieu inclinando-se profundamente.

O conde de Haga levou o copo à altura dos olhos e examinou-o à luz das velas.

O vinho cintilava no copo como um rubi líquido.

– É verdade, Sr. marechal – disse ele; – oh! muito obrigado.

E o conde pronunciou esta palavra obrigado num tom cheio de graça, e tão nobre, que os assistentes, eletrizados, levantaram-se com um único movimento, bradando:

– Viva Sua Majestade!

– É verdade – respondeu o conde de Haga; – viva sua Majestade o rei de França! Não é da minha opinião, Sr. de Lapeyrouse?

– Sr. conde – respondeu o oficial de marinha com uma expressão ao mesmo tempo acariciadora e respeitosa de homem acostumado a falar com as cabeças coroadas – acabo de estar com *el rei*, há de haver uma hora, e *el rei* mostrou-se tão cheio de bondade para comigo, que ninguém bradará mais alto do que eu: Viva Sua Majestade! Somente, como daqui a uma hora hei de correr a posta para ir ao mar, onde me esperam duas charruas, que *el rei* põe à minha disposição, quando eu estiver fora daqui, pedir-lhe-ei licença para levantar uivos a outro rei, a quem eu teria grande gosto de servir, se não tivesse tão bom amo.

E levantando o copo, o Sr. de Lapeyrouse saudou humildemente o conde de Haga.

– Nessa saúde que quer fazer – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry, que estava à esquerda do marechal – estamos todos prontos a acompanhá-lo, Sr. almirante. Mas é preciso que o nosso decano dê o exemplo, como diriam no parlamento.

– É a ti que isso se dirige, Taverney, ou é a mim? – disse o marechal rindo e olhando para o seu velho amigo.

– Não creio – disse um novo personagem colocado em frente do marechal de Richelieu.

– O que é que não crê, Sr. de Cagliostro? – disse o conde de Haga cravando no interlocutor o seu olhar penetrante.

– Não creio, Sr. conde – disse Cagliostro inclinando-se – que o decano aqui seja o Sr. de Richelieu.

– Oh! agora sim – disse o marechal; – segundo parece, és tu, Taverney.

– Ora adeus, tenho menos oito anos que tu. Nasci em 1704 – redarguiu o velho fidalgo.

– Incivil! – disse o marechal – denunciou os meus oitenta e oito anos.

– Realmente! Sr. duque, vossa excelência tem oitenta e oito anos? – perguntou o Sr. de Condorcet.

– Tal qual: oitenta e oito. O cálculo é bem fácil de fazer, e por isso mesmo indigno de um matemático da sua força, marquês. Eu sou do século passado, do grande século, como lhe chamam, e 1696 não é má data!

– É impossível – disse de Launay.

– Oh! se aqui estivesse seu pai, Sr. governador da Bastilha – redarguiu Richelieu – esse não acharia impossível, porque me teve a mim por pensionista em 1714.

– Aqui o decano – disse o Sr. de Favras – é o vinho que o Sr. conde de Haga vasa neste momento no seu copo.

– Um Tokay de cento e vinte anos; tem razão, Sr. de Favras – redarguiu o conde. – A este Tokay pertence a honra de ser bebido à saúde de *el rei*.

– Esperem, meus senhores – disse Cagliostro pondo-se de pé, e erguendo a sua bela cabeça brilhante de vigor e de inteligência – eu reclamo.

– Reclama contra o direito de antiguidade do Tokay? – atalharam em coro os convivas.

– Certamente – disse o conde tranquilamente – pois que fui eu mesmo quem o lacrei na

garrafa.

– O senhor?

– Sim, eu, e foi isso no dia da vitória ganha por Montecuculli contra os Turcos, em 1664.

Estrondosa gargalhada acolheu estas palavras, que Cagliostro pronunciara com imperturbável gravidade.

– Por essa conta, senhor – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – deve ter uns cento e trinta anos, porque devo dar-lhe pelo menos dez anos para ter podido meter este excelente vinho na bojuda garrafa.

– Tinha mais de dez anos, minha senhora, quando fiz essa operação, visto que no dia seguinte Sua Majestade o imperador da Áustria me confiou a honrosa incumbência de felicitar Montecuculli, que, pela vitória de Saint-Gothard, tinha vingado a jornada de Especk, na Esclavônia, jornada em que os infiéis bateram tão desastrosamente os imperiais, meus amigos e companheiros de armas em 1536.

– E – disse o conde de Haga com tanta frieza como Cagliostro – e o Sr. conde devia naquela época ter pelo menos dez anos, pois que assistiu pessoalmente a essa memorável batalha?

– Uma terrível derrota, Sr. conde – respondeu Cagliostro inclinando-se.

– Menos cruel, contudo, que a derrota de Crécy – disse Condorcet sorrindo.

– É verdade, senhor – disse Cagliostro sorrindo – a derrota de Crécy foi terrível porque não foi só um exército, mas a França que foi batida. Devemos, porém, convir em que a derrota não foi uma vitória perfeitamente leal da parte dos Ingleses. O rei Eduardo tinha artilharia, circunstância inteiramente ignorada de Filipe de Valois, ou melhor direi, circunstância à qual Filipe de Valois não quis dar crédito, apesar de eu lhe dizer que com os meus próprios olhos tinha visto as quatro peças de artilharia, que Eduardo comprara aos Venezianos.

– Ah! ah! – disse a Sr.<sup>a</sup> de Dubarry – ah! Conheceu Filipe de Valois?

– Minha senhora, tive a honra de ser um dos cinco cavaleiros que lhe serviram de escolta quando saiu do campo da batalha –

respondeu Cagliostro. – Eu tinha vindo a França com o pobre velho rei da Boémia, que era cego, e que se fez matar no momento em que lhe disseram que estava tudo perdido.

– Oh! – disse Lapeyrouse, dirigindo-se a Cagliostro – o Sr. conde não pode imaginar o quanto deploro que em vez de ter assistido à batalha de Crécy, vossa excelência não tivesse estado na de Actium.

– E qual o motivo, Sr. almirante?

– Porque, nesse caso, o Sr. conde podia dar-me esclarecimentos sobre vários episódios náuticos dessa batalha, que, apesar da excelente narrativa de Plutarco, permanecem para mim muito confusos.

– Estimaria muito ser-lhe de alguma utilidade.

– Assistiu também a ela?

– Não, senhor, eu estava então no Egito, encarregado pela rainha Cleópatra de recompor a biblioteca de Alexandria, coisa que eu podia fazer melhor que ninguém, pois que tinha pessoalmente conhecido os autores da antiguidade.

– E viu a rainha Cleópatra, Sr. de Cagliostro? – perguntou a condessa Dubarry.

– Como a estou vendo, minha senhora.

– Era tão formosa como se diz?

– A Sr.<sup>a</sup> condessa sabe perfeitamente que a formosura é relativa. Rainha encantadora no Egito, Cleópatra não passaria, em Paris, de uma adorável grisette.

– Não fale mal das grisettes, Sr. conde.

– Deus me livre de tal!

– Então Cleópatra era...

– Baixa, delgada, viva, cheia de espírito, com os olhos lindos e rasgados, o nariz grego, os dentes de pérola, e a mão como a sua, minha senhora, uma verdadeira mão para o ceptro. Olhe! aqui está um brilhante que ela me deu e que tinha recebido de seu irmão Ptolomeu; trazia-o no dedo polegar.

– No dedo polegar?! – exclamou a Sr.<sup>a</sup> Dubarry.

– Sim, era moda egípcia, e eu, como vê, mal posso enfiá-lo no dedo mínimo.

E tirando o anel do dedo, apresentou-o à Sr.<sup>a</sup> Dubarry.

Era um magnífico brilhante, de uma água maravilhesa, habilmente lapidado, e que poderia valer trinta ou quarenta mil francos.

O anel depois de fazer o giro da mesa, voltou às mãos de Cagliostro que sossegadamente o enfiou no dedo.

– Ah! bem o vejo – disse ele – falo a incrédulos; fatal incredulidade, que toda a minha vida tenho sido obrigado a combater. Filipe de Valois não me quis dar crédito quando eu lhe disse que António seria batido. Os Troianos não me quiseram dar crédito quando a propósito do cavalo de pau, lhes disse: “Cassandra está inspirada, ouçam-na.”

– Oh! mas isto é maravilheso – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry estorcendo-se com riso; – realmente nunca vi homem ao mesmo tempo tão sério e tão divertido como o senhor.

– Asseguro-lhe – disse Cagliostro inclinando-se – que Jónatas era muito mais divertido do que eu. Oh!, que encantador companheiro! Chegava a tal ponto que, quando foi morto por Saul, estive prestes a endoidecer.

– Se assim continua a falar, conde – disse o duque de Richelieu – vai endoidecer este pobre Taverney, que tanto teme a morte, e olha para o senhor com olhes espantados, julgando-o imortal. Vejamos francamente, é-o ou não?

– O quê, imortal?

– Sim.

– Isso não sei, mas o que sei, é que posso afirmar uma coisa.

– Qual é? – perguntou Taverney, o mais ávido de todos os auditores do conde.

– É que vi todas as coisas e frequentei todos os personagens que ainda há pouco citei.

– Conheceu Montecuculli?

– Como conheço o Sr. de Favras, e até mais intimamente, porque é esta a segunda ou terceira vez que tenho a honra de lhe falar, ao passo que vivi perto de um ano no mesmo campo e na mesma tenda com o hábil estrategista de quem falámos.

– Conheceu Filipe de Valois!

– Como tive a honra de lhe dizer, Sr. Condorcet; mas apenas ele chegou a Paris, saí de França, e voltei para a Boémia.

– E Cleópatra?

– Também a conheci, Sr.<sup>a</sup> condessa. Já lhe disse que tinha olhos pretos como os seus, e o colo quase tão formoso como o que todos lhe admiramos.

– Mas, o conde não sabe como é o meu colo.

– É semelhante ao de Cassandra, minha senhora, e para que nada falte à semelhança, ela tinha assim como a senhora, ou a senhora tem assim como ela, um pequeno sinal preto na altura da sexta costela do lado esquerdo.

– Oh! conde, desta vez digo que é feiticeiro.

– Não, condessa – disse o marechal de Richelieu rindo-se – fui eu quem lhe disse.

– E como o sabe o senhor?

O marechal estendeu os lábios.

– Oh! – disse ele – é segredo de família.

– Está bom, está bom – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – Realmente, marechal, é preciso pôr duas camadas de carmim para vir a sua casa.

Depois, voltando-se para Cagliostro:

– Realmente, senhor – disse ela – tem o segredo de remoçar, porque com três ou quatro mil anos, que deve ter, parece apenas ter quarenta.

– Sim, minha senhora, tenho o segredo de remoçar.

– Oh! remoce-me então a mim.

– À Sr.<sup>a</sup> condessa é inútil, porque o milagre está feito. Cada um tem a idade que aparenta, e a Sr.<sup>a</sup> condessa tem quando muito trinta anos.

– Isso é lisonja.

– Não, minha senhora, é um facto.

– Explique-se.

– É coisa fácil. Usou do meu processo para si mesma.

– Como?

– Tomou o meu elixir.

– Ora essa!

– Condessa, estará lembrada de uma casa na rua de Saint-Claude; lembra-se de ter ido àquela casa para um negócio que dizia respeito ao Sr. de Sartines? Lembra-se de ter prestado um serviço a um amigo meu chamado José Bálsamo? Lembra-se que José Bálsamo lhe deu de presente um frasco de elixir, recomendando-lhe que tomasse três gotas dele todas as manhãs? Lembra-se de ter cumprido o receituário até ao ano passado, época em que se acabou o conteúdo do frasco? Se já se não lembrasse de nada disto, condessa, realmente não seria esquecimento, seria ingratidão.

– Oh! Sr. de Cagliostro, diz-me aí tais coisas...

– Que só a senhora conhece, bem sei. Mas onde estaria o merecimento de ser feiticeiro, se não se adivinhassem os segredos do próximo?

– Mas José Bálsamo tinha, como o senhor, a receita desse admirável elixir?

– Não, minha senhora; mas como era um dos meus melhores amigos, eu tinha-lhe dado dois ou três frascos.

– E tem ele ainda algum?

– Oh! isso não sei eu. Há três anos já que o pobre Bálsamo desapareceu. A última vez que o vi, foi na América, nas margens do Ohio; ia partir para uma expedição nas montanhas e depois disso ouvi dizer que tinha morrido.

– Vejamos, vejamos, conde! – bradou o marechal; – basta de gracejo! O segredo, conde, venha o segredo!

– Fala seriamente, senhor? – perguntou o conde de Haga.

– Falo muito seriamente a Vossa Majestade. Perdão, eu queria dizer ao Sr. conde.

E Cagliostro inclinou-se mui respeitosamente, mas de modo a indicar que o erro que acabava de cometer era inteiramente voluntário.

– Então – disse o marechal – a Sr.<sup>a</sup> condessa não é velha bastante para ser remoçada?

– Não, em consciência.

– Bem, então vou apresentar-lhe outro sujeito. Aqui está o meu amigo Taverney. Que pensa dele? Não lhe parece ser

contemporâneo de Pôncio Pilatos? Mas talvez seja o contrário, e o ache velho demais?

Cagliostro olhou para o barão.

– Não acho – disse ele.

– Ah! meu caro conde – bradou Richelieu – se me remoça o barão, proclamo-o discípulo de Medeia.

– Deseja-o? – perguntou Cagliostro dirigindo a palavra ao dono da casa e os olhes a todo o auditório.

Todos fizeram sinal que sim.

– E o Sr. Taverney também o deseja?

– Eu, mais do que ninguém, com os diabos! – disse o barão.

– Pois bem! é fácil – disse Cagliostro.

E meteu dois dedos na algibeira, de onde tirou uma garrafinha octaedra.

Depois pegou num copo de cristal ainda limpo, e vazou-lhe dentro algumas gotas do licor que a garrafinha continha.

Então, misturando essas gotas em meio copo de champanhe gelado, deu a bebida assim preparada ao barão.

Todos os olhes lhe tinham seguido os menores movimentos, todos estavam boquiabertos.

O barão pegou no copo, mas no momento de o levar à boca, hesitou.

Vendo essa hesitação, começaram todos a rir tão estrepitosamente, que Cagliostro impacientou-se.

– Beba depressa, barão – disse ele – quando não vai deixar perder-se um licor do qual cada gota vale cem luíses.

– Diacho! – disse Richelieu querendo gracejar – é mais caro do que o vinho de Tokay.

– Devo beber? – perguntou o barão quase trémulo.

– Ou passar o copo a outra pessoa, senhor, a fim de que o elixir aproveite pelo menos a alguém.

– Passa para cá – disse o duque de Richelieu estendendo a mão.

O barão cheirou o copo, e decidido, sem dúvida, pelo cheiro agradável e balsâmico, pela bela cor de rosa que as gotas do elixir tinham comunicado ao vinho de champanhe, engoliu a bebida mágica.

No mesmo instante pareceu-lhe que um tremor lhe abalava o corpo e fazia refluir para a epiderme todo o sangue velho e lento que lhe dormia nas veias, desde os pés até ao coração. A pele enrugada distendeu-se-lhe, os olhos flacidamente cobertos pelo véu das pálpebras dilataram-se, sem que nisso tivesse parte a vontade, as pupilas brilharam-lhe, desapareceu o tremor das mãos, que adquiriram firmeza musculosa, a voz tornou-se firme, e os joelhos, elásticos como nos mais belos dias da mocidade, endireitaram-se ao mesmo tempo que o corpo, e tudo isto por tal forma como se o licor, descendo nele, tivesse regenerado todo aquele corpo de uma a outra extremidade.

Um grito de surpresa, de estupefação, de admiração principalmente, soou na casa. Taverney, que comia com as gengivas, sentiu-se com uma fome devoradora. Pegou vigorosamente num talher, serviu-se de um prato que estava à sua esquerda, e mastigou até ossos de perdiz, dizendo que sentia os seus dentes com a firmeza dos vinte anos.

Comeu, riu, bebeu e gritou de prazer durante meia hora: e durante essa meia hora conservaram-se os outros convivas estupefatos olhando para ele; depois, a pouco e pouco, foi afrouxando como uma lâmpada a que falta o azeite. Começou a envelhecer novamente pelo rosto, onde as antigas rugas se mostraram outra vez. Os olhos amorteceram-se-lhe, perderam o brilho. Perdeu o paladar, e os joelhos começaram novamente a tremer.

– Oh! – disse ele suspirando.

– Então? – perguntaram os convivas a um tempo.

– Então, foi-se a mocidade!

E soltou profundo suspiro, acompanhado por duas lágrimas, que lhe umedeceram as pálpebras.

Instintivamente e ao triste aspecto daquele ancião remoçado um instante, e que aquele momento de mocidade mais envelhecera ainda, um suspiro, semelhante ao que Taverney soltara, saiu do peito de cada conviva.

– Isto é simples, meus senhores – disse Cagliostro; – não vazei no copo do senhor barão de Taverney senão trinta e cinco gotas do

meu elixir da vida e, portanto, só remoçou por trinta e cinco minutos.

– Oh! mais! mais! meu caro conde – murmurou o ancião com avidez.

– Não, senhor – respondeu Cagliostro – porque uma segunda prova poderia matá-lo.

De todos os convivas, fora a Sr.<sup>a</sup> Dubarry, que conhecia as virtudes do elixir, quem seguira com mais curiosidade as particularidades desta cena.

À proporção que a mocidade e a vida enchiam as artérias do velho Taverney, os olhos da condessa seguiam-lhe curiosamente o progresso da mocidade e da vida. Ria, aplaudia e regenerava-se pela vista.

Quando o êxito da bebida alcançou o seu apogeu, a condessa esteve a ponto de se lançar sobre a mão de Cagliostro para lhe arrancar o frasco do elixir da vida.

Mas, como Taverney envelhecesse então mais depressa do que remoçara...

– Ai – disse ela tristemente – bem o vejo, tudo é vaidade, tudo é quimera, o segredo maravilhoso durou apenas trinta e cinco minutos.

– Isto é – atalhou o conde de Haga – para alcançar dois anos de mocidade, seria preciso beber um rio.

Todos se riram com exclusão de Cagliostro, que se conservou tranquilo e imperturbável.

– E contudo, senhor – disse a condessa – não sucedeu assim comigo, pois que uma garrafinha, que mal levaria quatro frascos desses, e que o seu amigo José Bálsamo me dera, bastou para suspender em mim a marcha do tempo durante dez anos.

– Exatamente, minha senhora, e é a senhora a única que acertou com a misteriosa realidade. O homem que tem envelhecido, e envelhecido demasiado, precisa dessa quantidade para que lhe produza um efeito imediato e poderoso. Mas uma mulher de trinta anos, como a senhora, ou um homem de quarenta anos como eu tinha quando comecei a tomar o elixir da vida, essa mulher ou esse homem, ainda cheios de vida e de mocidade, não

precisam mais que beber dez gotas desta água em cada período de decadência, e com essas gotas, a pessoa que as beber fixará eternamente a mocidade e a vida no grau de encanto e de energia.

– A que chama o senhor os períodos de decadência? – perguntou o conde de Haga.

– Os períodos naturais, Sr. conde. No estado de natureza as forças do homem crescem até aos trinta e cinco anos. Chegado a esse ponto, fica estacionário até aos quarenta. Depois dos quarenta, começa a decrescer, mas quase imperceptivelmente até aos cinquenta. Então, os períodos aproximam-se e precipitam-se até ao dia da morte. No estado de civilização, isto é, quando o corpo está gasto pelos excessos, pelos cuidados, pelas enfermidades, o desenvolvimento cessa aos trinta anos. Começa o decrescimento aos trinta e cinco. Pois bem! é então, tanto no homem da natureza como no homem civilizado, que se deve atacar a natureza no momento em que ela está estacionária, a fim de se opor ao seu movimento de recrescência, mesmo no momento em que ele se vai operar. Aquele que possuir, como eu, o segredo deste elixir, sabendo combinar o ataque de modo que surpreenda o decrescimento e o detenha, viverá como eu vivo, sempre moço ou pelo menos moço bastante para o que neste mundo lhe convém fazer.

– Oh! meu Deus! Sr. de Cagliostro – bradou a condessa – visto que era senhor de escolher a idade, por que não escolheu vinte anos em vez de quarenta?

– Porque, Sr.<sup>a</sup> condessa – disse Cagliostro sorrindo – me convém ser sempre um homem de quarenta anos, são e completo, e não um incompleto rapaz de vinte anos.

– Oh! oh! – disse a condessa.

– Decerto, minha senhora – prosseguiu Cagliostro; – aos vinte anos agrada-se às mulheres de trinta; aos quarenta governam-se as mulheres de vinte e os homens de sessenta.

– Eu cedo, senhor – disse a condessa; – e demais, como poderia eu discutir com uma prova viva?

– Então eu – disse tristemente Taverney – estou irremissivelmente condenado, comecei muito tarde.

– O Sr. de Richelieu foi mais hábil do que o senhor, – disse lhanamente Lapeyrouse com a sua franqueza de homem do mar – e sempre ouvi dizer que o marechal tinha uma certa receita...

– Isso é balela que as mulheres têm espalhado – disse o conde de Haga rindo-se.

– Será razão para lhe não dar crédito, duque? – perguntou a Sr.<sup>a</sup> Dubarry.

O velho marechal corou, ele a quem isso tão raro sucedia.

E ato contínuo:

– Querem saber, meus senhores – disse – em que tem consistido a minha receita?

– Decerto queremos.

– Pois bem! tem sido em me poupar.

– Oh! oh! – disseram todos.

– É como lhes digo – bradou o marechal.

– Eu contestaria a receita – respondeu a condessa – se não acabasse de ver o efeito da outra do Sr. de Cagliostro. Mas acautele-se, Sr. feiticeiro, que ainda não acabaram as minhas perguntas.

– Pode perguntar o que quiser, minha senhora.

– O senhor diz que a primeira vez que fez uso do seu elixir de vida tinha quarenta anos?

– Sim, minha senhora.

– E que desde essa época, isto é, desde o cerco de Tróia...

– Algum tempo antes, minha senhora.

– Pois sim, tem desde então conservado quarenta anos?

– Como vê.

– Mas nesse caso, senhor – disse Condorcet – prova mais do que o seu teorema comporta...

– O que lhe provo, Sr. marquês?

– Prova não só a perpetuação da juventude, mas também a conservação da vida, porque se desde a guerra de Tróia, tem quarenta anos, é sinal que nunca morreu.

– E é verdade, Sr. marquês, nunca morri, humildemente o confesso.

– Todavia, não é invulnerável como Aquiles, e ainda assim, quando digo invulnerável como Aquiles, não me explico bem, pois que Paris matou-o com uma seta no calcanhar.

– Não – disse Cagliostro – não sou invulnerável, e com grande mágoa o digo.

– Então pode ser morto, morrer de morte violenta?

– Infelizmente, posso.

– Como tem então feito para escapar a todos os desastres em três mil e quinhentos anos?

– É um acaso, Sr. conde; queira seguir o meu raciocínio.

– Eu sigo-o.

– Nós seguimo-lo.

– Sim! sim! – repetiram todos os convivas.

E com sinais de interesse não equívocos, prestaram todos a maior atenção.

A voz de Cagliostro rompeu o silêncio.

– Qual é a primeira condição da vida? – disse ele mostrando, com um gesto elegante e fácil, duas belas mãos brancas carregadas de anéis, entre os quais brilhava como a estrela polar o de Cleópatra – a saúde, não é verdade?

– Sim, decerto – responderam todos ao mesmo tempo.

– E a condição da saúde é...

– O regímen – disse o conde de Haga.

– Tem razão, Sr. conde, é o regímen que dá a saúde. Pois bem! Por que motivo não constituiriam essas gotas do meu elixir o melhor regímen possível?

– Quem sabe?

– O senhor mesmo.

– Sim, certamente, mas...

– E ninguém mais – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry.

– Isso, minha senhora, é assunto que trataremos logo. Portanto, segui sempre o regímen do meu elixir, e como nele reside a realização do eterno sonho dos homens de todos os tempos, como é o que os antigos procuravam com o nome de água de juventude, o que os modernos têm procurado com o nome de elixir de vida,

tenho constantemente conservado a minha mocidade; portanto, a minha saúde; portanto, a minha vida, está claro.

– Mas, entretanto, tudo se gasta, conde; tanto o mais belo corpo como qualquer outro.

– O de Páris como o de Vulcano – disse a condessa. – Conheceu certamente Páris, Sr. de Cagliostro?

– Perfeitamente, minha senhora; era um belo rapaz, mas também não merece tanto como dele diz Homero ou como dele pensam as mulheres. Em primeiro lugar era ruivo.

– Ruivo! oh! que horror! – disse a condessa.

– Infelizmente – disse Cagliostro – Helena não era da sua opinião, minha senhora. Mas voltemos ao nosso elixir.

– Sim, sim – disseram todos a um tempo.

– Dizia o Sr. de Taverney, que tudo se gasta. Seja; mas deve também saber que tudo se conserta, tudo se regenera ou se substitui, como quiserem. A célebre faca de santo Humberto, que tantas vezes tem mudado de folha e de cabo, é exemplo do que digo, porque, apesar dessa mudança, se tem conservado sempre a faca de santo Humberto. O vinho que na adega conservam os monges de Heidelberg é sempre o mesmo vinho, e, contudo, vazase todos os anos no gigantesco tonel uma nova colheita. Também o vinho dos monges de Heidelberg é sempre claro, vivo e saboroso, ao passo que o vinho lacrado por Opimus e por mim, em ânforas de barro, quando dali a cem anos tentei bebê-lo, estava tornado em massa, que talvez pudesse ser comida, mas que decerto se não podia beber. Pois bem, em lugar de seguir o exemplo de Opimus, adivinhei o remédio que mais tarde haviam de usar os monges de Heidelberg. Entretive o meu corpo vazando nele todos os anos novos princípios, encarregados de lhe regenerar os velhos elementos. Todas as manhãs um átomo novo e fresco vem substituir no meu sangue, na minha carne, nos meus ossos uma molécula usada, inerte. Reanimei os detritos, pelos quais o homem vulgar deixa insensivelmente invadir todo o seu ser; obriguei todos esses soldados, que Deus deu à natureza humana para a defenderem contra a destruição, soldados que o geral das criaturas reforma ou deixa paralisar na ociosidade; obriguei-os a um trabalhe

porfiado, que facilitava, que ordenava mesmo a introdução de um estimulante sempre novo. Deste assíduo estudo da vida, resulta que o meu pensamento, os meus gestos, os meus nervos, o meu coração, a minha alma, nunca suspenderam as suas funções, e como tudo neste mundo se encadeia, como aqueles que têm por hábito fazer uma coisa conseguem sempre fazê-la melhor do que quem não tem conhecimento dela, tenho-me achado naturalmente mais hábil do que qualquer outro para evitar os perigos de uma existência de três mil anos, e isso porque consegui ter de tudo uma tal experiência, que prevejo as desvantagens, que sinto os perigos de uma posição qualquer. Assim não me farão entrar numa casa que tem o risco de se desmoronar. Oh! não, tenho visto muitas casas para não distinguir, à primeira vista, as boas das más. Não conseguirão fazer-me ir à caça com um desastrado que não sabe manejar a espingarda. Desde Céfalo, que matou sua mulher Prócris, até ao regente que vazou o olhe do Sr. príncipe, tenho visto muitos desastrados; não farão com que na guerra eu tome tal ou tal posto, que qualquer outro aceitará, porque num instante terei calculado todas as linhas retas e todas as linhas parabólicas que de maneira mortal se dirigem àquele ponto; dir-me-ão que ninguém pode evitar uma bala perdida, e eu responderei que um homem que tem evitado um milhão de tiros, não tem desculpa de se deixar matar por uma bala perdida. Ah! não façam gesto de incredulidade, porque enfim aqui estou eu, que sou uma prova viva do que digo. Não lhes digo que sou imortal: digo-lhes só que sei o que ninguém sabe, isto é, evitar a morte quando vem por desastre. Assim, por exemplo, por coisa nenhuma do mundo me deixaria aqui ficar a sós um quarto de hora com o Sr. de Launay, que pensa neste momento que se me tivesse num dos seus quartos da Bastilha, experimentaria a minha imortalidade por meio da fome. Não me deixaria tampouco ficar com o Sr. de Condorcet, porque pensa neste momento em deitar no meu copo o conteúdo do seu anel, que é venenoso; e ambos sem má intenção, unicamente por curiosidade científica, simplesmente para saber se eu morreria.

Os dois personagens que o conde de Cagliostro acabava de nomear fizeram um movimento.

– Confesse francamente, Sr. de Launay, isto aqui não é tribunal de justiça, além disso não é costume castigar as intenções. Vamos, pensou no que acabo de dizer? E o Sr. de Condorcet tem realmente nesse anel um veneno que me queria fazer provar, em nome da sua amada senhora, a ciência?

– Por minha vida! – disse o Sr. de Launay rindo e corando – confesso que tem razão, Sr. conde; era uma loucura, loucura que me passou pelo espírito no próprio momento em que me acusava.

– E eu – disse Condorcet – não serei menos franco que o Sr. de Launay. Pensei efetivamente que se o senhor provasse do que tenho no meu anel, eu não daria um óbolo pela sua imortalidade.

Um grito de admiração acompanhou estas declarações.

Esta confissão provava, não a imortalidade, mas a penetração do conde de Cagliostro.

– Bem vê – disse Cagliostro serenamente – bem vê que adivinhei. Pois o mesmo faço com tudo o que tem de acontecer. O hábito de viver revelou-me logo à primeira vista o passado e o porvir das pessoas que vejo. Neste ponto é tal a minha infalibilidade, que se estende aos animais, à matéria inerte. Se entro para uma carruagem, vejo logo pelo aspecto dos cavalos, se hão de tomar o freio nos dentes, e pelo modo do cocheiro, se há de tombar a carruagem; se embarco, adivinho se o capitão do navio é um ignorante ou um teimoso, que não há de poder ou não há de querer fazer as manobras necessárias. Então evito o cocheiro e o capitão, deixo os cavalos e o navio. Não nego o caso, mas modifico-o; em vez de lhe deixar cem probabilidades, como toda a gente faz, destruo-lhe noventa e nove e ponho-me em guarda contra a centésima. Eis aqui de que me serve ter vivido três mil anos.

– Então – disse Lapeyrouse rindo no meio do entusiasmo ou da estupefação produzida pelas palavras de Cagliostro; – então, meu caro profeta, deveria vir comigo até às embarcações que devem levar-me na minha viagem à roda do mundo. Prestar-me-ia um serviço assinalado.

Cagliostro não deu resposta.

– Sr. marechal – continuou o almirante rindo – visto o Sr. conde de Cagliostro não querer deixar tão boa companhia, o que

facilmente se compreende, dar-me-á licença para que eu o faça. Perdoe, Sr. conde de Haga, perdoe, minha senhora, mas estão dando sete horas, e prometi a *el rei* que partiria às sete e um quarto. Agora, visto que o Sr. conde de Cagliostro não se resolve a vir ver as minhas duas charruas, que me diga pelo menos o que me há de acontecer de Versalhes a Brest. De Brest ao polo, tenho-o por quite, é negócio comigo. Mas, por minha vida! de Versalhes a Brest, deve-me uma consulta.

Cagliostro olhou outra vez para Lapeyrouse, mas com um olhar tão melancólico, com um modo tão doce e triste ao mesmo tempo, que causou estranha impressão na maior parte dos convivas. O navegador, porém, não reparou em tal. Despediu-se dos convivas, os lacaios vestiram-lhe um pesado sobretudo forrado de peles, e a condessa Dubarry meteu-lhe nas algibeiras alguns desses delicados cordiais, tão gratos aos viajantes, de que quase nunca se lembram, mas que lhes trazem à memória os amigos ausentes, durante as longas noites de viagem.

Lapeyrouse, sempre jovial, cortejou respeitosamente o conde de Haga e estendeu a mão ao velho marechal.

– Adeus, meu caro Lapeyrouse – disse-lhe o duque de Richelieu.

– Não me despeço, Sr. duque, digo até à vista – respondeu Lapeyrouse. – Mas, realmente, dir-se-ia que parto para a eternidade: é uma viagem à roda do mundo, nada mais; não passa de uma ausência de quatro ou cinco anos; por tão pouco não se diz adeus.

– Quatro ou cinco anos! – bradou o marechal – Ah! Sr. almirante, por que não diz quatro ou cinco séculos? Na minha idade os dias são anos. Adeus, senhor, adeus.

– Ora! pergunte ao adivinho – disse Lapeyrouse rindo – que lhe prometerá ainda vinte anos. Não é verdade, Sr. de Cagliostro? Ai! conde, por que não falou mais cedo do seu divino elixir? Quisera a todo o preço embarcar uma pipa dele no Astrolábio, que é como se chama o meu navio. Meus senhores... minha senhora, deixe-me dar-lhe mais um beijo na formosa mão, certamente a mais formosa de quantas hei de ver daqui até ao meu regresso. Até à volta!

E partiu.

Cagliostro conservava sempre o mesmo silêncio de mau agouro.

Ouviram-se os passos do marinheiro nos degraus sonoros da escada, a sua voz sempre alegre no pátio, e os seus últimos cumprimentos às pessoas reunidas para o verem.

Depois, os cavalos sacudiram as guizeiras, a portinhola da carruagem fechou-se, e as rodas soaram nas pedras da rua.

Lapeyrouse acabava de dar o primeiro passo dessa viagem misteriosa, donde nunca deveria voltar.

Escutavam todos.

Quando nada mais se ouviu, todas as vistas, como que levadas por uma força superior, se dirigiram para Cagliostro.

Naquele momento havia nas feições daquele homem uma iluminação pítica, que fez estremecer os convivas.

O singular silêncio durou alguns instantes.

O conde Haga foi o primeiro que o rompeu.

– Por que não lhe respondeu o senhor?

Esta pergunta era a expressão da ansiedade geral, Cagliostro estremeceu como se a pergunta o tirasse da sua contemplação.

– Porque – disse ele, dirigindo-se ao conde – teria de dizer-lhe uma mentira ou profetizar-lhe uma desgraça.

– Como?

– Porque seria necessário dizer-lhe: Sr. de Lapeyrouse, o Sr. duque de Richelieu tem razão em lhe dizer adeus e não até à vista.

– Ora, Sr. Cagliostro – disse Richelieu empalidecendo – que diabo está aí dizendo do Sr. de Lapeyrouse?

– Oh! tranquilize-se, Sr. marechal – disse Cagliostro vivamente – não é para V. Ex.<sup>a</sup>. que a profecia é triste.

– Como! -disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – pois o pobre Lapeyrouse que acaba de me beijar a mão...

– Não só não lhe tornará a beijar, minha senhora, mas nem sequer tornará a ver aqueles de quem se apartou há pouco – disse Cagliostro olhando atentamente para o seu copo cheio de água, e no qual, pelo modo por que estava colocado, se viam umas camadas luminosas de cor opaca, cortadas transversalmente pelas sombras dos objetos que o cercavam.

Um clamor de admiração saiu ao mesmo tempo de todas as bocas.

A palestra chegara ao ponto em que cada minuto lhe fazia crescer o interesse; dir-se-ia, ao ver o modo grave, solene e quase ansioso, quer da voz, quer do olhar, que se tratava das profecias infalíveis dos oragos da antiguidade.

No meio dessa preocupação, o Sr. de Favras, resumindo o geral sentimento, levantou-se, fez um sinal, e foi no bico dos pés escutar se nas antecâmaras algum criado os estava ouvindo.

Mas, já o dissemos, os serviçais do Sr. marechal de Richelieu eram dos melhores, e o Sr. de Favras só viu na antecâmara um criado velho, que, severo como uma sentinela num posto perdido, defendia a entrada da casa de jantar na hora solene da sobremesa.

Veio de novo assentar-se no seu lugar, fazendo sinal aos convidados de que estavam perfeitamente sós.

– Nesse caso – disse a Sr.<sup>a</sup>. Dubarry respondendo à afirmativa do Sr. de Favras como se houvesse sido feita em voz alta – nesse caso, conte-nos o que há de suceder ao pobre Lapeyrouse.

Cagliostro abanou a cabeça.

– Vejamos, vejamos, Sr. de Cagliostro! – disseram os homens.

– Sim, rogamos-lhe que diga.

– Pois bem, o Sr. de Lapeyrouse parte, como ele disse, com tenção de fazer uma viagem à roda do mundo; quer continuar as viagens de Cook, do desgraçado Cook, que, como bem sabem, foi assassinado nas ilhas Sandwich.

– Sim, sim, sabemos isso – disseram todos ao mesmo tempo.

– Tudo pressagia um feliz êxito à empresa. O Sr. de Lapeyrouse é um bom oficial de marinha, e, além disso, *el rei* delineou-lhe habilmente o itinerário.

– Sim – interrompeu o conde de Haga – o rei de França é um hábil geógrafo; não é verdade, Sr. de Condorcet?

– Mais hábil geógrafo do que é necessário para um rei – respondeu o marquês. – Os reis só deviam ter ideias gerais sobre todas as coisas, porque talvez desse modo se deixassem guiar pelos que as soubessem profundamente.

– É uma lição, Sr. marquês? – perguntou o conde de Haga sorrindo.

Condorcet corou.

– Oh! não Sr. conde – disse ele – é uma simples reflexão, uma generalidade filosófica.

– Portanto parte – disse a Sr.<sup>a</sup>. Dubarry, empenhada em romper qualquer conversação particular, que tendesse para desviar a conversação geral do caminho que tomara.

– Parte, sim – respondeu Cagliostro; – mas apesar de o terem visto com tanta pressa, não julguem que parta imediatamente; não, estou-o vendo perder muito tempo em Brest.

– É pena – disse Condorcet – porque é agora a monção das partidas. Até é já alguma coisa tarde; fevereiro ou março teria sido melhor.

– Oh! não lhe leve a mal os dois ou três meses, Sr. de Condorcet; durante este tempo pelo menos o almirante vive e tem esperança.

– Deram-lhe ao menos boa companhia, suponho eu? – disse Richelieu.

– Sim – disse Cagliostro – o que comanda o segundo navio é um oficial distinto. Estou-o vendo, moço ainda, ousado, e valente por desgraça.

– Como? por desgraça!

– Sim, porque um ano depois procuro esse amigo, e já o não vejo – disse Cagliostro, que manifestava inquietação consultando o copo. – Nenhum dos senhores é parente, nem das relações do Sr. de Langle?

– Nenhum.

– Ninguém o conhece?

– Ninguém.

– Pois a morte há de começar por ele! Já não o vejo.

Um murmúrio de terror saiu do peito de todos os assistentes.

– Mas ele... ele... Lapeyrouse? – disseram várias vozes ansiosas.

– Navega, aporta, torna a embarcar. Um ano, dois anos de feliz navegação... recebem-se novas dele 2 E depois...

– E depois?

– Passam os anos.

– Afinal?

– Afinal, o oceano é grande, o céu carregado. De um e outro lado surgem terras inexploradas, figuras hediondas como os monstros do arquipélago grego. Espreitam o navio, que corre através dos nevoeiros, por entre os recifes, levado pelas correntes... finalmente a procela, a procela, mais hospitaleira do que a costa... e daí fogos sinistros. Oh! Lapeyrouse! Se tu me pudesses ouvir, dirte-ia: Partes como Cristóvão Colombo para descobrir um novo mundo: Lapeyrouse, desconfia das ilhas desconhecidas.

Calou-se.

Um calafrio glacial percorreu a assembleia, enquanto no espaço vibravam ainda as últimas palavras de Cagliostro.

– Mas por que motivo o não preveniu? – bradou o conde de Haga, sentindo como os outros a influência daquele homem extraordinário, que a seu talante revolvía todos os corações.

– Sim, sim – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry. – Por que se não corre atrás dele até o alcançar? A vida de um homem como Lapeyrouse vale bem a viagem de um correio, caro marechal.

O marechal percebeu e ergueu-se para chamar um criado.

Cagliostro estendeu o braço.

O marechal assentou-se novamente.

– Infelizmente – prosseguiu Cagliostro – seria inútil qualquer aviso; o homem pode prever o destino, mas não o pode mudar. O Sr. de Lapeyrouse rir-se-ia, se tivesse ouvido as minhas palavras, como riam os filhos de Príamo ao ouvir as profecias de Cassandra; e senão, veja, o senhor mesmo está rindo, Sr. conde de Haga, e o riso vai comunicar-se aos seus companheiros. Oh! nada de constrangimento, Sr. de Condorcet, nada de constrangimento, Sr. de Favras; nunca achei um ouvinte crédulo.

– Oh! nós cremos – bradaram a Sr.<sup>a</sup> Dubarry e o velho duque de Richelieu.

– Eu creio – murmurou Taverney.

– Também eu – disse com toda a cortesia o conde de Haga.

– Sim – redarguiu Cagliostro – os senhores creem no que acabo de dizer, porque se trata de Lapeyrouse, mas se se tratasse dos

senhores, não haviam de crer.

– Oh!

– Estou certo disso.

– Confesso que o que me faria crer – disse o conde de Haga – seria que o Sr. de Cagliostro tivesse dito ao Sr. de Lapeyrouse: Cautela com as ilhas desconhecidas, que ele então se teria acautelado. Seria sempre uma probabilidade.

– Asseguro-lhe que não, Sr. conde, e ainda que ele me desse crédito, veja quanto essa revelação seria horrível, quando em presença do perigo, ao aspecto dessas ilhas desconhecidas que lhe devem ser fatais, o desgraçado, crédulo na minha profecia, sentisse aproximar-se dele a morte misteriosa que o ameaça, sem poder fugir-lhe. Não seria uma morte, seriam mil mortes, que então padeceria; porque é padecer mil mortes o caminhar nas trevas com o desespero ao lado. A esperança que eu lhe tirasse, note isto bem, seria a última consolação que o desgraçado conserva sob o cutelo, quando já o cutelo o fere, quando sente o corte do aço, quando lhe corre o sangue. Apaga-se a vida e o homem ainda espera.

– É verdade! – disseram em voz baixa alguns dos convivas.

– Sim – continuou Condorcet – o véu que lhe encobre o final da vida é o único bem real que Deus deu ao homem sobre a terra.

– Pois bem! Seja como for – disse o conde de Haga – se me acontecesse ouvir dizer por um homem como o senhor: Acautele-se de tal homem ou de tal coisa, eu receberia como verdadeiro o aviso e agradeceria reconhecido ao conselheiro.

Cagliostro abanou brandamente a cabeça, acompanhando esse gesto com um triste sorriso.

– Realmente, Sr. de Cagliostro – prosseguiu o conde – advirta-me, e eu lhe agradecerei.

– Queria que eu lhe dissesse, o que não quis dizer ao Sr. de Lapeyrouse?

– Queria, sim.

Cagliostro fez um movimento como se fosse para falar; porém, depois de uma curta pausa, disse:

– Oh! não, Sr. conde, não.

– Rogo-lhe.

Cagliostro desviou o rosto.

– Nunca! – murmurou ele.

– Cuidado! – disse o conde sorrindo – que vai tornar-me incrédulo.

– Mais vale a incredulidade do que a angústia.

– Sr. de Cagliostro – disse gravemente o conde esquece uma coisa.

– Qual? – perguntou respeitosamente o profeta.

– Que, se há certos homens que sem inconveniente podem ignorar os seus destinos, outros há que teriam necessidade de conhecer o futuro, pois que o seu destino não lhes importa só a eles, senão a milhões de homens.

– Então – disse Cagliostro – ordene. Não, sem ordem expressa não falarei.

– Que quer dizer?

– Que Vossa Majestade ordene – disse Cagliostro em voz baixa – e eu obedecerei.

– Ordeno que me revele o meu destino, Sr. de Cagliostro – disse o rei com majestade cheia de cortesia.

Ao mesmo tempo, como o conde de Haga se deixara tratar como rei e rompera o incógnito até então mantido, dando uma ordem, o Sr. de Richelieu levantou-se, veio humildemente cortejar o príncipe, e disse-lhe:

– Agradeço a honra que o rei da Suécia fez à minha casa, meu senhor; digno-se Vossa Majestade tomar o lugar de honra. A partir deste momento, só pode pertencer a Vossa Majestade.

– Fiquemos, fiquemos como estamos, Sr. marechal, e não percamos uma palavra do que o Sr. conde de Cagliostro vai dizer-me.

– Aos reis não se diz a verdade, senhor.

– Ora! não estou no meu reino. Tome o seu lugar, Sr. duque; fale, Sr. de Cagliostro, rogo-lhe.

Cagliostro lançou os olhos para o copo; glóbulos semelhantes aos que atravessam o vinho de Champanhe subiam do fundo à superfície; parecia que a água, atraída pelo seu olhar poderoso, se agitava sob a influência da sua vontade.

– Senhor, diga-me o que quer saber – disse Cagliostro; – estou pronto para responder.

– Diga-me de que morte hei de morrer?

– De um tiro, senhor.

A fronte de Gustavo iluminou-se.

– Ah! numa batalha – disse ele – com a morte de um soldado. Obrigado, Sr. de Cagliostro, mil vezes obrigado. Oh! eu prevejo batalhas, e Gustavo Adolfo e Carlos XII mostraram-me já como sabem morrer os reis da Suécia.

Cagliostro abaixou a cabeça sem responder.

O conde de Haga franziu o sobrolho.

– Oh! – disse ele – não é numa batalha que hei de levar o tiro?

– Não, senhor.

– Numa sedição; sim, também é possível.

– Não é numa sedição.

– Mas então onde será?

– Num baile, senhor.

O rei tornou-se pensativo.

Cagliostro, que se levantara, tornou a assentar-se e escondeu a cabeça entre as mãos.

Todos empalideceram em volta do autor da profecia, e daquele que dela era objeto.

O Sr. de Condorcet aproximou-se do copo de água, no qual o adivinho lera o sinistro augúrio, pegou nele, elevou-o à altura dos olhos e examinou escrupulosamente os seus brilhantes lavores e o misterioso conteúdo.

Via-se aquele olhar inteligente, mas frio, escrutador, pedir ao duplo cristal, sólido e líquido, a solução de um problema, que a razão reduziu ao valor de uma especulação puramente física.

Efetivamente o sábio calculava a profundidade, as refrações e os jogos microscópicos da água. Perguntava a si mesmo, ele que a tudo queria uma causa, o motivo e o pretexto desse charlatanismo exercido sobre homens do valor daqueles que cercavam essa mesa, por outro a quem não se podiam negar conhecimentos extraordinários.

Sem dúvida que não achou a solução do seu problema, porque cessou de examinar o copo, colocou-o na mesa, e no meio da estupefação resultante do prognóstico de Cagliostro, exclamou:

– Pois eu também pedirei ao nosso ilustre profeta que interrogue o seu espelho mágico. Infelizmente – acrescentou ele – não sou um fidalgo poderoso, não ordeno, e a minha vida obscura não pertence a milhões de homens.

– Sr. marquês – disse o conde de Haga – o senhor ordena em nome da ciência, e a sua vida importa, não a um povo, mas à humanidade.

– Agradecido, Sr. conde, mas talvez que a sua opinião neste ponto não seja a do Sr. de Cagliostro.

Cagliostro ergueu a cabeça, como um animal aguilhoado.

– Pelo contrário, marquês – disse ele com um princípio de irritabilidade nervosa, que nos tempos antigos se teria atribuído à influência do deus que o atormentava. – Pelo contrário, é um senhor poderoso no reino da inteligência. Vamos, olhe de frente para mim. Também o senhor deseja seriamente que lhe faça uma profecia?

– Seriamente, Sr. conde – redarguiu Condorcet; – pela minha honra que falo muito seriamente.

– Pois bem, marquês – disse Cagliostro com voz surda e descaindo as pálpebras sobre o seu olhar fixo – há de morrer do veneno que traz no anel que tem no dedo. Morrerá...

– Ora! e se eu o deitasse fora? – interrompeu Condorcet.

– Pois deite.

– Enfim, confesse que a coisa é fácil?

– Pois sim, deite-o fora, vamos.

– Oh: sim, marquês – bradou a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – por favor deite fora esse veneno; deite-o fora, quando mais não seja, para fazer mentir este profeta aziago, que nos aflige a todos com as suas profecias. Porque, então, se o deitar fora, decerto não será envenenado por esse; e como é por esse mesmo que o Sr. de Cagliostro afirma que o há de ser, então, bom ou mau grado seu, o Sr. de Cagliostro terá mentido.

– A Sr.<sup>a</sup> condessa tem razão – disse o conde de Haga.

– Bravo! Condessa – disse Richelieu; – vamos, marquês, deite fora o veneno; é na verdade o que pode fazer de melhor, porque agora, como sei que traz na mão a morte de um homem, tremerei cada vez que tocarmos os nossos copos, e bebermos juntos. O anel pode abrir-se... e...

– E dois copos que se tocam estão muito perto um do outro – disse Taverney. – Deite fora, marquês, deite...

– É inútil – disse Cagliostro tranquilamente – o Sr. de Condorcet não o deitará.

– Não – disse o marquês – não o deitarei fora, é verdade; e não quer isto dizer que queira auxiliar o destino; mas é porque Cabanis foi quem me compôs este belíssimo veneno, que é uma substância solidificada pelo efeito do acaso, acaso que talvez não torne a achar; eis aí o motivo por que não o deitarei fora. Triunfe se quiser, Sr. de Cagliostro.

– O destino – disse este – sempre encontra agentes fiéis que auxiliem a execução dos seus decretos.

– Então, hei de morrer envenenado – disse o marquês. – Pois bem! Seja. Nem todos podem morrer envenenados. É uma morte admirável a que me acaba de profetizar; um pouco de veneno na ponta da língua, e acabou-se tudo. Isso já não se chama morrer; chama-se menos a vida, como em álgebra dizemos.

– Não é meu desejo que padeça, senhor – respondeu Cagliostro friamente.

E fez um sinal que indicava não desejar passar dali, pelo menos com Condorcet.

– Senhor – disse então o marquês de Favras estendendo-se sobre a mesa como para ir ao encontro de Cagliostro – aí está um naufrágio, um tiro e um envenenamento, que me fazem crescer a água na boca. Não me fará a mercê de me profetizar também a mim alguma mortezinha do mesmo gênero?

– Oh! Sr. marquês – disse Cagliostro começando a animar-se com a ironia – não faz bem em invejar estes senhores, porque, por minha vida, terá coisa melhor.

– Melhor! – bradou o Sr. de Favras rindo; – cuidado, é obrigar-se a muito; melhor do que o mar, o fogo e o veneno, é difícil.

– Ainda resta a corda – disse graciosamente Cagliostro.  
– A corda... Oh! oh! que diz?  
– Digo que será enforcado – respondeu Cagliostro com uma espécie de raiva profética de que já não era senhor.  
– Enforcado! – repetiu a assembleia; – com os diabos!  
– O senhor esquece que sou fidalgo – disse Favras um pouco frio; – e se porventura quer falar de um suicídio, previno-o que conto respeitar-me bastante, até ao último momento, para não me servir da corda enquanto tiver uma espada.  
– Não lhe falo de um suicídio, senhor.  
– Fala então de um suplício?  
– Sim.  
– O senhor é estrangeiro, e por isso lhe perdoou.  
– O quê?  
– A sua ignorância. Em França um fidalgo não se enforca, decapita-se.  
– É negócio que tratará com o carrasco, senhor – disse Cagliostro esmagando o seu interlocutor com esta resposta brutal.  
Houve um momento de hesitação na assembleia.  
– Oh! oh! Sr. de Launay – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – espero que não deixará de ter tanto ânimo como estes senhores.  
– Também assim o espero, minha senhora – disse o governador inclinando-se.  
E voltando-se para Cagliostro:  
– Vamos, senhor – disse – Peço-lhe que me gratifique também com o meu horóscopo.  
– É fácil – disse Cagliostro; – um golpe de machado na cabeça e nada mais.  
Um grito de terror soou na sala. Os Srs. de Richelieu e de Taverney suplicaram a Cagliostro que nada mais dissesse; mas a curiosidade feminina teve mais poder, que os rogos deles.  
– Realmente, conde, ao ouvi-lo – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – o universo inteiro acabaria de morte violenta. Estamos aqui oito, e destes oito já cinco estão condenados pelo senhor!  
– Oh! bem sabe que resolvemos rir de tudo, minha senhora – disse o Sr. de Favras, esforçando-se efetivamente por sorrir.

– E decerto que havemos de rir – disse o conde de Haga – verdadeiras ou falsas que sejam as profecias.

– Oh! também hei de rir – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry, – porque não quero pela minha cobardia desonrar a assembleia. Infelizmente, que sou apenas uma mulher, e nem sequer terei a honra de ser colocada na sua categoria para ter um desenlace sinistro. Uma mulher é coisa que morre na cama. Ah! a minha morte de mulher velha, triste e esquecida, há de ser a pior de todas as mortes, não é verdade, Sr. de Cagliostro?

E dizendo estas palavras hesitava, e não só pelas palavras, senão também pelo modo, dava pretexto ao adivinho para que a sossegasse; Cagliostro, porém, não lhe falava.

A curiosidade teve mais poder que o desassossego, e venceu.

– Vamos, Sr. de Cagliostro – disse a Sr.<sup>a</sup> Dubarry – responda-me.

– Como lhe hei de responder, minha senhora, se nada me pergunta?

A condessa hesitou.

– Vamos – perguntou Cagliostro – interroga-me ou não?

A condessa fez um esforço, e depois de ter cobrado ânimo no sorriso da assembleia, bradou:

– Pois bem! sim, corro-lhe o risco; vamos, diga como virá a acabar Joana de Vaubernier, condessa Dubarry.

– No cadafalso, minha senhora – respondeu o fúnebre profeta.

– Isso é brincadeira! não é verdade, senhor? – balbuciou a condessa com olhar suplicante.

Mas instara com Cagliostro e ele não via esse olhar.

– E por que há de então ser brincadeira? – disse ele.

– Porque para ir ao cadafalso é preciso ter cometido mortes, assassínios, algum crime, enfim, e segundo toda a probabilidade nunca cometerei crimes. É brincadeira, não é verdade?

– Sim, sim, é brincadeira – disse Cagliostro – assim como tudo mais quanto tenho profetizado.

A condessa soltou uma gargalhada, que algum hábil observador acharia demasiado estrídula para ser natural...

– Então, Sr. de Favras – disse ela – tratemos de encomendar os nossos coches de luto.

– Oh! para a senhora é escusado – disse Cagliostro.

– Por que?

– Porque será levada ao cadafalso num carro.

– Oh! que horror! – bradou a Sr.<sup>a</sup> Dubarry. – Oh! que feio homem! Marechal, para outra vez escolha convivas mais alegres, quando não ver-me-ei obrigada a não voltar a sua casa.

– Desculpe-me, minha senhora – disse Cagliostro – mas a senhora assim o quis, bem como todos os mais.

– A mim como a todos os mais pelo menos, dar-nos-á tempo para escolhermos confessor, não é verdade?

– Seria trabalhe inútil, condessa – disse Cagliostro.

– Por que?

– Porque a última pessoa que subirá ao cadafalso com um confessor há de ser...

– Há de ser quem? – perguntaram todos.

– O rei de França.

E Cagliostro disse estas últimas palavras com uma voz surda e por tal forma lúgubre, que passou sobre os convivas como um sopro de morte, e os gelou até ao coração.

Seguiu-se um silêncio de alguns minutos.

Durante esse silêncio, Cagliostro levou à boca o copo de água em que lera aquelas lúgubres profecias; mas apenas o chegou aos lábios, repeliu-o com invencível repugnância, como houvera feito a um cálix de qualquer líquido amargo.

Enquanto fazia este movimento, os olhes de Cagliostro dirigiram-se para Taverney.

– Oh! – bradou este, que julgou que ele ia falar – não me diga o que será de mim; eu não lhe pergunto.

– Pois bem! em seu lugar pergunto-o eu – disse Richelieu.

– Sossegue, Sr. marechal, de nós todos é o único que há de morrer na cama.

– Vamos ao café, meus senhores! – disse o velho marechal encantado com a profecia. – Vamos ao café!

Levantaram-se todos.

Mas antes de passar a outra sala, o conde de Haga, aproximando-se de Cagliostro, disse:

– Senhor, não quero fugir ao destino, mas diga-me de que devo acautelar-me?

– De um regalo de peles, senhor – respondeu Cagliostro.

O conde de Haga afastou-se.

– E eu? – perguntou Condorcet.

– De uma fritada de ovos.

– Bom, renuncio aos ovos.

E foi ter com o conde.

– E eu – disse Favras – o que devo temer?

– Uma carta.

– Bom, agradecido pelo aviso.

– E eu? – perguntou o Sr. de Launay.

– A tomada da Bastilha.

– Oh! então estou sossegado.

E afastou-se rindo.

– E agora eu, senhor? – disse a condessa perturbada.

– Formosa condessa, tome muito cuidado com a Praça de Luís

XVI!

– Ah! – respondeu a condessa – já uma vez me desencaminei por lá; muito padeci. Nesse dia tinha eu perdido a cabeça.

– Pois bem! desta vez, perdê-la-á outra vez, mas não há de tornar a achá-la.

A Sr.<sup>a</sup>. Dubarry soltou um grito e fugiu para a sala, para se reunir aos outros convivas.

Cagliostro ia seguir os seus companheiros.

– Espere – disse Richelieu – só restamos eu e Taverney, a quem ainda não vaticinou coisa alguma, meu caro feiticeiro.

– O Sr. de Taverney rogou-me que nada dissesse, e o Sr. marechal nada me perguntou.

– Oh! e ainda lhe rogo que não diga nada – bradou Taverney de mãos postas.

– Mas, vejamos, para nos provar o poder do seu génio, não nos poderia dizer uma coisa, que só nós ambos saibamos?

– Qual é? – perguntou Cagliostro rindo.

– É o que veio este bom Taverney fazer a Versalhes em vez de viver sossegadamente na sua bela propriedade de Casa-Vermelha,

que *el rei* lhe desempenhou, há de haver três anos?

– A coisa é simples, Sr. marechal – respondeu Cagliostro. – Há dez anos, o Sr. de Taverney quis dar sua filha Andréia ao rei Luís XV, e não o conseguiu.

– Oh! oh! – resmungou Taverney.

– Hoje, o Sr. barão quer dar seu filhe Filipe de Taverney à rainha Maria Antonieta. Pergunte-lhe se minto.

– Por minha vida – disse Taverney todo trémulo – os diabos me levem se este homem não é feiticeiro.

– Oh! oh! – disse o marechal – não fales incivilmente do diabo, meu velho camarada.

– Terrível! terrível! – murmurou Taverney.

E voltou-se para implorar pela última vez a discrição de Cagliostro; mas este desaparecera.

– Vamos, Taverney, vamos à sala – disse o marechal; – olha que tomam o café sem nós, ou tomá-lo-emos frio, o que será pior.

E ambos correram para a sala.

Mas a sala estava deserta; nem um único dos convivas tivera ânimo para tornar a encarar de frente o autor das terríveis profecias.

As velas ardiam nos candelabros; o café fumegava na cafeteira, e o fogo crepitava na chaminé.

Tudo isso inutilmente.

– Por vida minha! meu velho camarada, parece que vamos tomar o café a sós... Ah! onde diabo te escondeste?...

E Richelieu olhou para todos os lados em volta de si, mas o ancião desaparecera assim como os demais.

– Não importa – disse o marechal motejando, como o teria feito Voltaire, e esfregando uma contra a outra as suas mãos secas e brancas carregadas de anéis – Sou o único dos que hoje nos reunimos que hei de morrer na cama. Ah! ah! na cama! Conde de Cagliostro, eu não sou nenhum incrédulo. Na minha cama, não é verdade, hei de morrer na minha cama, e daqui a muito tempo ainda? Olá! tragam-me o meu elixir.

O criado do quarto entrou com um frasco na mão, e o marechal entrou com ele no quarto da cama.

FIM DO PRÓLOGO

# O COLAR DA RAINHA

# I

## Duas mulheres incógnitas

O inverno de 1784, esse monstro que devorou uma sexta parte da França, conquanto se ouvisse bramir às portas, não o puderam sentir em casa do Sr. duque de Richelieu, fechados como estavam, no dia do jantar, nessa casa tão agasalhada e perfumada.

Uma pouca de geada nos vidros é o luxo da natureza que se junta ao luxo dos homens. O inverno tem os seus diamantes, os seus pós e os seus bordados de prata para o rico, enterrado nas suas peles ou calafetado na sua carruagem, ou embalado nos algodões e veludo de um quarto bem aquecido. A geada é uma pompa e a intempérie uma mudança de vista, que o rico vê executar, através dos vidros das janelas do seu palácio, por esse grande e eterno maquinista chamado Deus.

Efetivamente, quem tem calor pode admirar as árvores negras e achar encantos nas sombrias perspectivas das planícies embalsamadas pelo inverno.

Aquele que sente subir-lhe ao cérebro os suaves perfumes do jantar que o espera, pode aspirar de vez em quando pela fenda de uma janela entreaberta o áspero perfume da brisa, e o glacial vapor da neve que lhe regenera as ideias.

Aquele, enfim, que, depois de um dia isento de padecer, quando milhões dos seus concidadãos têm padecido, se estende sob um edredom, dentro de lençóis bem finos, numa cama bem quente, semelhante ao egoísta de que fala Lucrécio e que Voltaire glorifica, pode achar que tudo vai bem no melhor dos mundos possíveis.

Mas aquele que tem frio não vê todos esses esplendores da natureza, tão rica com o seu manto branco como com o seu manto

verde.

Aquele que tem fome procura a terra e foge do céu; o céu sem sol não tem, por consequência, sorrisos para o desgraçado.

Ora, na época a que chegámos, isto é, pelo meado do mês de abril, trezentos mil desgraçados morrendo de frio e fome gemiam em Paris, onde, sob pretexto de que nenhuma cidade contém mais pessoas abastadas, nada estava prevenido para evitar que os pobres perecessem pelo frio e pela miséria.

Havia quatro meses que um rigoroso inverno impelia os desgraçados das aldeias para as cidades, como geralmente o inverno impele os lobos dos bosques para as aldeias.

Não havia já pão, nem lenha.

Não havia pão para aqueles que suportavam o frio, não havia lenha para cozer o pão.

Todo o provimento de víveres que havia em Paris tinha sido devorado num mês; o preboste dos mercadores, sem previdência nem capacidade, não sabia mandar vir para Paris, confiadas ao seu cuidado, duzentas mil cargas de lenha disponíveis num raio de dez léguas em torno da capital.

Dava por desculpas:

Quando gelava, que o gelo impedia os cavalos de andar; quando degelava, a insuficiência dos carros e dos cavalos. Luís XVI, sempre bom, humano sempre, e sempre o primeiro a conhecer as necessidades físicas do povo, cujas necessidades sociais lhe escapavam facilmente, Luís XVI começou por destinar uma soma de duzentas mil libras ao aluguel de carros e de cavalos, depois mandou embargar os que eram necessários.

Entretanto o consumo continuava a fazer desaparecer o que vinha de fora. Era preciso diminuir os compradores. Foi primeiramente proibido a qualquer, levar de uma só vez mais de uma carga de lenha da estância geral; depois foi isso reduzido, e não podiam levar mais de meia carga. Começou então a ver-se ajuntamentos à porta das estâncias, como pouco tempo depois se deviam ver à porta dos padeiros.

*El rei* gastou todo o dinheiro do seu bolsinho em esmolas. Contraindo um empréstimo de três milhões sobre as receitas das

portas da cidade, e aplicou esses três milhões ao alívio dos desgraçados, declarando que todas as urgências deviam ceder e calar na presença da urgência do frio e da fome.

A rainha, da sua parte, deu quinhentos luíses das suas economias. Os conventos foram convertidos em salas de asilo, os hospitais, os monumentos públicos e os pátios das grandes casas abriram-se à ordem dos seus senhores, seguindo o exemplo dos palácios reais, para dar entrada aos pobres que vinham agrupar-se em torno de uma grande fogueira.

Esperavam desta forma que diminuísse o rigor da estação.

Mas o céu era inflexível! Todas as noites se desdobrava no firmamento um véu de cobre vermelho; as estrelas brilhavam tristemente como se fossem fachos da morte, e o gelo noturno condensava novamente num lago de cristal, a pálida neve que o sol do meio-dia tinha um momento fundido.

Durante o dia, milhares de trabalhadores com picaretas e pás tiravam a neve e o gelo de diante das casas, de modo que uma dupla parede, grossa e úmida, obstruía metade das ruas, que pela maior parte eram já de si muito estreitas. Pesados carros com grossas rodas, cavalos caindo a cada passo, esmagavam contra essas paredes de gelo as pessoas que transitavam e que se viam expostas ao tríplice perigo das quedas, dos encontros e dos desmoronamentos.

Em pouco tempo os montes de neve e de gelo foram tais, que escondiam as portas das lojas, as ruas foram obstruídas, e foi preciso renunciar a tirar o gelo, porque já não havia forças nem meios para isso.

Paris deu-se por vencido, e deixou o inverno caminhar sem impedimentos. Dezembro, janeiro, fevereiro e março assim passaram; algumas vezes um degelo de dois ou três dias transformava Paris num oceano, porque a cidade não tinha escoantes para tanta água.

Certas ruas, nesses momentos, só a nado se podiam atravessar. Chegaram a afogar-se nelas alguns cavalos. As carruagens e os carros não podiam sair, porque seriam transformados em botes.

Paris, fiel ao seu carácter, fez cantigas à morte pelo degelo, como fizera cantigas à morte pela fome. O povo ia em procissão aos mercados para ver as regateiras venderem as suas mercadorias, e correrem para os barcos do peixe com enormes botas de couro, calças metidas nas botas e saias arregaçadas até à cintura, tudo isto rindo, gesticulando e salpicando-se umas às outras no pântano que habitavam. Como, porém, os degelos fossem efémeros, a neve caísse cada vez mais forte e mais viva e os lagos da véspera se tornassem no outro dia em cristal resistente, os trenós substituíram as carruagens e corriam impelidos pelos patinadores ou levados por cavalos ferrados expressamente, nas calçadas das ruas, mudadas em brilhantes espelhes. O Sena, gelado em alguns pés de profundidade, tornara-se o ponto de reunião dos ociosos, que ali se exercitavam em corridas, quedas, patinagens, jogos de toda a qualidade, e que, aquecidos por aquela ginástica, assim que o cansaço os obrigava a ir descansar, corriam à fogueira mais próxima para não deixarem o suor gelar-se-lhes nos membros.

Previa-se o momento em que, interrompidas as comunicações pela água, tornadas impossíveis as comunicações por terra, os víveres não pudessem chegar a Paris, levando aquele corpo gigantesco a sucumbir por falta de alimento, como os monstruosos cetáceos que, despovoados os seus cantões, ficam fechados pelos gelos do polo, e morrem de inanição por não terem podido escapar-se pelas fendas, como os peixes mais pequenos, para alcançarem uma zona mais temperada e águas mais fecundas.

*El rei*, naquela extremidade, reuniu o conselho. Foi decidido que seriam desterrados de Paris, isto é, que se convidariam a voltar para as suas terras e províncias todos os bispos, abades e frades que se achavam fora das suas residências naturais; os governadores e os intendentes de província, que tinham estabelecido em Paris a sede dos seus governos; e os magistrados, que preferiam o teatro e a sociedade, o regalo e a ostentação de Paris à cadeira ornada de flores-de-lis que tinham nos seus tribunais de província.

Em verdade aquela gente consumia muita lenha nos seus opulentos palácios, muitos víveres nas suas vastas cozinhas.

Residiam também em Paris alguns proprietários de província que haviam de ser convidados a fechar-se nas suas quintas ou castelos. O Sr. Lenoir, chefe da polícia, fez, contudo, observar a *el rei* que aquela gente não era composta de criminosos e que não podiam ser assim obrigados a sair de Paris, de um dia para o outro; que por consequência, empregariam em se retirar uma lentidão tal, resultante da má vontade e da dificuldade dos caminhos, que chegaria o degelo antes que a medida que se queria tomar produzisse vantagem, ao passo que, pelo contrário, produziria todos os inconvenientes que eram de esperar.

Entretanto, a piedade do rei, que esgotara os cofres, a misericórdia da rainha, que esgotara as suas economias, tinham excitado a engenhosa gratidão do povo, que consagrou por monumentos, efémeros como o mal e como o bem, a memória das caridades que Luís XVI e a rainha tinham espalhado pelos indigentes. Como outrora os soldados erigiam troféus ao general vencedor com as armas do inimigo de que o general os libertava, os parisienses, no mesmo campo de batalha em que lutavam contra o inverno, erigiram obeliscos de neve dedicados ao rei e à rainha. Cada qual concorreu com o que pôde: o trabalhador com os braços, o artista com o talento, e os obeliscos elevavam-se elegantes, ousados e sólidos, nos cantos das ruas principais, e o pobre homem de letras, a quem a caridade do soberano tinha ido procurar na sua mansarda, trouxe a oferta de uma inscrição redigida mais pelo coração do que pelo espírito.

No fim de março voltou o degelo, mas desigual, incompleto, com interrupções, que prolongavam a miséria, a dor e a fome na população parisiense, e conservavam de pé, firmes e sólidos, os monumentos de gelo.

Nunca a miséria fora tão grande como neste último período; e que as intermitências de um sol suave mais ásperas faziam parecer as noites enevoadas e ventosas; as grandes camadas de gelo tinham-se derretido e haviam corrido para o Sena, fazendo trasbordar o rio por toda a parte. Nos primeiros dias de abril, manifestou-se, porém, um desses aumentos de frio de que já falámos; os obeliscos, ao longo dos quais correra já aquele suor que

lhes pressagiava a morte, meio derretidos, tornaram-se novamente sólidos, ficando informes e diminuídos no volume; uma bela camada de gelo cobriu os passeios e os cais, e viram-se os trenós aparecer novamente com os seus cavalos fogosos. Nos cais e passeios era aquilo bonito; mas nas ruas, as carruagens e os cabriolés rápidos eram o terror dos que caminhavam a pé, que por não ouvirem a bulha das rodas e impedidos pelas paredes e montes de gelo, muitas vezes não tinham onde refugiar-se e, quase sempre, caíam e ficavam esmagados debaixo das rodas quando queriam fugir.

Em poucos dias, Paris cobriu-se de feridos e moribundos. Aqui, uma perna quebrada por uma queda no gelo; ali, um peito esmagado pelas varas de uma carruagem que, rapidamente levada, não pudera estacar no gelo. Começou então a polícia a ocupar-se de livrar das rodas os que escapavam à fome, ao frio e às inundações. Multavam-se os ricos que esmagavam os pobres. Naquele tempo, em que imperavam as aristocracias, havia aristocracia até no modo de conduzir um cavalo; os príncipes levavam-nos a toda a brida, sem soltarem um grito de aviso; um duque e par, um fidalgo ou uma actriz, levavam os cavalos a trote largo; um presidente ou um banqueiro, a trote; o elegante guiava propriamente o seu cabriolé como se andasse à caça, ao passo que o jóquei, de pé na traseira, gritava: "Olá!" quando o amo deitava por terra ou pisava algum desgraçado.

E depois, como diz Mercier, quem pudesse que se levantasse; mas afinal, uma vez que o parisiense visse belos trenós em forma de cisnes correrem pelos passeios, contanto que admirasse, envoltas nas suas capas de marta zibelina ou de arminhos, as formosas damas da corte, levadas como meteoros sobre os luzentes sulcos do gelo; contanto que os guizos dourados, os frisos de púrpura e os penachos dos cavalos divertissem as crianças paradas na passagem de todas essas bonitas coisas, o burguês de Paris esquecia a incúria da gente da polícia e as brutalidades dos cocheiros, e o pobre esquecia por um instante a sua miséria, habituado como ainda naquele tempo estava a ser protegido pelas pessoas ricas ou pelas que afetavam sê-lo.

Ora bem, foi nestas circunstâncias que, oito dias depois do jantar dado em Versalhes pelo Sr. de Richelieu, se viu num dia de belo sol, mas muito frio, entrarem em Paris quatro trenós elegantes, deslizando sobre o gelo que cobria o Cours-la-Reine e a extremidade dos bulevares, do lado dos Campos Elíseos. Fora de Paris pode o gelo por muito tempo conservar a sua virginal alvura, porque são raros os caminantes; mas em Paris cem mil passos em cada hora depressa defloram, enxovalhando-o, o esplêndido manto do inverno.

Os trenós, que à seco tinham caminhado pela estrada, pararam nos bulevares, isto é, quando a lama sucedeu ao gelo. O sol do dia amolecera a atmosfera, e o degelo momentâneo começava; e dizemos momentâneo, porque a pureza do ar prometia para a noite a geada glacial, que em abril queima as primeiras flores da Primavera.

No trenó que ia na frente estavam dois homens vestidos de sobrecasaca cor de castanha, de duplo cabeção; a única diferença que entre os dois fatos se notava, é que um tinha botões e cordões de ouro, e outro cordões e botões de seda da mesma cor.

O trenó daqueles dois homens era puxado por um cavalo preto, de cujas ventas saía espesso fumo, e outro trenó lhe seguia, para o qual olhavam de vez em quando.

No segundo trenó iam duas mulheres tão embrulhadas em peles, que ninguém lhes poderia ver o rosto. Pode mesmo acrescentar-se, que seria difícil dizer a que sexo pertenciam as duas personagens, se não fossem denunciadas pela desmarcada altura dos penteados, em cujo cimo traziam um pequeno chapéu de plumas.

Uma nuvem de pós brancos se escapava do colossal edifício daquele penteado cheio de tranças, de fitas e de joias, semelhantes à nuvem de geada e orvalho que cai dos ramos das árvores, quando a brisa do inverno os sacode com violência.

Estas duas senhoras, assentadas uma ao lado da outra e o mais chegadas possível, iam conversando, sem fazer caso dos numerosos transeuntes que as viam passar.

Esquecêramos de dizer que, depois de um instante de hesitação às portas da cidade, tinham resolvido prosseguir no seu caminho.

Uma delas, a mais alta e mais majestosa, tapava a boca com um lenço bordado de cambraia fina, e erguia a cabeça firme e direita, apesar da brisa que o trenó cortava na sua rápida carreira. Acabavam de dar cinco horas no relógio da torre de Saint-Croix-d'Antin, começava a anoitecer, e com a noite viera o frio.

Naquele momento os trenós tinham chegado pouco mais ou menos à porta de Saint-Denis.

A senhora do trenó, a que trazia o lenço na boca, fez um sinal aos dois homens que iam adiante, os quais distanciaram o trenó do das duas senhoras, apressando o passo do cavalo preto. Depois a mesma senhora voltou-se para trás, para dois outros trenós conduzidos cada um por um cocheiro sem libré, os quais, obedecendo ao sinal que acabavam de compreender, desapareceram pela rua de Saint-Denis.

Da sua parte, como já dissemos, o trenó dos dois homens distanciou-se daquele em que vinham as duas senhoras, e acabou por desaparecer também por entre as primeiras névoas da noite, que se condensavam em torno do colossal edifício da Bastilha.

Chegado ao bulevar de Menilmontant, o trenó das senhoras estacou; daquele lado os passeantes não eram muitos, porque a noite dispersara-os, além disso naquele bairro longínquo, poucas pessoas se aventuravam sem levar lanterna e escolta, desde que o inverno aguçara os dentes de três ou quatro mil mendigos suspeitos que se tinham ido gradualmente transformando em ladrões.

A senhora que já designámos aos nossos leitores como sendo a que dava ordens, tocou com a ponta do dedo no ombro do cocheiro que conduzia o trenó.

Este parou.

– Weber – disse ela – quanto tempo lhe é preciso para levar o cabriolé aonde sabe?

– Quer o cabriolé? – perguntou o cocheiro com um acento alemão.

– Quero, sim; voltarei pelas ruas para ver as fogueiras. Ora, nas ruas há ainda mais lama do que nos bulevares, e seria difícil ir no

trenó. Além disso, esfriei um pouco; a senhora também, não é verdade? – disse ela dirigindo-se à companheira.

– Um pouquinho – respondeu esta.

– Então, ouviu, Weber? no lugar que sabe, com o cabriolé.

– Bem, minha senhora.

– Quanto tempo lhe é preciso?

– Meia hora.

– Bem. Veja que horas são, menina.

A mais nova das duas senhoras procurou o relógio debaixo da capa, e viu as horas com bastante dificuldade, porque, como já dissemos, a noite aproximava-se.

– Seis horas menos um quarto – disse ela.

– Então, às sete menos um quarto, Weber.

E dizendo estas palavras, saiu do trenó, deu a mão à amiga, e começou a afastar-se, enquanto o cocheiro, com gestos de respeitoso desespero, murmurava, alto bastante para ser ouvido pela ama:

– Que imprudência! Ah! Mein Gott!, que imprudência!

As duas mulheres riram, embuçaram-se nas capas, cujas golas lhes tapavam as orelhas, e atravessaram o bulevar, divertindo-se em fazer estalar o gelo sob os seus pezinhos, calçados de finos sapatos forrados de peles.

– Como a Andréia vê bem – disse a que parecia ser mais velha, mas que não podia ter mais de trinta ou trinta e dois anos – veja se pode ler naquela esquina o nome da rua.

– Rua do Pont-au-Choux, minha senhora – disse a outra rindo.

– Que rua é? Rua do Pont-au-Choux! Ai, meu Deus, que estamos perdidas! Tinham-me dito a segunda do lado direito. Mas repare, Andréia, como cheira aqui bem a pão quente?

– Não admira – respondeu a companheira – porque estamos à porta de um padeiro.

– Pois então perguntemos-lhe onde é a rua de Saint-Claude.

E a que acabava de falar fez um movimento para o lado da porta.

– Oh! não entre, minha senhora – disse a outra com vivacidade – deixe-me a mim.

– A rua de Saint-Claude, minhas lindas meninas – disse uma voz muito alegre – querem saber onde é a rua de Saint-Claude?

As duas senhoras voltaram-se ao mesmo tempo e com um único movimento na direção da voz, e viram de pé encostado à porta da padaria, um rapaz de véstia, mas com as pernas e o peito nus, apesar do frio e do gelo.

– Oh, um homem nu! – bradou a mais nova das duas mulheres.  
– Estaremos nós na Oceania?

Recuou um passo e foi esconder-se por detrás da amiga.

– Procura a rua de Saint-Claude? – prosseguiu o moço de padeiro, que nada compreendera do movimento que a mais nova das duas mulheres fizera, e que, acostumado ao seu vestuário extravagante e ligeiro, estava bem longe de lhe atribuir a força centrífuga, cujo resultado acabamos de ver.

– Sim, senhor, a rua de Saint-Claude – respondeu a mais velha das duas mulheres comprimindo uma forte vontade de rir.

– Oh! não é difícil de achar, e de mais eu vou acompanhá-las até lá – respondeu o rapaz enfarinhado, que, unindo as obras às palavras, começou a desdobrar o compasso das imensas pernas magras, no fim das quais se viam dois enormes sapatos, que muito se pareciam com dois barcos.

– Não! não! – disse a mais velha das duas mulheres, que certamente preferia não ser encontrada com semelhante guia; – ensine-nos a rua sem se incomodar, e faremos o possível por seguir as suas indicações.

– É a primeira rua do lado direito, minha senhora – respondeu o guia retirando-se discretamente.

– Agradecidas – disseram ambas.

E correram na direção indicada, levando os regalos à boca para abafar o riso.

## II

### Um interior

Creemos que os nossos leitores se não esqueceram ainda da rua de Saint-Claude, que confina a leste com o bulevar e a oeste com a rua de Saint-Louis, porque viram mais de um dos personagens, que representaram ou que têm de representar um papel nesta história, percorrê-la noutra tempo, isto é, quando lá habitava o grande físico José Bálamo com a sua sibila Lorenza e o seu mestre Althotas.

Tanto em 1784 como em 1770, época em que pela primeira vez lá conduzimos os nossos leitores, a rua de Saint-Claude era uma rua pacata, pouco clara, é verdade, pouco asseada, também é verdade, numa palavra pouco frequentada, pouco edificada e pouco conhecida. Mas tinha o nome de um santo e a sua qualidade de rua do Marais, e como tal abrigava três ou quatro casas, que compunham o seu efetivo, vários proprietários pobres, vários pobres mercadores e vários pobres indigentes, esquecidos nos registros da paróquia.

Além dessas três ou quatro casas havia ainda, na esquina do bulevar, um palácio de boa aparência, com que a rua de Saint-Claude se poderia glorificar, como sendo um edifício aristocrático; mas esse edifício, cujas grandes janelas teriam podido alumiar toda a rua num dia de festa, lançando por cima do muro do pátio o simples reflexo dos candelabros e dos lustres, era o mais escuro, o mais mudo e o mais fechado de todos os daquele bairro.

A porta nunca se abria; as janelas, com almofadas de couro por dentro, tinham em cada tábuas das gelosias, em cada plinto das portas, uma camada de poeira, que os fisiologistas ou os geólogos acusariam de datar de dez anos.

Não raro algum caminhante ocioso, algum curioso ou algum vizinho, se chegava ao portão, e pelo grande buraco da fechadura examinava o interior do palácio.

Então só via as ervas que cresciam por entre as pedras que calçavam o pátio, e o musgo que cobria as lajes. Por vezes uma enorme ratazana, habitante daquele domínio abandonado, atravessava tranquilamente o pátio e ia meter-se nos subterrâneos, modéstia supérflua, visto ela ter à sua inteira e plena disposição salas e gabinetes muito cómodos e onde os gatos não podiam ir perturbá-la.

Se o sujeito era um caminhante ou um curioso, depois de se ter certificado da solidão do palácio, continuava o seu caminho; mas se era um vizinho, como era maior o interesse que o ligava à casa, ficava-se quase sempre bastante tempo em observação, até que outro vizinho fosse tomar lugar ao pé dele, atraído por igual curiosidade; então quase sempre entabulavam uma conversa, de que temos quase a certeza de poder contar o fundo, senão os pormenores.

– Vizinho – dizia o que não espreitava ao que estava observando – o que vê na casa do Sr. conde de Bálsamo?

– Vizinho – respondia o que espreitava ao que não estava espreitando – vejo a rata.

– Sim? Dá-me licença?

E o segundo curioso ia por sua vez espreitar.

– Vê-a? – perguntava o que se retirara ao que estava espreitando.

– Vejo, sim – respondia este – vejo. Ai, senhor, como ela tem engordado!

– Acha?

– Tenho-o por certo.

– Também não é de admirar, porque está à vontade.

– E seguramente, digam lá o que disserem, devem-lhe ter ficado bons bocados na casa.

– Bons bocados, diz o senhor?

– Sim, o Sr. de Bálsamo desapareceu muito de súbito para que não lhe esquecesse alguma coisa.

– Ah! vizinho, quando uma casa está meio queimada, o que quer o senhor que lhe tenham esquecido dentro?

– Na verdade, vizinho, pode ser que tenha razão.

E depois de ter novamente contemplado a ratazana, separavam-se aterrados por terem dito tanta coisa sobre assunto tão misterioso e delicado.

Efetivamente, desde o incêndio daquela casa, ou antes de uma parte da casa, Bálsamo desaparecera, nenhum concerto se fizera, e o palácio tinha ficado abandonado.

Deixemos surgindo no meio da noite, sombrio e úmido, com os terraços cobertos de neve e o telhado aberto pelas chamas, o velho palácio diante do qual não quisemos passar sem nos demorarmos, como diante de um conhecimento antigo; e dali, atravessando a rua para passar da esquerda para a direita, olhemos para essa casa alta e estreita, contígua a um pequeno jardim fechado por um muro alto, e que se eleva no ar como uma grande torre branca sobre o fundo azul-pardacento do céu.

No cimo dessa casa, via-se uma chaminé direita como um para-raios, em cujo zénite cintilava uma estrela.

O último andar da casa ficaria despercebido no espaço, se não fosse um raio de luz, que avermelhava duas janelas das três de que se compõe a frontaria.

Os outros andares são tristes e sombrios. Dormirão já os moradores? Estarão economizando, metidos nas suas camas, a luz, que tão cara é, e a lenha, tão rara neste ano. O facto é que os quatro andares nem sinal dão de existência, ao passo que o quinto não só existe, senão que brilha com certa afetação.

Batamos à porta; subamos a sombria escada, que termina nesse quinto andar, onde temos que fazer. Uma simples escada postada contra a parede conduz ao andar superior.

Da porta pende uma aldraba; um capacho e uma placa de madeira compõem os adornos da escada.

Aberta a primeira porta, entremos num quarto escuro e nu; é a esse quarto, que pertence a janela que não tem luz. Serve de saleta e dá para outra casa, cujas particularidades merecem a nossa atenção.

Ladrilhe por sobrado, portas toscamente pintadas, três cadeiras de madeira branca estofadas de veludo amarelo e um pobre sofá, cujas almofadas cheias de pregas acusam velhice.

As pregas e a flacidez são as rugas e a atonia de um sofá velho; enquanto novo, resistia afagando; depois de velho, em vez de repelir o hóspede, acompanha-o na pressão; e quando está vencido, isto é, quando se lhe assentam em cima, geme.

Dois retratos pendurados na parede atraem a atenção. Um castiçal e um candeeiro, postos um sobre um velador de três pés e o outro sobre o fogão, combinam os lumes de maneira que faz dos dois retratos dois focos de luz.

Gorro na cabeça, rosto pálido e comprido, olhes sem brilho, barba pontiaguda, gorjeira de roca, o primeiro desses retratos recomenda-se pela notoriedade; é o rosto heroicamente semelhante de Henrique III, rei da França e da Polónia.

Por baixo lê-se uma inscrição traçada em letras pretas na moldura mal dourada:

HENRIQUE DE VALOIS

O outro retrato, mais recentemente dourado, cuja pintura tem de fresco quanto a outra tem de antiga, representa uma mulher nova de olhes pretos, nariz fino e direito, faces salientes e boca circumspecta. Está toucada, ou antes esmagada sob uma construção de cabelos e de sedas, ao pé da qual o gorro de Henrique III toma as proporções de um monte de terra ao pé de uma pirâmide.

Debaixo deste retrato lê-se igualmente em letras pretas:

JOANA DE VALOIS

E se depois de termos examinado o lar do fogão sem lume, as miseráveis cortinas de cassa da cama, coberta de damasco verde desbotado, houver quem deseje saber que relação têm esses retratos com os moradores daquele quinto andar, basta que se volte para uma pequena mesa de pinho, onde, encostada ao cotovelo do braço esquerdo, está uma mulher vestida com simplicidade examinando várias cartas fechadas e relendo-lhes os sobrescritos.

Esta mulher é o original do retrato.

Três passos distante dela, em atitude meio curiosa, meio respeitosa, uma criada velha, de sessenta anos, vestida como as

aias de Greuze, espera e olha.

“Joana de Valois”, dizia a inscrição.

Mas, se essa mulher é uma Valois, como é que Henrique III, o rei sibarita e voluptuoso, suportava, mesmo em pintura, o espetáculo de semelhante miséria, quando se tratava, não só de uma pessoa da sua raça, senão também do seu nome?

E contudo, a Sr.<sup>a</sup> do quinto andar não desmentia pessoalmente a origem. Tinha as mãos claras e delicadas, que aquecia, de vez em quando, debaixo dos braços encruzados. O pé pequeno, fino, arqueado, metido numa chinelinha de veludo ainda elegante, tentava aquecer-se, batendo contra o ladrilhe luzente e frio como o gelo que cobria a cidade de Paris.

Depois, como a brisa sibilava por baixo das portas e pelas fendas das janelas, a criada abanava tristemente a cabeça, encolhia os ombros e olhava para o fogão sem lume.

Quanto à senhora, a dona da casa, continuava contando as cartas e lendo os sobrescritos.

Em seguida, depois de cada leitura, fazia um pequeno cálculo.

– A Sr.<sup>a</sup> de Misery, – murmurava ela – primeira açafata de Sua Majestade. Deste lado não se deve esperar mais de seis luíses, porque já me deu.

E suspirou.

– O Sr. de Ormesson, uma audiência.

– O Sr. de Callone, um conselhe.

– O Sr. de Rohan, uma visita. E há de ser preciso fazer com que ma venha pagar – disse ela sorrindo.

– Temos, portanto – continuou no mesmo tom de salmodia – oito luíses certos daqui a oito dias.

E ergueu a cabeça.

– Sr.<sup>a</sup> Clotilde, espevite essa vela.

A criada obedeceu, e voltou para o seu lugar séria e atenta.

A espécie de espionagem, de que estava sendo objeto, pareceu cansar a ama.

– Veja – disse – se há por aí algum coto de cera, e dê-mo. Não posso suportar as velas de sebo.

– Não há – respondeu a velha.

– Veja sempre.

– Onde?

– Na saleta.

– Está lá muito frio.

– Sempre tem de lá ir, porque tocam a campainha – disse a ama.

– A senhora engana-se – respondeu teimosa a velha.

– Pareceu-me que ouvi tocar, Sr.<sup>a</sup> Clotilde.

E vendo que a velha resistia, cedeu, murmurando consigo, como fazem as pessoas que, por qualquer motivo, têm deixado os inferiores tomarem direitos que lhes não deveriam pertencer.

Depois voltou aos seus cálculos.

– Oito luíses, dos quais devo três aqui no sítio.

Pegou na pena e escreveu:

– Três luíses... cinco prometidos ao Sr. de La Motte, para lhe fazer suportar a sua permanência em Bar-sur-Aube... Pobre diabo! não o enriqueceu o nosso casamento; paciência!

E sorriu novamente; mas desta vez contemplando-se num espelho colocado entre dois retratos.

– Agora – continuou ela – jornadas de Versalhes a Paris e de Paris a Versalhes, um luís.

E escreveu essa quantia na coluna das despesas.

– Agora sustento da casa por oito dias, um luís.

E escreveu novamente.

– Vestuário, carruagens, gratificações aos porteiros das casas a que recorro: quatro luíses. Não me esqueceria coisa nenhuma? Vejamos a soma.

Mas no meio da soma interrompeu-se.

– Digo-lhe que tocam a campainha.

– Não, minha senhora – respondeu a velha entorpecida no seu lugar. – Não é aqui, é em baixo no quarto andar.

– Quatro, seis, onze, catorze luíses: vêm a faltar seis, e preciso renovar toda a minha guarda-roupa, e pagar a esta velha estúpida para a despedir.

Depois, de repente, bradou enraivecida:

– Repito-lhe que estão tocando, senhora.

E desta vez, força é confessá-lo, o ouvido mais indócil não poderia negar-se a compreender o chamamento exterior; a campainha, puxada com vigor, estremeceu e vibrou tanto tempo que o badalo lhe bateu nas paredes mais de meia dúzia de vezes.

A essa bulha, e enquanto a velha, despertada afinal, corria à saleta, a ama, ágil como um esquilo, tirava os papéis e as cartas espalhadas por cima da mesa, metia tudo numa gaveta, e depois de passar uma vista de olhos rápida pelo quarto, para assegurar-se de que tudo estava em boa ordem, assentava-se no sofá na atitude humilde e triste de uma pessoa doente, mas resignada.

Mas, apressemo-nos a dizê-lo, só o corpo descansava. Os olhos ativos, inquietos, vigilantes, interrogavam o espelhe, que refletia a porta da entrada, ao passo que o ouvido, sempre à escuta, preparava-se para receber o mais leve rumor.

A criada abriu a porta, e ouviram-se murmurar palavras na antecâmara.

Então uma voz fresca e suave, mas cheia de firmeza, pronunciou estas palavras:

– É aqui que mora a Sr.<sup>a</sup> condessa de La Motte?

– A Sr.<sup>a</sup> condessa de La Motte de Valois? – repetiu Clotilde, com voz fanhosa.

– Isso mesmo, minha boa senhora, a Sr.<sup>a</sup> de La Motte está em casa?

– Está, sim, minha senhora, e demasiado doente para poder sair.

Durante este colóquio, de que ela não perdera uma única sílaba, a fingida doente viu no espelhe uma mulher fazendo perguntas a Clotilde, e percebeu que essa mulher pertencia, segundo todas as aparências, a uma classe elevada da sociedade.

Levantou-se do sofá e foi assentar-se na poltrona, para deixar à visita o lugar de honra.

Enquanto ela fazia este movimento, não pôde ver que a visitante voltara no patamar da escada e dissera a outra pessoa, que ficara na sombra:

– Pode entrar, minha senhora, é aqui.

A porta fechou-se de novo, e as duas mulheres, que vimos perguntando o caminho da rua de Saint-Claude, acabavam de entrar em casa da condessa de La Motte de Valois.

– Quem deverei eu anunciar à Sr.<sup>a</sup> condessa? – perguntou Clotilde levantando curiosamente, mas com respeito, a vela, de modo que alumiasse o rosto das mulheres.

– Anuncie uma dama de caridade – disse a mais velha.

– De Paris?

– Não de Versalhes.

Clotilde entrou na sala; as desconhecidas seguiram-na e acharam-se na sala, no momento em que Joana de Valois se erguia custosamente da sua cadeira para cortejar com toda a civilidade as suas visitas.

Clotilde puxou as duas cadeiras, para que as senhoras pudessem escolher, e retirou-se para a saleta com tão prudente vagar, que bem deixava perceber que escutaria pelo buraco da fechadura a conversa que ia ter lugar.

### III

## Joana de La Motte de Valois

O primeiro cuidado de Joana de La Motte, logo que pôde erguer os olhos, foi ver a qualidade das pessoas com quem tinha de tratar.

A mais velha das duas senhoras, como já dissemos, teria trinta ou trinta e dois anos, era de formosura distinta, apesar da altivez que se lhe pintava na fisionomia lhe tirar naturalmente uma parte do encanto que podia ter. Pelo menos assim o julgou Joana, pelo pouco que pôde ver do rosto da sua visita.

Com efeito, preferindo uma das cadeiras ao sofá, assentara-se longe da claridade que vinha da lâmpada, recuando para um dos cantos da casa e puxando para a testa o capuz de tafetá acolchoado do mantelete, que, por essa conveniente disposição, lhe projetava a sombra no rosto.

Mas era tão altivo o porte da cabeça, os olhos tão vivos e tão naturalmente dilatados, que ainda que se disfarçassem todas as particularidades, a visita, pelo seu todo, devia ser reconhecida como sendo de boa raça e principalmente de raça nobre.

Menos nobre, tímida, pelo menos na aparência, a companheira, ainda que quatro ou cinco anos mais nova, não dissimulava a sua verdadeira formosura.

Um rosto admirável de desenho e colorido, um penteado que lhe descobria bem as fontes, fazendo destacar o perfeito oval da cara; dois grandes olhos azuis, de grande serenidade, vivos e penetrantes; boca de um suave desenho, a que a natureza dera franqueza e a educação e a etiqueta discrição; nariz que, pela forma, nada tinha que invejar ao da Vênus de Médicis, foi o que Joana pôde avaliar num rápido olhar. Depois, passando a outros

pormenores, a condessa pôde notar que a cintura da mais nova das duas senhoras era mais fina e mais flexível que a da sua companheira, o peito mais vasto e dilatado, e finalmente a mão tão polpuda, quanto a da outra senhora era ao mesmo tempo fina e nervosa.

Em poucos segundos fez Joana de Valois todas estas observações, isto é, em menos tempo do que o que empregamos em consigná-las aqui.

Depois, feitas as observações, perguntou a que feliz circunstância devia a visita daquelas senhoras.

As duas senhoras olharam uma para a outra, e a um sinal da mais velha, disse a mais nova:

– Minha senhora... creio que é casada, não é verdade?

– Tenho a honra de ser mulher do Sr. conde de La Motte, minha senhora, um excelente fidalgo.

– Pois bem, nós, Sr.<sup>a</sup> condessa, somos superiores de um estabelecimento de caridade. Contaram-nos, relativamente à sua condição, certas circunstâncias que nos interessaram, e por consequência quisemos ter alguns esclarecimentos exatos sobre quanto lhe diz respeito.

Joana deteve-se um instante antes de responder.

– Minhas senhoras – disse por fim, notando o modo reservado da outra dama – veem acolá o retrato de Henrique III, isto é, do irmão de meu avô; porque sou verdadeiramente do sangue dos Valois, como sem dúvida lhe hão de ter dito.

E esperou nova pergunta, olhando para as duas senhoras com uma espécie de humildade orgulhosa.

– Minha senhora – interrompeu então a voz grave e doce da mais velha das duas senhoras – é verdade, como dizem, que sua mãe fosse porteira numa casa chamada Fontette, situada em Bar-sur-Seine?

Joana corou a tal lembrança, mas respondeu logo sem se perturbar:

– É verdade, minha senhora; minha mãe era porteira de uma casa chamada Fontette.

– Ah! – disse a interlocutora.

– E como Maria Jossel, minha mãe, era de rara beleza — prosseguiu Joana, — meu pai namorou-se dela e casou. É pela parte de meu pai que sou de raça nobre. Meu pai, minha senhora, era Saint-Remy de Valois, descendente direto dos Valois que reinaram.

– Mas como desceu a tal grau de miséria, minha senhora? — perguntou a que tinha já feito as outras perguntas.

– É fácil de compreender.

– Queira dizer.

– Não ignora que depois da elevação de Henrique IV, que fez passar a coroa da casa dos Valois para a dos Bourbons, a família decaída tinha ainda alguns ramos, sem dúvida obscuros, mas incontestavelmente saídos da raça comum aos quatro irmãos, que todos pereceram fatalmente.

As duas senhoras fizeram um sinal que podia passar por assentimento.

– Ora — prosseguiu Joana — os ramos dos Valois, receando, apesar da sua obscuridade, afrontar a nobre família real, mudaram o nome de Valois para o de Remy, tomado de uma propriedade que possuíam, e a partir de Luís XIII, encontram-se com esse nome na genealogia até ao penúltimo Valois, meu avô, que vendo segura a monarquia e esquecido o antigo ramo, julgou não dever por mais tempo privar-se de um nome ilustre, que era o seu único apanágio. Tornou, portanto, a usar do nome de Valois, e levou-o consigo para a sombra da pobreza, no fundo da província, sem que na corte de França houvesse quem se lembrasse que, fora do brilho e esplendor do trono, vegetasse um descendente dos antigos reis de França, se não os mais gloriosos da monarquia, pelo menos os mais infelizes.

Joana interrompeu-se.

Tinha falado singelamente e com uma moderação que havia sido notada.

– Tem certamente as suas provas em boa ordem, minha senhora? — disse a mais velha das senhoras com doçura e fitando um olhar escrutador na que se dizia descendente dos Valois.

– Oh! minha senhora — respondeu esta com amargo sorriso — provas não me faltam. Meu pai tinha-as mandado exigir e organizar, e quando morreu deixou-mas todas, à falta doutra herança: mas de

que servem as provas de uma inútil verdade ou de uma verdade que ninguém quer reconhecer?

– Seu pai morreu? – perguntou a mais nova das duas senhoras.

– Infelizmente, morreu sim, minha senhora.

– Na província?

– Não, minha senhora.

– Em Paris, então?

– Em Paris.

– Nesta casa?

– Não, minha senhora; meu pai, barão de Valois, segundo neto do rei Henrique III, morreu de miséria e de fome.

– É impossível! — bradaram ao mesmo tempo as duas senhoras.

– Não aqui – prosseguiu Joana; – não nesta pobre casa, não na sua cama, fosse essa cama uma enxerga! Não; meu pai morreu ao lado dos mais pobres, dos mais miseráveis e doentes. Meu pai morreu numa cama do Hotel Dieu, em Paris.

As duas mulheres soltaram um grito de surpresa, que muito se parecia com um grito de terror.

Joana, satisfeita com o efeito que produzira, pela arte com que tinha conduzido o período e chegado ao desenlace, ficou imóvel, com os olhos voltados para o chão e a mão inerte.

A mais velha das duas senhoras examinava-a ao mesmo tempo com atenção e inteligência, e não vendo naquela dor, tão simples e natural, coisa alguma do que caracteriza o charlatanismo e a vulgaridade, prosseguiu:

– Pelo que me diz, minha senhora, experimentou grandes desgraças, e a morte de seu pai principalmente...

– Oh! se eu lhe contasse a minha vida, minha senhora, veria que a morte de meu pai não avulta no número das minhas desgraças.

– Como, minha senhora, olha como pequena desgraça a perda de seu pai? – disse a senhora franzindo o sobrolho com modo severo.

– Olhe, sim, minha senhora; e, dizendo isto, falo como mulher piedosa, porque meu pai, morrendo, achou-se livre de todos os males que sobre a terra o perseguiram e continuam a perseguir a sua desgraçada família. Portanto, no meio da dor que a sua perda

me causa, sinto um certo prazer em pensar que meu pai morreu, e que o descendente de reis já se não vê reduzido a mendigar o pão!

– Mendigar o pão?!

– Oh! sem vergonha o digo, porque nas suas infelicidades não há nem culpa de meu pai nem minha.

– Mas sua mãe...

– Minha mãe! com a mesma franqueza com que ainda há pouco eu lhe dizia, que agradecia a Deus por ter chamado a si meu pai, me queixo que a deixasse viver.

As duas mulheres olhavam uma para a outra, estremeçando quase, àquelas singulares palavras.

– Seria indiscrição, minha senhora, pedir-lhe uma narração mais circunstanciada das suas desgraças? – disse a mais velha.

– A indiscrição, minha senhora, só seria minha porque lhes cansaria os ouvidos com a narração de desgraças, que só lhes podem ser indiferentes.

– Eu ouço, minha senhora – respondeu majestosamente a mais velha das duas senhoras, a quem a sua companheira dirigiu no mesmo instante um olhar significativo, como para a convidar a conter-se.

Efetivamente, a Sr.<sup>a</sup> de La Motte notara o tom imperioso daquela voz, e contemplava com admiração a senhora.

– Eu ouço, se quer fazer-me a mercê de falar.

E cedendo a um movimento de desconforto, causado certamente pelo frio, estremeceu e esfregou os pés contra o ladrilhe em que gelavam.

Então a mais moça chegou-lhe, oferecendo-lhe, uma espécie de tapete que estava debaixo da sua cadeira, atenção que a companheira lhe repreendeu com um olhar.

– Guarde para si esse tapete, minha irmã, é mais delicada do que eu.

– Perdão, minha senhora – disse a condessa de La Motte – estou profundamente penalizada pelo frio que devem sentir; mas o preço da lenha acaba de aumentar seis libras, o que o eleva a setenta libras cada carga, e o provimento que eu tinha acabou há oito dias.

– Dizia, minha senhora – redarguiu a mais velha das duas senhoras – que era uma desgraça ter mãe?

– Sim, minha senhora e concebo que semelhante blasfêmia requeira explicação – disse Joana – e essa explicação vou dar-lhe, visto dizer-me que a desejava.

A interlocutora da condessa fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Tive já a honra de lhe dizer, minha senhora, que meu pai tinha feito um casamento desigual.

– Sim, casando com uma porteira.

– Pois bem, Maria Fossel, minha mãe, em lugar de se mostrar agradecida e soberba pela honra que lhe faziam, começou por arruinar meu pai, o que aliás não era difícil, satisfazendo a avidez das suas exigências, à custa do pouco que o marido possuía. Depois, tendo-o levado a vender o último pedaço de terra, persuadiu-o a vir a Paris para reivindicar os direitos que lhe provinham do nome. Meu pai deixou-se facilmente seduzir, talvez pela esperança da justiça de *el rei*. Veio, portanto, depois de ter convertido em dinheiro o pouco que possuía.

Além de mim, tinha meu pai mais um filhe e uma filha. O filhe, desgraçado como eu, vegeta nas últimas fileiras do exército; a filha, minha irmã, foi abandonada na véspera da partida de meu pai para Paris, diante da porta de um lavrador, que era seu padrinho.

A viagem consumiu o pouco dinheiro que tínhamos; meu pai cansou-se em fazer requerimentos inúteis e sem resultado. Só o víamos aparecer em casa, trazendo a miséria para onde só a miséria encontrava. Na sua ausência, minha mãe, a quem era necessária uma vítima, azedou-se contra mim. Começou por me lançar em rosto a parte que eu tomava na comida. A pouco e pouco ia eu preferindo comer só pão seco ou não comer coisa alguma a assentar-me à nossa pobre mesa; mas não faltaram à minha mãe pretextos de castigo: à mais leve falta, mesmo destas que algumas vezes provocariam o sorriso de uma mãe qualquer, a minha batia-me; alguns vizinhos, julgando prestar-me serviço, denunciaram a meu pai os maus tratos que minha mãe me dava. Meu pai tentou defender-me, mas não percebeu que a sua proteção mudava a

minha inimiga de um momento em eterna madrasta. Ah! eu não podia dar-lhe um conselho no meu próprio interesse, era muito moça, muito criança. Nada sabia explicar. Experimentava os efeitos sem procurar adivinhar as causas. Só conhecia a dor, nada mais.

Meu pai adoeceu, viu-se obrigado a ficar em casa, e poucos dias depois, nem da cama se podia levantar. Então fizeram-me sair do quarto de meu pai, sob pretexto de que a minha presença o incomodava e que eu não sabia reprimir a necessidade de movimento que é a vida das crianças. Uma vez fora do quarto, pertenci como dantes a minha mãe. Ensinou-me uma frase, que me fez decorar à força de pancadas; e depois, quando eu soube de cor essa frase humilhante, que instintivamente não queria aprender, quando as lágrimas tornaram os meus olhos vermelhos, mandou-me para a porta da rua, e de lá ordenou-me que me dirigisse à primeira pessoa de bom aspecto que passasse, com ordem de lhe dizer a tal frase, se não queria ser espancada até à morte.

– Oh! horrível! horrível! – murmurou a mais nova das duas mulheres.

– E que frase era essa? – perguntou a mais velha.

– A frase, era esta: “Senhor, compadecei-vos de uma orfãzinha, que descende em linha reta de Henrique de Valois”.

– Oh! que horror! – bradou a mais velha com repugnância.

– E que efeito produzia essa frase naqueles a quem a dirigia? – perguntou a mais moça.

– Uns escutavam-me condoídos – disse Joana – outros enfiavam-se e ameaçavam-me; outros, enfim, mais caridosos que os primeiros, preveniam-me do grande perigo que eu corria pronunciando semelhantes palavras, que podiam ser ouvidas por pessoas desprevenidas. Mas eu só conhecia um perigo, o de desobedecer a minha mãe, só tinha um receio, o de ser espancada.

– E que sucedeu?

– Meu Deus ! sucedeu, minha senhora, o que minha mãe esperava; trouxe um pouco de dinheiro para casa, e meu pai viu demorar-se por mais alguns dias a horrível perspectiva que o ameaçava: o hospital.

As feições da mais velha das duas senhoras contraíam-se, e as lágrimas assomaram aos olhos da mais nova.

– Enfim, minha senhora, apesar do alívio que trazia a meu pai, aquele horrível meio repugnava-me. Um dia, em vez de correr atrás das pessoas que passavam e de as perseguir com a minha frase habitual, assentei-me junto de um marco de pedra, onde me deixei ficar parte do dia como esquecida de tudo. À noite voltei para casa com as mãos vazias, e minha mãe tanto me espancou, que adoeci. Foi então que meu pai, vendo-se sem recursos, teve de ir para o hospital, onde morreu.

– Oh! que horrível história! – murmuraram as duas senhoras.

– Mas então, depois da morte de seu pai, que fez? – perguntou a mais nova das duas senhoras.

– Compadeceu-se Deus de mim. Um mês depois da morte de meu infeliz pai, minha mãe fugiu com um soldado, seu amante, abandonando-nos a meu irmão e a mim.

– Ficaram órfãos?

– Oh! minha senhora, nós éramos mais órfãos quando tínhamos mãe. A caridade pública adotou-nos. Mas como nos repugnava mendigar, só íamos mendigar até colher o preciso. Deus ordena às suas criaturas que façam pela vida.

– Ah!

– Um dia, minha senhora, tive a fortuna de encontrar uma carruagem, que lentamente subia a encosta do bairro Saint-Marcel; quatro lacaios, vinham na tábuca, dentro estava uma mulher ainda moça e bonita; estendi a mão para ela; fez-me algumas perguntas; a minha resposta e o meu nome surpreenderam-na, depois mostrou-se incrédula. Ensinei-lhe a minha morada. No dia seguinte já ela sabia que eu não tinha mentido; adotou-nos, colocou meu irmão num regimento e a mim numa modista. Estávamos ambos salvos da fome.

– Essa senhora, não era a Sr.<sup>a</sup> de Boulainvilliers?

– Era ela mesma.

– Parece-me que já morreu.

– Morreu, e a sua morte lançou-me de novo no abismo.

– Mas o marido ainda vive; é rico.

– O marido, minha senhora, a ele devo eu todas as minhas infelicidades de moça, como devo a minha mãe todas as minhas infelicidades de menina. Eu tinha crescido, tinha-me talvez tornado formosa: ele conheceu-o, e quis pôr um preço aos seus benefícios: recusei. Foi por este tempo que a Sr.<sup>a</sup> de Boulainvilliers morreu, e eu, que ela tinha casado com um militar leal e valente, o Sr. de La Motte, achei-me, pela morte daquela senhora, mais abandonada de que o havia sido depois da morte de meu pai, porque meu marido estava ausente. É esta a minha história, minha senhora: encurtei-a o mais que pude; os padecimentos são sempre enfadonhos aos ouvidos das pessoas felizes, por bom coração que tenham, como as senhoras mostram ter.

A este último período da história da Sr.<sup>a</sup> de La Motte, sucedeu longo silêncio.

A mais velha das duas senhoras foi a primeira que o rompeu.

– E que faz seu marido? – perguntou ela.

– Meu marido está de guarnição em Bar-sur-Aube, minha senhora; serve na gendarmaria, e espera, como eu, tempos mais felizes.

– Mas a senhora dirigiu-se à corte?...

– Certamente!

– O nome de Valois, justificado por títulos, deve ter despertado simpatias.

– Não sei, minha senhora, que sentimentos pode o meu nome ter despertado, porque não recebi despacho nenhum aos meus requerimentos.

– Contudo, estive com os ministros, com o rei, com a rainha?

– Não, minha senhora. Têm sido vãs todas as minhas tentativas – redarguiu a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

– Entretanto, não pode mendigar.

– Não, minha senhora, perdi o uso de o fazer. Mas...

– Mas o que?

– Mas posso morrer de fome, como meu pai.

– Não tem filhos?

– Não, minha senhora, e meu marido, fazendo-se matar pelo serviço de *el rei*, achará pelo menos da sua parte um glorioso termo

às nossas misérias.

– A senhora pode – sinto muito ter que insistir neste ponto, – pode fornecer-me as provas justificativas da sua genealogia?

Joana levantou-se, abriu uma gaveta e tirou dela alguns papéis, que apresentou à sua interlocutora.

Mas como queria aproveitar o momento em que, para os examinar, a senhora se aproximasse da luz e descobrisse inteiramente as feições, revelou a sua intenção, pelo cuidado com que foi levantar mais a torcida do candeeiro, a fim de aumentar a claridade.

Então a dama de caridade, como se a luz demasiadamente viva lhe ferisse a vista, voltou as costas ao candeeiro e por consequência à Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

Foi nesta posição que leu atentamente e examinou cada documento, um depois do outro.

– Mas – disse depois – só vejo aqui algumas cópias de documentos, minha senhora, e não papéis devidamente autênticos.

– Os originais, minha senhora – respondeu Joana – estão depositados em lugar seguro e hei de apresentá-los.

– Se uma ocasião importante se oferecer, não é verdade? – disse a senhora sorrindo.

– Minha senhora, é sem dúvida bem importante a ocasião que me fornece a honra de a ver; mas os documentos de que me fala são para mim tão preciosos que...

– Percebo. Não os pode assim entregar a uma pessoa avulsa, desconhecida...

– Oh! minha senhora – bradou a condessa, que finalmente acabava de entrever o rosto, cheio de dignidade, da sua protetora – oh! minha senhora, parece-me que para mim não é uma pessoa avulsa.

E logo depois, indo rapidamente abrir outra gaveta, que era de segredo, tirou os originais das peças justificativas, cuidadosamente fechados numa pasta velha com o brasão dos Valois.

A senhora recebeu-os, e depois de um exame inteligente e atento, disse:

– Tem razão, estes documentos estão perfeitamente em regra, e convido-a a que não deixe de os fazer valer oportunamente.

– E que alcançarei com isso, minha senhora?

– Sem dúvida, alcançará para si uma pensão e um adiantamento para o Sr. de La Motte, por pouco que ele seja digno disso.

– Meu marido é o modelo da honra, minha senhora, e nunca faltou aos deveres do serviço militar.

– Basta, minha senhora – disse a dama de caridade, puxando de todo para diante o capuz do mantelete.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte seguia-lhe com ansiedade todos os movimentos.

Viu-a meter a mão na algibeira, de onde retirou primeiramente o lenço bordado, que lhe servira para ocultar o rosto quando atravessara os bulevares no trenó.

Depois do lenço, tirou um pequeno rolo com uma polegada de diâmetro e três ou quatro de comprimento.

A dama de caridade pôs o rolo em cima da cómoda, dizendo:

– A sociedade das Obras Pias autoriza-me a oferecer-lhe este pequeno socorro, enquanto lhe não presta auxílio um pouco mais eficaz.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte lançou um rápido olhar para o rolo.

– São escudos de três libras – pensou ela; – deve ter pelo menos cinquenta ou talvez cem. Bem; são cento e cinquenta ou talvez trezentas libras que nos caem do céu. Assim mesmo para cem acho-o demasiadamente curto; mas também me parece muito comprido para cinquenta.

Enquanto ela fazia estas observações, tinham as duas jovens senhoras saído para a saleta, onde a Sr.<sup>a</sup> Clotilde dormia numa cadeira ao pé de uma vela, cujo pavio vermelhe e fumacento saía do centro de um pouco de sebo derretido.

O cheiro acre e nauseabundo incomodou muito a dama de caridade, que pusera o rolo sobre a cómoda.

Levou vivamente a mão à algibeira e tirou dela um frasco.

Mas ao chamamento de Joana, tinha a Sr.<sup>a</sup> Clotilde acordado, e agarrando com as mãos ambas a vela de sebo, elevava-a como um

farol acima da cabeça, a despeito do protesto das duas estranhas, a quem alumiava sufocando-as.

– Até outra vez, até outra vez, Sr.<sup>a</sup> condessa – bradaram elas e correram para a escada.

– Onde poderei eu ter a honra de lhes agradecer, minhas senhoras? – perguntou Joana de Valois.

– Nós lhe mandaremos dizer – respondeu a mais velha das duas senhoras descendo a escada o mais rapidamente possível.

E o ruído produzido pelos passos perdeu-se na profundidade dos andares inferiores.

A Sr.<sup>a</sup> de Valois voltou para dentro, impaciente por verificar se eram exatas as suas observações sobre o rolo. Mas atravessando a saleta, deu com o pé num objeto que rolou de cima do capacho, que servia para calafetar a fenda da porta.

Abaixar-se, apanhar o objeto e correr ao candeeiro, foi a primeira inspiração da condessa de La Motte.

Era uma caixa de ouro, chata e singelamente lavrada.

Continha algumas pastilhas de chocolate perfumadas; mas apesar de ser tão chata, via-se bem que tinha um fundo falso, cujo segredo a condessa levou algum tempo a procurar.

Achou a mola e abriu o fundo.

Apareceu logo um retrato de mulher, severo, deslumbrante, de formosura varonil e imperiosa majestade.

Um toucado alemão, um colar magnífico, semelhante ao de uma ordem militar, davam à fisionomia desse retrato uma estranheza admirável.

Uma firma composta de um M e um T, enlaçados numa coroa de louro, ocupava a tampa da caixa.

Graças à semelhança do retrato com o rosto da sua benfeitora, a Sr.<sup>a</sup> de La Motte supôs que seria um retrato de mãe ou de avó, e o seu primeiro movimento, devemos dizê-lo, foi de correr à escada para chamar as duas senhoras.

A porta da rua fechava-se.

Depois correu à janela para as chamar, porque era já tarde para correr na rua em seu alcance.

Mas só viu um cabriolé, que partia rapidamente da extremidade da rua de Saint-Claude para a rua de Saint-Louis.

A condessa, não tendo já esperança de alcançar as suas protetoras, contemplou outra vez a caixa, prometendo a si mesma que a levaria a Versalhes; depois, pegando no rolo que ficara sobre a cómoda, disse:

– Não me enganei, só tem cinquenta escudos.

E o papel rasgado caiu no chão.

– Luíses! luíses duplos! – bradou a condessa – Cinquenta luíses duplos! duas mil e quatrocentas libras!

E a mais viva alegria se lhe pintou no rosto, enquanto Clotilde, maravilhada com o aspecto do ouro, que nunca em sua vida vira em tal quantidade, ficava boquiaberta e de mãos postas.

– Cem luíses!... – repetiu a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

Aquelas senhoras devem ser riquíssimas. Oh! hei de tornar a encontrá-las!

# IV

## Belo

Não se enganara a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, pensando que o cabriolé que vira levava as duas senhoras que acabavam de socorrê-la.

Tinham, efetivamente, encontrado ao pé da casa um cabriolé como naquela época se construíam, isto é, de rodas grandes, caixa leve e atrás um assento muito cómodo para o jóquei.

Este cabriolé, tirado por um magnífico cavalo irlandês, de cauda curta, ancas redondas e baio, fora levado à rua de Saint-Claude pelo mesmo criado que conduzira o trenó e a quem a ama chamara Weber, conforme ouvimos.

Weber segurava o cavalo pelo freio quando as senhoras chegaram; tentava moderar a impaciência do feroso animal, que batia com pé nervoso sobre o gelo, que com a noite enrijara.

Assim que as duas senhoras apareceram, Weber disse:

– Minha senhora, eu tinha mandado pedir o Cipião, que é muito manso e fácil de guiar, mas o Cipião está com um quarto aberto desde ontem à noite; não havia senão o Belo, que é muito feroso.

– Oh! para mim, bem sabes, Weber – respondeu a mais idosa – que isso pouco importa; tenho pulso vigoroso e estou costumada a guiar.

– Sei que guia muito bem, mas os caminhos estão péssimos. Onde vai a minha senhora?

– A Versalhes.

– Pelos boulevards?

– Não, Weber, está muito frio e deve haver por lá muito gelo. As ruas, graças aos milhares de pessoas que as transitam, devem oferecer menos resistência. Vamos, depressa, Weber, depressa!

Weber segurou o cavalo, enquanto as senhoras subiam ligeiramente para o carro; depois saltou para o banco de trás e avisou que estava pronto.

Então a mais velha das duas senhoras, dirigindo-se à sua companheira, disse:

– Então! que pensa daquela condessa, Andréia?

E dizendo estas palavras, deu a mão ao cavalo, que partiu como um raio e voltou para a rua de Saint-Louis.

Era no momento em que a Sr.<sup>a</sup> de La Motte abria a janela para as chamar.

– Penso, minha senhora – respondeu a outra senhora – penso que a Sr.<sup>a</sup> de La Motte é pobre e desgraçadíssima.

– É bem criada, não lhe pareceu?

– Decerto.

– Acho-a fria a respeito dela, Andréia.

– Se quer que lhe confesse, notei-lhe na fisionomia alguma coisa de malicioso, que me não agradou.

– Oh! bem sei que é desconfiada, Andréia; e quem lhe quiser agradar há de reunir todas as qualidades. Eu acho aquela condessinha interessante e simples no seu orgulhe e na sua humildade.

– É uma fortuna para ela, minha senhora, a felicidade que teve de agradar a vossa...

– Tome cuidado! – bradou a senhora desviando vivamente o cavalo, que ia lançar por terra um homem na esquina da rua de Saint-Antoine.

– Cuidado!: cuidado... – bradou Weber com voz de estentor.

E o cabriolé continuou o seu caminho..

Quanto a Belo, firme nas suas pernas de aço, nem sequer uma vez escorregara, tanto a mão que o guiava sabia prever as inclinações e os perigos ao terreno.

Já se não murmurava em torno do cabriolé, vociferava-se; a senhora que ia guiando conheceu isso, e atribuindo a hostilidade a alguma causa comum, como o rigor dos tempos e a indisposição dos espíritos, resolveu abreviar a jornada.

Deu um estalo com a língua, e a esse único incentivo Belo estremeceu e passou do trote curto ao trote largo.

As lojas desapareciam, a gente que transitava fugia para os lados.

Os avisos para que tomassem cuidado não cessavam.

O cabriolé chegava quase ao Palais-Royal, acabava de passar diante da rua Coq-Saint-Honoré, em frente da qual o mais belo dos obeliscos de neve erguia ainda com soberba o seu colo diminuído pelos degelos, como um pedaço de açúcar cândi depois de chuchado por uma criança.

Coroava o obelisco um glorioso penacho de fitas, um pouco desbotadas, que seguravam um papel em que o escritor público daquele bairro traçara, em letras maiúsculas, a seguinte quadra, que flutuava entre duas lanternas:

Ergamos aqui singelo monumento

A rainha gentil, ao rei munificente:

Do gelo que o compõe quão diverso é

O fogo d'amor que nosso peito sente!

Foi neste lugar que Belo experimentou a primeira dificuldade séria. O monumento, que estavam iluminando, atraía grande número de curiosos, os quais tinham formado um ajuntamento, que não era possível atravessar a trote.

Foi, portanto, necessário meter Belo a passo.

Mas Belo fora visto chegar como um raio; tinham ouvido os gritos com que o vinham perseguindo, e ainda que ao aspecto do obstáculo ele tivesse repentinamente parado, a vista do cabriolé pareceu produzir péssimo efeito na multidão.

Todavia a multidão afastou-se.

Mas depois do obelisco, havia ainda outra causa de ajuntamento.

Só se ouviram as imprecações do homem, que escapara às rodas, e várias vozes, que lhe corresponderam como um eco, deram no mesmo instante o apoio de um clamor hostil ao cabriolé.

Em alguns segundos, porém, pôs Belo entre a sua ama e os blasfemadores todo o espaço que vai da rua de Sainte-Catherine à praça de Baudoyer.

O caminho ali é bifurcado, como todos sabem, mas a hábil condutora meteu resolutamente pela rua Tixéranderie, rua populosa, estreita e pouco aristocrática.

Entretanto, apesar dos reiterados avisos da senhora, apesar dos brados de Weber, não se ouviam senão exclamações furiosas das pessoas que passavam.

– Abaixo o cabriolé! Abaixo o cabriolé!

Belo passava sempre, e quem o guiava, apesar da delicadeza da sua mãozinha de criança, fazia-o correr rapidamente, sobretudo habilmente, nos charcos de neve derretida, ou nos gelos ainda mais perigosos, que se formavam nas regueiras das ruas.

Todavia, contra o que era de esperar, nenhuma desgraça sucedera. Na dianteira do carro, uma lanterna brilhante despedia os seus raios, luxo previdente, que não fora ainda imposto pela polícia aos cabriolés daquele tempo.

Nenhuma desgraça, dizemos, acontecera; nem fora de encontro às outras carruagens, nem roçara contra os marcos de pedra; ninguém fora pisado; era um milagre, e, contudo, os gritos e ameaças sucediam-se sempre.

Com a mesma rapidez e felicidade o cabriolé atravessou a rua de Saint-Martin e a rua Aubry-le-Boucher.

Talvez pensem os nossos leitores que o ódio contra o trem aristocrático se tornasse menos feroz na proximidade dos bairros civilizados.

Foi o contrário; apenas Belo entrou na rua Ferronnerie, Weber, sempre perseguido pelas vociferações da plebe, reparou que se formavam grupos no caminho do cabriolé, e que várias pessoas iam para correr atrás dele a fim de o agarrarem.

Todavia Weber não quis assustar a ama. Notou o sangue frio e destreza que ela desenvolvia, a habilidade com que vencida todos os obstáculos inertes ou vivos, que são ao mesmo tempo o desespero e o triunfo dos cocheiros de Paris.

As grades do Palais-Royal estavam abertas, e no pátio alguns imensos braseiros aqueciam um exército de mendigos, a quem os lacaios do Sr. de Orleans distribuía sopas em tigelas de barro.

Mas a gente que comia e a gente que se aquecia, por numerosa que fosse, era menos ainda do que aquela que estava ali para ver os que se aqueciam e comiam. É hábito de Paris: para um ator, faça ele o que fizer, há sempre espectadores.

Portanto, depois de ter vencido o primeiro obstáculo, viu-se o cabriolé obrigado a parar diante do segundo, como um navio no meio dos escolhes.

No mesmo instante chegaram distintamente aos ouvidos das duas senhoras os gritos que até então se tinham ouvido como uma bulha vaga e confusa.

Gritavam:

– Abaixo o cabriolé! abaixo os esmagadores do povo!

– Será a nós que se dirigem estes clamores? – cabriolé perguntou visivelmente inquieta à sua companheira, a senhora que ia guiando.

– Na verdade, minha senhora – respondeu esta – receio muito que seja.

– Esmagaríamos alguém?

– Ninguém.

– Abaixo o cabriolé! abaixo os esmagadores do povo! – bradava furiosamente a multidão.

Formava-se a tempestade, o cavalo acabava de ser agarrado pela rédea, e o Belo, que gostava pouco de contato daquelas mãos rudes, fazia corcovas e espumava.

– Para o comissário, para o comissário de polícia! – bradou uma voz.

As duas mulheres, no cúmulo da admiração, olharam uma para a outra.

Logo mil vozes repetiram:

– Para o comissário de polícia! para o comissário de polícia!

Entretanto as pessoas curiosas corriam para o cabriolé.

Os comentários circulavam entre a multidão.

– Olha, são mulheres! – disse uma voz.

– Sim, são raparigas dos Soubises, amantes do Hennin.

– Raparigas do teatro, que julgam ter direito para esmagar a gente pobre, porque têm dez mil libras por mês para lhe pagarem

as despesas do hospital.

Um brado furioso acolheu esta última imprecação.

As duas mulheres foram diversamente impressionadas. Uma recostou-se no cabriolé, trémula e pálida; a outra avançou resolutamente a cabeça, franziu o sobrolho e mordeu os beiços.

– Ai! senhora – bradou-lhe a companheira puxando-a para trás – que vai fazer?

– Para o comissário de polícia! para o comissário de polícia! – continuavam a gritar os encarniçados – é preciso conhecê-las.

– Ai! minha senhora, que estamos perdidas – disse a mais nova ao ouvido da companheira.

– Ânimo, Andréia, ânimo! – respondeu esta.

– Mas vão vê-la, e talvez conhecê-la!

– Veja pelo vidro do fundo se Weber vem ainda no seu lugar.

– Vem, mas quer descer; atacam-no, defende-se. Ah! lá vem ele.

– Weber! Weber! – disse a senhora em alemão – ajude-nos a apear.

O criado obedeceu e, graças a dois encontrões que deu com os ombros, repeliu a multidão e aproximou-se do cabriolé.

As duas mulheres saltaram ligeiramente ao chão.

Durante aquele tempo a ira do povo descarregava-se sobre o cavalo e o cabriolé, cuja caixa ameaçava quebrar.

– Mas, santo Deus, que é isto? – prosseguiu em alemão a mais velha das duas senhoras; – compreendes alguma coisa disto, Weber?

– Por minha vida, não, minha senhora – respondeu, o criado, falando muito mais à vontade naquela língua do que em francês, e dando para um e outro lado formidáveis pontapés para livrar a ama.

– Mas não são homens, são animais ferozes! – continuou a senhora falando sempre em alemão. – Que me levam eles a mal? vamos a saber.

No mesmo instante uma voz delicada, que fazia singular contraste com as ameaças e injúrias de que as duas senhoras estavam sendo vítimas, respondeu em puríssimo saxónio:

– Levam a mal, minha senhora, que transgredisse o edital da polícia, que foi afixado esta manhã em Paris, e que proíbe até à primavera que circulem cabriolés pelas ruas, que são já muito perigosas quando estão boas, mas que se tornam mortais aos que andam a pé quando gela, e não podem fugir das rodas.

A senhora voltou-se para ver donde vinha aquela voz cortês no meio de tantas vozes ameaçadoras.

Divisou então um jovem oficial, que, para se aproximar dela, vira-se certamente obrigado a usar de tanta valentia quanta empregava Weber para se conservar onde estava.

A figura delicada e distinta, os ademanos nobres, o modo marcial do mancebo, agradaram à senhora, que se apressou em responder em alemão:

– Oh! meu Deus! senhor, eu não sabia desse edital; ignorava-o completamente.

– É estrangeira, minha senhora? – perguntou o jovem oficial.

– Sou, sim, senhor; mas diga-me, que devo fazer? Quebram o meu cabriolé!

– É preciso deixá-lo quebrar, minha senhora, e fugir durante esse tempo. O povo de Paris, está furioso contra os ricos, que ostentam o luxo em frente da miséria, e em virtude do edital publicado esta manhã, é capaz de a levar ao comissário de polícia.

– Oh! isso nunca!... – bradou a mais nova das senhoras – isso nunca!

– Então – redarguiu o oficial rindo – aproveitem a aberta que vou fazer na multidão, e fujam.

Estas palavras foram proferidas num tom desembaraçado, que fez compreender às duas estranhas que o oficial tinha ouvido os comentários do povo sobre as amantes dos senhores de Soubise e de Hennin.

Mas não era esse o momento de estar com escrúpulos.

– Dê-nos o seu braço até à estação mais próxima de carruagens, senhor – disse a mais velha das duas senhoras, em tom de autoridade.

– Eu ia fazer escoicear o seu cavalo, e na confusão necessariamente produzida por esse movimento, poderia fugir,

porque – acrescentou o mancebo, que desejava declinar a responsabilidade da sua perigosa proteção – o povo cansa-se de nos ouvir falar numa língua que não entende.

– Weber! – bradou a senhora com voz forte – toca o Belo para fazer afastar toda esta chusma.

– E depois, minha senhora?

– Depois, deixa-te ficar enquanto nos retiramos.

– E se quebrarem o cabriolé?

– Que quebrem, não importa; salva o Belo se puderes, e salva-te a ti principalmente; é quanto te recomendo.

– Bem, minha senhora – respondeu Weber.

E no mesmo instante tocou com o chicote no fogoso irlandês que escoiceou no meio da chusma e deitou por terra os mais furiosos, que se tinham lançado às rédeas e varais.

Grande foi neste momento o terror e a confusão.

– O seu braço, senhor – disse então a senhora de mais idade ao oficial; – venha, menina – acrescentou voltando-se para Andréia.

– Vamos, vamos, mulher de coragem – murmurou em voz baixa o oficial, que deu imediatamente e com verdadeira admiração o braço àquela que o reclamava.

Em poucos minutos tinha ele conduzido as duas senhoras à praça fronteira, onde havia uma estação de carruagens que esperavam fregueses, enquanto os cocheiros dormiam sobre as almofadas, e os cavalos, com os olhos meio fechados e a cabeça baixa, esperavam a mesquinha ração da noite.

# V

## O trajeto para Versalhes

Estavam já as senhoras fora do alcance da multidão; era, todavia, de recear ainda que as tivessem seguido alguns curiosos, e que, dando-as a conhecer, se renovassem cenas semelhantes às que acabavam de ter lugar e de que seria então mais difícil escapar.

O moço oficial compreendeu esta alternativa, o que facilmente se conhecia, ao ver a actividade que empregava para despertar o cocheiro, que dormia ou estava entorpecido de frio na almofada do carro.

Era efetivamente tão horrível o frio, que contra o costume dos cocheiros, que se enchem de emulação roubando os fregueses uns aos outros, nenhum deles se mexeu, nem sequer aquele a quem se dirigiam.

O oficial agarrou o cocheiro pela gola do miserável sobretudo, e sacudiu-o tão fortemente que o tirou do seu torpor.

– Olá! eh! – bradou-lhe o mancebo ao ouvido, vendo que começava a mexer-se.

– Pronto; meu amo, pronto – disse o cocheiro sonhando ainda e cambaleando na almofada como um ébrio.

– Onde querem ir, minhas senhoras? – perguntou o oficial, sempre em alemão.

– A Versalhes – respondeu a mais velha das duas senhoras continuando a falar na mesma língua.

– A Versalhes! – bradou o cocheiro; – disse Versalhes?

– Certamente.

– Ora pois não, a Versalhes! Quatro léguas e meia com semelhante gelo! Nada, nada, nada.

– Pagamos bem – disse a mais velha das alemãs.

– Hás de ser bem pago – repetiu em francês o oficial ao cocheiro.

– Quanto me dão? – perguntou este do alto da sua almofada, porque não parecia ter grande confiança no que lhe diziam. – Porque enfim, meu oficial, bem sabe que não é só ir a Versalhes; depois de lá estar, é preciso voltar.

– Um luís será bastante? – disse a mais nova das duas mulheres para o oficial, continuando a fingir-se alemã.

– Oferecem-te um luís! – repetiu o mancebo.

– Um luís, não é grande coisa – rosnou o cocheiro – porque os cavalos correm o risco de quebrar as pernas.

– Maroto! não tens direito a mais de três francos para ir daqui ao castelo da Murette, que é metade do caminho. Bem vêes, portanto, por este cálculo, que pagando a ida e a volta, só tens direito a doze libras, e, em vez de doze, vais receber vinte e quatro.

– Oh! não faça preço – disse a mais velha das senhoras; – dois luíses, três luíses, vinte luíses... dou o que ele quiser, contanto que parta imediatamente e que caminhe sem se demorar.

– Basta um luís, minha senhora – respondeu o oficial.

Depois, voltando-se para o cocheiro:

– Vamos, maroto, desce da almofada e abre a portinhola.

– Primeiro que tudo, quero que me paguem...

– Queres!

– Estou no meu direito.

O oficial fez um movimento para ele.

– Paguemos adiantado, paguemos – disse a mais velha.

E meteu rapidamente a mão na algibeira, na firme resolução de pagar ao cocheiro.

– Oh! meu Deus – disse ela em voz baixa para a sua companheira – não trago a minha bolsa.

– Deveras?

– E a menina traz a sua?

Andréia procurou nas suas algibeiras com a mesma ansiedade.

– Eu... eu, também não.

– Procure bem, menina, procure em todas as suas algibeiras.

– É inútil – exclamou a senhora com o maior despeito, porque via o oficial segui-las com a vista durante este tempo, e o desconfiado cocheiro abria já muito a boca para sorrir, felicitando-se do que talvez em voz baixa chamasse uma feliz precaução.

Em vão procuraram as duas senhoras, nem uma nem outra achou sequer um soldo.

O oficial viu-as impacientar-se, corar e empalidecer; a situação complicava-se.

As duas senhoras iam decidir dar um grilhão de ouro, ou uma joia qualquer de penhor, quando o oficial, para lhes poupar tudo quanto pudesse ferir-lhes a delicadeza, tirou da sua bolsa um luís de ouro e entregou-o ao cocheiro.

Este recebeu o luís, examinou-o, pesou-o nos dedos, enquanto uma das duas senhoras agradecia ao oficial; depois abriu a portinhola, e a senhora meteu-se na carruagem com a sua companheira.

– E agora, maroto – disse o mancebo ao cocheiro – conduz estas senhoras bem e fielmente, ouviste?

– Oh! não é preciso recomendar isso, meu oficial: está sabido.

Durante este pequeno colóquio, as duas senhoras consultaram-se.

Com efeito, era com o maior terror que viam o seu guia e protetor próximo a deixá-las.

– Minha senhora – disse em voz baixa a mais moça à sua companheira – é preciso não o deixar ir.

– Porquê? Perguntemos-lhe o nome e a morada, e amanhã mandar-lhe-emos o seu luís de ouro, com duas palavras de agradecimento, que lhe escreverá.

– Não, minha senhora, não; tratemos de ver se fica, rogo-lhe; se o cocheiro é de má fé, se apresentar dificuldades no caminho... Com semelhante tempo, os caminhos estão maus; a quem nos dirigiríamos nós para pedir socorro?

– Oh! temos-lhe o número e a letra de polícia.

– Muito bem, minha senhora, bem sei que depois o mandará açoutar; mas, não chegará esta noite a Versalhes, e o que dirão, santo Deus!

A mais velha das duas senhoras refletiu.

– É verdade – disse ela.

Mas já o oficial se inclinava para se despedir.

– Senhor, senhor – disse Andréia em alemão – uma palavra, ainda uma palavra, se faz favor.

– Às suas ordens, minha senhora – redarguiu o oficial visivelmente contrariado, mas conservando no modo, no tom e até no acento da voz a maior civilidade.

– Senhor – prosseguiu Andréia – depois de tantos serviços que acaba de prestar-nos, não pode recusar-nos uma mercê.

– Queira dizer o que é?

– Confessamos que temos receio deste cocheiro, que tão mal encetou a negociação.

– Não tem razão de se assustar – disse ele; – eu sei o número, é o 107 e a letra de polícia é um Z. Se ele se portar mal, dirijam-se a mim.

– Ao senhor! – disse Andréia em francês; – como nos havemos de dirigir ao senhor, se nem o seu nome sabemos?

O mancebo recuou um passo.

– Fala francês! – exclamou ele estupefato – fala francês e há mais de uma hora que me condena a escorchar o alemão! Oh! realmente, minha senhora, é mal feito.

– Desculpe, senhor – disse em francês também a outra senhora, que veio desembaraçadamente em auxílio da companheira. – Vê muito bem, que, sem talvez sermos estrangeiras, achamo-nos estranhas em Paris, e muito mais numa carruagem de aluguel. Tem bastante experiência do mundo para compreender que nos não achamos numa posição regular. Não nos servir agora até ao fim, equivaleria a um desserviço. Ser menos discreto de que até agora o tem sido, seria uma indiscrição. Nós ajuizámos bem de si, senhor; esperamos que não ajuizará mal de nós; e se nos pode prestar algum serviço, faça-o francamente, ou então permita que lhe agradeçamos e que procuremos outro apoio.

– Minha senhora – respondeu o oficial, admirado do tom ao mesmo tempo nobre e encantador da desconhecida – disponha de mim.

- Então, senhor, tenha a bondade de vir conosco.
- Na carruagem?
- E de nos acompanhar.
- A Versalhes?
- Sim, senhor.

O oficial, sem dar réplica, meteu-se na carruagem, assentou-se no banco em frente e bradou ao cocheiro:

– Vamos!

Os postigos fecharam-se, as senhoras embuçaram-se nas suas peles e manteletes, a carruagem entrou na rua de Saint-Thomas-du-Louvre, atravessou a praça do Carroussel e seguiu pelos cais.

O oficial recostou-se num canto em frente da mais velha das duas senhoras, com a sobrecasaca cuidadosamente estendida sobre os joelhos.

O silêncio mais profundo reinava no interior.

O cocheiro, fosse porque quisesse fielmente cumprir o ajuste, ou fosse que a presença do oficial o contivesse no círculo da lealdade, o cocheiro, dizemos nós, fez correr com perseverança os seus magros rocins sobre as escorregadias calçadas dos cais e da estrada da Conferência.

Entretanto, a respiração dos três viajantes aquecia insensivelmente o interior da carruagem. Um perfume delicado embalsamava o ar e levava ao cérebro do mancebo impressões que, de instante para instante, se tornavam menos desfavoráveis às suas companheiras.

– “São mulheres que se demoraram mais do que queriam nalguma entrevista – pensava ele – e que voltam para Versalhes, um pouco assustadas, um pouco envergonhadas.”

Entretanto, como é que estas senhoras – continuava o oficial a pensar – se são mulheres de distinção, como é que vinham de cabriolé, e principalmente guiado por elas mesmas?

Oh! isso pode ter uma resposta.

O cabriolé era muito estreito para três pessoas, e duas mulheres não iriam incomodar-se em fazer assentar um laçao ao lado.

Mas ambas sem dinheiro! Esta objecção é desfavorável e pede reflexão.

Certamente quem tinha a bolsa havia de ser o laçao. O cabriolé, que agora deve estar feito em pedaços, era de uma perfeita elegância. E o cavalo?... se entendo de cavalos, aquele valia pelo menos cento e cinquenta luíses.

Só mulheres muito ricas podem abandonar sem pena semelhante cabriolé e semelhante cavalo, portanto a falta de dinheiro não significa nelas coisa nenhuma.

Sim, mas a mania de falar uma língua estrangeira sendo francesas...

Bom; isso, afinal, o que prova é ótima educação. Não é natural que aventureiras falem alemão com uma pureza perfeitamente germânica, e francês como verdadeiras parisienses.

Além disso, têm um certo modo naturalmente distinto.

A súplica da mais nova era tocante.

O pedido da mais velha era nobremente imperioso.

Depois, realmente – continuava a pensar o mancebo dispendo a espada na carruagem de modo que não incomodasse as suas companheiras desconhecidas – dir-se-ia que um militar corre perigo em passar duas horas numa carruagem com duas mulheres bonitas.

Bonitas e discretas – acrescentou ele – porque não falam e esperam que eu encete a conversa.

Da sua parte as duas senhoras pensavam sem dúvida no oficial assim como o oficial pensava nelas, porque no momento em que ele acabava de formular esta ideia, uma das duas senhoras, dirigindo-se à companheira, disse-lhe em inglês:

– Realmente, querida amiga, este cocheiro leva-nos como defuntos; assim, nem amanhã chegaremos a Versalhes. Aposto que o nosso pobre companheiro está mortalmente aborrecido?

– Também – respondeu a mais nova sorrindo – a conversação não é das mais interessantes.

– Não lhe parece que tem modos de homem muito de bem?

– Parece, sim, minha senhora.

– Além disso, já o há de ter notado, traz farda de marinha.

– Não entendo muito de uniformes.

– Pois é como lhe digo, traz uniforme de oficial de marinha, e todos os oficiais de marinha são de boa família; e está-lhe bem. É

um belo rapaz, não acha?

A mais nova das duas senhoras ia responder e provavelmente abundar no sentido da interlocutora, quando o oficial fez um gesto que a deteve.

– Perdão, minhas senhoras – disse-lhes em bom inglês – devo preveni-las de que falo correntemente inglês; mas não sei espanhol e se o falam, e quiserem conversar nessa língua, podem ter pelo menos a certeza de que as não hei de entender.

– Senhor – redarguiu a mais velha rindo – não queríamos dizer mal do senhor, como há de ter percebido, portanto não nos incomodemos, e falemos só em francês, se temos que dizer.

– Muito obrigado, minha senhora; mas, entretanto, no caso de lhes ser importuna a minha presença...

– Não pode supor semelhante coisa, senhor, visto que foi requisitada por nós.

– Exigida até – disse a mais nova das duas senhoras.

– Não me confundam, minhas senhoras, e perdoem-me um instante de indecisão; conhecem Paris, é uma cidade cheia de laços, de decepções, de perigos...

– Então, pensou que éramos... vamos, fale com franqueza – disse uma delas.

– O senhor desconfiou de nós, nada mais – acrescentou a outra.

– Oh! minhas senhoras – disse o mancebo humilhando-se – juro-lhes que não tive semelhante ideia.

– Perdão; que sucedeu? a carruagem parou.

– Porquê?

– Vou ver, minhas senhoras.

– Parece-me que o trem vai tombar; cuidado, senhor!

E a mão da mais moça, estendendo-se em repentino movimento, pousou no ombro do mancebo.

A pressão daquela mão fê-lo estremecer.

Por um movimento inteiramente natural, tentara pegar na mão que se apoiara nele, mas já Andréia, que cedera a um primeiro movimento de temor, a havia retirado, recostando-se no fundo da carruagem.

O oficial, a quem nada detinha já, saiu, portanto, e achou o cocheiro muito ocupado em fazer levantar um dos cavalos, que se achava enleado entre os tirantes e a vara.

Viu nessa ocasião que estavam um pouco adiante da porta de Sèvres.

Graças ao auxílio que o oficial prestou, o cocheiro conseguiu em pouco tempo levantar o pobre cavalo.

O mancebo entrou novamente na carruagem.

Quanto ao cocheiro, felicitando-se por ter tão amável freguês, fez alegremente estalar o chicote, com o duplo fim de se aquecer e de animar os rocinantes.

Mas dir-se-ia que o frio, que penetrara pela portinhola, gelara a conversa e congelara a nascente intimidade a que o mancebo começava a achar inexplicável encanto.

Perguntaram-lhe simplesmente o que tinha acontecido, e ele contou-o.

E nada mais; o silêncio veio de novo pesar sobre os viajantes.

O oficial, a quem aquela mão quente e palpitante perturbara, quis pelo menos ter um pé em troca.

Estendeu, portanto, a perna, mas por mais hábil que fosse, nada encontrou, ou se encontrava, tinha o gosto de ver fugir o obstáculo.

Até uma vez, tendo tocado no pé da mais velha das duas senhoras:

– Incomodo-o horrivelmente, não é verdade, senhor? – disse-lhe ela com o maior sangue frio; – peço perdão!

O mancebo corou, dando graças a Deus que a noite fosse escura bastante para lhe ocultar a vermelhidão.

Nada mais tentou e ali terminaram os seus empreendimentos.

Tornando-se novamente mudo, imóvel e respeitoso, como se estivesse num templo, teve medo de respirar e fez-se pequeno como uma criança.

Mas a pouco e pouco, mau grado seu, uma estranha impressão lhe invadia o pensamento e todo o ser.

Achava, sem lhes tocar, as duas senhoras encantadoras; vi-as sem as ver; acostumando-se a pouco e pouco a viver junto delas, parecia-lhe que uma parcela da sua existência vinha fundir-se na

dele. Daria tudo no mundo para renovar a conversação terminada, e não o ousava; receava as banalidades, ele que ao princípio se dignava de proferir sequer uma dessas palavras, que são as mais simples da linguagem humana. Tinha medo de parecer estúpido ou impertinente diante das duas senhoras, a quem uma hora antes julgava ter feito muita honra dando-lhes a esmola de um luís e de uma cortesia.

Numa palavra, como todas as simpatias nesta vida se explicam pela relação dos fluidos postos a propósito em contato, um poderoso magnetismo, emanado dos perfumes e do calor juvenil daqueles três corpos reunidos pelo acaso, dominava o mancebo e desabrochava-lhe na alma dilatando-lhe o coração.

Assim nascem, vivem e morrem, algumas vezes no espaço de poucos momentos, as mais verdadeiras, mais gratas, mais ardentes paixões. Têm encanto porque são efémeras, têm força porque são contidas.

O oficial não disse nem mais uma palavra. As senhoras falaram em voz baixa entre si.

Entretanto, como tinha incessantemente o ouvido alerta, ouviu algumas palavras destacadas, que, todavia, apresentavam um sentido à sua imaginação.

Eis o que ele ouviu:

– A hora adiantada... as portas... o pretexto de saída...

A carruagem tornou a parar.

Desta vez nem era um cavalo caído, nem uma roda quebrada.

Depois de três horas de animosos esforços, o cocheiro conseguira aquecer os braços, isto é, fizera suar os cavalos e chegara a Versalhes, cujas longas avenidas, desertas e sombrias, apareciam sob os clarões vermelhos de alguns lampiões cobertos de gelo, semelhantes a uma dupla procissão de espectros negros e descarnados.

O mancebo percebeu que tinha chegado. Por que arte mágica lhe parecera o tempo tão curto?

O cocheiro inclinou-se para o postigo da frente:

– Meu amo – disse ele – estamos em Versalhes.

– Onde querem parar, minhas senhoras? – perguntou o oficial.

– Na praça de armas.  
– À praça de armas! – bradou o mancebo ao cocheiro.  
– É preciso ir à praça de armas? – perguntou este.  
– Está claro, não lhe acabo de dizer?  
– Bem, sempre há de haver para uma pinga? – disse o cocheiro rindo.

– Vá andando.

As chicotadas começaram novamente.

– É preciso falar – pensou consigo o oficial. – Vou passar por estúpido, depois de ter passado por impertinente.

– Minhas senhoras – disse, hesitando ainda um pouco – estão em suas casas.

– Graças ao seu generoso auxílio.

– Que incómodo lhe demos! – disse a mais nova.

– Oh! nem já disso me lembro, minha senhora.

– Mas nós, senhor, nunca o esqueceremos. Tenha a bondade de nos dizer o seu nome?

– O meu nome? Oh!

– Tome cuidado! é a segunda vez que lhe fazemos esta pergunta.

– E não quererá dar-nos de presente um luís, não é verdade?

– Oh! sendo assim – disse o oficial um pouco despeitado – cedo: sou o conde de Charny. Quanto ao mais, sou, como já notaram, oficial da marinha real.

– Charny! – repetiu a mais velha das duas senhoras no tom que empregaria para dizer: Muito bem, não me há de esquecer.

– Jorge, Jorge de Charny – acrescentou o oficial.

– Jorge! – murmurou a mais nova das senhoras.

– E mora?

– No hotel dos príncipes, rua de Richelieu.

A carruagem parou.

A mais idosa abriu a portinhola do lado esquerdo, e de um salto ágil apeou-se, estendendo a mão à companheira.

– Mas pelo menos – exclamou o mancebo que se dispunha a segui-las – dignem-se aceitar o meu braço; não estão ainda em casa, e a praça de armas não é um domicílio.

– Não se afaste daí – disseram simultaneamente as desconhecidas.

– Como! que me não afaste daqui?

– Não; fique na carruagem.

– Mas hão de ir sós, minhas senhoras? De noite, com semelhante tempo, é impossível.

– Bom! depois de ter quase recusado servir-nos, quer agora servir-nos demasiado – disse alegremente a mais velha.

– Mas...

– Não há aqui mas. Seja até ao fim um leal e amável cavalheiro. Muito obrigada, Sr. de Charny, muito obrigada do íntimo do peito; e como é um leal e amável cavalheiro, como acabei de dizer, nem a sua palavra lhe pedimos.

– A minha palavra, para quê?

– Para fechar a portinhola e dizer ao cocheiro que volte para Paris; o que vai fazer, não é verdade, sem sequer olhar para que lado vamos?

– Têm razão, minhas senhoras, e seria inútil a minha palavra. Cocheiro, voltemos para Paris.

E o mancebo estremeceu de contentamento.

– Com os diabos! – disse – arrebenhem os cavalos se quiserem!

– Pudera não, estão bem pagos se morrerem – disse o oficial em voz baixa.

A carruagem partiu, e depressa. O rumor das rodas abafou um dos suspiros do mancebo, suspiro voluptuoso, porque o sibarita deitara-se sobre as almofadas ainda quentes do calor das gentis e misteriosas desconhecidas.

Quanto a elas, deixaram-se ficar no mesmo lugar, e foi só depois de desaparecer a carruagem que se dirigiram para o palácio.

# VI

## A ordem

Ao porem-se as duas senhoras a caminho, um forte tufão de vento trouxe-lhes aos ouvidos o som de três quartos de hora, que davam no relógio da igreja de Saint-Louis.

– Oh! meu Deus! São onze horas e três quartos – bradaram ao mesmo tempo as duas senhoras.

– E repare que as grades estão todas fechadas – acrescentou a mais nova.

– Oh! quanto a isso pouco cuidado me dá, querida Andréia; porque, ainda que as grades estivessem abertas, decerto não havíamos de entrar pela porta principal. Vamos, depressa, depressa, vamos pelo lado das Reservas.

E ambas se dirigiram para o lado direito do palácio.

Todos sabem que daquele lado há com efeito um caminho particular, que conduz aos jardins.

Chegaram a esse caminho.

– A porta pequena está fechada, Andréia – disse com inquietação a mais velha das duas senhoras.

– Bate-se, minha senhora.

– Não, é melhor chamar. O Lourenço deve esperar-me, preveni-o de que talvez voltasse tarde.

– Bem, então vou chamar.

E Andréia aproximou-se da porta.

– Quem vem lá? – bradou uma voz do interior, que nem sequer esperou que chamassem.

– Oh! não é a voz de Lourenço – disse a senhora, assustada.

– E não é, com efeito.

A outra senhora aproximou-se também.

– Lourenço! – murmurou ela através da porta.

Ninguém respondeu.

– Lourenço! – repetiu a senhora batendo.

– Não há aqui nenhum Lourenço – redarguiu a voz asperamente.

– Mas – disse Andréia insistindo – seja Lourenço ou não seja, é o mesmo, abra a porta.

– Não abro.

– Mas não sabe que o Lourenço costuma a abrir-nos a porta?

– Bem me importa a mim com isso! Eu cumpro as ordens que me deram.

– Então quem é o senhor?

– Quem sou?

– Sim.

– E as senhoras quem são?

A pergunta era um pouco brutal, mas não era ocasião para fazer observações, e importava responder.

– Somos damas de Sua Majestade, moramos no palácio e queremos entrar para nossa casa.

– Pois bem, eu, minhas senhoras, sou um suíço da primeira companhia Salischamade, e farei o inverso do tal Lourenço, porque não lhes abrirei a porta.

– Oh – murmuraram as duas senhoras, uma das quais apertou com raiva a mão da outra.

Depois, fazendo um esforço, disse:

– Concebo que observe as ordens que tem, isso é próprio de um bom soldado, e não serei eu quem o faça faltar às suas obrigações; mas só lhe peço o serviço de mandar prevenir o Lourenço que não pode estar longe; nada mais.

– Não posso abandonar o meu posto.

– Mande alguém.

– Não está aqui ninguém.

– Por favor!

– Ora, adeus, minha senhora! Vá dormir a outra parte. Esta é boa! Oh! se me fechassem a porta do quartel no nariz, eu acharia facilmente um asilo; retire-se.

– Granadeiro, ouça – disse com resolução a mais velha das duas senhoras – dou-lhe vinte luíses se abrir a porta.

– E dez anos de grilheta; nada, muito obrigado! Quarenta e oito libras cada ano, não é bastante.

– Farei com que o promovam a sargento.

– Sim, e quem me deu as ordens manda-me fuzilar; muito agradecido!

E ouviram-se os passos da sentinela, que continuava passeando.

– Quem lhe deu essas ordens?

– *El rei*.

– *El rei!* – repetiram com espanto as duas senhoras – oh! estamos perdidas.

A mais nova parecia quase louca.

– Vejamos, vejamos – disse a mais velha – não há outras portas?

– Oh! minha senhora, se fecharam esta, hão de ter fechado as outras.

– E se não achamos o Lourenço nesta porta, que é a sua, onde julga que o acharemos?

– Oh! não, não há que ver, pregaram-nos uma partida.

– É verdade, tem razão, Andréia, é uma horrível partida a que nos pregou *el rei!* Oh! oh!

E a senhora acentuou as últimas palavras em tom de desprezo e como que de ameaça.

Aquela porta particular era praticada na espessura de uma parede grossa bastante, para fazer dela uma espécie de vestíbulo.

De cada lado havia um banco de pedra.

As senhoras deixaram-se cair assentadas sobre os bancos, num estado de excitação que muito se parecia com desespero.

Via-se por debaixo da porta um raio luminoso; ouviam-se, por detrás, os passos do suíço, que ora levantava, ora descansava a espingarda.

Para além daquele pequeno obstáculo de madeira estava a salvação; aquém estava a vergonha, o escândalo, quase a morte.

– Oh! amanhã, amanhã! quando souberem! – murmurou a mais idosa.

- Mas dirá a verdade.
- E quem a acreditará?

– Tem provas. Minha senhora, o soldado não há de ficar de sentinela toda a noite – disse a mais nova, que parecia cobrar ânimo à proporção que a companheira o perdia; – numa hora ou noutra há de ser rendido e o sucessor será talvez mais amável. Esperemos.

– Sim, mas em dando meia noite hão de passar patrulhas; encontrar-me-ão cá fora, esperando que me abram a porta e ocultando-me. Isto é infame! Ah! Andréia, sobe-me o sangue ao rosto e sufoca-me.

– Oh! ânimo, minha senhora! A senhora, habitualmente tão forte, e eu, ainda há pouco tão fraca, sou quem terei de a consolar!?

– Nisto, Andréia, há um trama qualquer de que somos vítimas. Nunca tal coisa sucedeu, nunca mandaram fechar a porta. Oh! isto há de matar-me, Andréia, isto mata-me!

E recostou-se para trás como se efetivamente se sentisse sufocada.

No mesmo momento, sentiram passos naquele chão seco e branco de Versalhes, que tão pouco pisado está sendo atualmente.

Ouviu-se uma voz de mancebo, alegre e feliz, que cantava uma dessas canções afetadas, que pertencem essencialmente à época que tentamos descrever.

Porque não hei de acreditar.  
Se é verdade simples, pura.  
Termos ambos passado a noite  
Ocultos na sombra escura.  
Morreu cerrando-me as pálpebras.  
Em fino aço me tornou;  
Do íman, tu foste a pedra  
Que junto a ti me arrastou.

- Esta voz! – exclamaram as duas senhoras ao mesmo tempo.
- Conheço-a – disse a mais velha.
- É a de...

A voz continuou a cantar:

Deus, por hábil estratagemas,  
O íman em eco trocou.

– É ele – disse ao ouvido de Andréia a senhora, cuja inquietação tão energicamente se manifestara; – é ele; há de salvar-nos.

E no mesmo instante, um homem envolto em vasto casacão de peles entrou no pequeno vestíbulo, e sem ver as duas mulheres bateu à porta, chamando:

– Lourenço!

– Meu irmão! – disse a mais velha das duas senhoras, tocando no ombro do mancebo.

– A rainha! – exclamou este dando um passo para trás e levando a mão ao chapéu.

– Caluda! meu irmão. Boa noite.

– Boa noite, minha senhora; boa noite, minha irmã. Não vem só?

– Não; estou com Andréia de Taverney.

– Ah! muito bem. Boa noite, Sr.<sup>a</sup> Andréia.

– Senhor... – murmurou Andréia inclinando-se.

– Vão sair, minhas senhoras? – perguntou o mancebo.

– Não.

– Então voltam para casa?

– Isso queríamos nós, mas não podemos entrar.

– Não chamaram o Lourenço?

– Chamamos.

– E então?

– Chame também por ele e verá.

– Sim, sim, chame-o o senhor, e verá.

O mancebo, que os nossos leitores certamente conheceram já pelo conde de Artois, aproximou-se da porta e bradou:

– Lourenço! Lourenço! vem abrir.

– Bom, lá começa novamente a brincadeira – disse a voz do suíço; – previno-as que, se continuam a atormentar-me, chamo pelo meu oficial.

– Que é isto? – disse o mancebo estupefato, voltando-se para a rainha.

– É um suíço que substituíram ao Lourenço, nada mais.

- E quem o substituiu?
  - *El rei.*
  - *El rei!*
  - É o que a sentinela acaba de nos dizer.
  - Com uma ordem?...
  - Ferocíssima, segundo parece.
  - Diacho! Capitulemos.
  - Como?
  - Dando dinheiro a este velhaco.
  - Ofereci-lhe; rejeitou.
  - Ofereçamos-lhe promoção.
  - Também já lhe ofereci.
  - E?...
  - Nada quis ouvir.
  - Então só temos um meio.
  - Qual é?
  - Fazer motim.
  - Vai comprometer-nos, meu querido Carlos... pelo amor de Deus!
  - Não ficarão por forma alguma comprometidas.
  - Oh!
  - Afastar-se-ão um pouco, que vou bater como um surdo, gritar como um cego; hão de acabar por abrir, e quando abrirem, entram atrás de mim.
  - Experimente.
- O príncipe começou novamente a chamar o Lourenço, depois a bater, e finalmente fez tal motim com o punho da sua espada, que o suíço lhe bradou.
- Ah! a coisa vai assim! Pois bem, eu chamo pelo meu oficial!
  - Com os diabos! chama por ele, maroto! é o que estou pedindo há mais de um quarto de hora.
- Um instante depois, ouviram-se passos do outro lado da porta. A rainha e Andréia colocaram-se atrás do conde de Artois, prontas para se aproveitarem da passagem que, segundo todas as probabilidades, se ia abrir.
- Ouviu-se o suíço explicar a causa de todo aquele motim.

– Meu tenente – disse ele – são umas senhoras com um homem, que acaba de me chamar maroto, e que querem por força entrar.

– Pois que admiração é que queiramos entrar, se somos do palácio?

– Esse desejo é muito natural, senhor, mas é proibido – redarguiu o oficial.

– Proibido! e por quem, com os diabos?

– Por *el rei*.

– Peço perdão, mas *el rei* não pode querer que um oficial do palácio fique fora.

– Senhor, não me pertence investigar as intenções de *el rei*, pertence-me só cumprir as ordens de Sua Majestade, nada mais.

– Vejamos, tenente, abra um instante a porta a fim de conversarmos de outro modo, que não seja através de umas tábuas.

– Senhor, repito-lhe que tenho ordem de conservar a porta fechada. Ora, se é oficial, como diz, deve saber o que são estas ordens.

– Tenente, está falando com o coronel dum regimento.

– Meu coronel, desculpe-me, mas as ordens são formais.

– As ordens não são para um príncipe. Vamos, senhor, um príncipe não pode ficar no meio da rua, e eu sou príncipe.

– Meu príncipe, faz-me desesperar, mas a ordem de *el rei* é positiva.

– *El rei* ordenou-lhe que repelisse seu irmão como se fosse um ladrão ou um mendigo? Eu sou o conde de Artois. Com os diabos! arrisca-se muito em me deixar assim gelar fora da porta.

– Sr. conde de Artois – disse o tenente – sirva-me Deus de testemunha em que eu daria todo o meu sangue por Vossa Alteza, mas *el rei* fez-me a honra de me dizer, a mim mesmo, quando me confiou a guarda desta porta, que a ninguém a abrisse, fosse quem fosse, nem mesmo a ele, *el rei*, se viesse depois das onze horas. Assim, pois, senhor, peço-lhe humildemente perdão; mas sou soldado, e ainda que eu visse no seu lugar, por detrás dessa porta, Sua Majestade a rainha gelada de frio, responder-lhe-ia o mesmo que acabo de ter o desgosto de responder a Vossa Alteza.

Dito isto, o oficial deu respeitosamente as boas noites e retirou-se lentamente.

Quanto ao soldado, firme no seu posto, pegado mesmo com a porta, nem sequer ousava respirar, e o coração batia-lhe com tanta força, que o conde de Artois, encostando-se à porta, podia, se quisesse, contar-lhe as pulsações.

– Estamos perdidas – disse a rainha para seu cunhado, pegando-lhe na mão.

Este não respondeu.

– Sabem que saiu? – perguntou ele.

– Não sei – respondeu a rainha.

– Talvez que esta ordem me diga unicamente respeito, minha irmã. *El rei* sabe que saio algumas vezes de noite, e que muitas vezes volto tarde. A Sr.<sup>a</sup> condessa de Artois terá sabido alguma coisa disso, e terá feito queixa a Sua Majestade; talvez que daí proceda esta ordem absurda e tirânica.

– Oh! não, não, meu irmão; agradeço-lhe a delicadeza com que me quer sossegar; mas é por mim, ou melhor direi contra mim, que foi tomada a medida.

– É impossível, minha irmã, *el rei* tem demasiada estima...

– Entretanto, estou na rua, e amanhã um horrível escândalo resultará de uma coisa bem inocente. Oh! bem sei que tenho um inimigo junto de *el rei*.

– Tem junto de *el rei* um inimigo? É possível, minha irmã? Pois bem, eu tenho uma ideia.

– Uma ideia? Vejamos o que é.

– Uma ideia, que vai tornar o seu inimigo num tolo mais tolo de que um burro enforcado no cabresto.

– Oh! contanto que nos salve da ridícula posição em que estamos, é o que lhe peço.

– Salvá-la? Pudera não! Oh! eu não sou menos esperto do que ele, apesar de ele ser mais sábio do que eu!

– Ele, quem?

– Ora! o Sr. conde de Provença.

– Ah! então conhece o meu inimigo tão bem como eu?

– Ora! não é ele inimigo de tudo quanto é moço e belo, de tudo quanto pode... o que ele não pode!...

– Meu irmão, sabe alguma coisa a respeito desta ordem?

– Talvez; mas, em primeiro lugar, retiremo-nos daqui, que está um frio de rachar; venha comigo, querida mana.

– Aonde?

– Verá; vamos para um sítio mais agasalhado; venha, e no caminho lhe direi a minha opinião sobre o terem fechado esta porta. Ah! Sr. de Provença, meu caro e digno irmão! Dê-me o braço, minha irmã; tome o outro braço, Sr.<sup>a</sup> de Taverney, e voltemos para a direita.

Puseram-se a caminho.

– Diz então que o Sr. de Provença?... – prosseguiu a rainha.

– Aí vai o caso. Esta noite, depois da ceia de *el rei*, foi ele ao grande gabinete; *el rei* tinha durante o dia conversado muito com o conde de Haga, e não vira Vossa Majestade.

– Às duas horas saí para Paris.

– Eu bem o sabia; *el rei*, permita que lhe diga, querida mana, *el rei* não pensava mais na mana do que em Harum-al-Raschild e no seu grão-vizir Giaffar, e falava de geografia. Eu ouvia-o com bastante impaciência, porque tinha também necessidade de sair. Ah! perdão, provavelmente não saíamos pelo mesmo motivo, de modo que não deveria dizer...

– Diga, diga sempre...

– Voltemos à esquerda.

– Mas aonde me leva?

– A vinte passos daqui. Tome cuidado, está aí um monte de neve. Ah! Sr.<sup>a</sup> de Taverney, se me larga o braço arrisca-se a cair, eu previno-a. Mas voltemos a *el rei*. Ele não pensava senão em latitudes e longitudes, quando o Sr. de Provença lhe disse: que desejava fazer os seus cumprimentos a Sua Majestade a rainha.

– Ah! ah! – disse Maria Antonieta.

– A rainha está no seu quarto – respondeu *el rei*.

– Ah! eu pensava que ela tinha ido a Paris – contestou meu irmão.

– Não! está no seu quarto – respondeu sossegadamente *el rei*.

– De lá venho, e não me receberam – redarguiu o conde de Provença.

Então vi *el rei* carregar o sobrolhe. Despediu-se de meu irmão e de mim, e certamente, assim que nos retirámos, foi averiguar. Luís tem momentos de ciúme, bem o sabe; terá querido vê-la, não o deixaram entrar, e terá desconfiado dalguma coisa.

– Exatamente; a Sr.<sup>a</sup> de Misery tinha ordem de me negar.

– É isso; e para assegurar-se da sua ausência, terá *el rei* dado esta ordem severa, que nos deixa ficar na rua.

– Oh! mas confesse, conde, que é uma horrível ação!

– Confesso. Mas eis-nos chegados.

– Esta casa!

– Não lhe agrada, mana?

– Oh! não digo isso; pelo contrário, encanta-me. Mas os criados?

– Então!

– Se me virem...

– Entre sempre, mana, e asseguro-lhe que ninguém a verá.

– Nem o que me abrir a porta? – perguntou a rainha.

– Nem esse.

– É impossível.

– Vamos ver – disse o conde de Artois, rindo.

E levou a mão à porta.

A rainha deteve-o.

– Pelo amor de Deus, mano, cuidado!

O príncipe levou a outra mão a uma almofada da porta esculpida com elegância.

A porta abriu-se.

A rainha não pôde reprimir um movimento de receio.

– Entre, mana – disse o príncipe; – bem vê que não tem aparecido ninguém.

A rainha olhou para a Sr.<sup>a</sup> de Taverney como quem se aventura; entrou com um desses gestos tão encantadores nas mulheres, e que querem dizer:

– Seja o que Deus quiser!

A porta fechou-se sobre eles sem rumor.

Achou-se, então, num vestíbulo estucado, com rodapé de mármore; vestíbulo de medíocre comprimento, mas de muito bom gosto. O chão era de mosaico representando ramalhetes de flores, enquanto, sobre mesas de mármore, centos de roseiras baixas e copadas metidas em vasos do Japão, desfolhavam as suas flores odoríferas, tão raras naquela época do ano.

Um suave calor, um cheiro mais suave ainda, cativavam tanto os sentidos, que apenas chegaram ao vestíbulo, as duas senhoras esqueceram não só uma parte dos seus receios, mas também uma parte dos seus escrúpulos.

– Agora, sim; aqui estamos ao abrigo – disse a rainha – e até é preciso confessar que o abrigo é muito cómodo. Mas não lhe pareceria bom tratar de uma coisa, meu irmão?

– De que?

– De afastar daqui os criados.

– Oh! coisa facílissima.

E o príncipe, avançando até ao fim da sala, puxou por uma campainha colocada numa das meias canas de uma coluna, fez ouvir um som, produzido por um só toque, que vibrou misteriosamente nas profundezas da escada.

As duas senhoras soltaram um grito de espanto.

– Então é assim que afasta os seus criados, meu irmão? Eu pensava, pelo contrário, que era este o meio de os chamar.

– Se eu tocasse segunda vez, sim, apareceria alguém; mas como só toquei uma vez, sossegue a mana que ninguém virá.

A rainha riu-se.

– Muito bem; é homem precavido – disse ela.

– Agora, querida irmã – prosseguiu o príncipe – não há de ficar no vestíbulo; tenha o incómodo de subir.

– Obedeçamos – disse a rainha; – o génio da casa não me parece ser maléfico.

E subiu.

O príncipe precedi-a.

A bulha dos passos era abafada pela alcatifa de Aubusson que forrava a escada.

Chegando acima, o príncipe tocou outra campainha, cujo som fez novamente estremecer a rainha e a Sr.<sup>a</sup> de Taverney, que estavam desprevenidas.

Mas cresceu a sua admiração quando viram as portas daquele pavimento abrirem-se por si.

– Realmente, Andréia – disse a rainha – começo a tremer, e a menina?

– Eu, minha senhora, enquanto Vossa Majestade caminhar adiante, hei de segui-la com a maior confiança.

– Nada, minha irmã, nada é mais simples do que o que se passa – disse o moço príncipe; – a porta que lhe fica em frente é a do seu quarto. Olhe!

E indicava à rainha um sítio encantador, cuja descrição não podemos omitir.

Uma pequena antecâmara mobiliada de pau-santo, com dois escaparates, o teto primorosamente pintado, o chão de bela madeira embutida, dava para um toucador todo ornado de cachemira branca bordada com flores de ouro pelos artistas mais hábeis.

A mobília do toucador era de tapeçaria de seda bordada com a perícia, que naquele tempo fazia de um tapete dos Gobelins um quadro de mestre.

Ao toucador seguia-se um belo quarto de cama, com cortinas de rendas e de seda de Tours. Um leito sumptuoso numa alcova escura, um fogo vivo numa chaminé de mármore branco, doze velas perfumadas metidas em candelabros de Clodion, um biombo de charão azul e ouro, tais eram as maravilhas que apareceram aos olhos das senhoras, que entraram timidamente naquele elegante recinto.

Nenhum ente vivo aparecia, por toda a parte havia calor e luz, sem que fosse possível adivinhar em ponto algum as causas de tão felizes efeitos.

A rainha, que entrara receosa no toucador, hesitou um pouco antes de entrar no quarto de cama.

O príncipe pediu desculpa, com a máxima cortesia, da necessidade que o obrigava a pôr sua irmã numa confidência

indigna dela.

A rainha respondeu com um meio sorriso, que exprimia muito mais do que todas as palavras que ela tivesse podido pronunciar.

– Minha irmã – acrescentou então o conde de Artois – esta é a minha casa de rapaz; sou o único que aqui entro, e sempre entro só.

– Quase sempre, quer dizer – observou a rainha.

– Não, eu disse sempre.

– Ah! – disse a rainha.

– E demais – prosseguiu ele – há aqui no toucador um sofá e uma poltrona, sobre os quais muitas vezes, quando a noite me surpreende depois da caça, durmo tão bem como na minha cama.

– Compreendo agora – disse a rainha – que a Sr.<sup>a</sup> condessa de Artois esteja algumas vezes inquieta.

– Sim, mas a mana há de confessar que se a condessa estiver inquieta esta noite por minha causa, não tem razão.

– Esta noite, decerto, mas outras noites...

– Minha irmã, quem uma vez não tem razão nunca a tem.

– Sim, sim – disse a rainha assentando-se na poltrona – estou horrivelmente cansada; e a minha pobre Andréia também, não é assim?

– Oh! eu sucumbo de fadiga, e se Vossa Majestade permite...

– Efetivamente está empalidecendo, minha senhora – disse o conde de Artois.

– Assente-se, minha querida – disse a rainha; – assente-se, deite-se mesmo, o Sr. conde de Artois entrega-nos este quarto, não é verdade, Carlos?

– Decerto, minha senhora.

– Espere, conde, uma palavra mais.

– O que é?

– Se se retira, como o poderemos chamar, se for preciso?

– A mana não precisa de mim para nada; uma vez instalada, disponha da casa como lhe aprouver.

– Há outros quartos sem ser este?

– Sem dúvida; há primeiro que tudo uma casa de jantar, que a convido a visitar.

- Com a mesa posta?
- Ora! decerto, e sobre a qual a Sr.<sup>a</sup> de Taverney, que me parece estar muito fraca, achará um caldo, uma asa de ave e um copo de vinho de Xerez, e onde achará igualmente uma coleção de compotas, que tanto aprecia.
- E tudo isso sem criados?
- Sem criados.
- Veremos. Mas depois?
- Depois?
- Sim, para voltarmos ao palácio.
- É preciso não pensar em voltar ao palácio de noite, visto que está dada a ordem. Mas a ordem é só para de noite e acaba apenas for dia: às seis horas, abrem-se as portas. Saia daqui às seis horas menos um quarto. Achará nos armários mantas de todas as cores e de todos os feitios, se quiser ir disfarçada; entre, portanto, no palácio como eu lhe digo, vá ao seu quarto, deite-se, e não se importe com mais nada.
- Mas o mano?
- Como, eu?
- Sim, que vai fazer?
- Vou sair.
- Como! É posto fora de sua casa por nós, meu pobre irmão?
- Não seria conveniente que passasse a noite debaixo do mesmo teto que a mana.
- Mas enfim, precisa um abrigo, e nós roubamos este que lhe pertencia.
- Ora adeus! tenho ainda mais, tenho três iguais a este. A rainha deu uma gargalhada.
- E diz ele que é sem razão que a Sr.<sup>a</sup> condessa de Artois tem cuidados! Eu lhe contarei tudo – disse ela com um encantador gesto de ameaça.
- E eu direi tudo a *el rei* – redarguiu o príncipe no mesmo tom.
- Tem razão, estamos na sua dependência.
- Inteiramente; é humilhante, mas que se lhe há de fazer?
- Submeter-nos. Assim, pois, dizia que para sairmos daqui amanhã, sem encontrar ninguém...

- Basta tocar uma só vez na campainha da coluna, lá em baixo.
- Em qual? na da direita ou na da esquerda?
- Em qualquer delas.
- E a porta fecha-se?
- Por si mesma.
- Obrigada. Boa noite, mano.

O príncipe cortejou. Andréia fechou as portas após ele e desapareceu.

# VII

## A alcova da Rainha

No dia seguinte, ou antes naquela mesma manhã, porque o nosso último capítulo acabou pelas duas horas da madrugada, *el rei* Luís XVI, em traje de manhã, sem condecorações nem pós, enfim, tal como acabava de sair do quarto, bateu à porta da antecâmara da rainha.

Uma criada entreabriu a porta, e reconhecendo *el rei*, disse:

– Senhor...

– A rainha? – perguntou Luís XVI num tom seco.

– Sua Majestade dorme, senhor.

*El rei* fez um gesto como para afastar a mulher, mas esta não se arredou.

– Então! – disse *el rei* – muito lhe custa a mexer-se! Não vê que quero passar?

*El rei* tinha por vezes certa prontidão de movimentos, a que os seus inimigos chamavam brutalidade.

– A rainha está descansando, senhor – observou timidamente a criada de serviço.

– Eu já lhe disse, que me deixasse passar – redarguiu *el rei*.

E, ditas estas palavras, arredou a mulher e passou.

Chegando à porta do quarto da cama, viu *el rei* a Sr.<sup>a</sup> de Misery, primeira aia da rainha, que lia orações no relicário.

Esta senhora levantou-se logo que viu *el rei*.

– Meu senhor – disse ela em voz baixa e fazendo respeitosa mesura – Sua Majestade ainda não chamou.

– Ah! deveras? – disse *el rei* em tom irónico.

– Mas, meu senhor, parece-me que são apenas seis horas e meia, e nunca Sua Majestade chama antes das sete.

– Está certa de que a rainha esteja na cama? Está certa de que esteja dormindo?

– Meu senhor, eu não afirmarei que Sua Majestade esteja dormindo, mas tenho a certeza de que está deitada.

– Está deitada?

– Está, sim, meu senhor.

*El rei* não se pôde conter por mais tempo. Foi direito à porta e abriu precipitadamente o fecho dourado, o que produziu grande ruído.

O quarto da rainha estava escuro como se fosse alta noite. As portas das janelas e as cortinas estavam hermeticamente fechadas, e conservavam naquele lugar as mais profundas trevas.

Uma lamparina, que estava sobre um velador em um dos cantos mais afastados do quarto, deixava a cama da rainha inteiramente imersa na sombra, e as imensas cortinas de seda branca com flores de lis de ouro pendiam em ondas sobre o leito em desordem.

*El rei* caminhou para o leito com passo rápido.

– Oh! Sr.<sup>a</sup> de Misery – bradou a rainha – que bulha fez! Acordou-me!

*El rei* parou estupefato.

– Não é a Sr.<sup>a</sup> de Misery – murmurou ele.

– Ah! é o senhor! – exclamou Maria Antonieta erguendo-se e assentando-se na cama.

– Bons dias, minha senhora – disse *el rei* em tom agridoce.

– A que feliz motivo devo eu a sua visita, senhor? – perguntou a rainha. – Sr.<sup>a</sup> de Misery! Sr.<sup>a</sup> de Misery! Abra as janelas.

As mulheres entraram, e segundo o costume em que a rainha as pusera, abriram no mesmo instante as portas e as janelas para dar passagem à invasão de ar puro, que Maria Antonieta respirava com delícia assim que acordava.

– Dorme com boa vontade, minha senhora – disse *el rei* assentando-se ao pé da cama, depois de ter olhado em roda de si com um olhar investigador.

– Sim, senhor, li até muito tarde, e por consequência, se Vossa Majestade me não tivesse vindo acordar, ainda eu estaria dormindo.

– Minha senhora, por que motivo não quis ontem receber...

– Receber quem? Seu irmão, o Sr. de Provença? – disse a rainha com uma presença de espírito que destruía as suspeitas de *el rei*.

– Exatamente, sim, meu irmão; ele quis cumprimentá-la, e não o deixaram entrar.

– E depois?

– Disseram-lhe que estava ausente.

– Disseram-lhe isso? – perguntou a rainha com indiferença. – Sr.<sup>a</sup> de Misery! Sr.<sup>a</sup> de Misery!

A primeira aia apareceu à porta, trazendo numa bandeja de ouro uma grande quantidade de cartas dirigidas à rainha.

– Vossa Majestade chamou? – perguntou respeitosamente a Sr.<sup>a</sup> de Misery.

– Sim. Disseram ontem ao Sr. de Provença que eu estava fora do palácio?

A Sr.<sup>a</sup> de Misery, para não passar diante de *el rei*, foi de roda e estendeu para a rainha a bandeja com as cartas. Tinha debaixo dos dedos uma dessas cartas, cuja letra a rainha logo reconheceu.

– Resposta a *el rei*, Sr.<sup>a</sup> de Misery – prosseguiu Maria Antonieta no mesmo tom indiferente; – diga a Sua Majestade que resposta se deu ontem ao Sr. de Provença quando me veio procurar. Quanto a mim, não posso responder, porque já me não lembra.

– Meu senhor – disse a Sr.<sup>a</sup> de Misery enquanto a rainha abria a carta – o Sr. conde de Provença veio aqui ontem para cumprimentar Sua Majestade, e eu respondi-lhe que Sua Majestade não recebia ninguém.

– E quem lhe mandou dar essa resposta?

– A rainha.

– Ah! – disse *el rei*.

Durante este tempo abriu a rainha a carta e lera estas linhas.

“Voltou ontem de Paris e entrou em casa às oito horas da noite. Lourenço viu-a.”

Depois, sempre com o mesmo modo descuidado, tinha a rainha aberto mais meia dúzia de cartas, bilhetes e requerimentos, que

ficaram todos espalhados sobre a cama.

– Então? – disse ela olhando para *el rei*.

– Obrigado, minha senhora – disse este à primeira aia.

A Sr.<sup>a</sup> de Misery afastou-se.

– Perdão, senhor – disse a rainha – tenha a bondade de me esclarecer num ponto.

– Qual é, minha senhora?

– Tenho ou não tenho eu já liberdade de ver o Sr. de Provença quando me convier?

– Oh! a mais plena liberdade, minha senhora; mas...

– Mas o seu espírito cansa-me; e demais, ele não gosta de mim; verdade seja que lhe pago na mesma moeda. Eu esperava já aquela enfadonha visita e meti-me na cama às oito horas para não o receber. Que tem, senhor?

– Nada, nada.

– Dir-se-ia que duvida.

– Mas...

– Mas o que?

– Mas pensava que tinha ido ontem a Paris.

– A que hora?

– À hora que diz ter-se deitado.

– É verdade que fui a Paris. Mas então! de Paris não se volta?

– Volta, sim; depende tudo da hora a que se volta.

– Ah! ah! quer então saber ao certo à que horas vim de Paris?

– Quero.

– A coisa é fácil, senhor.

A rainha chamou:

– Sr.<sup>a</sup> de Misery!

A aia tornou a aparecer.

– Que horas eram quando cheguei ontem de Paris, Sr.<sup>a</sup> de Misery? – perguntou a rainha.

– Seriam, minha senhora, pouco mais ou menos oito horas.

– Não creio – disse *el rei*; – está enganada, Sr.<sup>a</sup> de Misery: vá perguntar.

A aia, direita e impassível, voltou-se para a porta.

– Sr.<sup>a</sup> Duval! – bradou ela.

- Minha senhora! – respondeu uma voz.
  - A que horas voltou Sua Majestade ontem à noite de Paris?
  - Seriam oito horas, minha senhora – disse a segunda aia.
  - Não está enganada, Sr.<sup>a</sup> Duval? – disse a Sr.<sup>a</sup> de Misery.
- A Sr.<sup>a</sup> Duval inclinou-se pela janela da antecâmara, e bradou:
- Lourenço!
  - Quem é esse Lourenço? – perguntou *el rei*.
  - É o guarda da porta por onde Sua Majestade entrou ontem – disse a Sr.<sup>a</sup> de Misery.
  - Lourenço! – chamou a Sr.<sup>a</sup> de Duval – a que horas entrou ontem Sua Majestade?
  - Seriam oito horas – respondeu Lourenço do terraço onde estava.
- El rei* abanou a cabeça.
- A Sr.<sup>a</sup> de Misery despediu a Sr.<sup>a</sup> Duval, e esta despediu Lourenço.
- Os dois esposos ficaram sós.
- Luís XVI estava envergonhado e fazia quantos esforços podia para disfarçar essa vergonha.
- Mas a rainha, em vez de se mostrar triunfante pela vitória que acabava de alcançar, disse-lhe friamente:
- Vamos, senhor, que mais deseja saber?
  - Oh! nada, nada – bradou *el rei* apertando nas suas a linda mão de sua mulher; – nada!
  - Contudo...
  - Perdoe-me, minha senhora, nem eu sei o que me tinha passado pela cabeça. Vê a minha alegria, é tão viva como o meu arrependimento. Não me queira mal por isto, não é verdade? não esteja de mau modo : à fé de gentil-homem, que isso desespera-me.
- A rainha, um pouco despeitada, retirou a mão que estava entre as de *el rei*.
- Então! que está fazendo? – perguntou Luís.
  - Senhor – disse Maria Antonieta – uma rainha de França não mente!
  - E depois? – perguntou *el rei* admirado.

– Quero dizer que não voltei ontem às oito horas da noite!

*El rei* recuou admirado.

– Quero dizer – prosseguiu a rainha com o mesmo sangue-frio – que não voltei senão esta manhã às seis horas.

– Senhora!

– E que, se não fosse o Sr. conde de Artois, que por dó me ofereceu um asilo numa casa sua, tinha eu de passar a noite no meio da rua, como se fosse uma mendiga.

– Ah! não tinha voltado – disse *el rei* em tom severo; – então tinha eu razão?

– Senhor, permita que lhe diga, tira do que acabo de dizer uma solução de aritmético, mas não uma conclusão de cavalheiro.

– Por que, minha senhora?

– Para saber se eu voltava tarde ou cedo, não tinha necessidade, nem de mandar fechar a porta do seu palácio, nem de dar semelhantes ordens às sentinelas; bastava para isso vir ter comigo, e perguntar-me: A que horas volta, senhora? Pode crer que lhe responderia a verdade.

– Oh! – disse *el rei*.

– Já lhe não é permitido duvidar, senhor; os seus espiões foram enganados ou subornados, as suas portas arrombadas ou abertas, a sua apreensão combatida, as suas desconfianças dissipadas. Eu vi-o envergonhado de ter usado de violência contra uma mulher, no seu direito. Eu podia continuar a gozar da minha vitória. Mas acho o seu procedimento vergonhoso para um rei, impróprio de um fidalgo, e não quero privar-me da satisfação de lhe lançar em rosto.

O rei endireitou os bofes da camisa, como homem que medita uma réplica.

– Oh! é escusado, senhor – disse a rainha abanando a cabeça – nunca poderá desculpar o seu procedimento para comigo.

– Pelo contrário, minha senhora, é coisa facílissima – respondeu *el rei*. – Havia porventura aqui no palácio uma única pessoa sequer, que duvidasse de que estivesse já de volta? Pois, se todos pensavam que estava no palácio, ninguém poderia pensar que era por sua causa a ordem dada à sentinela. Que a atribuíssem às

dissipações do Sr. conde de Artois ou de qualquer outro, pouco cuidado me dá.

– E depois, senhor? – interrompeu a rainha.

– Depois? eu resumo e digo: se salvei para si as aparências, minha senhora, tenho razão, e digo-lhe que a Antonieta não a tem, que não praticou o mesmo para comigo; e se eu quis simplesmente dar-lhe uma lição secreta, se a lição lhe aproveita, como creio, ao ver a irritação que me testemunha, ainda mais me convenço de que tenho razão, e que tudo quanto fiz foi bem feito.

Sossegando a pouco e pouco, tinha a rainha ouvido a resposta de seu augusto marido; não que ela estivesse menos irritada, senão porque queria guardar todas as forças para a luta que, na sua opinião, em lugar de estar terminada, apenas começava.

– Muito bem – disse ela; – então não se desculpa de ter feito esperar fora da porta de sua casa, como teria feito a qualquer pessoa avulsa, a filha de Maria Teresa, sua mulher, a mãe dos seus filhos? Não, no seu entender é um brinquedo perfeitamente real, cheio de sal ático e cujo valor de mais a mais aumenta pela moralidade. Assim, segundo entende, é a coisa mais natural do mundo ter obrigado a rainha de França a passar a noite na casa onde o Sr. conde de Artois recebe as raparigas do teatro e as mulheres que o querem ouvir? Oh! isso de nada vale, um rei deve ser superior a todas essas misérias, e principalmente um rei filósofo, e o Sr. é filósofo! Note bem, nisto tudo o melhor papel foi o que desempenhou o Sr. conde de Artois. Prestou-me um serviço relevante. Note bem, que tive de dar graças a Deus de que meu cunhado fosse um rapaz extravagante, porque a sua extravagância serviu de capa à minha vergonha, porque os seus vícios foram a defesa da minha honra.

*El rei* corou e agitou-se desassossegadamente na poltrona em que estava sentado.

– Oh! – continuou a rainha – eu bem sei que é um rei moral, senhor! Mas já pensou porventura qual será o resultado da sua moral? Ninguém sabia que eu estava fora, diz o senhor, e o senhor pensava que eu estivesse aqui!? Dirá também que assim o acreditou o seu instigador, o Sr. de Provença? Dirá que o Sr. de

Artois o acreditou? Dirá que o acreditaram as minhas aias, que por ordem minha lhe mentiram esta manhã? Dirá que o acreditou Lourenço, comprado pelo Sr. conde de Artois e por mim? Ora, o rei tem sempre razão, mas é certo que a rainha pode também tê-la algumas vezes. Acostumemo-nos a isto, senhor, quer? Continue a mandar-me espiões e guardas suíços, e eu continuarei a comprar uns e outros, e juro-lhe que antes de um mês, porque bem me conhece e sabe que hei de cumprir o que digo, antes de um mês, repito, algum dia pela manhã somaremos tudo junto, a majestade do trono e a dignidade do casamento, como hoje, por exemplo, e veremos o que nos custará isso a ambos.

Era evidente que estas palavras tinham produzido grande efeito naquele a quem eram dirigidas.

– Sabe muito bem – disse *el rei* com voz alterada – que sou sincero, e que sempre confesso os meus erros. Quer provar-me que teve razão em sair de Versalhes, com homens do seu séquito, estouvados, que a comprometem nas graves circunstâncias em que nos achamos?! Quer provar-me que teve razão em desaparecer com eles em Paris, como mascarados num baile, e em só aparecer de noite, escandalosamente tarde, quando a minha luz se apagava no meu trabalho, e já toda a gente dormia? Falou da dignidade do casamento, da majestade do trono e da sua qualidade de mãe. O que acaba de fazer, julga que é digno de uma esposa, de uma rainha, de uma mãe?

– Em duas palavras vou responder-lhe, senhor, e previno-o de que o vou fazer mais desdenhosamente do que até agora, porque, na realidade, parece-me que certas partes da sua acusação só merecem o meu desprezo. Saí de Versalhes em trenó, para chegar mais depressa a Paris; saí com a Sr.<sup>a</sup> de Taverney, que, graças a Deus, goza da reputação mais pura da corte, e fui a Paris, verificar, por meus próprios olhos, que o rei de França, esse pai da grande família, esse rei filósofo, esse sustento moral de todas as consciências, ele que deu de comer aos pobres estrangeiros, que agasalhou os mendigos e mereceu o amor do povo pelo seu génio benfazejo; quis verificar, dizia eu, que o rei deixava morrer de fanas, sepultado no esquecimento, exposto a todos os ataques do

vício e da miséria, alguém da sua família, tanto como o rei: enfim, um descendente de um dos reis que governam a França.

– Eu! – disse *el rei* admirado.

– Subi – prosseguiu a rainha – a uma espécie de água-furtada, e vi, sem lume, sem dinheiro, a neta de um grande príncipe; dei cem luíses à vítima do esquecimento, da negligência real. E como me demorei, refletindo na insignificância das nossas grandezas neste mundo, porque eu também sou algumas vezes filósofa, como o frio era intenso, e quando gela, os cavalos não andam bem, principalmente os cavalos de uma carruagem de aluguel...

– Os cavalos de uma carruagem de aluguel! – exclamou *el rei*. – Voltou em carruagem de aluguel?

– Sim, senhor, no número 107.

– Oh! oh! – murmurou *el rei* balanceando a perna direita que estava cruzada sobre a esquerda, o que era nele sintoma de viva impaciência. – Em carruagem de aluguel!

– Sim, e muito feliz me considero ainda por ter achado essa carruagem – redarguiu a rainha.

– Minha senhora – interrompeu *el rei* – procedeu muito bem; tem sempre inspirações nobres, talvez pouco refletidas, mas a culpa é do ardor de generosidade que tanto a distingue.

– Obrigada, senhor – respondeu a rainha em tom de zombaria.

– Note bem – prosseguiu *el rei* – que não a acusei de nenhuma ação desonrosa ou ilegal; só o que me desagradou foi o seu procedimento um pouco arriscado e aventureiro; fez o bem como sempre: mas fazendo bem aos mais, achou meio de fazer mal a si. É de que a acuso. Agora, tenho que reparar algum esquecimento, tenho que acudir a uma família de reis? Estou pronto: diga-me quem é, que eu não me demorarei em acudir.

– O nome de Valois, senhor, é ilustre bastante, creio eu, para estar presente na sua memória.

– Ah! – exclamou Luís XVI com uma estrondosa gargalhada – já sei de quem quer falar. Da pequena Valois, não é verdade? uma condessita de... Espere... de...

– De La Motte.

– É isso mesmo; de La Motte; o marido é gendarme?

– É, sim, senhor.

– E a mulher uma intrigante? Oh! não se enfade; ela tem revolvido céu e terra; não larga os ministros, persegue as minhas tias, carrega-me a mim mesmo de súplicas, de requerimentos, de provas genealógicas.

– Ah! .senhor, o que isso prova é que até hoje tem ela reclamado sempre em vão, e nada mais.

– Não digo o Contrário!

– É ela Valois ou não é?

– Ah! sim, por certo que o é.

– Então, dê-lhe uma pensão. Uma pensão honrosa para ela, um regimento para o marido, um estado enfim para aqueles ramos da árvore real.

– Oh! devagar, minha senhora. Diacho, como vai longe a sua generosidade! A Valois há de arrancar-me sempre bastantes penas sem precisar do seu auxílio; descanse, que ela tem bom bico!

– Oh! nada receio pelo senhor; as suas penas não caem com facilidade.

– Uma pensão honrosa! Santo Deus! como vai longe a sua generosidade, minha senhora! Não sabe a terrível sangria que este inverno ela deu à minha bolsa?... Um regimento àquele gendarmesito, que fez a especulação de casar com uma Valois! Nem eu tenho já regimentos que dar, minha senhora, nem àqueles que os pagam ou que os merecem. Dar a esses mendigos um estado digno dos reis de que descendem! Ora adeus! quando nós mesmos, os reis, não temos já sequer um estado digno dos ricos particulares. O Sr. duque de Orleans mandou para Inglaterra os seus cavalos e mulas para se venderem, e suprimiu dois terços do pessoal da sua casa. Eu suprimi também muitas despesas. O Sr. de Saint-Germain fez-me reformar a minha casa militar. Todos vivemos com privações, minha querida, tanto os grandes como os pequenos.

– Mas, senhor, não se devem deixar morrer de fome os Valois!

– Não me disse que lhe tinha dado cem luíses?

– Ora! bela esmola!

– É uma esmola real.

– Dê-lhe outro tanto.

– Deus me livre. O que a senhora lhe deu é por ambos.  
– Então, conceda-lhe uma pequena pensão.  
– Não, não; coisa nenhuma fixa. Essa gente terá o cuidado de nos apanhar bastante, porque são da classe dos roedores. Quando eu tiver vontade de dar, eu darei uma soma sem precedentes, sem obrigações futuras. Numa palavra, eu darei quando o dinheiro me sobejar. Esta Valois... na realidade, nem lhe posso contar tudo quanto sei dela. O seu bom coração fê-la cair num laço, minha querida Antonieta. Peço perdão ao seu bom coração.

E dizendo estas palavras, Luís estendeu a mão à rainha, que, cedendo a um primeiro movimento, a levou aos lábios.

Depois, repelindo-a repentinamente, disse:

– Já não é meu amigo, e eu estou por isso muito mal com o senhor.

– Está mal comigo?! Pois eu... eu...

– Oh! sim, diga que é meu amigo, o senhor, que mandou fechar-me as portas de Versalhes; que às seis horas da madrugada vem aos meus aposentos, abre as portas, entra à força e olha para todos os lados com olhes furibundos!

*El rei* riu-se.

– Não – disse ele – não lhe quero mal.

– Já me não quer mal, é o que deve dizer.

– Que me dará se eu lhe provar que não lhe queria mal, mesmo quando aqui vim?

– Vejamos primeiramente a prova do que diz.

– Oh! É coisa fácil – redarguiu *el rei* – a prova trago-a na algibeira.

– Ora! – bradou a rainha com curiosidade, assentando-se na cama; – tem alguma coisa para me dar? Oh! então é realmente muito amável: mas não o acreditarei senão mostrando-me imediatamente a prova; compreende-me bem? Oh! nada de subterfúgios. Aposto que vai fazer-me alguma promessa?

Então, com um sorriso cheio de bondade, *el rei* meteu a mão na algibeira, com a lentidão que aumenta o desejo, que faz morrer de impaciência a criança quando espera que lhe dêem um brinquedo, o animal quando espera alguma coisa para comer, a mulher quando

espera um presente. Finalmente, tirou da algibeira uma caixa de marroquim escarlate artisticamente dourada e enfeitada.

– Um adereço! – disse a rainha; – oh! vejamos.

Apenas tinha aberto a caixa, quando ébria e deslumbrada, exclamou:

– Oh! como é belo! meu Deus, como é belo!

*El rei* sentiu um estremecimento de alegria, que lhe nascia do coração.

– Acha isso? – disse ele.

A rainha nem podia responder, tal era o estado de comoção em que ficou.

Tirou então de dentro da caixa um colar de brilhantes, tão grandes, tão puros, tão luminosos e tão habilmente engastados, que lhe pareceu ver correr-lhe nas mãos um rio de fósforo e de chamas.

O colar formava ondas como as roscas de uma serpente cujas escamas fossem todas de fogo.

– Oh! é magnífico – disse finalmente a rainha, assim que pôde articular algumas palavras – é magnífico – repetiu ela com uns olhes que se animavam, fosse ao contato dos riquíssimos brilhantes, fosse porque se lembrasse que mulher nenhuma no mundo poderia ter um colar igual àquele.

– Então, está contente? – disse *el rei*.

– Entusiasmada, senhor. Dá-me assim demasiada felicidade.

– Realmente!

– Veja esta primeira fiada, os brilhantes são do tamanho de avelãs.

– Efetivamente, são bons.

– E tão semelhantes! Não se poderiam distinguir uns dos outros. Como está habilmente combinada a gradação dos tamanhos! Que elegantes proporções entre as diferenças da primeira fiada à segunda, e da segunda à terceira! O ourives que reuniu estes brilhantes e fez o colar é decerto um grande artista.

– Foram dois.

– Aposto então que foram Bohemer & Bossange?

– Adivinhou.

– Na verdade não há como eles para tentar semelhantes empresas. Como isto é belo!

– Cuidado, minha senhora, cuidado – disse *el rei* – que paga por esse colar muito mais do que ele vale.

– Oh! – exclamou a rainha. – Oh! senhor.

E de repente anuviou-se lhe a fronte radiante.

Esta mudança na fisionomia foi tão rápida em se operar e tão rápida em desaparecer, que nem *el rei* teve tempo de notá-la.

– Vamos – disse ele – conceda-me um prazer.

– Qual?

– O de lhe pôr este colar ao pescoço.

A rainha deteve-o.

– É muito caro, não é verdade? – disse ela tristemente.

– É, sim – redarguiu *el rei* rindo; – mas já lhe disse, acaba de mo pagar por mais do que vale, e só no seu lugar, isto é, no seu pescoço, é que deverá ter verdadeiro valor.

E dizendo isto, Luís aproximou-se da rainha, segurando nas mãos as duas extremidades do magnífico colar, para o fixar no pescoço pelo fecho, que era também formado por um grande brilhante.

– Não, não -disse a rainha – nada de criancices. Guarde o colar na caixa, senhor.

E abanou a cabeça.

– Recusa-me o prazer de lhe ver no pescoço primeiro que ninguém?

– Deus me livre de lhe negar esse prazer, se eu aceitasse o colar; mas...

– Mas... – disse o rei admirado.

– Mas nem o senhor, nem pessoa alguma verá no meu pescoço um colar deste preço.

– Não o quer pôr?

– Nunca!

– Rejeita-o?

– Recuso pôr ao pescoço um milhão, ou talvez milhão e meio, porque enfim, eu avalio este colar num milhão e quinhentas mil libras; não é verdade?

– Não digo que não – redarguiu *el rei*.

– Recuso pôr ao pescoço milhão e meio, quando os cofres do rei estão vazios, quando o rei se vê obrigado a medir os socorros e a dizer aos pobres: Já não tenho mais dinheiro, Deus os favoreça!

– Como! é sério o que está dizendo?

– Olhe! uma vez disse-me o Sr. de Sartines, que se podia ter uma nau de linha com um milhão e quinhentas mil libras, e na realidade, senhor, é mais necessária uma nau ao rei de França do que um colar à rainha.

– Oh! – bradou *el rei* no cúmulo da alegria e com os olhos rasos de água – oh! essa ação é sublime. Mil vezes agradecido, Antonieta! É uma santa mulher. E para dignamente coroar a sua demonstração cordial e burguesa, o bom rei lançou os braços ao pescoço de Maria Antonieta, e deu-lhe um beijo.

– Oh! como será abençoada em França, minha senhora – bradou ele – quando conhecerem esta ação tão sublime.

A rainha suspirou.

– Se isso é um suspiro de arrependimento, está ainda a tempo – disse *el rei* com vivacidade.

– Não, senhor, é um suspiro de alívio; guarde o adereço e restitua-o aos ourives.

– Eu tinha já disposto as prestações para o pagamento e o dinheiro está pronto; vejamos, que hei de fazer dele? Não seja tão desinteressada, minha senhora.

– Não, eu já refleti bem. Não, decididamente, senhor, não quero esse colar; mas quero outra coisa.

– Diacho! quer cercear alguma coisa do milhão e seiscentas mil libras?

– Um milhão e seiscentas mil libras? Pois quê! era tão caro?

– Na verdade, minha senhora, já que me escapou o preço não me desdigo.

– Sossegue: o que quero pedir não é tão caro.

– Que me pede?

– Licença para ir outra vez a Paris.

– Oh! isso é fácil, e não é caro.

– Espere! espere!

- Diacho!
- A Paris, à praça Vendôme.
- Diacho!
- A casa de Mesmer.

*El rei* abanou a cabeça.

– Enfim disse ele – rejeitou um presente de um milhão e seiscentas mil libras, não é muito que eu lhe conceda isso. Vá pois a casa de Mesmer, mas permita que lhe ponha uma condição.

- Qual?
- De ir acompanhada por uma princesa de sangue.

A rainha, depois de refletir, disse:

- Quer que vá com a Sr.<sup>a</sup> de Lamballe?
- Com a Sr.<sup>a</sup> de Lamballe? Pois sim.
- Está dito?
- Concedido.
- Obrigada.

– E vou imediatamente encomendar a nau de linha – acrescentou *el rei* – que há de ser batizada com o nome de Colar da Rainha. A senhora será a madrinha, e a nau hei de mandá-la a Lapeyrouse.

*El rei* beijou a mão de sua mulher e saiu alegremente do quarto.

# VIII

## O erguer da Rainha

Apenas *el rei* saiu, a rainha ergueu-se e foi para a janela respirar o ar puro e frio da manhã.

O dia estava brilhante e cheio desse encanto, que a chegada da primavera muitas vezes dá aos dias de abril. Aos gelos da noite sucedia o suave calor de um sol já sensível. O vento mudara do Norte para Leste.

Se o vento se conservasse naquela direção, o inverno, esse terrível inverno de 1784, estava acabado.

Com efeito, já se via surgir no horizonte vermelhe esse vapor cinzento, que não passa da umidade fugindo diante do sol.

Nos jardins ia caindo gradualmente o gelo dos ramos, e os passarinhos começavam já a empoleirar-se nalguns rebentos novos.

A flor de abril, semelhante às pobres flores de que o Dante nos fala, erguia do centro da neve apenas derretida o cimo enegrecido, e por baixo das folhas da violeta, grossas, duras e largas, o botão oblongo da flor misteriosa lançava os dois folíolos elípticos, que nelas precede o perfume e o desabrochar.

Nas ruas da quinta, por sobre as estátuas e por sobre as grades de ferro, via-se o gelo escorregar como diamantes; não era bem água nem propriamente gelo.

Tudo anunciava a luta surda da primavera com o inverno, e pressagiava a sua próxima conquista.

– Se quisermos aproveitar ainda o gelo – disse a rainha interrogando a atmosfera – creio que nos devemos apressar. Não é verdade, Sr.<sup>a</sup> de Misery – acrescentou voltando-se – porque temos a primavera à porta?

– Há muito tempo que Vossa Majestade estava com desejo de dar um passeio no lago dos Suíços – redarguiu a primeira aia da rainha.

– Pois daremos esse passeio hoje mesmo – disse a rainha – porque amanhã talvez seja tarde.

– Então a que horas quer Vossa Majestade vestir-se?

– Já; almoçarei levemente e sairei em seguida.

– São unicamente essas as ordens da rainha?

– Mande saber se a Sr.<sup>a</sup> de Taverney está levantada, e dizer-lhe que desejo falar-lhe.

– A Sr.<sup>a</sup> de Taverney está no gabinete de Vossa Majestade – redarguiu a primeira aia.

– Já? – perguntou a rainha, que melhor que ninguém sabia a que horas Andréia se deitara.

– Oh! minha senhora, há já mais de vinte minutos que ela espera.

– Mande-a entrar.

Com efeito, Andréia entrou no quarto da rainha no momento em que o relógio do pátio de mármore dava nove horas.

Já esmeradamente vestida como as senhoras da corte, que não tinham direito de se apresentar em trajos de manhã diante da soberana, a Sr.<sup>a</sup> de Taverney chegou sorrindo-se, mas dando sinais de inquietação.

A rainha também sorriu, o que sossegou Andréia.

– Basta, minha boa Misery – disse ela – mande-me o Leonardo, o meu cabeleireiro.

Depois, seguindo com os olhos a Sr.<sup>a</sup> de Misery e vendo cair o reposteiro, disse:

– Nada! *El rei* esteve encantador, riu-se e ficou, desarmado.

– Mas Sua Majestade soube? – perguntou Andréia.

– Bem deve compreender, Andréia, que é inútil a mentira, quando se não tem culpa e se é rainha de França.

– É verdade, minha senhora – respondeu Andréia corando.

– No entanto, minha querida Andréia, parece que fizemos mal numa coisa.

– Numa coisa só, minha senhora? Talvez em mais de uma.

– É possível; mas, enfim, falo de uma: foi de nos termos interessado pela Sr.<sup>a</sup> de La Motte; *el rei* não gosta dela; contudo a mim, confesso, agradou-me.

– Oh! Vossa Majestade é muito bom juiz para que os seus decretos deixem de ser justos.

– Aqui está o Leonardo, minha senhora – disse a Sr.<sup>a</sup> de Misery entrando.

A rainha assentou-se diante do toucador, e o célebre cabeleireiro começou a sua tarefa.

A rainha tinha os mais lindos cabelos do mundo, e a sua presunção consistia em fazê-los admirar.

Leonardo sabia isso, e em lugar de penteá-la rapidamente, como faria a qualquer outra senhora, deixava à rainha o tempo e a satisfação de admirar-se a si mesma.

Nesse dia Maria Antonieta estava contente e até alegre; a sua formosura resplandia. Quando desviava os olhos do espelho fixava-os em Andréia com expressão de máximo affecto.

– Com a menina não ralharam – disse ela; – com a menina, que é livre e altiva, e a quem todos respeitam, porque, como a divina Minerva, é virtuosíssima.

– Eu, minha senhora! – balbuciou Andréia.

– Sim, a menina, o desespero de todos os estorninhos da corte. Oh! quanto é feliz no seu estado de solteira, Andréia, e principalmente por se considerar feliz em o ser!

Andréia corou e quis sorrir.

– Foi um voto que fiz -- disse ela.

– E que há de cumprir, minha formosa vestal? – perguntou a rainha.

– Assim o espero.

– A propósito – bradou a rainha – lembra-me...

– O que, minha senhora?

– Que, sem ser casada, tem contudo desde ontem um senhor.

– Um senhor!

– Sim, o seu caro irmão. Como se chama ele?... Filipe, creio eu?

– Sim, minha senhora, é Filipe.

– Sempre chegou?

– Ontem mesmo, como Vossa Majestade me fez honra de dizer.  
– E ainda o não viu? Egoísta que eu sou! separei-a dele ontem para a levar a Paris. Na realidade, é imperdoável.

– Oh! minha senhora – disse Andréia sorrindo – de todo o coração lhe perdoou, e Filipe também.

– Isso é certo?

– Eu respondo por tudo.

– Quanto à menina?

– Quanto a mim e quanto a ele.

– Como está ele?

– Sempre belo e sempre bom, minha senhora.

– Que idade tem ele agora?

– Trinta e dois anos.

– Pobre Filipe! Sabe que haverá alguns catorze anos que o conheço, e que nesse lapso de tempo estive nove ou dez anos sem o ver?

– Quando Vossa Majestade houver por bem recebê-lo, ele há de julgar-se felicíssimo por poder vir assegurar a Vossa Majestade que a ausência não influiu em mal nos sentimentos de profundo respeito e devoção, que sempre consagrou à rainha.

– Posso vê-lo imediatamente?

– Se Vossa Majestade o permite, poderá, dentro de um quarto de hora, estar aos pés de Vossa Majestade.

– Pois bem! permito-o; ordeno até que venha.

Apenas acabava a rainha de pronunciar estas palavras quando entrou alguém rápida e alegremente, ou melhor diremos, apareceu no gabinete da rainha, e veio mostrar o rosto risonho e zombeteiro no mesmo espelho em que Maria Antonieta admirava o seu.

– Meu irmão de Artois! – disse a rainha; – ah! na realidade, meteu-me medo.

– Bons dias a Vossa Majestade! – disse o jovem príncipe; – como passou Vossa Majestade a noite?

– Muito mal; muito obrigada, meu irmão.

– E a manhã?

– Muito bem.

– Isso é o essencial. Ainda há pouco me persuadi de que tudo se tinha passado bem, porque encontrei *el rei* e mostrou-me um sorriso delicioso. O que é a confiança!

A rainha riu-se; o conde de Artois, que nada mais sabia, riu também, mas por algum outro motivo.

– Mas, é verdade – disse ele – que estouvado que eu sou! nem sequer perguntei à Sr.<sup>a</sup> de Taverney em que empregou o tempo.

A rainha olhou para o espelho, graças ao qual nada do que se passava no quarto lhe escapava.

Leonardo concluía o penteado, e a rainha, tirando o penteador de casa da Índia, vestiu um roupão de manhã.

A porta abriu-se.

– Olhe – disse ela ao conde de Artois – se quer saber alguma coisa de Andréia, aí a tem.

Com efeito, naquele momento entrava Andréia conduzindo pela mão um belo rapaz trigueiro, de olhos pretos, cheios de nobreza e melancolia, um vigoroso soldado de frente inteligente, garbo severo, semelhante a esses belos retratos como os pintam Coypel e Gainsboroug.

Filipe de Taverney vestia um fato cinzento escuro, bordado de prata; mas aquela cor cinzenta parecia negra, a prata parecia ferro; a gravata branca e os bofes da camisa, igualmente brancos, destacavam ao lado da casaca de cor escura, e os pós do penteado realçavam a varonil energia da tez e das feições.

Filipe adiantou-se, levado pela mão da irmã, e segurando na outra o chapéu.

– Minha senhora – disse Andréia, inclinando-se com respeito – aqui está meu irmão.

Filipe cortejou com gravidade.

Quando ergueu a cabeça, ainda a rainha não tinha cessado de olhar para o espelho. É certo, porém, que no espelho via Filipe tão bem como se tivera olhado para ele de frente.

– Bons dias, Sr. de Taverney – disse a rainha.

E voltou-se ao dizer estas palavras.

Tinha a deslumbrante e real formosura, que confundia em roda do seu trono os amigos da realeza e os adoradores da mulher.

Tinha o poder da formosura, e, perdoe-se-nos a inversão da ideia, tinha também a formosura do poder.

Filipe, vendo-a sorrir, sentindo aquele olhar límpido, soberbo e doce ao mesmo tempo, fitar-se nele, empalideceu e mostrou em toda a sua pessoa a mais viva comoção.

– Segundo parece, Sr. de Taverney, foi para nós a sua primeira visita? Muito obrigada.

– Vossa Majestade digna-se esquecer que sou eu quem devo agradecer – redarguiu Filipe.

– Tantos anos – disse a rainha – tanto tempo se tem passado desde a última vez que nos vimos! oh, o mais belo tempo da vida!

– Para mim, sim, minha senhora; mas não para Vossa Majestade, para quem todos os dias são dias de felicidade.

– Gostou então muito da América, Sr. de Taverney, para assim se deixar por lá ficar, quando toda a gente voltava?

– Minha senhora, o Sr. de Lafayette, quando se retirou do Novo-Mundo, precisava de um oficial de confiança a quem pudesse deixar uma parte do comando dos auxiliares. Em consequência disto, propôs-me ao general Washington, que se dignou aceitar-me.

– Parece – disse a rainha – que desse novo mundo de que fala vêm muitos heróis?

– Não é aludindo a mim que Vossa Majestade diz isso – respondeu Filipe sorrindo.

– E por que não? – disse a rainha.

Depois, voltando-se para o conde de Artois:

– Olhe, meu irmão – disse a rainha – que belo ar marcial que tem o Sr. de Taverney!

Filipe, vendo-se assim posto em relação com o conde de Artois, que não conhecia, deu para ele um passo, solicitando do príncipe a permissão de o cumprimentar.

O conde fez um sinal com a mão; Filipe inclinou-se.

– Um belo oficial! – bradou o jovem príncipe; – um nobre e gentil fidalgo, com quem estimo muito ter ocasião de ligar amizade. Quais são as suas intenções voltando assim à França?

Filipe olhou para sua irmã.

– Senhor – disse ele – tenho o interesse da minha irmã que domina o meu; hei de fazer o que ela quiser que eu faça.

– Mas – disse o conde de Artois – creio que há ainda o Sr. de Taverney pai.

– Ah! não importa – interrompeu vivamente a rainha – gosto mais que Andréia esteja aqui sob a proteção de seu irmão do que sob a do pai. O conde, encarrega-se de Taverney, não é verdade?

O conde de Artois fez um sinal de assentimento.

– Sabe o senhor – prosseguiu a rainha – que nos ligam laços muito estreitos?

– Laços muito estreitos!... Oh! por favor, conte-me isso, minha irmã.

– Sim, o Sr. Filipe de Taverney foi o primeiro francês que eu vi quando entrei em França, e eu tinha prometido sinceramente que havia de fazer a felicidade do primeiro francês que encontrasse.

Filipe sentiu subir-lhe a cor ao rosto, e mordeu os lábios para parecer impassível.

Andréia olhou para ele e abaixou a cabeça.

Maria Antonieta surpreendeu um desses olhares que o irmão e a irmã tinham trocado entre si. Como teria ela adivinhado tudo quanto semelhante olhar ocultava de segredos dolorosamente acumulados?

Maria Antonieta nada sabia dos acontecimentos que relatámos na primeira parte desta história.

A aparente tristeza que se apoderou deles, atribuiu-a a rainha a outra causa. Por que motivo, quando tanta gente se tinha namorado da rainha em 1774, não teria também o Sr. de Taverney padecido um pouco desse amor epidémico dos Franceses pela filha de Maria Teresa?

Nada havia que tornasse inverossímil essa suposição, nem sequer o exame efetuado no espelhe dessa formosura de rapariga, que era agora mulher e rainha.

Maria Antonieta atribuiu, portanto, o suspiro de Filipe a alguma confidência deste gênero feita pelo irmão à irmã; sorriu para o irmão, e acariciou a irmã com um dos seus olhares mais meigos. Não adivinhara inteiramente, mas não se tinha totalmente

enganado; e naquela inocente ideia não se atreva pessoa alguma a ver um crime: a rainha foi sempre mulher e gloriava-se de ser amada. Certas almas têm essa aspiração para a simpatia de tudo o que as cerca. E não são estas as almas menos generosas deste mundo.

Ah! um momento virá, pobre rainha, em que esse sorriso que te levam a mal e que diriges às pessoas que te amam, em vão o dirigirás às pessoas que já te não tiverem amor!

O conde de Artois aproximou-se de Filipe enquanto a rainha consultava Andréia sobre o adorno de um vestido de caça.

– É realmente um grande general, o Sr. de Washington?

– É um grande homem, Sr. Infante.

– E que efeito faziam lá os Franceses?

– Faziam, em bem, o mesmo efeito que os Ingleses faziam em mal.

– Bem; é partidário das ideias novas, meu caro Sr. Filipe de Taverney. Mas pensou bem numa coisa?

– Em que, Sr. infante? Confesso que por lá, sobre a erva dos campos, nos bosques virgens, nas margens dos grandes lagos, tive muitas vezes ocasião de pensar em muitas coisas.

– E nesta, por exemplo, que não foi nem contra os índios, nem contra os Ingleses, que lá guerreou.

– Contra quem foi então, Sr. infante?

– Contra nós!

– Não desmentirei a Vossa Alteza; é muito possível.

– Sim, mas uma reação pode ser mortal para os que curaram o mal primitivo.

– Ah! senhor.

– Aí está porque não acho tão gloriosas como por aí dizem as vitórias de Washington e do marquês de Lafayette. Será talvez egoísmo, não o nego; mas desculpe-me, porque não é egoísmo para mim só.

– Oh! senhor.

– E sabe por que o auxiliarei com todas as minhas forças?

– Senhor, qualquer que seja o motivo, eu agradecerei vivamente a Vossa Alteza real.

– É que, meu caro Sr. de Taverney, não é daqueles cuja fama foi apregoada aí pelas ruas. Combateu com honra, mas não se pôs a cada momento na boca da fama; em Paris não o conhecem, e é esse o motivo por que sou seu amigo. Quando não... Ah! por minha alma... Sr. de Taverney... quando não... Eu sou egoísta, e bem deve compreender.

Nisto o príncipe beijou a mão da rainha rindo-se, cortejou Andréia com modo afável e mais afetuoso do que geralmente mostrava às mulheres, depois abriu a porta e desapareceu.

A rainha deixou então, quase de repente, a sua conversação com Andréia, e voltando-se para Filipe, disse-lhe:

– Já foi ver seu pai?

– Antes de vir aqui, não, minha senhora; esperava encontrá-lo nas antecâmaras, visto minha irmã tê-lo mandado prevenir.

– Por que não foi primeiramente ver seu pai?

– Eu tinha mandado a casa dele o meu criado, com a minha pequena bagagem; e o Sr. de Taverney mandou-me pelo mesmo homem ordem para que me apresentasse primeiramente a *el rei* ou a Vossa Majestade.

– E obedeceu?

– Com grande prazer, minha senhora, e pude assim abraçar minha irmã.

– Está um tempo ótimo! – exclamou a rainha alegremente. – Sr.<sup>a</sup> de Misery, amanhã já não teremos gelo, portanto preciso um trenó imediatamente.

A primeira aia ia sair para fazer executar a ordem.

– E o meu chocolate aqui – acrescentou a rainha.

– Vossa Majestade não quer almoçar? – bradou a Sr.<sup>a</sup> de Misery.  
– Já ontem Vossa Majestade não ceou.

– Está enganada, minha boa Misery. Ceamos ontem; pergunte à Sr.<sup>a</sup> de Taverney.

– E muito bem – respondeu Andréia.

– Mas nem por isso deixarei de tomar o meu chocolate – disse a rainha. – Depressa, depressa, minha boa Sr.<sup>a</sup> de Misery: este formosíssimo sol atrai-me. Há de haver muita gente no lago dos Suíços.

– Vossa Majestade vai patinar? – perguntou Filipe.

– Oh! vai escarnecer de nós, Sr. Americano – exclamou a rainha – o senhor que percorreu os imensos lagos em que se andam mais léguas de que passos se dão aqui!

– Senhora – respondeu Filipe – aqui diverte-se Vossa Majestade com o frio e as distâncias, e lá, os frios e as distâncias matam.

– Aí vem o meu chocolate; a Andréia toma uma chávena dele.

Andréia corou de prazer e inclinou-se.

– Vê, Sr. de Taverney, sou sempre a mesma: a etiqueta aborrece-me, como dantes. Está lembrado daquele tempo, Sr. Filipe? O senhor é também o mesmo, não é assim?

Estas palavras chegaram ao coração do mancebo.

Muitas vezes a saudade de uma mulher é uma punhalada para os interessados.

– Não, senhora – respondeu ele com voz firme – não estou mudado, pelo menos o coração é o mesmo.

– Então, se conservou o mesmo coração – disse a rainha alegremente – como o coração era bom, nós lhe agradecemos a nosso modo; Sr.<sup>a</sup> de Misery, uma chávena para o Sr. de Taverney.

– Oh! Senhora – bradou Filipe todo perturbado – pois Vossa Majestade quer conceder semelhante honra a um pobre soldado, tão desconhecido como eu?

– É um antigo amigo! – bradou a rainha – é o que sei. Este dia faz-me subir ao cérebro todos os perfumes da mocidade; este dia encontra-me feliz, livre, soberba e louçã!... este dia traz-me à memória os primeiros dias no meu grande Trianon, e as sortidas que Andréia e eu fazíamos; este dia faz-me lembrar as minhas flores, os meus morangos, os pássaros que eu procurava reconhecer entre as minhas plantas. Tudo, até os meus bons jardineiros, cujos rostos alegres significavam sempre uma flor nova, uma fruta saborosa; e o Sr. de Jussieu, e aquele original Rousseau, que já morreu... Este dia... digo-lhes que este dia me enlouquece. Mas, que tem, Andréia? Está vermelha! Que tem, Sr. Filipe? está pálido!

Com efeito, as fisionomias dos dois irmãos tinham suportado mal a cruel recordação, em que flutuava a forma indecisa de Gilberto.

Mas as últimas palavras da rainha fizeram-lhes cobrar ânimo.

– Queimei-me com o chocolate, senhora – disse Andréia; – desculpe-me Vossa Majestade.

– E eu, senhora – disse Filipe – não posso afazer-me à ideia de Vossa Majestade me honrar como um grande fidalgo.

– Vamos, vamos – interrompeu Maria Antonieta servindo o chocolate a Filipe; – é militar, e como tal, acostumado ao fogo: queime-se gloriosamente com o chocolate, que não tenho tempo para esperar.

E a rainha riu-se. Mas Filipe tomou o caso a sério, como teria feito um aldeão; com a diferença que o que este faria por perturbação, aquele fazia-o por heroísmo.

A rainha não o perdia de vista e dobrou de riso.

– Tem um belo carácter – disse ela.

E ergueu-se.

Já as suas aias lhe tinham trazido um lindo chapéu, uma manta de arminho e luvas.

– Sr. de Taverney, não quero que me deixe – disse a rainha – e por motivos de política, quero hoje confiscar um Americano. Venha à minha direita, Sr. de Taverney.

Taverney obedeceu, e Andréia passou para a esquerda da rainha.

Quando a rainha desceu a escadaria, quando os tambores rufaram, quando o clarim das guardas reais e a bulha das armas subiu ao palácio, impelida pelo vento dos vestíbulos, essa pompa real, esse respeito de todos, essas adorações, que se dirigiam ao coração da rainha e encontravam Taverney no caminho; esse triunfo, dizemos, produziu uma vertigem na cabeça já perturbada do mancebo; orvalhou-lhe a fronte um suor de febre, e afrouxou os passos. Se não fosse o frio turbilhão que de repente lhe feriu os lábios e os olhos, teria decerto perdido os sentidos.

Para aquele mancebo, cujos dias tão lugubrememente se tinham passado nas penas e no exílio, o regresso às grandes alegrias do orgulhe e do coração era demasiado rápido.

Enquanto na passagem da rainha, deslumbrante de formosura, se curvavam as frentes e se apresentavam as armas, um velho, a

quem a preocupação fazia esquecer a etiqueta, ficara-se de cabeça estendida, e com os olhos cravados na rainha e em Taverney, em lugar de curvar a cabeça e baixar os olhos.

Quando a rainha se afastou, o velho rompeu a fileira da ala que se formara, e se ia desmanchando depois da passagem da rainha, e correu com toda a velocidade, que lhe permitiam as suas pernas de setenta anos.

# IX

## O Lago dos Suíços

É bastante conhecido esse quadrado escuro e ondulado no verão, branco e rugoso no inverno, a que ainda hoje se dá o nome de Lago dos Suíços.

Uma rua de tílias, que alegremente desdobram ao sol os braços vermelhas, orla as margens do lago; a rua está povoada de passeantes de todas as classes e idades, que vão gozar do espetáculo dos trenós e dos patins.

O vestuário das mulheres oferece a brilhante confusão do luxo um pouco incómodo da antiga corte, e a desenvoltura um tanto caprichosa da nova moda.

Os penteados altos, os mantos que assombream os rostos novos, os chapéus pela maior parte de seda ou de veludo, as capas de peles e os vastos folhes dos vestidos de seda, confundiam-se extravagantemente com as casacas encarnadas, os casacões de azul-celeste, as librés amarelas e as vastas judias brancas.

Lacaios de azul e encarnado atravessam a chusma, como loios e papoulas, que o vento faz ondear por entre as espigas ou os trevos.

Por vezes ouve-se sair um grito de admiração do meio da assembleia; é Saint-Georges, o ousado patinador, que acaba de executar um círculo tão perfeito, que se um geómetra o medisse, não lhe acharia defeito sensível.

Enquanto as margens do lago estão cobertas de tantos espectadores, que se aquecem pelo contato, e apresentam de longe o aspecto de um tapete multicolor, por sobre o qual flutua um vapor, o dos hálitos que o frio recebe, o próprio lago, tornado em

grosso espelhe de gelo, apresenta o aspecto mais variado e sobretudo o mais animado possível.

Acolá vê-se um trenó, que três enormes cães, aparelhados como os troicas russos, fazem voar por sobre o gelo.

Os cães, cobertos de xairéis de veludo com as armas dos donos e de plumas na cabeça, parecem-se com esses animais quiméricos das infernarias de Callot ou das bruxarias de Goya.

O dono, o Sr. de Lauzun, negligentemente recostado no trenó, coberto de peles de tigre, inclina-se para o lado para respirar livremente, o que provavelmente não poderia conseguir, se afrontasse o curso do vento.

De um e outro lado alguns trenós modestos procuram o isolamento. Uma senhora mascarada, sem dúvida por causa do frio, vem num desses trenós; ao passo que um belo patinador, trajando vasto casaco de veludo preso com alamares de ouro, se inclina sobre as costas do trenó para lhe comunicar mais rápido impulso e dar-lhe ao mesmo tempo direção.

As palavras entre a senhora da máscara e o patinador de casaca de veludo trocam-se quase ao ouvido um do outro, e ninguém decerto malsinaria uma entrevista concedida assim debaixo da abóbada do céu e à vista de Versalhes em peso.

Que importa aos mais o que eles dizem, se podem vê-los? que importa que os vejam, se os não ouvem? É evidente, que no meio de toda essa gente, vivem eles uma vida isolada: passam por entre a multidão como dois pássaros viajantes. De repente, no meio desses silfos que escorregam mais do que andam, opera-se grande movimento, e eleva-se grande ruído.

É que acabava de aparecer a rainha no Lago dos Suíços. Reconheceram-na e aprontam-se para lhe deixar o lugar, quando ela a todos faz sinal com a mão para que se deixem ficar. Rompeu o grito de "Viva a rainha!", e a partir de então, fortalecidos com a licença concedida, os patinadores voam e os trenós são impelidos, formando como por um movimento eléctrico, um grande círculo em volta do lugar onde parou a augusta recém-chegada.

Fixou-se nela a atenção geral.

Os homens aproximam-se então por meio de manobras habilmente calculadas. As mulheres chegam-se com respeitosa discrição, e finalmente cada qual acha meio de se misturar com o grupo de gentis-homens e de oficiais superiores que vem apresentar os seus cumprimentos à rainha.

Entre os principais personagens notados pelo público, estava um notabilíssimo, que em vez de seguir o impulso geral e ir cumprimentar a rainha, ao conhecê-la pelo vestuário e pelas pessoas que a cercavam, saiu do trenó, dirigiu-se para uma das ruas de arvoredo, e desapareceu com as pessoas da sua comitiva.

O conde de Artois, que se notava no número dos patinadores mais elegantes e ligeiros, não foi dos últimos a transpor o espaço que o separava da cunhada e ir beijar-lhe a mão.

Nessa ocasião disse-lhe ao ouvido:

– Veja, mana, repare como meu irmão, o Sr. de Provença, foge de Vossa Majestade.

E dizendo estas palavras, designava com o dedo a alteza real, que, a passos largos, caminhava pelo bosque cheio de neve, para ir por um atalhe procurar a sua carruagem.

– Não quer ouvir-me – disse a rainha.

– Oh! isso é comigo; não é por isso que ele foge de si, é que parece temê-la.

– É a consciência – disse então a rainha com gravidade.

– Ainda é outra coisa.

– Então que é?

– Vou dizer-lhe. Acaba de saber que o Sr. de Suffren, o glorioso vencedor, deve chegar esta noite, e como a notícia é importante, não a quer dar.

A rainha viu em volta de si alguns curiosos a quem o respeito não afastava por tal modo, que não pudessem ouvir o que o cunhado lhe dizia.

– Sr. de Taverney – disse ela – tenha a bondade de tomar sentido no meu trenó, e se seu pai estiver aí, abrace-o: dou-lhe um quarto de hora de licença.

O mancebo inclinou-se e atravessou a multidão para ir executar a ordem da rainha.

A multidão, que algumas vezes tem instintos maravilhosos, também entendera e portanto alargou o círculo e a rainha achou-se assim mais à vontade com o conde de Artois.

– Meu irmão – disse então a rainha – explique-me o que pode meu irmão ganhar em me não dar parte da chegada do Sr. de Suffren.

– Oh! mana, será possível que a senhora, mulher, rainha, e inimiga, não perceba logo a intenção daquele astuto político? O Sr. de Suffren chega, ninguém na corte o sabe. O Sr. de Suffren é o herói dos mares da Índia, e por consequência tem direito a uma recepção magnífica em Versalhes. Portanto, chega o Sr. de Suffren; *el rei* ignora-o; *el rei*, como não sabe que chegou, parece que o despreza; a rainha procede do mesmo modo. Entretanto o Sr. de Provença, que sabe da chegada do Sr. de Suffren, vai receber o ilustre oficial, sorri-lhe, acaricia-o, faz-lhe uma quadra, e chegando-se muito ao herói da Índia, julga ficar sendo o herói da França.

– Está claro – disse a rainha.

– Pudera! – disse o conde.

– Só esquece uma coisa, ilustre gazeteiro.

– Qual?

– Dizer-me como conhece todo esse belo projecto do nosso querido irmão.

– Como o sei? Como sei tudo quanto ele faz. É simples: como tenho conhecido que o Sr. de Provença se empenha em descobrir o que eu faço, pago a quem me venha contar tudo quanto ele faz. Oh! isso poderá ser-me útil e à mana também.

– Agradeço muito a sua aliança, meu irmão; mas *el rei*?

– Oh! *el rei* está prevenido.

– Pelo senhor?

– Não; está prevenido pelo ministro da marinha, que eu lhe enviei. Essas coisas não são da minha competência; bem compreende que sou muito louco, muito frívolo, muito dissipador para me ocupar de coisas de tal importância.

– E o ministro da marinha ignorava também a chegada a França do Sr. de Suffren?

– Ah! meu Deus, querida irmã, em catorze anos, que é delfina ou rainha de França, tem conhecido bastantes ministros, creio eu, para saber que esses senhores ignoram sempre as coisas mais importantes. Pois bem, preveni o nosso e está entusiasmado.

– Pudera não!

– Compreende, minha querida irmã; o ministro há de ficar-me toda a sua vida agradecido, e justamente preciso da sua gratidão.

– Para quê?

– Para negociar um empréstimo.

– Oh! — exclamou a rainha rindo-se — aí está a sua bela ação estragada.

– Minha irmã — disse o conde de Artois com modo grave — deve ter necessidade de dinheiro: à fé de infante de França, que ponho à sua disposição metade da soma que receber.

– Oh! meu irmão — bradou Maria Antonieta — guarde o seu dinheiro; graças a Deus, de nada preciso neste momento.

– Diacho! não leve muito tempo em reclamar o cumprimento da minha promessa, querida mana.

– Por quê?

– Porque, havendo muita demora, pode bem ser que não possa desempenhar a minha palavra.

– Ora! nesse caso, tentaria eu também ver se descobria algum segredo de Estado.

– Minha irmã, está esfriando — disse o príncipe — e tem já as faces roxas.

– Aí vem o Sr. de Taverney, que volta com o meu trenó.

– Então já não precisa de mim?

– Não.

– Nesse caso, peço-lhe que me mande retirar.

– Por que? Imagina por acaso que me incomoda em qualquer coisa que seja?

– Não; sou eu que preciso da minha liberdade.

– Então, adeus.

– Até à vista, querida irmã.

– Quando aparece?

– Esta noite.

- Que há hoje?
- Por ora não há nada, mas há de haver.
- Então que há de haver?
- Há de haver enchente na partida de *el rei*.
- Por que?
- Porque o ministro há de trazer consigo o Sr. de Suffren.
- Bem. Até à noite.

A estas palavras, o príncipe cortejou a cunhada com a encantadora cortesia que tão natural lhe era, e desapareceu por entre a multidão.

O barão de Taverney, seguia o filhe com a vista, enquanto este se afastava da rainha para ir tratar do trenó.

Mas não tardou que tornasse a dirigir para a rainha o seu olhar vigilante.

Não deixou de lhe causar alguns cuidados a conversação animada de Maria Antonieta com o cunhado, porque viera interromper a familiaridade, ainda há pouco manifestada a seu filhe pela rainha.

Contentou-se por isso em fazer um gesto amigável a Filipe; quando este acabou os preparativos indispensáveis para a partida do trenó, e tendo querido o mancebo, conforme lhe ordenara a rainha, ir abraçar o pai a quem havia dez anos não abraçava, este fez-lhe sinal com a mão para que se não chegasse, dizendo-lhe:

– Depois, depois; vem quando acabares o teu serviço, e conversaremos.

Filipe afastou-se portanto e o barão viu com satisfação o conde de Artois despedir-se da rainha.

Esta meteu-se no trenó acompanhada por Andréia, e como se apresentassem dois grandes heiduques para empurrar o trenó, a rainha disse:

– Não, não; não quero ir assim. Não sabe patinar, Sr. de Taverney?

– Um pouco, real senhora – respondeu Filipe.

– Tragam patins ao Sr. cavalheiro – bradou a rainha.

Depois, voltando-se para o lado dele, acrescentou:

– Diz-me o coração que patina tão bem como Saint-Georges.

– Mas já noutro tempo – disse Andréia – Filipe patinava com muita elegância.

– E agora já não conhece rival, não é assim, Sr. de Taverney?

– Real senhora – disse Filipe – como Vossa Majestade se digna de ter essa confiança em mim, vou fazer o melhor que possa.

E dizendo estas palavras, Filipe calçara uns patins aguçados como navalhas.

Colocou-se atrás do trenó, deu-lhe impulso com uma das mãos e começou o passeio.

Então viu-se um espetáculo curiosíssimo.

Saint-Georges, o rei dos ginastas, o elegante mulato, o homem da moda, o homem superior em todos os exercícios do corpo, pressentiu um rival naquele moço, que ousava entrar em competência com ele na carreira.

Por isso começou logo a girar em torno do trenó da rainha, com reverências tão respeitosas, tão cheias de encanto, como nunca outras mais sedutoras haviam sido executadas por cortesão algum nas salas de Versalhes.

Descrevia em volta do trenó círculos rápidos e certíssimos, enleando-o por uma sequência de anéis maravilhosamente ligados uns aos outros; de modo que a nova curva prevenia sempre a chegada do trenó, que deixava ficar atrás; depois do que, com um impulso vigoroso, ganhava pela elipse quando perdera pela circunferência.

Os circunstantes não afastavam a vista de Saint-Georges.

Ninguém podia seguir aquela manobra, nem sequer com os olhes, sem ficar atordoado, deslumbrado, maravilhado.

Então Filipe, despeitado, tomou um partido cheio de temeridade: impeliu o trenó com tão espantosa velocidade, que duas vezes Saint-Georges, em lugar de lhe sair ao encontro, veio acabar o círculo por detrás do trenó; e como a rapidez deste fazia com que muita gente soltasse gritos de susto, que podiam ter causado medo à rainha, Filipe disse:

– Se Vossa Majestade deseja, pararei, ou pelo menos tornarei menos rápida a corrida.

– Oh! não, não – bradou a rainha com o fogoso ardor, que empregava tanto no trabalho como no prazer; – não, não tenho medo. Mais depressa, se pode, cavalheiro, mais depressa!

– Oh! ainda bem! Agradeço a licença, real senhora. Vai bem segura, digne-se Vossa Majestade confiar em mim.

E como firmou de novo as mãos robustas nas costas do trenó, foi tão vigoroso o movimento, que o fez estremecer muito sensivelmente.

Parecia que o tinha levantado com os braços.

Então, aplicando a outra mão no trenó, esforço que até então não quisera empregar, levou adiante de si o carro, que se tornou um brinquedo de crianças entre os seus braços de ferro.

A partir daquele momento, cruzou cada um dos círculos de Saint-Georges por círculos ainda maiores, de modo que o trenó movia-se como o homem mais ágil, virando e revirando em todo o seu comprimento, como se não fosse mais do que os simples patins com que Saint-Georges corria pelo gelo. Apesar do peso, e apesar do volume, o trenó da rainha estava convertido em patim. Virava, voava, andava num turbilhão como um dançarino.

Saint-Georges, mais elegante, mais correto nesses meandros, começou em breve a sentir-se desassossegado; havia já uma hora que andava patinando. Filipe, vendo-o todo em suor, reparando-lhe nos esforços das pernas trémulas, resolveu vencê-las pelo cansaço.

Mudou de processo, e abandonando os círculos, que lhe davam o trabalho de levantar de cada vez o trenó, impeliu-o em linha reta diante de si.

O trenó partiu mais rápido do que uma flecha.

Saint-Georges, num único impulso, tê-lo-ia em breve alcançado; mas Filipe aproveitara o momento em que o segundo impulso multiplica a força do primeiro: levou portanto o trenó por uma camada de gelo ainda intacto e com tanta força que ele mesmo se deixou ficar atrás.

Saint-Georges avançou para alcançar o trenó. Então, Filipe, reunindo as forças, deixou-se escorregar tão delicadamente sobre a extrema curvatura do patim, que passou adiante de Saint-Georges e veio pôr as mãos ambas no trenó. Depois, por um movimento

hercúleo, fez-lhe dar meia volta, e lançou-o de novo em sentido contrário, ao passo que Saint-Georges, levado por um dos seus supremos esforços, não podendo parar na carreira, e perdendo grande espaço, ficou completamente vencido.

Tais aclamações soaram no espaço, que Filipe corou de pejo.

Mas bem admirado ficou quando a rainha, depois de ela própria ter dado palmas, se voltou para ele, e em tom de voluptuosa opressão, lhe disse:

– Oh! Sr. de Taverney, agora que ganhou a vitória, piedade! Piedade, que me mata!

# X

## O tentador

Àquela ordem, ou antes àquele pedido da rainha, Filipe retraiu os seus músculos de aço, firmou-se nas pernas, e o trenó parou de repente como o cavalo árabe, que treme sobre as pernas rijas e finas nas areias da planície.

– Oh! agora vá descansar – disse a rainha saindo do trenó, ainda vacilante. – Na verdade, nunca pensei que houvesse tanta embriaguez na velocidade. Esteve a ponto de me fazer enlouquecer!

E encostou-se vacilante no braço de Filipe.

Um sussurro de admiração que percorreu toda aquela chusma dourada e colorida, advertiu-a de que acabava de cometer uma dessas faltas contra a etiqueta, que aos olhes da inveja e do servilismo se tornam gravíssimas.

Quanto a Filipe, atordoado com aquele excesso de honra, estava mais trémulo e mais envergonhado do que se a soberana o tivesse ultrajado publicamente.

A cada instante baixava os olhes; o coração batia-lhe com tal violência que parecia querer despedaçar-lhe o peito.

Uma singular comoção, a da carreira seguramente, agitava igualmente a rainha, porque retirou imediatamente o braço e travou do da Sr.<sup>a</sup> de Taverney, pedindo ao mesmo tempo uma cadeira.

Trouxeram-na para ela:

– Perdão, Sr. de Taverney – disse a rainha.

Depois disse em voz baixa com enfado:

– Meu Deus! que infelicidade a de estar-se sempre cercada de curiosos e de tolos!

Gentis-homens da câmara e damas de honor tinham-se aproximado, e devoravam com os olhos Filipe, que para ocultar a sua vermelhidão, desatava os patins.

Logo que os desatou, recuou para dar lugar aos cortesãos.

A rainha permaneceu alguns momentos pensativa.

Depois, erguendo a cabeça, disse:

– Oh! sinto que me constiparei continuando aqui imóvel; demos mais uma volta.

E entrou novamente no trenó.

Filipe esperou, mas inutilmente, que a rainha lhe desse alguma ordem.

Então vinte gentis-homens se apresentaram.

– Não, meus senhores, agradeço muito – disse ela – quero os meus heidduques.

Depois, assim que os criados chegaram aos seus postos, disse:

– Devagar, vamos muito devagar.

E fechando os olhos, entregou-se a grata meditação.

O trenó afastou-se devagar como a rainha ordenara, seguido por uma chusma imensa de ávidos curiosos e de invejosos.

Filipe ficou só, limpando o suor da fronte.

Procurava Saint-Georges com a vista para o ir consolar da sua derrota por meio de algum cumprimento leal.

Mas este recebera um recado do duque de Orleans, seu protetor, e retirara do campo de batalha.

Filipe, um pouco triste, alguma coisa cansado e quase assustado do que acabava de se passar, ficara imóvel no seu lugar, seguindo com os olhos o trenó da rainha, que se afastava, quando sentiu que lhe haviam tocado com alguma coisa nas costas.

Voltou-se e achou-se em presença do pai.

O velho barão, encarquilhado como um personagem de Hoffmann, envolto em peles como um Samoiedo, tocara no filho com o cotovelo, para não tirar as mãos do regalo em que as trazia.

Os olhos, dilatados pelo frio ou pela alegria, apareceram chamejantes a Filipe.

– Não me abraças, meu filhe? – disse ele.

E pronunciou estas palavras no mesmo tom em quê o pai do Atleta grego deve ter agradecido a seu filhe a vitória alcançada no circo.

– De todo o coração, meu caro pai – redarguiu Filipe.

Mas facilmente se compreendia que não havia harmonia alguma entre a acentuação das palavras e a sua significação.

– Bem, bem, e agora que me abraçaste, vai, vai depressa.

E empurrou-o.

– Mas onde quer que eu vá? – perguntou Filipe.

– Ora, para acolá, com os diabos!

– Para acolá?

– Sim, para o pé da rainha.

– Oh! não, meu pai, não, obrigado.

– Como, não! Como obrigado! Estás doido; não queres ir ter com a rainha?

– Não, é impossível; não reparou no que disse, meu querido pai.

– Como! impossível ir ter com a rainha quando ela te espera?

– Que me espera, a mim?

– Mas sim, sim; a rainha, que te deseja.

– Que me deseja?

E Filipe olhou fixamente para o barão.

– Realmente, meu pai – disse ele friamente – creio que não está bem em si.

– Palavra de honra que és digno de admiração – disse o ancião endireitando-se e batendo com o pé no chão. – Ora vamos, Filipe, tem a bondade de me dizer donde vens?

– Senhor – disse tristemente o cavalheiro – estou, na verdade, com grave receio de me convencer de uma coisa.

– De qual?

– De que está zombando de mim, ou então...

– O que?

– Perdoe-me, meu pai... ou que então não está em seu perfeito juízo.

O ancião agarrou o filhe pelo braço com um movimento nervoso tão enérgico, que o mancebo franziu o sobrolho de dor.

– Oh! Sr. Filipe – disse o ancião – a América é um país muito distante da França, bem o sei.

– Sim, meu pai, muito distante – repetiu Filipe; – mas não compreendo o que quer dizer. Rogo-lhe que se explique melhor.

– Um país onde não há rei nem rainha.

– Nem súbditos.

– Muito bem! Nem súbditos, Sr. filósofo; não o nego. É isso um ponto que me não interessa por forma alguma, e me é absolutamente indiferente; o que me humilha, é que eu receio também muito convencer-me de uma coisa.

– Qual é, meu pai? Em todo o caso, parece-me que as nossas desconfianças diferem totalmente.

– A minha é de que és um estúpido, meu filho. E isso não é permitido a um grande mocetão modelado como tu és. Olha, ora olha para acolá!

– Estou olhando, senhor.

– Então! A rainha volta-se para trás e é esta a terceira vez que o faz. Sim, senhor, a rainha voltou-se já três vezes! E olha, lá se volta ela novamente; procura quem, Sr. estúpido, Sr. puritano, Sr. da América? Oh!...

E o ancião mordeu, não já com os dentes, mas com as gengivas, as suas luvas de pelica cinzenta, em cada uma das quais poderia meter bem duas mãos:

– Pois bem, senhor – disse o mancebo – quando assim fosse, o que provavelmente não é, quando a rainha me procurasse a mim...

– Oh! – repetiu outra vez o ancião batendo com os pés – ele disse: “Quando assim fosse!” Mas este homem não é do meu sangue, este homem não é Taverney!

– Não sou do seu sangue! – murmurou Filipe.

E depois em voz alta e erguendo os olhos ao céu:

– Deverei dar disso graças a Deus? – disse ele.

– Senhor – disse o ancião – digo-lhe que a rainha o procura; digo que a rainha quer vê-lo.

– Tem óptima vista, meu pai – disse Filipe secamente e com a maior indiferença.

– Vejamos – continuou o ancião mais brandamente e tentando moderar a sua impaciência; – vejamos, deixa-me explicar-te... É verdade, tens as tuas razões; mas enfim, eu tenho a experiência. Vejamos, Filipe, és ou não és tu homem?

Filipe encolheu levemente os ombros e não respondeu.

O velho, vendo que esperava baldadamente uma resposta, decidiu-se mais por desprezo do que por necessidade, a fixar os olhos no filho, e conheceu então toda a dignidade, toda a impenetrável reserva, toda a inexplicável vontade de que esse rosto estava armado para o bem!

Comprimiu a sua dor, esfregou com o regalo a ponta vermelha do nariz; e com uma voz doce como a de Orfeu falando aos rochedos da Tessália, disse:

– Filipe, meu filho, vamos, ouve-me.

– Há mais de uma hora, meu pai — respondeu o mancebo — que não faço outra coisa.

– Vou fazer-te cair do alto da tua majestade, meu Americano — disse consigo o pai. — Também hás de ter o teu lado fraco, colosso. Deixa-me rasgar-te esse lado com as minhas velhas garras e verás!

Depois, em voz alta, acrescentou:

– Ainda não percebeste uma coisa?

– O que?

– Uma coisa que faz honra à tua simplicidade.

– E vem a ser?

– Também tens razão: chegas agora da América; partiste num momento em que não havia senão rei, em que já não havia rainha, a não ser a Dubarry, que era uma majestade pouco respeitável. Voltas, vêes uma rainha, e dizes contigo: respeitemo-la.

– Sem dúvida.

– Pobre criança! — disse o ancião.

E começou a abafar ao mesmo tempo no regalo com a sua tosse seca uma risada estrondosa.

– Como? — perguntou Filipe — admira-se de que eu respeite a realeza, o senhor, um dos melhores fidalgos da França?

– Mais devagar! Eu não te falo da realeza, falo-te da rainha.

– Mas, não sei que diferença haja!

– Ora! Que é a realeza, meu caro? é uma coroa. Alto, que aí não se toca! que é a rainha? é uma mulher. Oh! uma mulher muda muito de figura, pode tocar-se.

– Pode tocar-se! – exclamou Filipe, corando ao mesmo tempo de raiva, e acompanhando a palavra com um gesto tão sublime, que mulher nenhuma o teria podido ver sem o amar, nenhuma rainha sem o adorar.

– Tu não crês no que digo, não. Pois bem! Pergunta – redarguiu o ancião em voz baixa e com inflexão quase feroz, tanto era o seu cinismo – pergunta ao Sr. de Coigny, ao Sr. de Lauzun e ao Sr. de Vaudreuil.

– Silêncio, silêncio! meu pai – bradou Filipe com voz surda; – silêncio, quando não, por essas blasfêmias, como não posso dar-lhe três estocadas com a minha espada, sou eu, juro-lhe, que as darei imediatamente em mim mesmo, sem dó nem piedade!

Taverney recuou um passo, girou nos calcanhares como faria Richelieu aos trinta anos, e sacudindo o regalo, disse:

– Oh! realmente, és um animal muito estúpido, és o cavalo feito burro, a águia mudada em ganso, o galo em capão. Adeus, boa noite, encheste-me de regozijo; julgava-me velho, aí um Cassandro, e vejo que sou um Valério, um Adónis, um Apolo. Boa noite! boa noite!

E girou outra vez nos calcanhares.

Filipe tornara-se triste; deteve o pai.

– Não falou seriamente, não é verdade, meu pai? – disse-lhe – porque é impossível que um fidalgo de tão boa raça continue a acreditar semelhantes calúnias, semeadas pelos inimigos não só da rainha senão também da realeza.

– Ainda duvida, o grande bruto! – exclamou o barão de Taverney.

– Falou-me como se falasse diante de Deus?

– Está claro.

– Diante de Deus, de quem cada dia o senhor mais se aproxima?

O mancebo renovara a conversação, que tão desdenhosamente interrompera. Era isso um triunfo para o barão, que se aproximou

mais.

– Mas – disse ele – parece-me que sou fidalgo, Sr. meu filho, e que não minto?

– E quem o acusa de mentir, meu pai? Um nobre não mente, mas a rainha tem inimigos, não faltam panfletários que a ultrajem nos papéis públicos.

– Julgas, porventura, que eu seja algum periodiqueiro?

– Não, mas é triste que homens como o meu pai repitam semelhantes infâmias, que sem isso se desvaneceriam como os vapores, que por vezes escurecem o sol mais brilhante. São o senhor e as outras pessoas bem-nascidas que, repetindo essas infâmias, lhes dão terrível consistência: oh! senhor, pelo amor de Deus, não repita semelhantes coisas!

– Contudo, repito-as.

– E por que as repete? – exclamou o mancebo batendo com o pé no chão.

– Ora! – disse o ancião, agarrando-se ao braço do filho e olhando para ele com o seu riso diabólico – para te provar com quanta razão eu te dizia: “Filipe, a rainha volta-se; Filipe, a rainha deseja; Filipe, corre, corre, a rainha espera!”.

– Oh! – exclamou o mancebo escondendo a cabeça entre as mãos – em nome do céu, cale-se, meu pai, que me enlouquece.

– Realmente, Filipe, não te compreendo – disse o ancião. – É algum crime amar? É prova de que se tem coração: e nos olhes daquela mulher, na sua voz, nos seus modos, não se vê que tem coração? Ela ama. Será a ti? Não sei. Será a outro? É possível; mas crê na minha velha experiência, ela agora ama, ou começa a amar alguém. Mas tu és um filósofo, um puritano, um quaker, um homem da América. Tu não amas? Deixa-a voltar-se, deixa-a esperar, insulta-a, despreza-a, repele-a, Filipe, quero dizer, José de Taverney!

E dizendo estas palavras acentuadas por feroz ironia, o ancião, ao ver o efeito que produzira, desapareceu como o tentador, depois de dar a ideia do crime.

Filipe ficou só, com o coração oprimido e o cérebro escandescente; nem sequer reparou que havia meia hora que

estava pregado no mesmo lugar, que a rainha tinha acabado o seu passeio, que voltava, que olhava para ele, e que, do centro do seu cortejo, dissera:

– Deve estar já bem descansado, Sr. de Taverney! Venha, venha! não há outro como o senhor para conduzir realmente uma rainha. Afastem-se, senhores!

Filipe correu para ela, cego, deslumbrado, inebriado.

E pondo a mão nas costas do trenó, sentiu-se queimar: a rainha estava negligentemente recostada; os dedos do mancebo tinham tocado levemente nos cabelos de Maria Antonieta.

# XI

## A Suffren

Contra o costume da corte, o segredo fora fielmente guardado. Ninguém sabia a que horas e de que modo devia chegar o Sr. de Suffren.

*El rei* determinara que haveria partida nessa noite.

Às sete horas entrou nas salas com os príncipes e princesas da sua família.

A rainha chegou, trazendo pela mão a princesa real, que não tinha mais de sete anos.

A assembleia era numerosa e brilhante.

Durante os preliminares da reunião, no momento em que cada um tomava o seu lugar, o conde de Artois chegou-se à rainha e disse-lhe a meia voz:

- Minha irmã, olhe bem em torno de si.
- Que é ? – disse ela – estou olhando.
- Que vê?

A rainha examinou bem em volta de si, e ao ver amigos por todos os lados, entre os quais se contavam Andréia e seu irmão, disse:

– Vejo caras muito agradáveis, caras de pessoas amigas principalmente.

- Não olhe a mana para quem está; veja quem falta.
- Ah! é verdade! – exclamou ela.

O conde de Artois riu-se.

– Ainda ausente – continuou a rainha. – Ora sempre o farei fugir assim?

– Não – disse o conde de Artois; – mas o caso prolonga-se. O Sr. de Provença foi à barreira esperar o bailio de Suffren.

– Mas, nesse caso, não vejo por que motivo se ri?

– Não vê por que motivo rio?

– Não; se o Sr. de Provença foi à barreira esperar o bailio de Suffren, foi mais esperto que nós, porque será o primeiro a vê-lo, e por consequência há de cumprimentá-lo primeiro que ninguém.

– Ora vamos, minha irmã – redarguiu o príncipe rindo – bem fraca ideia tem da nossa diplomacia. É verdade que o Sr. de Provença foi esperar o bailio à barreira de Fontainebleau, mas nós temos alguém que o espera na estação de Villejuif.

– Realmente?

– De modo que – prosseguiu o conde de Artois – o Sr. de Provença há de perder o tempo na barreira, ao passo que, por ordem de *el rei*, o Sr. de Suffren, vindo por fora de Paris, há de chegar diretamente a Versalhes, onde nós o esperamos.

– Isso é maravilhosamente imaginado.

– Não é de todo mal, e estou satisfeito comigo. Vamos, mana, determine os parceiros para o seu jogo.

Havia naquele momento na sala do jogo pelo menos cem pessoas da mais alta nobreza: o Sr. de Penthièvre, o Sr. de La Tremouille, e as princesas. Só o rei viu que o conde de Artois fazia rir a rainha, e para meter-se um pouco na confidência deles, dirigiu-lhes um olhar dos mais significativos.

A notícia da chegada do comendador de Suffren não se espalhará, conforme dissemos, e contudo conhecia-se uma espécie de presságio, que pairava acima dos espíritos.

Sentia-se alguma coisa de oculto, que ia aparecer, alguma coisa de novo, que ia desabrochar: era um interesse desconhecido, que se espalhava por toda aquela gente, para quem o menor acontecimento toma logo importância, quando o senhor franziu o sobrolho para reprovar, ou dilatou a boca para sorrir.

O rei, que por costume não jogava senão um escudo de seis libras, no empenho de moderar o jogo dos príncipes e senhores da corte, não reparou que pusera na mesa todo o ouro que trazia na algibeira.

A rainha, muito senhora do seu papel, fez de política e desviou a atenção da sua roda pelo ardor factício com que se entregou ao jogo.

Filipe, admitido na partida, colocado em frente de sua irmã, absorvia com todos os seus sentidos ao mesmo tempo a impressão inaudita, admirável, daquela proteção e acolhimento, que tão inopinadamente encontrava.

Por mais que fizesse, as palavras do pai vinham-lhe constantemente à memória. Perguntava a si mesmo se com efeito o barão, que vira três ou quatro reinados de favoritas, não conhecia bem a história dos tempos e dos costumes.

Perguntava se aquele puritanismo que participava da adoração religiosa, não era um ridículo mais, que consigo trouxera de remotos países.

A rainha, tão poética, tão formosa, tão fraternal para ele, não era afinal mais do que uma terrível namoradeira, desejosa de prender mais uma paixão às suas recordações, como um naturalista prende um inseto ou uma borboleta na sua coleção, sem importar-se com o que padece o pobre bicho, a quem atravessam o coração com um alfinete.

E todavia a rainha não era uma mulher vulgar, um carácter comum; um olhar dela tinha alguma significação, porque ela nunca dava direção ou expressão ao olhar sem previamente lhe calcular o alcance.

– Coigny, Vaudreuil – repetia Filipe – amaram-na; é possível. Mas poderia a rainha amá-los? Oh! Por que não vem um raio de luz alumiar esse profundo abismo a que chamam o coração da mulher, e que mais profundo se torna ainda quando é o coração de uma rainha?

E quando Filipe tinha suficientemente baralhado aqueles dois nomes no pensamento, olhava pela extremidade da mesa para os srs. de Coigny e de Vaudreuil, que, por singular capricho do acaso, se achavam sentados lado a lado, com os olhes voltados para um outro ponto oposto aquele onde estava a rainha, indiferentes, por não dizermos esquecidos.

E Filipe dizia consigo que era impossível que aqueles dois homens tivessem amado, e se mostrassem tão indiferentes e tão esquecidos, Oh! se a rainha o amasse, a ele, enlouqueceria de felicidade; se depois de o ter amado o esquecesse, matar-se-ia de desespero.

E dos srs. de Coigny e de Vaudreuil, passava à rainha Maria Antonieta.

E meditando sempre, interrogava aquela fronte tão imperiosa, aquele olhar tão majestoso; e a todas as formosuras da mulher pedia a revelação do segredo da rainha.

– Oh! não! Calúnias! Calúnias! é o que são todos esses boatos vagos, que começam a circular entre o povo, e aos quais os interesses, os ódios ou as intrigas da corte dão consistência.

Filipe estava neste ponto das suas reflexões, quando deram sete horas e três quartos no relógio da sala dos guardas. No mesmo instante ouviu-se grande rumor.

Soaram uns passos rápidos e apressados. Ouviu-se a bulha das coronhas das espingardas batendo nas lajes. Uma confusão de vozes que penetrara pela porta entreaberta, atraiu a atenção do rei, que inclinou a cabeça para trás, a fim de ouvir melhor, e fez um sinal à rainha.

Maria Antonieta compreendeu perfeitamente a indicação e imediatamente levantou o jogo.

Cada jogador, recolhendo o dinheiro que tinha diante de si, esperou, para tomar uma resolução, que a rainha deixasse perceber a sua.

A rainha passou à sala de grande recepção.

Já o rei lá tinha chegado.

Um ajudante de ordens do Sr. de Castries, ministro da marinha, aproximou-se de *el rei*, e disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

– Bem – respondeu o rei – vá.

Depois disse para a rainha:

– Tudo vai bem.

Cada qual interrogou com os olhos quem tinha ao alcance; aquele “tudo vai bem” dera que cismar a todos.

De repente, o Sr. marechal de Castries entrou na sala, dizendo em voz alta:

– Vossa Majestade quer receber o Sr. bailio de Suffren, que chega de Toulon?

Aquele nome, pronunciado em voz alta, satisfeita, triunfante, houve na assembleia inexplicável tumulto.

– Sim, senhor – respondeu o rei – e com muito prazer.

O Sr. de Castries saiu.

Houve um movimento quase unânime na direção da porta por onde o Sr. de Castries acabava de desaparecer.

Para explicar a simpatia da França para com o Sr. de Suffren, para se poder compreender o interesse que um rei, uma rainha, e príncipes de sangue real tinham em ser os primeiros a gozar da presença do Sr. de Suffren, poucas palavras serão necessárias. Suffren é um nome essencialmente francês, como Turenne, como Catinat, como João Bart.

Desde a guerra com a Inglaterra, ou melhor diremos, desde o último período de combates que precedera a paz, o Sr. de Suffren dera sete grandes batalhas navais sem ter uma única derrota; tomara Trinquemale e Gondelour, assegurara as possessões francesas, limpou os mares, e ensinara ao nababo Hayder-Aly que a primeira potência da Europa era a França. No exercício da sua profissão de homem do mar, seguira a diplomacia de um honrado e astuto negociador, provara a valentia e a tática de um soldado, e todos os costumes de um sábio administrador. Ousado, incansável, orgulhoso quando se tratava da honra da bandeira francesa, fatigara os Ingleses em terra e no mar, a ponto tal que nunca aqueles soberbos marinheiros puderam concluir uma vitória começada, nem tentar um ataque contra Suffren, quando este leão mostrava os dentes.

Além disso, depois da ação em que arriscara a vida com tanta indiferença, como o mais humilde marinheiro, mostrava-se humano, generoso e complacente, era o tipo do verdadeiro homem de mar, um tanto esquecido depois de João Bart e Duguay-Trouin, que a França novamente encontrava no bailio de Suffren.

Não tentaremos descrever a bulha e o entusiasmo que a chegada do bailio a Versalhes produziu entre os gentis-homens convocados para aquela reunião.

Suffren era homem de cinquenta e seis anos, grosso, baixo, com olhar de fogo, e de maneiras nobres e naturais. Ágil apesar de obeso, majestoso apesar da sua flexibilidade, trazia o cabelo penteado soberbamente, ou melhor diremos, a sua cabeleira; como homem acostumado a zombar de todas as dificuldades, achara meio de ser vestido e penteado mesmo na carruagem de posta.

Trajava casaca azul bordada a ouro, colete vermelhe e calção azul. Conservara o colarinho militar, sobre o qual se lhe arredondava a farta papeira, como complemento obrigado da sua cabeça colossal.

Logo que entrou na sala dos guardas, alguém foi dizer algumas palavras ao Sr. de Castries, que passeava impaciente, e logo este exclamara:

– Meus senhores, chegou o Sr. de Suffren!

E imediatamente os guardas, correndo às armas, tinham-se por si mesmo alinhado como se se tratasse do rei de França, e depois do bailio ter passado, formaram atrás dele, a quatro e quatro, como para lhe servir de comitiva.

Ele entrou, apertando a mão ao Sr. de Castries, ministro da marinha, o qual, repelindo-o suavemente, disse-lhe:

– Não, não, senhor, não o quero privar do prazer de abraçar em primeiro lugar alguém que é mais digno disso do que eu sou.

E deste modo conduziu o Sr. de Suffren à presença de Luís XVI.

– Sr. bailio – exclamou alegremente o rei assim que o viu – seja bem-vindo a Versalhes. Traz-lhe a glória, traz-lhe tudo quanto os heróis dão aos seus contemporâneos, e não falo do futuro, que esse pertence-lhe. Abrace-me, Sr. bailio.

O Sr. de Suffren dobrara um pouco o joelho; o rei fê-lo levantar e tão cordialmente o abraçou, que em toda a assembleia houve uma convulsão de alegria e de triunfo.

Não há dúvida que se não fosse o respeito devido a *el rei*, todos os assistentes se teriam confundido em bravos e gritos de aprovação.

O rei voltou-se para a rainha.

– Senhora – disse-lhe – eis aqui o Sr. de Suffren, o vencedor de Trinquemale e de Gondelour, o terror dos nossos vizinhos Ingleses, o meu João Bart.

– Senhor – disse a rainha – não posso fazer elogios. Só lhe direi que não disparou um único tiro pela glória da França, que não viesse repercutir no meu coração cheio de admiração e de agradecimento pelos seus assinalados serviços.

Acabara a rainha quando o conde de Artois se aproximou com seu filho, o duque de Angoulême.

– Meu filho – disse ele – está na presença de um herói. Olhe bem para ele, que são raros.

– Senhor – respondeu o jovem príncipe a seu pai – ainda há pouco estava eu lendo os grandes homens de Plutarco, mas não os via. Agradeço-lhe ter-me mostrado o Sr. de Suffren.

Ao murmúrio que em torno dele se produziu, pôde a criança compreender que soltara palavras que nunca mais haviam de esquecer.

*El rei* travou então do braço do Sr. de Suffren, e dispôs-se a levá-lo consigo para o seu gabinete para lhe falar como geógrafo das suas viagens e da sua expedição.

Mas o Sr. de Suffren fez uma respeitosa resistência.

– Senhor – disse – digne-se Vossa Majestade permitir, já que tão bem-disposto se mostra em meu favor...

– Oh! – exclamou *el rei* – tem alguma coisa que pedir, Sr. de Suffren?

– Senhor, um dos meus oficiais cometeu uma falta tão grave contra a disciplina, que pensei que Vossa Majestade devia julgá-lo.

– Oh! Sr. de Suffren, eu esperava que o seu primeiro pedido fosse uma mercê e não um castigo.

– Senhor, já tive a honra de o dizer; Vossa Majestade será o juiz e haverá por bem decidir o que se deve fazer.

– Estou ouvindo.

– No último combate, o oficial, de quem falo a Vossa Majestade, estava a bordo do Severo.

– Oh! o navio que arreou a bandeira – disse o rei franzindo o sobrolho.

– Senhor, o comandante do Severo arreara efetivamente a bandeira – respondeu o Sr. de Suffren inclinando-se, – e já Sir Hugues, o almirante inglês, mandava uma lancha para tomar conta da presa, quando o tenente, que vigiava as baterias das entrepontes, vendo que cessava o fogo, e tendo recebido ordem de não atirar mais, subiu ao tombadilho; viu então arreada a bandeira e o capitão próximo a entregar-se. Peço perdão a Vossa Majestade, mas vendo isso, tudo o que havia nele de sangue francês revoltou-se. Pegou na bandeira que estava ao pé dele, apoderou-se de um martelo, e ordenando que de novo começasse o fogo, foi ele mesmo pregar a bandeira no topo do mastro, por baixo da flâmula. Foi deste modo que o Severo foi conservado a Vossa Majestade.

– Bela ação – disse o rei.

– Valente ação – disse a rainha.

– Sim, senhor, sim, senhora; mas grave rebelião contra as ordens e a disciplina. A ordem fora dada pelo capitão e o tenente devia obedecer. Peço, portanto, o perdão deste oficial, senhor, e tanto mais me empenho por ele, que é meu sobrinho.

– Seu sobrinho! – bradou *el rei* – e não mo tinha dito!

– A Vossa Majestade, não, mas tive a honra de fazer a competente participação ao Sr. ministro da marinha, rogando-lhe que nada dissesse a *el rei* antes de eu alcançar o perdão do culpado.

– Concedido! concedido! – bradou *el rei* – e desde já prometo a minha proteção a todo o indisciplinado, que souber assim vingar a honra da bandeira e do rei de França. Deveria ter-me apresentado esse oficial, Sr. bailio.

– Está aqui – redarguiu o Sr. de Suffren – e como Vossa Majestade o permite...

O Sr. de Suffren voltou-se.

– Aproxime-se, Sr. de Charny – disse ele.

A rainha estremeceu. Aquele nome despertava-lhe uma recordação muito recente para estar esquecida.

Então destacou-se um jovem oficial do grupo formado pelo Sr. de Suffren e apareceu repentinamente aos olhos de *el rei*.

A rainha fizera um movimento para ir ao encontro do mancebo, entusiasmada como estava pela narração que acabava de ouvir.

Mas ouvindo-lhe o nome, e vendo o oficial da marinha que o Sr. de Suffren apresentava a *el rei*, parou, empalideceu e soltou um pequeno murmúrio.

A Sr.<sup>a</sup> de Taverney também empalideceu e olhou com ansiedade para a rainha.

Quanto ao Sr. de Charny, sem nada ver, sem olhar para nada, sem que no rosto exprimisse outra coisa que não fosse o respeito, inclinou-se perante o rei, que lhe deu a mão a beijar; depois, modesto e trémulo, voltou, sob as vistas ávidas da assembleia, para o círculo de oficiais que o felicitavam em voz alta, e o esmagavam com abraços.

Houve então um movimento de silêncio e de comoção, durante o qual se viu o rei radiante, a rainha sorrindo indecisa, o Sr. de Charny com os olhos baixos, e Filipe, a quem não escapara a comoção da rainha, desassossegado e observador.

– Vamos, vamos! – disse por fim *el rei* – venha, Sr. de Suffren, venha para conversarmos, ardo em desejos de o ouvir, e quero provar-lhe quanto pensei no senhor.

– Senhor, tanta bondade...

– Oh! verá as minhas cartas, Sr. bailio; verá cada fase da sua expedição prevista ou adivinhada pela minha solicitude. Venha, venha.

Depois, tendo dado alguns passos, levando consigo o Sr. de Suffren, voltou-se para a rainha e disse:

– A propósito, senhora, mandei construir, como sabe, uma nau de cem peças; mudei de parecer a respeito do nome que se lhe há de dar. Em lugar de lhe chamar, como tínhamos combinado, não é verdade, senhora? ...

Maria Antonieta, já um pouco mais senhora de si, completou o pensamento de *el rei*.

– Sim, sim – disse ela – há de chamar-se a Suffren; eu serei a madrinha e o Sr. bailio o padrinho.

Os brados, até então contidos, soaram com entusiasmo: viva *el rei!* viva a rainha!

– E viva a Suffren! – acrescentou *el rei* com extrema delicadeza; porque ninguém podia, na presença do rei, bradar: Viva o Sr. de Suffren! ao passo que os mais minuciosos observadores da etiqueta podiam bradar: Viva a nau de Sua Majestade!

– Viva a nau Suffren! – repetiu então a assembleia cheia de entusiasmo.

O rei fez um sinal de agradecimento pelo bem que fora compreendida a sua ideia, e saiu levando consigo o bailio.

## XII

### O Senhor de Charny

Assim que o rei desapareceu, os príncipes e princesas que estavam na sala, foram agrupar-se em volta da rainha.

Um sinal do Sr. de Suffren ordenara ao sobrinho que esperasse por ele; e depois de uma cortesia que indicava a obediência, este deixara-se ficar no grupo em que o vimos.

A rainha, que trocara com Andréia uns olhares significativos, não perdia de vista o mancebo, e cada vez que olhava para ele, dizia consigo:

– Não há que duvidar, é ele.

Era a isto que a Sr.<sup>a</sup> de Taverney respondia por uma pantomima, que não deixava dúvidas à rainha, pois que significava:

– Oh! sim, minha senhora, é ele, é seguramente ele, não há que duvidar.

Filipe, já dissemos, via essa preocupação da rainha; via-a e compreendia, quando não a causa, pelo menos o sentido vago.

Nunca aquele que ama se engana sobre as impressões daqueles a quem ama.

Adivinhava, portanto, que algum acontecimento singular, misterioso, desconhecido de todos, menos de Andréia, acabava de influir na rainha.

Efetivamente, a rainha não estava bem em si e procurava um refúgio, escondendo o rosto com o leque, ela que, geralmente, fazia baixar os olhos a toda a gente.

Enquanto o mancebo pensava em que acabaria aquela preocupação de Sua Majestade, enquanto procurava sondar a fisionomia dos Srs. de Coigny e de Vaudreuil, a fim de certificar-se

de que não tinham parte alguma naquele mistério, e que os via indiferentemente entretidos em conversar com o Sr. de Haga, que se achava também em Versalhes, um personagem, revestido do majestoso hábito de cardeal, entrou na sala onde se achavam todos reunidos, seguido por oficiais e alguns prelados.

A rainha, logo que reconheceu monsenhor Luís de Rohan, mesmo da extremidade da sala onde se achava, imediatamente voltou a cara, sem sequer se dar ao incômodo de disfarçar o franzir das sobancelhas.

O prelado atravessou toda a assembleia sem cortejar ninguém e foi direito à rainha, diante da qual se inclinou mais como homem de sociedade que cumprimenta uma mulher, do que como súbdito que corteja uma rainha.

Depois dirigiu um cumprimento a Sua Majestade, que apenas voltou a cabeça, murmurou duas ou três palavras de frio cerimonial e continuou conversando com as Sr.<sup>as</sup> de Lamballe e de Polignac.

O príncipe Luís fingiu não perceber a má recepção da rainha. Acabou as suas cortesias, voltou sem precipitação, e com toda a elegância de perfeito homem de corte, dirigiu-se às senhoras princesas, tias de *el rei*, que largamente praticaram com ele, pois que em virtude do jogo da redouça, que estava muito em moda na corte, faziam-lhe aí uma recepção tão amável, quanto havia sido glacial a da rainha.

Era o cardeal Luís de Rohan um homem na força da idade, de rosto respeitável e modos nobres, e cujas feições revelavam inteligência e doçura; tinha a boca fina e circunspecta, a mão admirável; a fronte, alguma coisa calva, acusava nele o homem dado a prazeres ou a estudos; e no príncipe de Rohan havia efetivamente uma e outra coisa.

Era estimado das mulheres que nele apreciavam o galanteio sem banalidade nem ruído, e era conhecido pela sua magnificência. Efetivamente, tinha achado meio de se julgar pobre com um milhão e seiscentos mil libras de renda.

*El rei* prezava-o porque era sábio, a rainha, pelo contrário, odiava-o.

Os motivos daquele ódio nunca foram bem sabidos, mas podem achar probabilidade em duas qualidades de comentários, que corriam.

Em primeiro lugar, diziam que o príncipe Luís, na sua qualidade de embaixador em Viena, escrevera a Luís XV, a respeito de Maria Teresa, umas cartas cheias de ironia, que nunca Maria Antonieta lhe pôde perdoar.

Além disso, e esta razão é mais racional e verossímil, parece que o embaixador escreveu também ao rei Luís XV uma carta, que fora lida em voz alta numa ceia em casa da Dubarry, carta em que dizia, a respeito do casamento da jovem arquiduquesa, certas particularidades hostis ao amor-próprio da mulher, que naquela época era magríssima.

Parece que aqueles ataques que feriram vivamente Maria Antonieta, que não podia publicamente confessar-se vítima deles, mas jurara, tarde ou cedo, vingar-se do autor.

Havia naturalmente em tudo isso alguma intriga política.

A embaixada de Viena fora tirada ao Sr. de Breteuil para se dar ao Sr. de Rohan.

O Sr. de Breteuil, fraco de mais para abertamente lutar contra o príncipe, empregara o que em diplomacia se chama habilidade. Obtivera as cópias ou os originais das cartas do prelado, então embaixador, e opondo aos serviços reais prestados pelo diplomata, a pequena hostilidade que mostrava à família imperial austríaca, encontrara na delfina um auxiliar decidido para perder algum dia o Sr. príncipe de Rohan.

Este ódio conservava-se abafadamente na corte, e tornava difícil a posição do cardeal.

Cada vez que ele via a rainha, passava pelo glacial acolhimento de que tentámos dar ideia.

Todavia, superior ao desprezo em que o tinham, ou porque fosse realmente forte, ou porque um sentimento irresistível o levasse a tudo perdoar à sua real inimiga, Luís de Rohan aproveitava todas as ocasiões de se chegar a Maria Antonieta, os meios não lhe faltavam, porque o príncipe Luís de Rohan era esmoler-mor da corte.

Nunca se queixara, nunca dissera coisa alguma a semelhante respeito. Uma pequena roda de amigos, entre os quais se distinguia o barão de Planta, oficial alemão, seu íntimo confidente, consolavam-no do mau acolhimento real, quando as damas da corte, que a respeito de severidade para com o cardeal nem todas moldavam o seu proceder pelo da rainha, não conseguiam operar esse feliz resultado.

O cardeal acabava de passar como uma sombra por sobre o alegre quadro que a rainha desenhava na imaginação, e logo que se afastou, Maria Antonieta, sossegando, disse à princesa de Lamballe:

– Na verdade, a ação daquele jovem oficial, sobrinho do Sr. bailio, é uma das mais notáveis desta guerra! Como se chama ele?

– É o Sr. de Charny, creio eu – respondeu a princesa.

Depois, voltando-se para Andréia, a fim de interrogá-la, perguntou:

– Não é esse o nome, Sr.<sup>a</sup> de Taverney?

– É Charny, sim, real senhora – respondeu Andréia.

– É preciso – continuou a rainha – que o próprio Sr. de Charny nos conte esse episódio, sem omitir uma única circunstância. Vão procurá-lo. Ele ainda cá está?

Destacou-se um oficial de um grupo e apressou-se em sair para executar a ordem da rainha.

No mesmo momento, quando ela olhava em volta de si, viu Filipe, e impaciente como sempre, disse-lhe:

– Sr. de Taverney, veja se o encontra.

Filipe corou, pensando talvez que devera ter prevenido o desejo da sua soberana. Foi, portanto, procurar o feliz oficial, a quem, desde que ele fora apresentado, não perdera de vista.

Encontrou-o facilmente.

O Sr. de Charny chegou um instante depois entre os dois mensageiros da rainha.

A roda abriu-se perante ele, e a rainha, então, examinou-o com a maior atenção do que na véspera.

Era um rapaz de vinte e sete ou vinte e oito anos, direito e delgado, de ombros largos, e pernas bem modeladas. O rosto,

suave e fino ao mesmo tempo, tomava um carácter de energia singular cada vez que ele dilatava os olhos azuis, rasgados e penetrantes; e, coisa rara num homem que acabava de chegar das guerras da Índia, a pele era tão clara quanto a de Filipe tinha de trigueira. No pescoço, forte e admiravelmente contornado, tinha uma gravata, cuja alvura era menos bela que a da tez.

Quando se aproximou do grupo, no centro do qual estava a rainha, ainda não manifestara por forma alguma que conhecia nem a Sr.<sup>a</sup> de Taverney, nem a rainha.

Cercado de oficiais que lhe faziam perguntas, e a quem respondia cortesmente, parecia ter esquecido que havia um rei a quem falara e uma rainha, que olhara para ele.

Tanta civilidade, tamanha discrição, atraíram ainda mais a atenção da rainha, que tão delicada era no que respeitava a maneiras de proceder.

Não era só aos estranhos que o Sr. de Charny procurava ocultar a sua surpresa, à vista inesperada da senhora que encontrara em Paris. O seu maior empenho consistia, se possível fosse, em que ela mesma ignorasse que a conheceria.

– Sr. de Charny – disse-lhe a rainha – estas senhoras estão com desejo, desejo naturalíssimo, e que eu experimento como elas, de lhe ouvir essa história sucedida consigo a bordo da fragata.

– Senhora – redarguiu o mancebo no meio do profundo silêncio que reinava – suplico a Vossa Majestade, não por modéstia, mas por humanidade, que me dispense de semelhante narração; o que eu fiz como oficial do Severo, dez outros oficiais, meus camaradas, tiveram ao mesmo tempo que eu a ideia de o fazer; tive a fortuna de ser o primeiro a pôr em execução essa ideia, e é esse o meu único merecimento. Quanto a dar ao que fiz a importância de uma narração dirigida a Vossa Majestade, isto é impossível, e o real coração de Vossa Majestade facilmente o compreenderá.

“O comandante do Severo é um valente oficial, que naquele dia perdera a cabeça. Ai, senhora, aos mais valentes o haverá Vossa Majestade ouvido dizer já, nem todos os dias se tem coragem; àquele oficial bastavam-lhe dez minutos para tornar a si; a nossa resolução de não nos entregarmos, durou o tempo suficiente para

que ele recobrasse o ânimo, como recobrou; desde então foi o mais valente de nós todos. Aí está o motivo por que suplico a Vossa Majestade que não exagere o mérito da minha ação; seria uma razão para afligir profundamente o pobre oficial, que todos os dias chora o erro de um minuto.”

– Muito bem – disse a rainha sensibilizada e radiante de alegria, ao ouvir o favorável murmúrio que em redor dela havia acolhido as generosas palavras do moço oficial; – muito bem, Sr. de Charny, muito bem; é um homem honrado e como tal o conhecia já.

A estas palavras o oficial ergueu a cabeça, e uma vermelhidão juvenil lhe assomou às faces; os olhes desviaram-se da rainha para Andréia com uma espécie de terror. O valente marinheiro temia a vista daquela natureza tão generosa e temerária na sua generosidade.

Efetivamente, o Sr. de Charny tinha ainda que passar por outra experiência.

A intrépida rainha prosseguiu assim:

– Porque, minhas senhoras, devem saber que o Sr. de Charny, este jovem oficial, que apenas desembarcou ontem, este desconhecido, era já muito nosso conhecido antes da sua apresentação aqui, e merece ser conhecido e admirado por todas as mulheres.

Via-se que a rainha ia falar, que ia contar uma história em que cada qual podia recolher um pequeno escândalo ou um pequeno segredo. Fizeram, portanto, roda, que estreitaram muito, e prestaram atenção.

– Saibam, minhas senhoras – disse a rainha – que o Sr. de Charny é tão indulgente para com as mulheres quanto é desapiedado para com os Ingleses. Contaram-me dele uma história, que, desde já declaro, lhe fez grande honra no meu espírito.

– Senhora!... – balbuciou o jovem oficial.

Adivinha-se que as palavras da rainha e a presença daquela a quem se referiam, fizessem crescer a curiosidade.

Um estremecimento percorreu todo o auditório que escutava atento.

Charny, com a fronte banhada em suor, de boa vontade daria um ano de vida para estar ainda na Índia.

– O caso é este – prosseguiu a rainha: – Duas senhoras que eu conheço, tinham-se demorado por fora, e acharam-se envoltas numa multidão tumultuosa. Corriam grande perigo, um perigo iminente. O Sr. de Charny passava naquele momento por acaso, ou antes por felicidade. Afastou a multidão e tomou, sem as conhecer e apesar de ser difícil reconhecer-lhes a posição social, tomou as duas senhoras sob a sua proteção, e acompanhou-as muito longe, a dez léguas de Paris, creio eu.

– Oh! Vossa Majestade exagera – disse Charny rindo e tranquilizando-se com a forma que a narração tomara.

– Vamos, seriam cinco léguas – disse o conde de Artois, metendo-se subitamente na conversa.

– Seja, meu irmão – continuou a rainha; – mas o que há de mais belo, é que o Sr. de Charny nem sequer indagou o nome das duas senhoras, a quem prestara tão relevante serviço, deixou-as no lugar que elas lhe indicaram, e afastou-se, sem sequer olhar para traz para as espreitar, de modo que elas escaparam-lhe das mãos protetoras sem terem sido um só instante incomodadas.

Todos se admiraram, e Charny foi cumprimentado por vinte senhoras ao mesmo tempo.

– É uma bela ação, não é verdade? – acrescentou a rainha; – um cavalheiro da Távola Redonda, não procederia melhor.

– É sublime! – responderam todos em coro.

– Senhor de Charny – prosseguiu a rainha – *el rei* está certamente ocupado em recompensar o Sr. de Suffren, seu tio; eu, da minha parte, desejava muito ser útil nalguma coisa ao sobrinho de tão grande homem.

E estendeu-lhe a mão.

E enquanto Charny, pálido de alegria, a beijava, Filipe, pálido de dor, escondia-se entre os cortinados da sala.

Andréia empalidecera também, e contudo não podia adivinhar quanto seu irmão sofria.

A voz do conde de Artois interrompeu esta cena, que tão curiosa seria para um observador.

– Ah! meu irmão, Sr. de Provença – disse ele em voz alta – venha, senhor, venha, que faltou a um belo espetáculo, à recepção do Sr. de Suffren; realmente, foi um momento que nunca os corações franceses hão de esquecer. Como diacho faltou a isto, meu irmão, o senhor que é por excelência o homem exato?

O príncipe mordeu os lábios, cortejou distraidamente a rainha e respondeu uma banalidade.

Depois, em voz baixa, perguntou ao Sr. de Favras, capitão das suas guardas:

– Como veio ele a Versalhes?

– Ah! senhor – respondeu este – há mais de uma hora que procuro adivinhar como foi, mas não o posso compreender.

# XIII

## Os cem luíses da Rainha

Agora que fizemos conhecer ou renovar o conhecimento dos nossos leitores com os principais personagens desta história, agora que já os introduzimos na casa de recreio do conde de Artois, e no palácio do rei Luís XVI, em Versalhes, vamos conduzi-los novamente à casa da rua de Saint-Claude onde a rainha de França entrou incógnita, subindo ao quarto andar com Andréia de Taverney.

Apenas desapareceu a rainha, sabemos nós que a Sr.<sup>a</sup> de La Motte contou e tornou a contar alegremente os cem luíses que tão milagrosamente acabavam de cair do céu.

Cinquenta belos dobrões de quarenta libras cada um, estavam espalhados sobre a pobre mesa, refletindo os raios da lâmpada, e pareciam humilhar com a sua aristocrática presença tudo quanto havia de humildade e pobreza na modesta e pobre água-furtada.

Depois do prazer de receber, a Sr.<sup>a</sup> de La Motte não conhecia maior prazer no mundo do que o de gastar. Possuir de nada valia, no seu modo de entender, se da posse não nascesse a vontade.

Havia já tempo que lhe repugnava ter a sua aia por confidente da grande miséria em que vivia; apressou-se, portanto, a chamá-la para que fosse também confidente da sua riqueza.

Chamou então pela Sr.<sup>a</sup> Clotilde, que ficara na antecâmara, e dispondo habilmente a luz da lâmpada de modo que o ouro reluzisse sobre a mesa, disse-lhe:

– Clotilde!

A criada avançou um passo no quarto.

– Venha cá e veja – acrescentou a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

– Oh! minha senhora! – exclamou a velha pondo as mãos e estendendo o pescoço.

– Estava com cuidado no seu ordenado? – perguntou a condessa.

– Oh! minha senhora, eu nunca proferi uma palavra sequer a semelhante respeito. O mais que fiz, foi perguntar à Sr.<sup>a</sup> condessa quando me poderia pagar, pergunta naturalíssima, porque havia três meses que eu não recebia coisa alguma.

– Chegará para lhe pagar?

– Santo Deus! se eu tivesse quanto aí está, ficaria rica para toda a vida.

A condessa de La Motte olhou para a velha e encolheu os ombros num gesto de inexplicável desdém.

– Ao menos é uma felicidade – disse ela – que certas pessoas se lembrem do meu nome, quando as que mais se deveriam lembrar, tanto se esquecem dele.

– E em que vai empregar todo esse dinheiro? – perguntou Clotilde.

– Em tudo!

– Em primeiro lugar, eu, minha senhora, o que achava mais importante e urgente, segundo entendo, era reformar a cozinha, porque enfim, como agora tem dinheiro, vai dar jantares, não é verdade?

– Caluda! – disse a Sr.<sup>a</sup> de La Motte – que estão batendo.

– A Sr.<sup>a</sup> condessa engana-se – disse a velha, sempre económica dos passos.

– Digo-lhe que batem!

– Oh! asseguro à Sr.<sup>a</sup> condessa...

– Vá ver!

– Eu não ouvi coisa alguma.

– É como ainda agora, que também não tinha ouvido; e se as duas senhoras se tivessem ido embora sem entrar?

Esta razão pareceu convincente à velha Clotilde, que se encaminhou para a porta.

– Ouviu agora? – bradou a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

– Ah! é verdade – disse a velha. – Eu vou, eu vou.

A condessa de La Motte apressou-se em esconder numa gaveta os cinquenta dobrões que estavam em cima da mesa.

E fechando a gaveta, murmurou:

– Vamos, Providência, envia-me outro cento de luíses!

E a frase foi pronunciada com uma expressão de céptica avidez, que teria feito sorrir Voltaire.

Entretanto, abriu-se a porta do patamar e ouviram-se passos de homem na casa de entrada.

Trocaram-se algumas palavras entre o homem e Clotilde, sem que a condessa lhes pudesse perceber o sentido.

Depois fechou-se de novo a porta, os passos sumiram-se na escada e a velha voltou vagarosamente com uma carta na mão.

– Aqui está – disse ela – dando a carta à ama.

A condessa examinou atentamente a letra do sobrescrito e o sinete, e depois, erguendo a cabeça, perguntou:

– Era um criado?

– Era, sim, minha senhora.

– Com que libré?

– Não trazia libré.

– Era algum moço de recados?

– Creio que sim.

– Eu conheço estas armas – disse a condessa de La Motte examinando novamente o sinete.

Depois, chegando-o à luz da lâmpada para poder ver melhor, disse:

– Nove tributos de ouro em campo vermelho; ora quem é que usa nove tributos de ouro em campo vermelho?

Pensou um instante, mas baldadamente.

– Vejamos o que diz a carta – murmurou ela.

E abrindo-a cuidadosamente para não lhe estragar o sinete, leu:

“Minha senhora: Poderá falar à pessoa a quem se dirigiu, amanhã à noite, se lhe fizer o favor de a receber.”

– E nada mais?

A condessa fez novo esforço de memória.

– Escrevi a tanta gente – disse ela. – Vejamos, a quem escrevi eu? ... A todos. É homem ou mulher quem me responde? ... A letra

não significa nada... é regularíssima... verdadeira letra de secretário. O estilo é de protetor... comum e velho.

Depois repetiu:

“Poderá falar à pessoa a quem se dirigiu...”

– Nesta frase há intenção de humilhar. É de mulher.

E continuou:

“...amanhã à noite, se lhe fizer o favor de a receber.”

– Nada, se fosse mulher, diria simplesmente: Espero-a em casa amanhã à noite. Será de homem? ... Mas aquelas senhoras vieram aqui, e entretanto eram senhoras da alta sociedade... Não traz assinatura!... Quem diacho usa de nove tributos de ouro em campo vermelhe? Oh! onde tinha eu a cabeça? são os Rohan, por vida minha! Sim, escrevi ao Sr. de Guémenée e ao Sr. de Rohan; um deles responde-me, é muito simples. Mas o escudo não é quarteado, então a carta é do cardeal. Ah! o cardeal de Rohan, um galanteador, um lamecha, um ambicioso, há de vir visitar a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, se todavia a Sr.<sup>a</sup> de La Motte o quiser receber!

– Bem! sossegue que há de ser recebido. E quando? Amanhã à noite.

E a condessa tornou-se pensativa.

– Uma dama de caridade que dá cem luíses pode ser recebida numa água-furtada; pode gelar-se nos meus quartos frios, padecer assentada nas minhas cadeiras duras como as grelhas de S. Lourenço, sem fogo. Mas um príncipe da igreja, um homem dos toucadores, um conquistador de corações! Não, não, a miséria que este esmoler há de vir visitar deve ter mais luxo do que podem muitos opulentos ostentar.

Em seguida, voltando-se para a criada, que acabava de lhe preparar a cama, disse:

– Até amanhã, Sr.<sup>a</sup> Clotilde, lembre-se de me acordar bem cedo.

E com isto, decerto no intuito de estar mais à vontade para meditar, a condessa fez um sinal à velha para que a deixasse só.

A Sr.<sup>a</sup> Clotilde espertou o fogo, que abafara com cinzas para dar aspecto ainda mais miserável ao quarto, fechou a porta e retirou-se para o cubículo onde dormia.

Joanna de Valois, em vez de dormir, traçou os seus planos durante a noite. Tomou notas com um lápis à luz da lamparina, e, descansada quanto ao dia seguinte, deixou-se cair em grato entorpecimento, do qual, segundo a sua recomendação, Clotilde, que pouco mais dormira, foi acordá-la ao amanhecer.

Pelas oito horas estava já vestida e pronta, com um vestido de seda elegante e um toucado de muito gosto.

Calçada a um tempo como uma grande fidalga e como mulher bonita, com um sinal na face esquerda, e de corpete bordado, mandou buscar uma espécie de carrinho de mão à praça mais próxima onde se achava para alugar aquele gênero de transporte.

Preferiria decerto uma cadeirinha, mas era preciso mandá-la buscar muito longe.

O carrinho era tirado por um robusto auvernês, que se encarregou de conduzir a Sr.<sup>a</sup> condessa a praça Real, onde, debaixo das arcadas do lado do sul, numas antigas lojas de um palácio abandonado, morava mestre Fingret, armador e estofador, com mobília nova e usada para vender ou alugar, tudo por preços cómodos.

O auvernês levou rapidamente a freguesa da rua de Saint-Claude à praça Real.

Dez minutos depois da sua saída, chegava a Sr.<sup>a</sup> condessa aos armazéns de mestre Fingret, onde vamos encontrá-la admirando e fazendo a sua escolha numa espécie de pandemónio, cujo aspecto tentaremos esboçar ao leitor.

Imagine-se um casarão duns cinquenta pés de comprimento por trinta de largura e dezessete de altura; as paredes estavam cobertas de tapeçarias do reinado de Henrique IV e de Luís XIII, o teto ficava encoberto com a grande quantidade de lustres do século XVII, que dele pendiam juntamente com animais embalsamados, lâmpadas de igreja, peixes voadores e muitas outras coisas, que tinham atravessado já bom número de séculos.

No chão, coberto de tapetes e esteiras, havia mobília de colunas torcidas, de pés esquadrados, bufetes de madeira esculpida, trenós à Luís XV, de pés dourados, sofás de damasco cor de rosa ou de veludo de Utrecht, canapés, grandes poltronas de marroquim como

as de Sully, armários de ébano com as almofadas das portas em relevo, frisos e escudetes de latão, mesas de Boule com esmalte ou porcelana, jogos de xadrez, toucadores e seus pertences, e cómodas com embutidos de diferentes instrumentos ou de flores.

Leitos de pau-rosa ou de carvalho de estrado ou de armação, cortinas de todos os feitios, de todos os labores, de todas as fazendas, embaraçando-se, confundindo-se, casando-se ou repelindo-se nas penumbras dos armazéns.

Cravos, pianos, espinetas, harpas, sistros; o cão Malborough empalhado, com olhes de vidro.

Além disto, roupa de toda a qualidade: vestidos pendurados ao lado de casacas de veludo; armas com punhos de aço, de prata ou de madrepérola.

Castiçais, retratos de avoengos, pinturas pardacentas, gravuras emolduradas e todas as imitações de Vernet, então em voga, daquele Vernet a quem a rainha dizia com tanta graça:

– Decididamente, Sr. Vernet, não há outro em França como o senhor, para fazer a chuva e o bom tempo.

# XIV

## Mestre Fingret

Tais eram os objetos que seduziam os olhes, e por consequência a imaginação da gente de poucos meios nos armazéns de mestre Fingret, na praça Real.

Nenhumas daquelas mercadorias eram novas, francamente o confessava a tabuleta; mas, reunidas, faziam-se valer umas às outras e representavam um todo muito mais considerável do que o poderiam exigir os compradores mais desdenhosos.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte, uma vez admitida a contemplar todas aquelas riquezas, começava a perceber melhor tudo quanto lhe faltava na sua casa da rua de Saint-Claude.

Faltava-lhe uma sala capaz, onde pudesse ter um sofá e poltronas.

Uma casa de jantar, que pudesse receber bufetes, escaparates e aparadores.

Um gabinete de toucador, onde tivesse cortinas, espelhos e mesas.

E finalmente, o que sobretudo lhe faltava, ainda que tivesse sala, casa de jantar e toucador, era dinheiro para adquirir a mobília necessária para encher essas casas todas.

Mas com os armadores de Paris foi sempre fácil entrar em transação, e nunca ouvimos dizer que uma mulher moça e bonita morresse no limiar de uma porta, por não conseguir fazer que lha abrissem.

Em Paris, o que se não compra, aluga-se, e foram os que alugam, que puseram em moda o rifão: ver, é ter.

A condessa de La Motte, na esperança de poder alugar o que desejasse, depois de ter deitado contas, viu um certo objeto de seda amarela cor de ouro, que logo à primeira vista lhe agradou bastante.

Aquele objeto, composto de dez peças, fazia parte de um jogo completo de uma casa e era impossível que coubesse no quarto andar da rua de Saint-Claude.

Para combinar tudo, seria preciso alugar o terceiro andar, que era composto de saleta, casa de jantar, uma salinha e um quarto de cama.

De forma que o terceiro andar ficaria destinado para receber as esmolas dos cardeais, e o quarto para receber as dos estabelecimentos de caridade, isto é, no luxo as esmolas das pessoas que as dão por ostentação, e na miséria as das pessoas cheias de preconceitos, que não gostam de dar esmola a quem não precisa dela.

A condessa, tomado o seu partido, voltou-se para o lado escuro do armazém, isto é, para o lado onde as riquezas se apresentavam com maior esplendor, que era o lado dos cristais, dos dourados e dos espelhos.

Viu então um homem de boné na mão, com modo impaciente e sorriso algum tanto amarelo, que fazia girar uma chave que tinha enfiada nos dedos indicadores, unidos um ou outro pelas unhas.

Aquele digno inspetor de objetos em segunda mão era o próprio mestre Fingret, a quem os oficiais tinham anunciado a visita de uma formosa senhora, que chegava num carrinho de mão.

No pátio viam-se os mesmos oficiais, vestidos de burel e camelão, com as barrigas das pernas ao ar por causa das meias estarem algum tanto risonhas. Ocupavam-se em restaurar os móveis menos usados com os mais velhos, ou, por melhor dizer, a abrir sofás, poltronas e bancos antigos, para deles tirarem a crina e a lã, que devia servir para estofar os seus sucessores.

Um cardava a crina, misturava-a generosamente com estopa e estofava com ela outro objeto.

Outro brunia as poltronas em bom estado.

Um terceiro engomava fazendas que tinham sido lavadas com sabões aromáticos.

E com esses velhos materiais se compunham aqueles móveis tão bonitos, que a Sr.<sup>a</sup> de La Motte admirava naquele momento.

O Sr. Fingret, lembrando-se de que a senhora podia ver as operações dos seus oficiais, e interpretar a traficância menos convenientemente do que convinha aos seus interesses, fechou uma porta de vidraça que dava para o pátio, receando, disse ele, que a poeira fizesse mal à senhora...

Ao dizer a palavra, senhora... parou.

Era uma interrogação.

– Condessa de La Motte Valois – redarguiu Joana negligentemente.

Ouvindo este título pomposo, o Sr. Fingret desuniu as unhas, meteu a chave no bolso e aproximou-se.

– Oh! – disse ele – aqui nada há que convenha à Sr.<sup>a</sup> condessa. Tenho objetos novos, belos, magníficos. Não imagine a Sr.<sup>a</sup> condessa que, por estar na praça Real, a casa de Fingret não tenha mobília tão boa como a do armador da casa real. Deixe estas coisas, minha senhora, e tenha a bondade de entrar no outro armazém.

Joana corou.

Tudo quanto ali vira parecia-lhe tão bom, que nem sequer pensava em poder comprá-lo.

Ao mesmo tempo que a lisonjeava o ver-se julgada pelo Sr. Fingret, não podia deixar de ter receio de que ele a julgasse bem demais.

Maldisse o seu orgulhe, e arrependeu-se de não se ter anunciado como simples particular.

Mas de todo o mau vício sabe um espírito subtil sair-se.

– Nada de objetos novos, senhor, que não é isso o que pretendo.

– Quer naturalmente mobilar alguns quartos a alguém?

– Tal qual, quero mobilar uns quartos a uma pessoa. Ora, deve perceber que para isso...

– Perfeitamente. A Sr.<sup>a</sup> condessa pode escolher – redarguiu Fingret, fino como um lojista de Paris, que não tem amor-próprio

em vender objetos novos de preferência aos velhos, uma vez que tanto ganhe nuns como noutros.

– Aquela mobília cor de ouro, por exemplo? – perguntou a condessa.

– Oh! é pouca coisa, minha senhora, tem apenas dez peças.

– A casa é medíocre – redarguiu a condessa.

– Está nova, como a Sr.<sup>a</sup> condessa pode ver.

– Nova... em segunda mão.

– Sem dúvida – disse o Sr. Fingret rindo; – mas enfim, tal qual está, vale oitocentas libras.

O preço fez estremecer a condessa; como havia ela de confessar que a herdeira dos Valois se contentava com uma mobília em segunda mão, mas que não podia dar por ela oitocentas libras?

Tomou o partido de se fingir zangada.

– Mas – disse ela – ninguém lhe fala em comprar, senhor. Como presumiu que eu quisesse comprar estes cacos? Trata-se apenas de alugar, e ainda assim...

Fingret fez uma visagem, porque insensivelmente a freguesa ia perdendo o seu valor. Já se não tratava de vender nem mobília nova, nem sequer em segunda mão; era apenas alugar.

– Deseja a mobília cor de ouro? – perguntou ele. – É por um ano?

– É por mês. É para uma pessoa da província.

– São cem libras por mês – disse mestre Fingret.

– O senhor está brincando; por esse preço, ao cabo de oito meses, era a mobília minha.

– Concordo, Sr.<sup>a</sup> condessa.

– Bem, então?

– Então, minha senhora, se fosse sua, deixava de ser minha, e por consequência não teria que ocupar-me em mandá-la consertar e limpar, o que custa, algum dinheiro.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte refletiu um momento.

– Cem libras por mês – disse ela – é muito; mas é preciso raciocinar: ou será muito caro daqui a um mês e então restituo a mobília deixando grande opinião de mim ao armador, ou então mudam as coisas, e daqui a um mês, posso encomendar mobília

nova. Eu tencionava empregar quinhentas ou seiscentas libras; pois bem, cortemos à larga; vou gastar até cem escudos. – E elevando a voz: – Tomo a mobília cor de ouro para uma sala e quero todas as cortinas correspondentes.

– Sim, minha senhora.

– E os tapetes?

– Aqui estão, minha senhora.

– E que me dá para outra casa?

– Aquelas cadeiras verdes, aquele armário de carvalho, aquela mesa de pés torcidos, e cortinas de damasco verde.

– Bem, e para o quarto da cama?

– Um leito grande e bom, excelente colchão e coberta de veludo cor de rosa bordada a prata, cortinas azuis, guarnição de chaminé um tanto gótica, mas ricamente dourada.

– E toucador?

– Com rendas de Malines. Queira examiná-las, minha senhora. Cômada delicadamente embutida, armário correspondente, sofá estofado, cadeiras iguais, e fogão elegantíssimo, que pertenceu ao quarto de cama da Sr.<sup>a</sup> de Pompadour, em Choisy.

– E tudo isso por que preço?

– Por um mês?

– Sim.

– Quatrocentas libras.

– Vejamos, Sr. Fingret, não me tome por nenhuma costureira. Às pessoas da minha qualidade não se deita poeira nos olhos. Tenha a bondade de refletir, quatrocentas libras cada mês valem quatro mil e oitocentas libras cada ano, e por esse preço posso ter um palácio todo mobiliado.

Mestre Fingret coçou a cabeça.

– Faz-me desgostar da praça Real – continuou a condessa.

– Terei nisso grande pesar, minha senhora.

– Pois prove o que diz. Não dou mais de cem escudos por toda essa mobília.

Joana pronunciou as últimas palavras com tal autoridade, que fez pensar o armador muito seriamente no futuro.

– Pois seja assim, minha senhora – disse ele afinal.

- Mas com uma condição, mestre Fingret.
- Qual, minha senhora?
- Que tudo há de estar posto nos seus lugares, na casa que lhe indicar, até às três horas da tarde.
- São dez horas, minha senhora! reflita bem que estão dando dez horas.
- Sim ou não?
- Onde há de ser, minha senhora?
- Na rua de Saint-Claude.
- A dois passos daqui?
- Exatamente.

O armador abriu a porta do pátio e bradou: Silvano! Landry! Remy! Três dos aprendizes acudiram, encantados de ter um pretexto para interromper o trabalho e ver a linda freguesa.

- As padiolas, os carros – pediu mestre Fingret.
- Remy, leve a mobília cor de ouro. O Silvano, conduzirá no carrão de mão a mobília da saleta, e o Landry, como é mais cuidadoso, levará a do quarto de cama.
- Verifiquemos a lista, minha senhora, e se quiser, vou passar o recibo.
- Aqui estão seis duplos luíses – disse a condessa – e mais um luís singelo; dê-me o troco.
- Aqui tem dois escudos de seis libras, minha senhora.
- Dos quais darei um àqueles senhores, se o trabalho for bem feito – respondeu a condessa.

E tendo dado a morada, voltou para o carrinho.

Uma hora depois, tinha ela alugado o terceiro andar, e não eram passadas duas horas, estavam mobiliando e armando, simultaneamente, a sala, a saleta e o quarto de cama.

O escudo de seis libras foi ganho pelos Srs. Landry, Remy e Silvano, com uma diferença de dez minutos.

Transformada assim a casa, lavados os vidros, acesos os fogões, Joana meteu-se no toucador e desfrutou duas horas de felicidade, a felicidade de pisar um bom tapete, de sentir em volta de si a repercussão de uma atmosfera quente sobre paredes cobertas de tapeçarias, e de respirar o perfume dalguns goivos, que banhavam

alegremente as suas hastes em vasos do Japão, e abriam a flor no morno vapor do quarto.

Mestre Fingret não esquecera as serpentinas douradas para velas, dos dois lados dos espelhos, nem os lustres de vidros lapidados, que à luz da cera tomam todas as cores do arco-íris.

Fogo, flores, ceras, rosas perfumadas, tudo Joana empregou para o aformoseamento daquele paraíso, que destinava a Sua Eminência.

Teve até o cuidado de deixar a porta do quarto de cama maliciosamente entreaberta, divisando-se ali um belo fogo bem vermelhe, a cujos reflexos luziam os pés das poltronas, o leito e as ferragens do fogão que fora da Sr.<sup>a</sup> de Pompadour, e que consistiam numas cabeças de quimeras sobre as quais tinham descansado já os encantadores pés da marquesa.

O desvanecimento de Joana não tinha limites.

Se o fogo animava o interior daquela casa misteriosa, se os perfumes denunciavam a mulher, a mulher denunciava uma formosura, um espírito, uma graça, um gosto, dignos de uma eminência.

Joana vestiu-se com tal apuro que o Sr. de La Motte, seu marido ausente, se ali estivesse, havia de tomar-lhe contas desse apuro. A mulher foi digna da casa e da mobília alugada por mestre Fingret.

Depois de comer alguma coisa, mas pouco, a fim de conservar toda a presença de espírito e a elegante palidez, Joana recostou-se numa grande poltrona, junto do fogão no seu quarto de cama.

Com um livro na mão, um dos sapatos bordados sobre o banquinho dos pés, esperou, prestando atento ouvido ao leve rumor do relógio, e ao rodar das carruagens, que raras vezes perturbavam o sossego do Marais.

Esperou. O relógio deu nove horas, dez, onze, e ninguém aparecia, nem de carruagem nem a pé.

Onze horas! Era aquela a hora dos prelados galantes, que aguçavam a sua caridade nalguma ceia folgazã, e que, não tendo muito que andar para entrar na rua de Saint-Claude, se regozijam de ser humanos, filantropos e religiosos tão comodamente.

Deu lugubrememente meia noite na torre do convento das Irmãs do Calvário.

Nem prelado, nem carruagem. As velas começam a amortecer, cobrindo algumas de sombras diáfanas, as placas de cobre dourado.

O fogo, renovado várias vezes, tornara-se em brasas, e pouco depois em cinza. Havia um calor africano naqueles dois quartos.

A criada velha, que se preparara e vestira, rosnava entre dentes por causa do mau emprego que fizera da sua touca de fitas pretensiosas, cujos laços, acompanhando os movimentos da cabeça da velha, quando ela adormecia diante da vela da saleta, não se tornavam a erguer intactos, quer porque lhes chegasse o fogo, quer porque sobre eles pingasse a cera derretida.

À meia noite, Joana ergueu-se furiosa da cadeira, de onde mais de cem vezes se levantara já para abrir a janela e olhar para as profundezas da rua.

O bairro estava tão sossegado como antes da criação do mundo.

Mandou à velha que a despisse, recusou a ceia, e como as repetidas perguntas começavam a importuná-la, despediu-a.

E só, no meio das sedas, debaixo das belas cortinas, na sua excelente cama, não dormiu melhor do que na véspera, em que se sentia mais feliz, porque tinha esperanças.

Entretanto, depois de dar mil voltas na cama, depois de deplorar a sua desgraça, achou desculpas para o cardeal.

A primeira foi ser cardeal, esmoler-mor, ter mil negócios a tratar, e todos certamente mais importantes do que fazer uma visita à rua de Saint-Claude.

A outra desculpa era esta:

Não conhecer a condessinha de Valois, o que realmente era uma consoladora desculpa para Joana. Oh! por certo, que ficaria inconsolável se o Sr. de Rohan tivesse faltado à sua palavra depois de uma primeira entrevista.

Esta razão, que Joana dava a si mesma, para ser boa carecia de prova.

Joana não teve mão em si: saltou fora da cama, embrulhou-se no roupão branco, acendeu velas ao fogo da lamparina e contemplou-se por largo tempo no espelho.

Efetuada o exame, sorriu, apagou as luzes e tornou a deitar-se.  
A desculpa era boa.

# XV

## O Cardeal de Rohan

No dia seguinte Joana não desanimou, preparou-se novamente e dispôs-se a esperar.

Disse-lhe o espelhe que o Sr. de Rohan viria, por pouco que dela tivesse ouvido falar.

Davam sete horas, e o fogo na sala estava na força do seu esplendor, quando se ouviu o rodar duma carruagem que descia a rua de Saint-Claude.

Ainda Joana não tivera ocasião para impacientar-se nem para chegar à janela a observar quem viria.

Da carruagem apeou-se um homem envolto num grande casacão; fechada a porta da rua após esse homem, a carruagem retirou-se para uma viela próxima, onde foi esperar o dono.

Pouco depois ouviu-se a campainha da Sr.<sup>a</sup> de La Motte, e o coração desta bateu com tal violência que se lhe poderiam contar as palpitações.

Mas, envergonhada por ter cedido a uma comoção desarrazoada, Joana não fez caso daquelas palpitações, dispôs conforme pôde um bordado em cima da mesa, pôs uma peça de música nova sobre o piano, e uma gazeta ao pé da chaminé.

Passados alguns segundos, a Sr.<sup>a</sup> Clotilde veio anunciar à Sr.<sup>a</sup> condessa:

- A pessoa que escreveu anteontem, um bilhete!
- Mande entrar – redarguiu Joana.

Ouviu-se um passo leve, o ranger de uns sapatos, e Joana, levantando-se para o ir receber, viu um homem vestido de veludo e

seda, de cabeça bem erguida e que naquelas casas tão pequenas, parecia de uma altura extraordinária.

Impressionara-a desagradavelmente o incógnito que aquela pessoa afetava.

– A quem tenho a honra de falar? – perguntou a condessa fazendo uma mesura, não de protegida, mas de protetora.

O príncipe olhou para a porta da sala onde a velha desaparecera, e respondeu.

– Sou o cardeal de Rohan.

Ao que a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, fingindo corar e desfazer-se em humildades, respondeu com uma mesura como as que se fazem aos reis.

Depois, em lugar de assentar-se numa cadeira, como a etiqueta requeria, puxou por uma poltrona e nela se assentou.

O cardeal, vendo que o punham à vontade, colocou o chapéu em cima da mesa, e olhando de frente para Joana, que também olhava para ele, disse:

– É então certo, menina...

– Senhora – interrompeu Joana.

– Perdão... eu esquecia... É então verdade, minha senhora...

– Meu marido chama-se o conde de La Motte, senhor.

– Sim, sim, muito bem; é gendarme do rei ou da rainha.

– Sim, senhor.

– E a senhora – disse ele – é da casa de Valois, não é assim?

– De Valois, sim senhor.

– Bom nome! – disse o cardeal cruzando as pernas uma na outra; – é um nome raro, extinto.

Joana adivinhou a dúvida do cardeal.

– Extinto, não senhor – disse ela – pois que o uso e tenho um irmão que é o barão de Valois.

– Reconhecido por tal?

– Isso não é indispensável, senhor: meu irmão pode ser rico ou pobre, mas não deixará nunca de ser quem é, o barão de Valois.

– Minha senhora, rogo-lhe que me explique essa transmissão. Interessa-me; eu gosto de saber estas coisas de brasões.

Joana contou simplesmente, negligentemente, o que o leitor sabe já.

O cardeal ouvia-a e mirava-a.

Não se incomodava em dissimular as suas impressões. Para que? Não dava crédito ao mérito nem às qualidades de Joana; via-a bonita e pobre: olhava para ela e era bastante.

Joana, que tudo percebia, adivinhou a má ideia do futuro protetor.

– De modo que – disse o Sr. de Rohan distraidamente – tem sido realmente infeliz?

– Eu não me queixo, senhor.

– Com efeito, tinha-me exagerado muito as dificuldades da sua posição.

Olhou em volta de si.

– Esta casa é cómoda, está bem mobiliada.

– É óptima para uma costureira, não há dúvida – redarguiu Joana, impaciente por empenhar a ação. – Sim, senhor.

O cardeal fez um movimento.

– Como? – interrogou com espanto – chama a isto uma casa de costureira?

– Não creio, senhor – disse ela – que lhe possa chamar casa de princesa.

– E a senhora é princesa--disse ele com uma dessas imperceptíveis ironias, que só os espíritos elevados ou as pessoas de qualidade distinta sabem o segredo de introduzir no seu modo de falar, sem se tornarem de todo impertinentes.

– Eu sou da casa de Valois, assim como o senhor é da casa de Rohan. É tudo quanto sei.

E estas palavras, pronunciadas com a suave majestade da desgraça revoltada, majestade da mulher não compreendida, foram ao mesmo tempo tão harmoniosas e dignas, que o príncipe não se deu por ofendido, e o homem sentiu-se comovido.

– Minha senhora – disse ele – esquecia que, primeiro que tudo, tinha de lhe pedir desculpa. Mandei-lhe dizer que viria ontem, mas tive que fazer em Versalhes por causa da recepção do Sr. de Suffren, o que me forçou a renunciar ao prazer de a ver.

– É ainda grande honra que tivesse pensado hoje em mim, senhor, e o Sr. conde de La Motte, meu marido, sentirá ainda mais o exílio em que o detêm a minha miséria, pois que esse exílio o priva de gozar de tão ilustre presença.

A palavra “marido” chamou a atenção do cardeal.

– Vive só, minha senhora – disse ele.

– Absolutamente só.

– Isso é realmente muito bonito para uma mulher nova e formosa...

– É simplesmente natural, senhor, da parte de uma mulher que não estaria bem em qualquer sociedade que não fosse aquela de que a sua pobreza a afasta.

O cardeal calou-se.

– Parece – redarguiu ele – que os genealogistas não contestam a sua genealogia?

– De que me serve isso? – disse ela desdenhosamente, levantando com gesto encantador os anéis de cabelos frisados que lhe ornavam as fontes.

O cardeal chegou a sua cadeira como querendo aproximar os pés do fogo.

– Minha senhora, desejava saber em que posso ser-lhe útil.

– Ora, em coisa nenhuma, senhor.

– Como, em coisa nenhuma!

– Vossa Eminência honra-me muito.

– Falemos mais francamente.

– Não posso ser mais franca, senhor.

– Ainda há pouco se queixou – disse o cardeal circunvagando a vista como para lembrar a Joana o que ela lhe dissera da mobília de costureira.

– Decerto que me queixava.

– Pois bem, então, minha senhora...

– Pois bem, senhor, vejo que Vossa Eminência quer dar-me esmola, não é verdade?

– Oh! minha senhora...

– Não pode ser outra coisa. Eu recebi, efetivamente, esmolas, mas não quero mais recebê-las.

- Não compreendo bem...
- Senhor, tenho sido bastante humilhada há algum tempo: já me não é possível resistir.
- Minha senhora, abusa das palavras. Na adversidade não é nenhuma desonra...
- Mesmo com o meu nome, vejamos; o Sr. de Rohan quereria mendigar?
- Não falo de mim – disse o cardeal com certa perturbação não isenta de altivez.
- Senhor, só conheço dois modos de pedir esmola: de carruagem ou à porta de uma igreja; com ouro e veludo ou em farrapos. Pois bem! ainda agora, eu não esperava a honra da sua visita: pensava que tinha sido esquecida.
- Ah! sabia então que fora eu quem lhe escrevera? – disse o cardeal.
- Vi as suas armas no sinete da carta.
- Contudo, fingiu não me conhecer quando entrei?!
- Porque não me tinha feito a honra de se fazer anunciar pelo seu nome.
- Pois bem! agrada-me essa altivez – disse vivamente o cardeal olhando com benévola atenção para os olhos animados e a fisionomia altiva de Joana.
- Dizia eu portanto – continuou esta – que antes de o ver, tomara a resolução de pôr de parte o miserável manto que encobre a minha miséria e a nudez do meu nome, e de sair em farrapos como qualquer mendiga cristã para implorar o meu pão, não do orgulhe, mas da caridade dos viandantes.
- Espero, contudo, que não tenha esgotado todos os seus recursos, minha senhora.
- Joana não respondeu.
- Tem umas terras quaisquer, mesmo que estejam hipotecadas; joias de família! Essa, por exemplo.
- Mostrava uma caixa com que Joana se divertia, passando-a de uma para outra mão.
- Esta? – disse ela.
- Realmente é uma caixa original! Dá licença?

E pegou na caixa.

– Ah! tem um retrato!

E fez um gesto de surpresa.

– Conhece o original desse retrato? – perguntou Joana.

– É Maria Teresa.

– Maria Teresa?!

– Sim, a imperatriz de Áustria.

– Realmente! – exclamou Joana. – Parece-lhe isso, senhor?

O cardeal examinou atentamente a caixa.

– Onde lhe veio isto? – perguntou ele.

– De uma senhora que esteve aqui anteontem.

– Em sua casa?

– Em minha casa.

– Uma senhora...

E o cardeal olhou com atenção para a caixa.

– Enganei-me, senhor, não era uma, eram duas.

– E uma dessas duas senhoras foi quem lhe deu esta caixa? – perguntou ele com desconfiança.

– Não me deu, não, senhor.

– Como está ela, então, em seu poder?

– Deixou-a aqui por esquecimento.

O cardeal ficou pensativo, tão absorto que despertou a curiosidade em Joana e fez com que ela pensasse, que seria conveniente falar com prudência.

Depois o cardeal, erguendo a cabeça e olhando atentamente para a condessa, disse:

– E como se chama essa senhora? Perdoa-me, não é verdade, que eu lhe dirija esta pergunta? Eu mesmo estou envergonhado de a fazer; hei de parecer um juiz.

– Com efeito, senhor, a pergunta é singular – disse a condessa.

– Indiscreta talvez; mas singular...

– Singular, repito. Se eu conhecesse a senhora que deixou aqui esta caixa...

– O quê?

– Ter-lhe-ia já mandado. Naturalmente tem-na em grande estimação, e eu não queria pagar com a inquietação de quarenta e

oito horas a sua amável visita.

– Então não a conhece?

– Não; sei unicamente que é superiora de uma casa de caridade.

– De Paris?

– De Versalhes.

– De Versalhes!... a superiora de uma casa de caridade!...

– Senhor, eu aceito o que as mulheres me dão; as mulheres não humilham uma pobre trazendo-lhe socorros, e essa senhora, que alguns avisos de pessoas caritativas tinham esclarecido sobre a minha posição, deixou cem luíses sobre a minha mesa, na ocasião da sua visita.

– Cem luíses! – disse o cardeal com admiração; depois, vendo que podia ferir a susceptibilidade de Joana, que fizera um movimento nesse sentido, o cardeal prosseguiu:

– Perdão, minha senhora – acrescentou ele – não me admira de que lhe tivessem dado semelhante soma. Acho, pelo contrário, que merece toda a solícitude das pessoas caritativas, e o seu nascimento impõe-lhes uma lei para que lhe sejam úteis. É só o título da dama de caridade, que me admira; as irmãs de caridade costumam fazer esmolas mais pequenas. A Sr.<sup>a</sup> condessa poderia dar-me os sinais dessa senhora?

– Dificilmente – redarguiu Joana para aguçar a curiosidade do seu interlocutor.

– Como, dificilmente? mas se ela esteve aqui...

– Certamente. Mas como, provavelmente, não queria que a conhecessem, encobria o rosto e a cabeça com um grande capuz; além disso, vinha toda embrulhada em peles. Contudo...

A condessa pareceu querer recordar-se.

– Contudo... – repetiu o cardeal.

– Pareceu-me ver... Não afirmo, senhor.

– Que lhe pareceu ver?

– Olhos azuis.

– Boca?

– Pequena, ainda que os beiços eram algum tanto grossos, principalmente o beijo inferior.

– Era alta ou baixa?

- Era de altura regular.
- E as mãos?
- Eram perfeitas.
- O pescoço?
- Comprido e delgado.
- A fisionomia?
- Nobre e severa.
- E a pronúncia?
- Alguma coisa embaraçada. Mas talvez o Sr. cardeal conheça essa senhora?
- Como a podia eu conhecer, Sr.<sup>a</sup> condessa? – disse vivamente o prelado.
- Pelo modo porque me interroga, ou mesmo pela simpatia que todos os membros das obras pias têm uns pelos outros...
- Não, minha senhora, não a conheço.
- Entretanto, se o Sr. cardeal, efetivamente, tivesse alguma desconfiança...
- Ora! a que propósito?
- Inspirada por este retrato, por exemplo.
- Ah! – redarguiu o cardeal, que receava ter deixado suspeitar demasiado; – sim, certamente, este retrato...
- Então! este retrato?
- Pois bem! esse retrato parece-me ser...
- O de Maria Teresa, imperatriz de Áustria, não é verdade?
- Parece-me que sim.
- Então julga...
- Julgo que tenha recebido a visita de alguma senhora alemã, daquelas, por exemplo, que fundaram uma casa de socorros...
- Em Versalhes?
- Em Versalhes, sim, minha senhora.
- E o cardeal calou-se.

Mas claramente se conhecia que duvidava ainda, e que a presença daquela caixa na casa da condessa tinha renovado as suas desconfianças.

Só o que Joana não distinguia completamente, o que em vão procurava explicar, era o fundo do pensamento do príncipe,

pensamento visivelmente desvantajoso para ela e que a nada menos tendia, que a suspeitá-la de lhe querer armar um laço com certas aparências.

Efetivamente, podia ter sabido o quanto o cardeal se interessava pela rainha; era coisa que na corte estava longe de se ter conservado sequer no estado de meio segredo, e até apontámos todo o cuidado que empregavam certos inimigos em entreter a animosidade entre a rainha e o seu esmoler-mor.

Aquele retrato de Maria Teresa, aquela caixa de que ela habitualmente se servia, e que cem vezes o cardeal lhe vira nas mãos, como sucedia achar-se nas mãos de Joana, a mendiga?

A rainha teria realmente ido àquela pobre casa?

E tendo ido, não se teria dado a conhecer a Joana? Teria esta algum motivo para dissimular a honra que recebera?

O prelado desconfiava.

Já desconfiava desde a véspera. O nome de Valois tinha-lhe aconselhado que se acautelasse; e então via que se não tratava já de uma mulher pobre, mas sim de uma princesa socorrida por uma rainha, que pessoalmente lhe trazia os seus benefícios.

Era Maria Antonieta caritativa a esse ponto?

Enquanto o cardeal assim desconfiava, Joana, que o não perdia de vista, e a quem nenhum dos sentimentos do príncipe escapava, sentia-se num suplício. É, com efeito, um verdadeiro martírio, para consciências carregadas com o peso de uma desconfiança, ver a dúvida daqueles a quem desejavam convencer de pura verdade.

O silêncio era incómodo para ambos; o cardeal interrompeu-o com esta pergunta:

– E a senhora que acompanhava a sua benfeitora, reparou nela? Pode dizer-me que aspecto teria?

– Oh! essa, vi-a eu bem – disse a condessa; – é alta e bonita, tem uma expressão decidida, uma bela cor, e é muito bem feita.

– E a outra senhora não a tratou pelo nome?

– Sim, uma vez; mas foi pelo nome de baptismo.

– Esse nome era?

– Andréia.

– Andréia! – exclamou o cardeal. E estremeceu.

Este movimento, assim como os outros, não escapou à condessa de La Motte.

O cardeal sabia já o que pretendia; o nome de Andréia tirara-lhe todas as dúvidas.

Efetivamente, na antevéspera sabia-se que a rainha fora a Paris com a Sr.<sup>a</sup> de Taverney. Espalhará-se em Versalhes uma história de porta fechada, de fora de horas, de uma questão conjugal entre o rei e a rainha.

O cardeal respirou.

Não havia laço nem trama na rua de Saint-Claude.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte pareceu-lhe pura e bela como o anjo da candura.

Todavia precisava de uma última prova; o príncipe era diplomata.

– Condessa – disse ele – confesso que há uma coisa que sobretudo me admira.

– E qual é, senhor?

– É que com tal nome e tais documentos, não se tenha dirigido a *el rei*.

– A *el rei*?

– Sim.

– Mas, senhor, tenho dirigido a *el rei* vinte requerimentos, vinte petições, e...

– Sem resultado?

– Sem resultado.

– Mas, na falta do rei, todos os príncipes da casa real teriam acolhido as suas reclamações. O Sr. duque de Orleans, por exemplo, é caritativo, e gosta muitas vezes de fazer o que *el rei* não faz.

– Recorri a Sua Alteza o Sr. duque de Orleans, senhor, mas baldadamente.

– Realmente! Admira-me isso.

– Ora! é sempre assim, quando se não é rica nem recomendada, veem-se os requerimentos sumirem-se nas antecâmaras dos príncipes.

– E o Sr. conde de Artois ? As pessoas extravagantes têm às vezes melhores ações do que as caritativas.

– Aconteceu com o Sr. conde de Artois o mesmo que com Sua Alteza o duque de Orleans, e com Sua Majestade o rei de França.

– Mas, enfim, há as senhoras princesas, tias de *el rei*. Oh! essas, condessa, ou eu me engano muito, ou devem ter respondido favoravelmente.

– Pois nem essas responderam.

– Oh! não posso crer que a princesa Isabel, irmã do rei, tivesse o coração insensível.

– É verdade, senhor, Sua Alteza real, a quem solicitei uma audiência, tinha prometido receber-me; mas não sei por que, depois de ter recebido a minha petição, não se dignou mais dar-me notícias suas, por mais instâncias que eu fizesse.

– É na verdade singular – disse o cardeal.

Depois, subitamente, e como se esse pensamento só naquele instante se lhe apresentasse ao espírito, exclamou:

– Mas, santo Deus! nós esquecemos...

– Quem?

– Ora, a pessoa a quem primeiro que a ninguém se deveria ter dirigido.

– A quem me deveria ter dirigido?

– À dispensadora de todas as mercês, àquela que nunca recusou um socorro merecido, à rainha.

– À rainha?

– Sim, à rainha; não a procurou?

– Nunca – respondeu Joana com perfeita simplicidade.

– Como! então não dirigiu nenhuma súplica à rainha?

– Nenhuma.

– Nem sequer procurou obter de Sua Majestade nenhuma audiência?

– Tentei, mas não consegui.

– Pelo menos há de ter procurado fazer-se encontrada com ela, para que a chamasse à corte. Era um meio bom.

– Nunca empreguei esse meio.

– Realmente, minha senhora, diz-me coisas incríveis.

– Não, realmente, nunca fui a Versalhes senão duas vezes, e não estive senão com duas pessoas; o Dr. Luís, que tratara o meu

desgraçado pai no hospital do Hotel-Dieu, e o Sr. barão de Taverney, a quem fui recomendada.

– Que lhe disse o Sr. de Taverney? Ele tinha facilidade de a dirigir e encaminhar para a rainha.

– Respondeu-me que eu dava provas de desastrada.

– Como assim?

– Procurando reivindicar como um título para a benevolência de *el rei* um parentesco que devia naturalmente contrariar Sua Majestade, pois que nunca se gosta de parentes pobres.

– Nisso se conhece bem o barão egoísta e brutal! – disse o cardeal.

Depois, pensando naquela visita de Andréia a casa da condessa, disse consigo:

– É singular! O pai afasta a suplicante, e a rainha traz-lhe a filha a casa. Realmente, deve resultar alguma coisa desta contradição!

– À fé de gentil-homem – disse ele em voz alta – que estou maravilhado de ouvir dizer a uma solicitadora, a uma mulher da primeira nobreza, que nunca viu o rei nem a rainha.

– A não ser em pintura – disse Joana sorrindo.

– Pois bem! – exclamou o cardeal, convencido desta vez da ignorância e sinceridade da condessa – eu próprio a levarei a Versalhes, se preciso for, e farei com que se lhe abram as portas.

– Oh! senhor, tanta bondade – exclamou a condessa no cúmulo da alegria.

O cardeal aproximou-se dela.

– Mas é impossível – disse ele – que antes de pouco tempo não se interessem todos pela senhora.

– Ah! senhor – disse Joana com encantador suspiro – julga isso sinceramente?

– Oh! estou certíssimo.

– Parece-me que me lisonjeia.

E olhou para ele fixamente.

Efetivamente, tão súbita mudança era para surpreender a condessa, a quem, dez minutos antes, o cardeal tratava com tão poucas considerações.

O olhar de Joana, despedido como pela flecha de um archeiro, feriu o cardeal ou no coração, ou na sua sensualidade. Encerrava o fogo do desejo; mas, em todo o caso, era fogo.

O Sr. de Rohan, que era entendido em toda a classe de mulheres, havia certamente de ter confessado, a si mesmo, que poucas tinha visto tão sedutoras.

– Ah! por vida minha – disse para consigo, com a eterna desconfiança das pessoas da corte, criadas para a diplomacia – ah! por vida minha, que seria muito extraordinário ou muita fortuna junta, que eu encontrasse ao mesmo tempo uma mulher honrada com as aparências de uma intrigante, e na miséria uma poderosa protetora.

– Senhor – interrompeu a sereia – tem ocasiões em que persiste num silêncio que me inquieta; perdoe que lhe diga.

– Em que, condessa ? – perguntou o cardeal.

– Em que? Senhor, um homem da sua qualidade nunca deixa de ser civil senão com duas qualidades de mulheres.

– Oh! meu Deus, o que vai dizer-me, condessa, palavra de honra, assusta-me.

E pegou-lhe na mão.

– Sim – respondeu a condessa – com duas qualidades de mulheres, já o disse e repito-o.

– Quais são, vejamos?

– São aquelas a quem se ama muito, ou a quem se não estima bastante.

– Condessa, condessa, faz-me corar. Pois eu terei sido incivil para consigo?

– Ora!

– Não me diga isso; seria horrível!

– E com efeito, senhor, assim é; porque não me pode ter muito amor, e até agora, pelo menos, ainda lhe não dei o direito de me estimar pouco.

O cardeal tomou novamente da mão de Joana.

– Oh! condessa, realmente, fala-me como se estivesse agastada comigo.

– Não estou, porque ainda não mereceu a minha cólera.

– E nunca a merecerei, minha senhora, partindo deste dia em que tive o prazer de a ver e de a conhecer.

– Oh! o meu espelhe! o meu espelhe! – pensou Joana.

– E partindo deste dia – prosseguiu o cardeal – nunca mais a abandonará a minha solicitude.

– Oh! senhor – disse a condessa, que não retirara a mão de entre as do cardeal; – basta!

– Que quer dizer?

– Não me fale da sua proteção.

– Deus me livre de pronunciar a palavra proteção. Oh! não a humilharia, minha senhora, humilhar-me-ia a mim próprio.

– Então, Sr. cardeal, admitamos uma coisa, que me há de lisonjear infinitamente.

– Se assim é, minha senhora, admitamo-la.

– Pois bem, senhor, concordemos em que fez uma visita de civilidade à Sr.<sup>a</sup> de La Motte Valois. Nada mais.

– Mas também nada menos – respondeu o cardeal.

E levando aos lábios as mãos de Joana, deu-lhe um beijo.

A condessa retirou a mão.

– Oh! civilidade – disse o cardeal com um modo e uma seriedade divinos.

Joana tornou a dar-lhe a mão, na qual, desta vez, o cardeal deu um beijo inteiramente respeitoso.

– Ah! muito bem, senhor.

O cardeal inclinou-se.

– Saber – prosseguiu a condessa – que hei de ocupar uma parte, por mínima que seja, no espírito tão eminente e ocupado de um homem como o senhor, é quanto basta para me consolar um ano.

– Um ano! É tão pouco tempo!... Esperemos que seja mais, condessa.

– Pois bem! não digo que não, Sr. cardeal – respondeu ela sorrindo.

A simplicidade da expressão, Sr. cardeal, era uma familiaridade de que a Sr.<sup>a</sup> de La Motte se tinha já tornado culpada. O prelado, irritável no seu orgulhe, teria podido admirar-se disso; mas tinham

as coisas chegado a tal ponto, que nem só não se admirava, senão que apreciava essa honra.

– Ah! confiança! – exclamou ele aproximando-se ainda mais. – Bem, ainda bem!

– Tenho confiança, sim, senhor, porque conheço em Vossa Eminência...

– Tratava-me por senhor, ainda há pouco, condessa.

– É preciso perdoar-me, não conheço a corte. Dizia eu portanto, que tenho confiança, porque é capaz de compreender um espírito como o meu, aventureiro, ousado, e um coração ainda puro. Apesar dos perigos da pobreza, apesar dos combates, que sustentei contra vis inimigos, Vossa Eminência saberá receber de mim, isto é, da minha conversação, o que achar digno de si. Para tudo o mais Vossa Eminência saberá ser indulgente.

– Temos então um pacto de amizade, minha senhora. Assinado? Jurado?

– Assim o desejo.

O cardeal levantou-se imediatamente e dirigiu-se para a Sr.<sup>a</sup> de La Motte; mas como tinha os braços alguma coisa abertos de mais para um simples juramento, a condessa, com imensa ligeireza, evitou o círculo.

– Pacto de amizade entre três? – disse ela com uma inimitável inflexão de zombaria e inocência.

– Como, amizade entre três? – perguntou o cardeal.

– Certamente. Não se lembra que anda por este mundo um pobre gendarme, um exilado a quem chamam o conde de La Motte?

– Oh! condessa, que horrível memória tem!

– Mas, está claro que lhe hei de falar dele, já que a seu respeito não disse palavra.

– Sabe por que motivo não lhe falo dele, condessa?

– Diga.

– É porque ele terá o cuidado de falar; os maridos nunca se esquecem a si, acredite no que lhe digo.

– E se ele falar de si?

– Então falarão da senhora... de nós.

– Como?

– Dirão, por exemplo, que o Sr. conde de La Motte achou bom ou achou mau que o cardeal de Rohan viesse três, quatro ou cinco vezes por semana visitar a Sr.<sup>a</sup> de La Motte à rua de Saint-Claude.

– O Sr. cardeal, fala com um tal desembaraço! Três, quatro ou cinco vezes por semana?!

– Que seria então a amizade, condessa? Eu disse cinco vezes? Foi engano; seis eu sete é que eu queria dizer, sem contar os anos bissextos.

Joana riu-se.

O cardeal notou que era a primeira vez que ela dava mostras de honrar os seus gracejos, o que também o lisonjeou.

– E como há de impedir que falem? – perguntou ela; – bem sabe que é uma coisa impossível.

– Não é – respondeu ele.

– Como?

– Há um meio muito simples; por bem ou por mal, o povo de Paris conhece-me.

– Oh! por certo, senhor.

– Mas à senhora tem a infelicidade de não a conhecer.

– E depois?

– Invertamos.

– Inverter; como?...

– Isto é... se por exemplo...

– Acabe.

– Se saísse em vez de me fazer sair?

– Ir eu ao seu palácio, senhor!

– Pois teria dúvida em ir a casa de um ministro?

– Um ministro não é um homem, senhor?

– É encantadora! Pois bem, não se trata do meu palácio, tenho uma casa.

– Uma casa para entrevistas, falemos claro.

– Não, uma casa que é sua.

– Ah! – disse a condessa – tem uma casa que é minha? E onde é? Eu não conhecia essa minha casa.

O cardeal que se tornara a assentar, levantou-se.

– Amanhã, às dez horas da manhã, receberá o nome da rua e o número da porta.

A condessa corou; o cardeal pegou-lhe na mão.

E desta vez foi o beijo ao mesmo tempo respeitoso, terno e ousado.

Ambos então se cortejaram com esse resto de cerimónia que indica uma próxima intimidade.

– Alumie a Sua Eminência – bradou a condessa.

Apareceu a velha com a luz na mão.

O prelado saiu.

– Bem, bem – pensou Joana – parece-me que este passo que dei no mundo, foi um passo de gigante.

– Bem – pensou o cardeal, metendo-se na carruagem – parece que fiz um bom e duplo negócio. Esta mulher tem demasiado espírito para não prender a rainha como me prendeu a mim.

# XVI

## Mesmer e Saint-Martin

Houve um tempo em que Paris, desembaraçado de negócios e cheio de ócio, se apaixonava por questões que atualmente são monopólio dos ricos, a quem tratam de inúteis, e dos doutos, a quem apodam de preguiçosos.

Em 1784, isto é, na época a que chegámos, a questão em moda, a que flutuava acima de todas, que pairava no ar, que pousava sobre todas as cabeças um tanto elevadas, como o vapor nas montanhas, era o mesmerismo ciência misteriosa, mal definida pelos seus inventores, que, não achando conveniente democratizar uma descoberta logo à nascença, tinham-lhe deixado tomar um nome de homem, isto é, um título aristocrático, em vez de um desses nomes que a ciência vai buscar ao grego, com cujo auxílio a pudibunda modéstia dos modernos sábios vulgariza hoje todos os elementos científicos.

Efetivamente, que utilidade poderia haver em 1784 em democratizar uma ciência?

O povo, que havia mais de século e meio não era consultado pelos que o governavam, fazia porventura no Estado vulto com que se contasse? Não.

O povo era a terra fecunda que produzia, era a colheita rica que ceifavam, mas o dono da terra era o rei, e segadora a nobreza.

Hoje tudo está mudado: a França parece-se com uma ampulheta secular; durante novecentos anos marcou a hora da realeza; a destra poderosa do Senhor voltou-a; depois de tantos séculos vai marcar a era do povo.

Portanto, em 1784, um nome de homem era uma recomendação, quando hoje, pelo contrário, qualquer sucesso dá um nome às coisas.

Mas deixemo-nos de hoje para nos ocuparmos de ontem.

Na conta da eternidade o que vale esta distância de meio século? Nada, nem sequer é comparável à que existe entre a véspera e o dia seguinte.

O doutor Mesmer estava em Paris, como sabia-o a própria Maria Antonieta, pedindo licença a *el rei* para visitá-lo.

Permitam-nos, pois, que digamos algumas palavras do doutor Mesmer, cujo nome, hoje apenas lembrado por pequeno número de adeptos, andava, na época que tentamos descrever, na boca de toda a gente.

Pelo ano de 1774 tinha o doutor Mesmer trazido da Alemanha, essa terra dos sonhos plácidos e fantásticos, uma ciência cheia de nuvens e de raios, de luz e de trevas. Ao clarão desses raios só via o sábio as nuvens que acima da cabeça lhe formavam uma espessa abóbada; o vulgo só via os raios.

Mesmer estreada-se na Alemanha por uma tese sobre a influência dos planetas. Quisera estabelecer que os corpos celestes, em virtude da força que produz as suas mútuas atrações, influem sobre os corpos animados e particularmente sobre o sistema nervoso por intermédio de um fluido subtil, que enche todo o Universo. Para compreender, era preciso estar iniciado na ciência dos Galileus e dos Newtons. Era um misto de grandes verdades astronómicas com os sonhos astrológicos, que não podiam, não diremos popularizar-se, mas aristocratizar-se, porque era necessário que para isso o corpo da nobreza fosse convertido em sociedade douta. Mesmer abandonou esse primeiro sistema para se dedicar ao dos ímãs.

Os ímãs, naquela época, eram muito estudados; as suas faculdades simpáticas ou antipáticas faziam viver os minerais uma vida quase igual à vida humana, a que iam buscar as duas grandes paixões: o amor e o ódio. Por consequência, atribuía-se aos ímãs virtudes pasmosas para a cura de várias enfermidades. Portanto,

Mesmer juntou a ação dos maus ao seu primeiro sistema e tentou ver o que poderia resultar dessa junção.

Infelizmente para Mesmer, quando chegou a Viena achou lá estabelecido um rival, que se chamava Hall, e que dizia ter-lhe Mesmer roubado a sua descoberta. Ao ver isto, Mesmer, como homem cheio de imaginação, declarou abandonar os ímãs como inúteis e não fazer mais curas pelo magnetismo universal, servindo-se unicamente do magnetismo animal.

O termo, bem que proferido como novo, não designava uma nova descoberta. O magnetismo, conhecida dos antigos, empregado nas iniciações egípcias e no pitismo grego, conservara-se, na idade média, no estado de tradição. Alguns fragmentos dessas ciências tinham produzido os feiticeiros dos séculos treze, catorze e quinze, e foram queimados muitos, que, no meio da fogueira, como na força da tortura, confessaram a religião estranha de que eram mártires.

Urbano Grandier não passava de um magnetizador.

Mesmer ouvira falar nos grandes milagres daquela ciência.

José Bálsamo, o herói de uma das nossas obras, deixara vestígios da sua passagem na Alemanha e principalmente em Estrasburgo. Mesmer andou em busca dessa ciência, espalhada e flutuante como os duendes que de noite correm por cima das lagoas; fez dela uma teoria completa, um sistema uniforme, a que deu o nome de mesmerismo.

Chegado a esse ponto, anunciou o seu sistema à Academia das Ciências de Paris, à Sociedade Real de Londres e à Academia de Berlim; as duas primeiras nem se cansaram em lhe responder, a terceira chamou-lhe doido.

Mesmer lembrou-se daquele filósofo grego que negava o movimento, e a quem o seu antagonista confundiu andando. Foi a França, tirou ao médico Storck e ao oculista Wenzel uma rapariga de dezessete anos, que padecia uma doença de fígado e tinha gota serena, e, depois de três meses de tratamento, a doente estava totalmente curada, a cega via claramente.

Esta cura convencera grande número de pessoas, e, entre outras, um médico chamado Deslon, que de inimigo se tornou em

apóstolo.

A partir daquele momento, a reputação de Mesmer fora crescendo; a Academia tinha-se declarado contra o inovador, a corte declarou-se a favor dele; abriram-se negociações no ministério para convidar Mesmer a enriquecer a humanidade com a publicação da sua doutrina. O médico pôs-lhe preço. Houve propostas, em nome de *el rei*, ofereceu-lhe o Sr. de Breteuil uma pensão vitalícia de vinte mil libras e uma gratificação de dez mil para ensinar três pessoas que o governo indicasse. Mas Mesmer, indignado pela parcimónia do rei, recusou, e foi para Spa com alguns dos seus enfermos.

Uma inesperada catástrofe ameaçava Mesmer. Deslon, seu discípulo, possuidor do famoso segredo que Mesmer recusara vender por trinta mil libras cada ano, abriu em sua casa um tratamento público pelo método mesmeriano.

Mesmer soube a dolorosa notícia, bradou que era um roubo, uma traição, uma fraude; esteve a ponto de enlouquecer. Então um dos seus doentes, o Sr. de Bergasse, teve a feliz lembrança de formar uma sociedade para a compra da ciência do ilustre professor; formou-se uma companhia de cem pessoas, com o capital de trezentas e quarenta mil libras, com a condição de que ele revelaria a sua doutrina aos acionistas. Mesmer anuiu, recebeu o capital e voltou a Paris. A ocasião era propícia. Há instantes na idade dos povos, aqueles que tocam as épocas de transformação, em que a nação inteira para como diante de obstáculo desconhecido, hesita, sente o abismo a cuja beira chegou, e percebe-o sem, contudo, o poder enxergar.

A França estava num desses momentos, apresentava o aspecto de uma sociedade sossegada, cujo espírito estava agitado; estava-se de alguma forma entorpecido numa felicidade factícia, cujo fim se entrevia, como quando se chega à borda de uma floresta e se conhece a planície pelos interstícios das árvores. Esse sossego, que nada tinha de constante, nada de real, cansava; procuravam-se comoções em tudo, e as novidades, fossem elas quais fossem, eram recebidas com prazer. Tinham-se tornado muito frívolas para, como outrora, curarem das graves questões do governo e do molinismo.

Mas levantavam questões sobre músicas, tomava-se partido por Gluck ou Piccini, apaixonavam-se pela Enciclopédia, inflamavam-se pelas Memórias de Beaumarchais.

A aparição de uma ópera nova preocupava mais as imaginações do que o tratado de paz com a Inglaterra e o reconhecimento da república dos Estados Unidos. Era, numa palavra, um desses períodos em que os espíritos, conduzidos para o desencanto, se enfadavam com essa limpidez do possível, que deixa ver o fundo de todas as coisas, e tenta, adiantando um passo, transpor os limites do mundo real para entrar no mundo dos sonhos e das ficções.

De facto, se está provado que as verdades bem claras, bem lúcidas são as únicas que se popularizam prontamente, não está menos provado que os mistérios são uma atração poderosíssima para os povos.

O povo da França estava, portanto, arrebatado, atraído de um modo irresistível por esse estranho mistério do fluido mesmeriano, que, segundo os adeptos, dava saúde aos doentes, espírito aos doidos e loucura aos sábios.

Por toda a parte se falava de Mesmer. O que tinha ele feito? Em quem tinha operado os seus divinos mistérios? A que fidalgo restituíra a vista ou a força? A que senhora fatigada das vigílias do jogo restituíra a elasticidade dos nervos? A que donzela fizera ele, numa crise magnética, prever o futuro?

O futuro! a grande palavra de todos os tempos o grande interesse de todos os espíritos, a solução de todos os problemas. Efetivamente o que era o presente?

Uma realeza sem raios, uma nobreza sem autoridade, um país sem comércio, um povo sem direitos uma sociedade sem confiança.

Desde a família real, inquieta e isolada no trono até à família plebeia, esfaimada no seu covil, tudo era miséria, vergonha e susto.

Esquecer todos para só tratar de si, ir buscar a novas fontes a segurança de uma vida mais longa, de saúde inalterável, arrancar alguma coisa ao céu avaro, não era esse o objeto de uma aspiração fácil de compreender para aquele ponto ignorado, cujas dobras Mesmer desenrolava?

Voltaire morrera. Já não havia em França uma gargalhada, a não ser o riso de Beaumarchais, mais amargo ainda que o do seu mestre. Rousseau morrera também. Já não havia filosofia religiosa em França. Rousseau quisera sustentar Deus; mas desde que Rousseau desaparecera, ninguém mais se arriscava a isso, temendo ficar esmagado debaixo do peso.

Noutro tempo fora a guerra uma grave ocupação para os Franceses. Os reis sustentavam o heroísmo nacional; mas na época que tentamos descrever, a única guerra francesa que havia era a americana, e nessa não entrava o rei de modo nenhum. Os que se batiam então faziam-no por essa causa desconhecida chamada independência, palavra que os Franceses traduziam por uma abstração: a liberdade.

E ainda assim aquela guerra longínqua, aquela guerra não só de outro povo, mas de outro mundo, acabara.

Ora pensando bem, não valia mais a pena ocuparem-se de Mesmer, o médico alemão que pela segunda vez em seis anos chamava a atenção da França, do que de Lord Cornwallis ou de Sir Washington, que estavam tão longe, que o mais provável seria que nunca os vissem nem a um nem a outro?

Mesmer estava ali, vivia entre eles, podiam vê-lo, apalpá-lo, e na verdade que a ambição de três quartas partes de Paris eram serem apalpadadas por ele.

Assim, aquele homem, desde que chegara a Paris, por ninguém fora sustentado, nem pela rainha sua patrícia que, contudo, se mostrava sempre tão favorável às pessoas da sua terra; aquele homem, que a não ser o doutor Deslon, que depois o atraíçara, se conservaria na obscuridade, aquele homem reinava verdadeiramente sobre a opinião pública, deixando muito atrás de si o rei, de quem nunca se falara, o Sr. de Lafayette, de quem se não falava ainda, e o Sr. de Necker de quem se não falava já.

E como se aquele século tivesse imposto a si a tarefa de dar a cada espírito o que requeria a sua aptidão, a cada corpo o necessário para as suas necessidades, em frente de Mesmer, o homem do materialismo, elevava-se Saint-Martin, o homem do

espiritualismo, cuja doutrina vinha consolar todas as almas que o positivismo do doutor alemão feria.

Imaginem o ateu com uma religião mais doce que a própria religião; suponham um republicano cheio de civilidades e atenções para com os reis; um fidalgo afetuoso, terno, amoroso para com o povo; represente-se o tríplice ataque desse homem, dotado da mais sedutora eloquência, contra os cultos da terra, a que chama insensatos, pela única razão de serem divinos!

Figurem-se, finalmente, um Epicuro empoado, de farda bordada, roupão coberto de ouropel, calções de cetim, meias de seda, salto vermelhe; Epicuro que se não contenta em derribar os deuses, em que não crê, mas abala os governos, que trata como os cultos, porque não concordam nunca, e a maior parte das vezes não fazem mais que a desgraça da humanidade.

Vejam-no trabalhando contra a lei social, que perverte com estas únicas palavras: pune semelhantemente erros dessemelhantes, pune o efeito sem apreciar a causa.

Suponha-se agora que esse tentador, que se intitula o filósofo desconhecido, reúne para prender os homens a um círculo de ideias diferentes, quanto a imaginação pode acrescentar de encantos às promessas de um paraíso moral, e que em lugar de dizer: "os homens são iguais", o que é um absurdo, inventa esta fórmula, que parece ter escapado da mesma boca que a nega:

"Os homens inteligentes são todos reis!"

Depois calcule-se o efeito de semelhante moral caindo repentinamente no meio de uma sociedade sem esperanças, sem guias, de uma sociedade, que é um verdadeiro arquipélago semeado de ideias, ou, o que é o mesmo, de escolhes. Lembrem-se que naquela época eram as mulheres ternas e loucas, os homens ávidos de poder, de honras e de prazeres, e, enfim, que os reis deixavam pender a coroa sobre a qual, pela primeira vez, de pé e perdido na sombra, se cravava o olhar curioso e ameaçador do povo, e digam se será para admirar que tivesse prosélitos uma tal doutrina, que dizia às almas:

"Escolhei entre vós a alma superior, mas superior pelo amor, pela caridade, pela vontade poderosa de amar bem, de vos tornar

bem felizes: e depois, quando essa alma, mudada em homem, se houver revelado, curvai-vos, humilhai-vos, aniquilai-vos, todos os que tendes almas inferiores, a fim de deixar o espaço à ditadura dessa alma, cuja missão é de vos reabilitar no vosso princípio essencial, isto é, na igualdade dos padecimentos, no seio da desigualdade forçada das aptidões.”

Acrescente-se a isto que o filósofo desconhecido cercava-se de mistérios; que adoptava a sombra profunda para discutir em paz, longe dos espiões e dos parasitas, a grande teoria social, que podia vir a ser a política do mundo.

Acrescente-se a isto que o filósofo desconhecido cercava-se de mistérios; que adoptava a sombra profunda para discutir em paz, longo dos espiões e dos parasitas, a grande teoria social, que podia vir a ser a política do mundo.

“Escutai-me, dizia ele, almas fiéis, corações crentes, escutai-me e vede se me podeis compreender, ou antes, escutai-me só se tendes interesse e curiosidade em me compreender, porque vos será difícil, e não direi o meu segredo àqueles que não quiserem arrancar o véu. Eu digo o que finjo não dizer, e é essa a razão porque hei de muitas vezes parecer dizer coisa muito diferente do que digo.”

E Saint-Martin tinha razão, e tinha realmente em volta da sua obra os defensores silenciosos, sombrios e invejosos das suas ideias, misterioso cenáculo, cujo obscuro e religioso misticismo ninguém percebia.

Assim trabalhavam para a glorificação da alma e da matéria, pensando na aniquilação de Deus e na religião de Cristo, esses dois homens que em dois campos e duas necessidades tinham dividido todos os espíritos inteligentes, todas as naturezas escolhidas da França.

Por isso, uns se agrupavam em redor da celha de Mesmer, donde saía o bem-estar, toda a vida de sensualidade, todo o materialismo elegante dessa nação degenerada; ao passo que em torno do livro dos erros e da verdade se reuniam as almas pias, caritativas, amantes, sequiosas de realidade depois de terem vivido de quimeras.

Se acima dessas esferas privilegiadas, as ideias divergissem ou se perturbassem, facilmente se compreenderia o esboço do estado em que jazia a sociedade subalterna, isto é, a burguesia e o povo, o que mais tarde se chamou o terço, o qual unicamente adivinhava que curavam dele, e que, na sua impaciência e resignação, ardia em desejos de roubar o fogo sagrado, como Prometeu, e de animar com ele um mundo, que seria seu, e no qual trataria pessoalmente os seus negócios.

As conspirações no estado de palestras, as associações no estado de círculos, e os partidos sociais no estado de quadrilhas, isto é, a guerra civil e a anarquia, eis o que em tudo isso aparecia ao pensador, que ainda não via a segunda vida dessa sociedade.

Ah! hoje, que já se rasgaram os véus, hoje que os novos Prometeus têm sido derribados dez vezes pelo mesmo fogo que roubaram por suas próprias mãos, dissei-nos o que podia ver o pensador no fim desse estranho século dezoito, senão a decomposição de um mundo, senão alguma coisa semelhante ao que se passava depois da morte de César e antes da exaltação de Augusto.

Augusto foi o homem que separou o mundo pagão do mundo cristão, como Napoleão foi o homem que separou o mundo feudal do mundo democrático.

Talvez tenhamos demorado os nossos leitores numa digressão, que lhes há de ter parecido demasiado longa; mas, na realidade, seria difícil tocar naquela época sem roçar com a pena por estas graves questões, que são a carne e a vida dela.

Agora está feito o esforço: esforço de uma criança que raspasse com a unha a ferrugem de uma estátua antiga para descobrir e ler debaixo dessa ferrugem uma inscrição meio apagada.

Voltemos à aparência, que se continuássemos a ocupar-nos da realidade, diríamos muito para romancista, pouco para historiador.

# XVII

## A celha

A pintura que, no capítulo antecedente, tentamos fazer daquela época, dos homens e das profissões em que se ocupavam naquele momento, pode legitimar, aos olhos dos nossos leitores, a inexplicável curiosidade dos parisienses pelo espetáculo das curas operadas publicamente pelo Dr. Mesmer.

O rei Luís XVI, que tinha, senão a curiosidade, pelo menos a apreciação das novidades que davam brado na sua boa cidade de Paris, também permitira à rainha que fosse ver uma vez o que toda a gente tinha visto já, com a condição, o leitor decerto se lembrará, de que fizesse a sua augusta visita acompanhada por uma princesa.

Fora juntamente dois dias antes desta visita que o cardeal de Rohan se dirigira a casa da Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

O tempo serenara e começava a degelar. Um exército de varredores, satisfeitos por verem acabado o inverno, impelia para os canos, com o ardor de soldados que abrem uma brecha, os últimos pedaços de gelo, todos enxovalhados e derretendo-se em água lodosa.

O céu, azul e límpido, iluminava-se com as primeiras estrelas, quando a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, vestida como mulher elegante, oferecendo todas as aparências da opulência, chegou numa carruagem de aluguer, escolhida pela Sr.<sup>a</sup> Clotilde, e parou na praça de Vendôme em frente de uma casa de aspecto grandioso, cujas elevadas janelas estavam esplendidamente alumadas em toda a frontaria.

Era a casa do doutor Mesmer.

Fora, a carruagem da Sr.<sup>a</sup> de La Motte, grande número de carruagens diversas, estavam paradas diante daquela casa; e além dessas carruagens, duzentos ou trezentos curiosos patinavam na lama, esperavam a saída dos enfermos curados ou a entrada dos enfermos por curar.

Quase todos nobres e ricos, vinham nas suas carruagens de brasão, faziam-se apear e levar pelos seus lacaios, e estes fardos serviam de importante consolação aos desgraçados esfaimados e meio nus, que à porta contemplavam a prova evidente de que Deus faz os homens sãos ou doentes sem consultar a sua árvore genealógica.

Quando um desses doentes, de cor pálida e membros enfraquecidos, desaparecia pelo portão, havia um murmúrio entre os curiosos, e bem raras vezes sucedia que essa chusma curiosa e inteligente, que via concorrer à porta dos bailes e sob os pórticos dos teatros toda essa aristocracia ávida de prazer, o que também era um prazer para toda essa chusma, não conhecesse, quer um duque parálítico de um braço e de uma perna, quer um marechal de campo, cujos pés se negavam ao serviço, menos por causa das fadigas das marchas militares, do que pelos altos feitos praticados em casa das dançarinas do teatro francês ou do italiano.

Está sabido que as investigações da multidão não se limitavam aos homens.

Aquela mulher também, que tinham visto passar nos braços dos seus heiduques, de cabeça baixa e olhar fixo, como as damas romanas, que eram levadas nos braços dos seus Tessálios depois dos banquetes, aquela senhora, sujeita a padecimentos nervosos, ou debilitada por excessos e vigílias, e que não pudera ser curada ou ressuscitada pelos comediantes da ópera ou pelos vigorosos anjos, de quem madame Dugazon fazia contos tão maravilhosos, vinham pedir à celha de Mesmer o que debalde tinham procurado em outra parte.

E não se julgue que exageramos aqui por gosto o aviltamento dos costumes. É força confessar que, naquela época, se davam assaltos entre as senhoras da corte e as raparigas dos teatros.

Estas tiravam às senhoras os seus amantes e maridos, aquelas roubavam às raparigas do teatro os colegas e os primos.

Algumas destas senhoras eram tão conhecidas como os homens, e os seus nomes circulavam na multidão de um modo tão ruidoso como o deles; mas muitas, e não eram certamente daquelas cujo nome produziria menos escândalo, muitas escapavam naquela noite à bulha da publicidade, indo a casa de Mesmer encobertas por mascarilhas de cetim.

É que naquele dia, que era o meio da Quaresma, havia baile de máscaras no teatro da Ópera, e aquelas senhoras tencionavam sair da praça Vendôme e irem direitas ao Palais-Royal.

Foi no meio desta multidão queixosa, irónica, admirada e murmurante, que a Sr.<sup>a</sup> condessa de La Motte passou firme e direita, com a máscara na cara, e não deixando outro vestígio da sua passagem senão esta frase repetida no seu caminho:

– Ah! esta não deve estar muito doente.

Mas não se iludam, esta frase não implicava ausência de comentários.

Porque se a Sr.<sup>a</sup> de La Motte não estava doente, o que vinha ela fazer a casa de Mesmer?

Se a multidão estivesse, assim como nós, ao facto dos acontecimentos que acabamos de referir, teria achado que esta verdade era a coisa mais simples.

Com efeito, a Sr.<sup>a</sup> de La Motte refletira muito na sua entrevista com o cardeal de Rohan, e principalmente na atenção particular com que o cardeal honrara a caixa do retrato que tinham esquecido, ou antes que tinham perdido em sua casa.

E como no nome da dona da caixa estava toda a revelação da súbita amabilidade do cardeal, a Sr.<sup>a</sup> de La Motte imaginara dois meios de saber esse nome.

Recorreu primeiro ao mais simples.

Fora a Versalhes para indagar onde era o estabelecimento ou o escritório das irmãs de caridade alemãs.

Como facilmente se pode supor, nada conseguiu saber.

As senhoras alemãs que viviam em Versalhes eram muitas, por causa da declarada simpatia da rainha pelas suas compatriotas:

havia lá umas cento e cinquenta ou duzentas.

Com a diferença que todas elas eram muito caritativas, mas nenhuma se lembrara de pôr tabuleta no escritório da caridade.

Foi, portanto, debalde que Joana pedira esclarecimentos a respeito das duas senhoras que a tinham ido visitar; em vão declarara que uma delas se chamava Andréia. Ninguém conhecia em Versalhes senhora alguma alemã com semelhante nome, que além disso era bem pouco alemão.

Portanto, desse lado não tinham as indagações produzido resultado algum.

Perguntar diretamente ao Sr. de Rohan que nome ele suspeitava, era, em primeiro lugar, deixar-lhe perceber que tinha vistas sobre ele; e, depois, privar-se do prazer e do mérito de uma descoberta feita a despeito de todos e fora de todas as possibilidades.

Ora, pois que havia mistério no proceder daquelas senhoras em casa de Joana, mistério nas admirações e reticências do Sr. de Rohan, era com esse mistério que queria chegar a adivinhar tantos enigmas.

Além disso, havia no carácter de Joana um poderoso atrativo para esta luta com o desconhecido.

Tinha ouvido dizer que desde algum tempo, em Paris, um homem, um iluminado, um fazedor de milagres, achara meio de expulsar do corpo humano as enfermidades e os padecimentos, como outrora Cristo expulsava o demónio do corpo dos possessos.

Sabia que não só aquele homem curava os males físicos, senão que arrancava da alma o doloroso segredo que a minava... tinham visto, à sua poderosa conjuração, amolecer e transformar-se em docilidade de escravo a vontade tenaz dos clientes.

Assim, no sono que sucedia às dores, depois de o sábio médico ter sossegado a organização mais irritada lançando-a em completo esquecimento, a alma encantada do sossego que devia ao encantador, entregava-se inteiramente à disposição daquele novo senhor. Dirigia-lhe desde então todas as operações, todos os fios, e cada pensamento dessa alma agradecida aparecia-lhe transmitido

por uma linguagem, que tinha sobre a linguagem humana a vantagem e a desvantagem de nunca mentir.

Ainda mais, saindo do corpo que lhe servia de prisão à primeira ordem daquele que momentaneamente a dominava, essa alma corria pelo mundo, misturava-se com as outras almas, sondava-as sem descanso, revolvias-as desapiedadamente, e tão bem procedia, que semelhante a um cão que faz sair a caça do mato em que se esconde, julgando-se lá segura, começava por fazer sair o segredo do coração em que estava sepultado, perseguia-o, alcançava-o e acabava por vir depô-lo aos pés do seu senhor. Imagem fiel do falcão ou do gavião bem amestrado, que vai buscar nas nuvens, por conta do falcoeiro, seu dono, a perdiz, a garça real ou a cotovia designadas ao seu feroz servilismo

Dali provinha a revelação de uma grande quantidade de segredos maravilhosos.

A Sr.<sup>a</sup> de Duras achara assim uma criança que lhe tinham roubado; a Sr.<sup>a</sup> de Chantoné um cão inglês, que se fechava numa mão e pelo qual teria dado todas as crianças do mundo; e o Sr. de Vaudreuil um anel de cabelos por que de boamente daria metade da sua fortuna.

Aquelas descobertas tinham sido feitas por videntes, por meio de operações magnéticas do doutor Mesmer.

E ainda mais outros milagres.

Também se podia ir escolher, na casa do ilustre doutor, os segredos mais próprios para exercer esta faculdade de adivinhação sobrenatural; e bem esperava a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, assistindo a uma sessão, encontrar essa Fénix das suas curiosas indagações, a proprietária da caixa que era naquele momento o assunto das suas mais ardentes preocupações.

E aí está porque corria com tanta pressa à sala onde se reuniam os doentes.

Aquela sala pede uma descrição especial e minuciosa, que os nossos leitores hão de permitir-nos.

Será breve.

Havia duas salas principais.

Quando se atravessavam as antecâmaras e se mostravam os bilhetes de admissão aos empregados de serviço, era-se admitido na sala principal, cujas janelas, hermeticamente fechadas, interceptavam de dia a luz e o ar, de noite o ar e a bulha.

A meio da sala, debaixo de um lustre, cujas velas derramavam uma luz fraca, quase mortíça, via-se uma grande cuba coberta com uma tampa.

Esta cuba nada de elegante tinha na sua forma. Não ostentava adornos e nenhuma tapeçaria lhe disfarçava a nudez das paredes de metal.

Era a esta cuba que chamavam a celha de Mesmer.

Que virtude encerrava aquela celha? Nada mais fácil de explicar.

Estava quase completamente cheia de água, carregada de princípios sulfurosos, que concentravam os miasmas debaixo da tampa, para irem saturar depois as garrafas metodicamente dispostas no fundo da celha em posições inversas.

Deste modo dava-se o cruzamento de correntes misteriosas, a cuja influência deviam os doentes a sua cura.

À tampa estava soldado um anel de ferro, que sustentava uma corda comprida, cujo destino conheceremos quando contemplarmos os doentes.

Estes, que há pouco vimos transpor a porta da entrada, estavam pálidos e abatidos, assentados em cadeiras dispostas em volta da cuba. Homens e mulheres misturados, indiferentes, sérios ou inquietos, esperavam o resultado da experiência.

Um criado pegava numa ponta da corda que estava presa à tampa da celha e passava uma volta a cada membro doente, de modo que todos, ligados pela mesma cadeia, recebessem ao mesmo tempo os efeitos da eletricidade contida na celha.

Depois, para que não fosse interrompida a ação dos fluidos animais transmitidos e modificados conforme as naturezas, os doentes tinham o cuidado, seguindo a recomendação do doutor, de se porem em contato uns com os outros, tocando-se pelo cotovelo, pelos ombros ou pelos pés, de modo que a celha salvadora simultaneamente transmitisse a todos os corpos o seu calor e a sua potente regeneração.

Era, realmente, um curioso espetáculo o daquela cerimonia médica, e não será, portanto, de admirar que excitasse em tão elevado grau a curiosidade parisiense.

Vinte ou trinta doentes estavam dispostos em volta daquela cuba; um criado, mudo como os assistentes, enlaçava-os com uma corda, como Laocoente e os filhas nas roscas das serpentes, retirando-se em seguida nas pontas dos pés, depois de ter designado aos doentes as varas de ferro, que, penetrando na cuba por certos orifícios, deviam servir de condutores mais imediatamente locais à ação salutar do fluído mesmeriano.

E daí, assim que estava aberta a sessão, começava de circular na sala um certo calor suave e penetrante, que amolecia as fibras um tanto tensas dos enfermos, subia por gradações do chão ao teto e não tardava em carregar-se de perfumes delicados, a cujo vapor se curvavam, abatidos, os cérebros mais rebeldes.

Via-se então os doentes entregarem-se à voluptuosa impressão daquela atmosfera, e uma música suave e vibrante, executada por instrumentos e músicos invisíveis, perder-se como grata chama no meio daqueles perfumes e daquele calor.

Pura como o cristal ao lado do qual nascia, aquela música feria os nervos com um poder irresistível. Dir-se-ia um desses misteriosos e desconhecidos rumores da natureza, que aos próprios animais encantam e causam espanto, um queixume do vento nas espirais sonoras dos rochedos.

Não tardou que aos sons da harmónica se juntassem vozes harmoniosas, agrupadas como um monte de flores, cujas notas, destacando-se como folhas, chegaram à cabeça dos assistentes.

Em todos os semblantes, que de princípio a surpresa animara, se ia pintando a satisfação material, acariciada em todos os pontos sensíveis. A alma cedia; saía do refúgio onde se oculta quando os padecimentos do corpo a assaltam, e espalhando-se livre e jubilosa por todo o organismo, dominava a matéria e transformava-se.

Era esse o momento em que cada enfermo tomava entre os dedos uma das barras de ferro que estavam presas à tampa da tina e a dirigia ao peito, ao coração ou à cabeça, sede mais especial da enfermidade.

Figurem-se a beatitude substituindo então em todos os rostos o padecimento e a ansiedade, imaginem a egoísta absorção produzida por aquelas satisfações, o silêncio cortado de suspiros, que pesava sobre aquela assembleia, e ter-se-á a ideia quanto possível exata da cena, que acabamos de esboçar, dois terços de século depois do dia em que se representou.

Agora algumas palavras mais particularizadas sobre os atores.

Em primeiro lugar os atores dividem-se em duas classes.

Uns, doentes, importando-lhes pouco o que se chama respeito humano, limite veneradíssimo pelas pessoas de condição medíocre, mas constantemente transposto pelos muito elevados ou muito humildes; uns, dizemos, verdadeiros atores, só ali tinham ido para ser curados, e procuravam de todo coração conseguir o fim.

Os outros, cépticos ou simples curiosos, não padecendo moléstia alguma, tinham penetrado na sala de Mesmer como se entra no teatro, ou porque quisessem conhecer o efeito experimentado por quem se assentava em volta da celha encantada, ou porque, simples espectadores, quisessem unicamente estudar o novo sistema físico e apenas se ocupassem em contemplar os doentes e até os que, não o sendo, se prestavam à operação.

Entre os primeiros, fogosos adeptos de Mesmer, porventura ligados à doutrina do doutor pelo reconhecimento, distinguia-se uma mulher nova, bonita e airosa, vestida um tanto extravagantemente, que, submetida à ação do fluído e aplicando-se com a barra as mais fortes doses à cabeça e ao epigastro, começava a revolver os formosos olhes, como se tudo nela se tornasse lânguido, ao passo que as mãos lhe estremeciam às primeiras titilações nervosas que indicam a invasão do fluído magnético.

Quando a cabeça lhe descaía para trás no respaldo da cadeira, os assistentes podiam contemplar-lhe à vontade a fronte pálida, os lábios convulsos e a garganta marmoreada pelo fluxo e refluxo mais rápido do sangue.

Então, de entre os assistentes, muitos dos quais não desfitavam, no auge da admiração, os olhes daquela mulher, duas ou três cabeças, inclinando-se umas para as outras, comunicaram-se uma

ideia singular, que sem dúvida redobrou a recíproca atenção dos curiosos.

No número destes, contava-se a condessa de La Motte, que, sem receio de ser conhecida, ou inquietando-se pouco com que a conhecessem, tinha na mão a máscara de cetim com que cobrira o rosto para atravessar a multidão.

Que, afinal, pelo modo por que estava colocada, pode-se dizer que escapava a todas as vistas.

Estava ao pé da porta, encostada a uma pilastra, encoberta por um cortinado, e dali via tudo sem ser vista.

Mas entre tudo o que via, o que lhe parecia mais digno de atenção era decerto a cara daquela mulher eletrizada pelo fluído mesmeriano.

Efetivamente aquele rosto impressionara-a de tal modo, que havia alguns minutos se conservava pregada no mesmo sítio, ansiosa por ver e por saber.

– Oh! – murmurava ela sem arredar a vista da formosa doente – não há dúvida, é a dama de caridade que esteve em minha casa, e que motivou todo o interesse que me testemunhou o cardeal de Rohan!

E bem convencida de que se não enganava, satisfeita do acaso, que por ela fazia o que todas as suas investigações não tinham conseguido, aproximou-se mais.

Mas naquele momento a convulsionária fechou os olhos, franziu a boca e sacudiu fracamente o ar com as mãos ambas.

Essas mãos, importa que o digamos, não eram verdadeiramente as mãos finas e delicadas, as mãos, de uma alvura de cera que a condessa em sua casa admirara alguns dias antes.

O contágio da crise foi elétrico na maior parte dos doentes, o cérebro se lhes havia saturado de perfumes e de rumores. A irritação nervosa estava inteiramente solicitada. Não tardou que homens e mulheres, arrastados pelo exemplo da formosa companheira, se pusessem a soltar suspiros, murmúrios, gritos e agitando os braços, as pernas, a cabeça, entrassem franca e irresistivelmente no acesso a que o mestre dera o nome de crise.

Sairia ele da cuba, como Febo? Apolo das águas, era ele o vapor embalsamado e harmonioso da sala, que se condensava? O caso é que se encontrou ali subitamente, e que a casaca lilás, fresca e grata à vista, o belo aspecto, pálido, inteligente e sereno, não desmentiram o carácter um tanto divino daquela aparição.

Empunhava uma vara comprida, apoiada, ou melhor diremos mergulhada na famosa celha.

Fez um sinal; as portas abriram-se, acudiram vinte robustos criados, e, apoderando-se de cada um dos doentes, que começavam a perder o equilíbrio nas cadeiras, transportaram-nos em menos de um minuto para a sala próxima.

No momento que se completava esta operação, que sobretudo se tornava interessante pelo paroxismo da furiosa beatitude a que se entregava a convulsionária, a condessa de La Motte, que entrara com os curiosos na nova sala destinada aos doentes, ouvia um homem exclamar:

– Mas é ela! é ela com certeza!

A condessa preparava-se para lhe perguntar:

– Ela quem?

De repente entraram duas senhoras na primeira sala, apoiadas uma na outra e seguidas a certa distância por um homem que tinha toda a aparência de criado de confiança, bem que o disfarçasse um vestuário burguês.

O ar daquelas duas senhoras, principalmente de uma delas, impressionou de tal modo a condessa de La Motte, que deu um passo para elas.

Naquele momento um forte grito, que partiu da sala, tendo-se escapado dos lábios da convulsionária, atraiu para lá toda a gente.

E logo o homem que soltara já: “É ela!” e que se encontrava próximo da condessa de La Motte, exclamou com voz surda e misteriosa:

– Mas, senhores, vejam bem: é a rainha!

Àquelas palavras, Joana estremeceu.

– A rainha! – exclamaram ao mesmo tempo muitas vozes assustadas e surpreendidas.

– A rainha na casa de Mesmer!

– A rainha numa crise ! – repetiram outras vozes.  
– Oh! – dizia um – é impossível.  
– Pois olhem, conhecem a rainha? Sim ou não?  
– Efetivamente – murmurou a maior parte dos assistentes – a  
parecença é incrível.

A condessa tinha uma máscara como todas as mulheres, que ao sair de casa de Mesmer, deviam dirigir-se para o baile da Ópera. Portanto, podia fazer perguntas sem risco.

– Senhor – perguntou ao homem das exclamações, sujeito volumoso e rubicundo, com os olhos fulgurante e singularmente observadores – diz que a rainha está aqui?

– Sim, minha senhora, não pode haver dúvida – respondeu ele.

– E onde está, faz favor de me dizer?

– Olhe, aquela senhora que acolá vê, recostada naquelas almofadas violetas, numa crise tão ardente que não pode moderar os seus transportes, é a rainha.

– Mas em que se funda o senhor para afirmar que aquela mulher seja a rainha?

– Simplesmente nisto, minha senhora: aquela mulher é a rainha – replicou imperturbavelmente o personagem acusador.

E deixou a sua interlocutora para ir propagar e apoiar a notícia pelos diversos grupos.

Joana afastou-se do espetáculo quase revoltante que dava a epiléptica. Mas, assim que deu alguns passos para a porta, encontrou-se face a face com as duas senhoras, que, enquanto não passavam aos convulsionários, examinavam com vivo interesse a celha, as barras de ferro e a tampa.

Assim que Joana viu o rosto da mais velha, soltou um grito.

– Que foi? – perguntou esta.

Joana arrancou vivamente a máscara.

– Conhece-me? – perguntou.

A senhora fez um movimento, que logo reprimia.

– Eu não, senhora – respondeu um tanto perturbada.

– Pois eu conheço-a, e vou dar uma prova disso.

A tal interpelação, as duas senhoras apertaram-se uma contra a outra, assustadas.

Joana tirou da algibeira a caixa do retrato.

– Esqueceu isto em minha casa, minha senhora – disse.

– Mas, ainda que assim fosse – perguntou a mais idosa – por que é semelhante comoção?

– Estou comovida por causa do perigo que Vossa Majestade corre aqui.

– Explique-se.

– Ah! digne-se Vossa Majestade pôr primeiro que tudo esta máscara, minha senhora.

E ofereceu a mascarilha à rainha, que hesitava em a receber, julgando-se suficientemente escondida com o toucado.

– Por piedade, não tem um instante que perder – prosseguiu Joana.

– Ponha, ponha, minha senhora – disse em voz baixa a outra senhora para a rainha.

A rainha pôs maquinalmente a máscara na cara.

– E agora venha, venha – disse Joana.

E levou consigo tão apressadamente as duas senhoras, que só pararam na porta da rua, onde se acharam ao cabo de alguns segundos.

– Mas enfim... – disse a rainha respirando.

– Vossa Majestade não foi vista por pessoa nenhuma?

– Creio que não.

– Ainda bem.

– Mas, enfim, não me explicará...

– Por enquanto, baste a Vossa Majestade que esta sua fiel súbdita lhe diga que corre o maior perigo.

– Pois sim; mas que perigo é esse?

– Terei a honra de o dizer a Vossa Majestade, se se dignar conceder-me a honra de uma audiência, porque a história é comprida, e Vossa Majestade pode ser vista... conhecida...

E, como viu que a rainha manifestava alguma impaciência:

– Oh! minha senhora – disse ela à princesa de Lamballe – una os seus rogos aos meus, suplico-lhe, para que Sua Majestade se retire, e se retire imediatamente.

A princesa fez um gesto suplicante.

– Vamo-nos – disse a rainha – uma vez que insiste.

Depois, voltando-se para a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, disse:

– Pediu-me uma audiência?

– Aspiro à honra de explicar a Vossa Majestade o meu procedimento.

– Pois bem, leve-me essa caixa e pergunte pelo porteiro Lourenço, que há de estar prevenido.

E, voltando-se para o lado da rua:

– Kommen sie da, Weber! (Venha cá, Weber!) – bradou ela em alemão.

Aproximou-se rapidamente uma carruagem, para a qual subiram as duas princesas.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte demorou-se no limiar da porta até perder de vista a carruagem.

– Fiz bem em proceder assim – disse ela em voz baixa; – mas para o futuro... é preciso refletir.

# XVIII

## A Senhora Oliva

Durante este tempo, o homem que designara a suposta rainha aos olhes das pessoas presentes, batia no ombro de um dos espectadores, sujeito de olhar ávido e fato safado, e dizia-lhe:

– Belo assunto para um artigo; o senhor, que é jornalista, deve aproveitá-lo.

– Como? – perguntou o periodiqueiro.

– Quer que eu lhe dê o sumário?

– Diga-o.

– Aí vai; “Do perigo que há em ser súbdito de uma nação, cujo rei é governado pela rainha, que adora as crises.”

O periodiqueiro riu-se.

– E a Bastilha? – disse ele.

– Ora adeus! E de que servem os anagramas senão para evitar os censores régios? Sempre quero que me diga qual é o censor que o impedirá de contar a história do príncipe Lilu e da princesa Etteniotna, soberana de Norfeç? Hem? Que tal?

– Oh! Sim – exclamou o periodiqueiro encantado – a ideia é ótima.

– E Peço-lhe que acredite, que um capítulo intitulado: As crises da princesa Etteniotna em casa do fakir Remsem, teria muita voga nas salas.

– Também creio.

– Vá, então, e redija isso com a sua melhor pena.

O periodiqueiro apertou a mão ao desconhecido.

– Quer que lhe mande alguns exemplares? – disse ele; – terei nisso muito gosto, se quer ter a bondade de me dizer o seu nome.

– Certamente! A ideia é boa, e executada pelo senhor há de ganhar cento por cento. Qual é a tiragem usual dos seus panfletos?

– Dois mil.

– Presta-me então um serviço?

– De boa vontade.

– Receba estes cinquenta luíses e faça uma tiragem de seis mil.

– Como, senhor! enche-me de favores... Quero saber pelo menos o nome de tão generoso protetor das letras.

– Eu lhe farei saber mandando a sua casa, daqui a oito dias, buscar mil exemplares, a duas libras cada um, não é isso?

– Trabalharei dia e noite, senhor.

– E que tenha graça!

– Quanta baste para fazer rebentar de riso toda a população de Paris, excepto uma pessoa.

– Que chorará lágrimas de sangue, não é verdade?

– Oh! o senhor tem muito espírito!

– Muito obrigado. É verdade, será bom que a publicação venha datada de Londres.

– Como sempre.

– Muito boa noite, senhor, sou um seu criado.

E o gordo desconhecido despediu o periodiqueiro, que com os cinquenta luíses na algibeira, desapareceu ligeiro como uma ave de mau agouro.

O desconhecido, achando-se só, ou antes sem companheiro, contemplou mais uma vez, na sala das crises, a mulher, a cujo êxtase sucedera uma prostração verdadeira, e a quem uma criada, destinada ao serviço das mulheres que passavam por crises, abaixava castamente as saias algum tanto indiscretas.

Ao notar aquela delicada formosura, aquelas feições finas e voluptuosas, a graça nobre daquele sono descuidado, exclamou:

– Decididamente, a semelhança é pasmosa. Deus, que a fez, tinha seus projectos; condenou de antemão a outra com quem esta se parece.

No momento em que ele acabava de formular este ameaçador pensamento, a mulher ergueu-se lentamente das almofadas, e

auxiliando-se com o braço de um vizinho que acordara já do êxtase, tratou de compor as roupas, que estavam um tanto descompostas.

Corou um pouco de pejo ao ver a atenção que lhe prestavam as pessoas presentes, respondeu com uma civilidade encantadora às perguntas graves e ao mesmo tempo amáveis de Mesmer; e depois, estendendo os braços roliços e as pernas, que eram belíssimas, como uma gata que acaba de dormir, atravessou as três salas, colhendo, sem perder um único deles, os olhares motejadores, cobiçosos ou espantados que lhe dirigiam.

Mas o que a admirou a ponto de a fazer sorrir foi, que, ao passar diante de um grupo que estava cochichando num canto da sala, em lugar de lhe dirigirem olhares ou ditos provocadores, fizeram-lhe uma cortesia tão profunda e respeitosa, como nenhum cortesão francês deixaria de fazer diante da rainha.

E realmente, aquele grupo, estupefato e reverente, fora apressadamente composto pelo incansável desconhecido que, escondido por detrás dele, lhe dizia em voz baixa:

– Não importa, meus senhores, não importa, não deixa por isso de ser a rainha de França; cumprimentemo-la com respeito.

A rapariga, que era objeto de tanto respeito, saiu um tanto inquieta do vestíbulo e chegou ao pátio.

Ali, os seus olhes fatigados procuraram uma carruagem ou uma cadeirinha: não achou nem uma nem outra coisa; ao cabo, porém, de um instante de indecisão, quando já punha o pé delicado nas pedras da calçada, chegou-se a ela um lacaio.

– A carruagem da senhora! – bradou ele.

– Mas – redarguiu ela – eu não tenho carruagem.

– A senhora não veio numa carruagem?

– Vim, sim.

– Da rua Dauphine?

– Sim.

– Vou conduzir a senhora a casa.

– Pois conduza-me – disse ela com modo desembaraçadíssimo, sem ter conservado mais de um minuto a espécie de desassossego, que uma tal proposta, assim imprevista, teria causado a outra qualquer mulher.

A um sinal do laçao, acudiu uma carruagem de boa aparência, que veio receber a senhora ao peristilo.

O laçao fechou o degrau e a portinhola, e bradou para o cocheiro:

– Rua Dauphine!

Os cavalos partiram rapidamente; chegando ao Pont-Neuf, a senhora, a quem muito agradava aquele modo de andar, como diz Lafontaine, lamentava não morar ao pé do Jardim Botânico, a fim de ter mais caminho que percorrer.

A carruagem parou. Abriu-se a portinhola, abaixaram-se os degraus. O laçao, bem ensinado, estendeu a mão para receber a chave do trinco, com cujo auxílio entravam em casa os habitantes das trinta mil casas de Paris, que não moravam em palácios, e que por isso não tinham porteiro nem guarda-portão.

O laçao abriu portanto a porta para que a senhora não magoasse os dedos; depois, no momento em que esta entrava no sombrio corredor, cortejou-a e fechou a porta.

A carruagem voltou para trás e desapareceu.

– Realmente, aqui está uma aventura agradável. Isto é muito bonito da parte do Dr. Mesmer. Oh! como estou cansada! Naturalmente previa que assim havia de ficar. É um grande médico.

E dizendo estas palavras, chegou ao segundo andar da casa, a um patamar, para o qual davam duas portas.

Assim que bateu, veio uma velha abrir-lhe.

– Boa noite, mãe; a ceia está pronta?

– Está, sim; e até está esfriando.

– Ele está cá?

– Ainda não veio; mas o senhor está.

– Que senhor?

– Aquele a quem precisas falar esta noite.

– Eu!

– Sim, a senhora.

Este colóquio dava-se numa saleta de portas de vidraça, que separava o patamar da sala que dava para a rua.

Através das vidraças via-se distintamente a lâmpada que alumia a sala, cujo aspecto, se não era satisfatório, era pelo

menos suportável.

Umas cortinas velhas de seda amarela, que o tempo desbotara, algumas cadeiras de veludo de Utrecht verde, uma cómoda de doze gavetas, com embutidos, e um velho sofá amarelo, compunham as magnificências daquele compartimento.

A recém-chegada não reconheceu o homem que a esperava; mas os nossos leitores facilmente o reconhecerão: era o que ajuntara os curiosos na passagem da suposta rainha, o homem que dera cinco luíses pelo panfleto.

O fogão era ornado com dois vasos rachados, de louça azul do Japão.

Abriu repentinamente a porta e dirigiu-se para o sofá, onde viu assentado, com toda a tranqüilidade, um homem de boa aparência, mais gordo que magro, que passava a mão alvíssima pelos bofes da camisa, que eram de rendas riquíssimas.

A rapariga não teve tempo de encetar a conversa.

O singular personagem fez uma espécie de cortesia, inclinou-se um pouco, e cravando na dona da casa um olhar vivo e benévolo, disse:

– Sei o que vai perguntar-me; mas a melhor resposta que lhe poderei dar, será dirigir-lhe eu mesmo umas perguntas. É a Sr.<sup>a</sup> Oliva?

– Sou, sim, senhor.

– Uma senhora encantadora e muito partidária do sistema de Mesmer.

– De onde venho neste momento.

– Muito bem! e contudo, isso não lhe explica, segundo leio nos seus olhes, o motivo por que me vê assentado no seu sofá, e é isso provavelmente o que deseja saber.

– Adivinhou, senhor.

– Queira fazer-me o favor de se assentar; se ficasse de pé, verme-ia também obrigado a levantar-me, e não conversaríamos comodamente.

– Pode gabar-se de ter umas maneiras muito extraordinárias – redarguiu a rapariga a quem chamaremos a Sr.<sup>a</sup> Oliva, pois que se dignava dar por este nome.

– Menina, vi-a ainda há pouco em casa de Mesmer, e achei-a tal qual a desejava.

– Senhor!

– Oh! não se assuste, menina, eu não disse que a tinha achado encantadora; não, isso havia de parecer uma declaração de amor, e não é essa a minha intenção. Peço-lhe que se não afaste, porque me obrigará a gritar como um surdo, para que me possa ouvir.

– Então o que quer? – disse Oliva singelamente.

– Bem sei – continuou o desconhecido – que está acostumada a ouvir dizer que é formosa; eu, que aliás também assim penso, tenho coisa muito diversa que dizer-lhe e que propor-lhe.

– Senhor, na realidade, fala-me num tom...

– Não se espante antes de me ouvir... Está aqui alguém escondido?

– Não, senhor, ninguém está aqui escondido; mas, enfim...

– Então, se ninguém está aí escondido, não nos incomodemos para falar... O que diria se houvesse entre nós uma pequena associação?

– Uma ligação... Bem vê...

– Lá torna a confundir. Eu não disse ligação, disse associação. Não lhe falo de amor, falo de negócio.

– Que gênero de negócio? – perguntou Oliva, cuja curiosidade se traía por verdadeiro pasmo.

– O que faz a senhora durante o dia todo?

– Mas...

– Nada receie; não vim aqui para a repreender; diga-me o que lhe aprouver.

– Não faço nada, ou antes, faço o menos possível.

– É preguiçosa.

– Se sou!

– Muito bem.

– Ah! diz muito bem!

– Certamente. Que me importa a mim que seja preguiçosa! Gosta de passear?

– Muito.

– De ir a teatros, a bailes?

- Imenso.
- De Levar boa vida?
- Principalmente.
- Se eu lhe desse vinte e cinco luíses por mês, recusaria?
- Senhor!
- Ora minha querida Sr.<sup>a</sup> Oliva, aí começa a duvidar. Tínhamos, contudo, convencionado que não se zangaria. Ouça-me, pois, sossegadamente. Eu falei em vinte e cinco luíses como teria falado em cinquenta.
- Eu antes queria cinquenta do que vinte e cinco, mas o que ainda prefiro a cinquenta, é o direito de escolher o meu amante.
- Com os diabos! já lhe disse que não quero ser seu amante. Sossegue, portanto.
- Então, também com os diabos, o que quer o senhor que eu faça para ganhar os seus cinquenta luíses?
- Dissemos cinquenta?
- Dissemos.
- Pois seja cinquenta. Receber-me-á em casa, mostrar-me-á a melhor cara possível, dar-me-á o braço quando eu lhe pedir, e irá esperar-me onde eu lhe disser que me espere.
- Mas tenho um amante, senhor.
- Muito bem, depois...
- Como, depois?
- Sim... ponha-o na rua, com os demônios!
- Oh! Beausire não é homem que se ponha assim na rua.
- Quer que eu a ajude a isso?
- Não; gosto dele.
- Ora!
- Um pouquinho.
- Mas esse pouco é demais.
- Mas é assim.
- Então, deixe ficar Beausire.
- O senhor é acomodaticio!
- Bem o vê. Servem as condições?
- Servem, se as disse todas completamente.

– Ouça, minha querida, eu disse tudo quanto tenho que dizer por enquanto.

– Palavra de honra?

– Palavra de honra. Entretanto, deve perceber uma coisa...

– Qual?

– É que se, por acaso, eu precisasse que fosse na realidade a minha amante...

– Ah! senhor, isso é coisa de que nunca há necessidade.

– Mas de parecê-lo?

– Oh! lá isso é diferente.

– Então, está dito?

– Está dito.

– Aqui está a primeira mesada adiantada.

Ofereceu-lhe um rolo de cinquenta luíses, sem lhe tocar sequer na ponta dos dedos. E como ela hesitasse, meteu-lhe na algibeira do vestido, sem tocar nem de leve com a mão naquele quadril tão redondo e móvel, que os finos gulosos de Espanha não teriam desprezado como ele.

Apenas o ouro caíra no fundo da algibeira, duas fortes pancadas dadas na porta da rua fizeram saltar Oliva para o lado da janela.

– Santo Deus! – exclamou ela – fuja depressa, é ele!

– Ele? Quem?

– Beausire... o meu amante... mexa-se, senhor.

– Ah! paciência.

– Como, paciência? Mas vai fazê-lo em pedaços.

– Ora, adeus!

– Não ouve como bate? Vai arrombar a porta.

– Mande-a abrir; mas também, com os diabos, porque lhe não dá a chave do trinco?...

E o desconhecido estendeu-se no sofá, dizendo em voz baixa:

– É preciso que eu veja este velhaco, para saber o que vale.

As pancadas continuavam e eram entrecortadas de tremendas pragas, que subiam muito acima do segundo andar.

– Vá, mãe! vá abrir – disse Oliva furiosa. – E enquanto ao senhor, se lhe acontecer alguma desgraça, a culpa não é minha.

– Pois sim, sossegue – disse o impassível desconhecido sem se levantar do sofá.

Oliva, toda trémula, estava no patamar da escada.

# XIX

## O Senhor Beausire

Oliva correu ao encontro de um homem furioso que, com as mãos estendidas, o rosto pálido, o vestuário em desordem, invadia o quarto, vociferando e praguejando.

– Beausire! então! Beausire! – disse Oliva com uma voz que não era bastante assustada para que se pudesse dizer que ela fosse medrosa.

– Larga-me! – bradou o recém-chegado, desembaraçando-se lhe com brutalidade das mãos.

E continuou em tom agressivo:

– Ah! não me abriam a porta porque estava aqui um homem!

O desconhecido, como sabemos, tinha-se deixado ficar no sofá, numa atitude sossegada e imóvel, que o Sr. Beausire tomou naturalmente por indecisão ou por medo.

E chegando defronte do homem com um ranger de dentes de mau agouro, disse:

– Espero que me responda, senhor!

– O que quer que lhe diga, meu caro Sr. Beausire? – redarguiu o desconhecido.

– O que faz aqui? e primeiro que tudo, quem é?

– Sou um homem muito pacífico a quem mostra uns olhos capazes de o engolirem, e que conversava com esta senhora o mais honestamente possível.

– E decerto – murmurou Oliva – falava-me com a maior honestidade.

– Cale-se! – bradou Beausire para Oliva.

– Tá, tá tá! – disse o desconhecido – não maltrate a senhora, que está inocente, e se está de mau humor...

– Estou, sim.

– Terá perdido ao jogo? – disse Oliva em voz baixa.

– Estou roubado, depenado! com os diabos – bradou Beausire.

– E não desgostaria de depenar alguém – disse o desconhecido sorrindo; – isso é natural, meu caro Sr. Beausire.

– Basta de chalaça! Faça-me favor de sair daqui.

– Oh! Sr. Beausire, indulgência!

– Com todos os diabos do inferno! levante-se e saia, quando não, quebro o sofá e tudo quanto tem em cima.

– A senhora não me tinha dito que o Sr. Beausire era tão terrível. Santo Deus! que ferocidade!

Beausire, desesperado, fez um grande movimento de comédia, e para puxar pelo espadim, descreveu com o braço e com o ferro um círculo de vinte pés de circunferência, pelo menos.

– Ainda uma vez – disse ele – levante-se, quando não, prego-o nas costas do sofá.

– O senhor é realmente muito desagradável – respondeu o desconhecido puxando vagarosamente, com a mão esquerda, o seu espadim para fora da bainha.

Oliva soltou agudos gritos.

– A menina cale-se – disse com todo o sossego o homem que tinha a espada na mão, continuando a ficar assentado no sofá; – cale-se, porque, de contrário, sucederão duas coisas; a primeira será que, atordoando o Sr. Beausire, fará com que ele se espete na minha espada; a segunda, é subir a guarda e levá-la direitinha para S. Lázaro.

Oliva substituiu os gritos por uma pantomima das mais expressivas.

Era um espetáculo curioso. De um lado, o Sr. Beausire esfarrapado, embriagado, trémulo de raiva, despedia golpes para a direita e para a esquerda, sem tática, contra um adversário imperturbável.

De outro lado, um homem assentado no sofá, com uma das mãos nos joelhos e a outra armada, defendendo-se com agilidade,

sem abalos, e rindo de modo capaz de espantar o próprio S. Jorge.

A espada de Beausire não tinha podido nem um instante conservar-se direita, porque era sempre levada para um e outro lado pela espada do adversário.

Beausire começava a cansar-se, a assoprar, mas a cólera dera nele lugar a um terror involuntário; pensava que se a espada do seu contrário se quisesse alongar, estender-se numa ocasião de defesa, estaria perdido. Perturbou-se com a incerteza e já não dava senão no fraco da espada do adversário.

Este atacou-o vigorosamente em terça, e fez-lhe voar logo a espada da mão, com a ligeireza de uma pena.

A espada atravessou a casa, quebrou um vidro e desapareceu pela janela fora.

Beausire não sabia já o que deveria fazer.

– Ah! Sr. Beausire – disse o desconhecido – tome cuidado, que se a sua espada cair com a ponta para baixo, e que vá passando alguém, fica com uma morte às costas!

Beausire, entrando em si a estas palavras, correu para a porta e desceu a escada para ir buscar a sua arma e prevenir alguma desgraça, que o indispusesse com a polícia.

Durante este tempo, Oliva pegou na mão do vencedor e disse-lhe:

– Oh! o senhor é muito valente, mas o Sr. Beausire é traiçoeiro, e daí, ficando aqui, compromete-me; assim que se for, ele vai seguramente bater-me.

– Então fico.

– Não, por piedade; quando ele me bate, também eu lhe bato, e sempre sou a mais forte, e em nada devo poupá-lo. Retire-se, rogo-lhe.

– Mas olhe, minha flor, se eu sair agora, hei de certamente encontrá-lo em baixo, esperando-me no fim da escada; começará de novo a briga; numa escada nem sempre se pode parar dobrado contra quartas, dobrado contra terças e meio círculo, como num canapé.

– E depois?

– Depois, mato o Sr. Beausire ou mata-me ele a mim.

– Santo Deus, é verdade, e que barulhe isso faria na casa.  
– Que é melhor evitar; portanto, fico.  
– Pelo amor de Deus, saia; subirá a escada para o andar superior até que ele tenha entrado. Ele, julgando encontrá-lo aqui, não o procurará noutra parte. Uma vez que ele tiver entrado no quarto, ouvir-me-á fechar a porta a duas voltas. Estará o meu homem feito prisioneiro e a chave na minha algibeira. E, enquanto eu me bato corajosamente para empregar o tempo, o senhor safase.

– É uma rapariga encantadora! Até à vista.  
– Até à vista! E quando?  
– Esta noite, se fizer favor.  
– Como, esta noite! Está doido?  
– Esta noite, sim. Pois não há baile na ópera esta noite?  
– Mas já deu meia noite.  
– Bem sei, mas não importa.  
– São precisos dominós.  
– Beausire os irá buscar, se o tiver tosado bem tosado.  
– Tem razão – disse Oliva rindo.  
– Aqui estão dez luíses para o fato – disse o desconhecido rindo igualmente.

– Adeus! adeus! Obrigada!  
E empurrou-o para o patamar.  
– Bom ! lá fecha a porta de baixo – disse o desconhecido.  
– É um simples fecho, fácilimo de abrir. Adeus! Lá sobe ele!  
– Mas se por acaso ficasse magoada, como faria para mo dizer?  
Pensou um instante.  
– Há de ter lacaios? – disse ela.  
– Sim, mandarei colocar um debaixo das suas janelas.  
– Muito bem, e olhará para o ar, até que lhe caia um bilhete no nariz.

– Pois sim. Adeus!  
O desconhecido subiu para o pavimento superior. Nada era mais fácil. A escada era escura, e Oliva, interpelando Beausire em voz alta, abafava o ruído dos passos do seu novo cúmplice.

– Chegarás ou não, homem furioso! – bradava ela a Beausire, que subia fazendo sérias reflexões sobre a superioridade moral e física daquele intruso, tão insolentemente metido no domicílio alheio.

Chegou, entretanto, ao andar onde Oliva o esperava. Trazia a espada na bainha, e vinha ruminando um discurso.

Oliva empurrou-o pelos ombros para dentro de casa, e fechou a porta com duas voltas, conforme prometera.

O desconhecido, ao retirar-se, pôde ouvir o princípio de uma luta, em que sobressaía, pelo som forte, essa qualidade de golpes a que vulgarmente e por onomatopeia chamam palmadas ou bofetadas.

Ao estalido das bofetadas misturavam-se gritos e repreensões. A voz de Beausire atroava, a de Oliva atordoava.

– Com efeito – dizia o desconhecido afastando-se – ninguém havia de acreditar, vendo o modo por que esta mulher ficou assustada com a chegada do amante, que possuísse semelhante faculdade de resistência.

O desconhecido não perdeu tempo em seguir o fim da cena.

– O princípio é muito acalorado – disse ele – para que o desfecho possa estar longe.

Virou para a pequena rua de Anjou-Dauphine, na qual achou a carruagem que o esperava.

Disse algumas palavras a um dos criados, que se afastou e foi tomar posição em frente das janelas de Oliva, e escondeu-se na densa sombra de uma pequena arcada pertencente à entrada de uma casa antiga.

Assim colocado, o homem, que via as janelas alumiadas, pôde julgar, pela mobilidade das sombras, quanto se passava no interior.

As imagens, muito agitadas de princípio, acabaram por sossegar um pouco. Até que afinal só ficou uma.

## XX

### O ouro

Eis o que se passara por detrás das cortinas:

Primeiramente, Beausire ficara admirado de ver assim fechar a porta da casa, depois mais admirado ficou ao ver a menina Oliva gritar em tão altas vozes, e finalmente, ficou verdadeiramente espantado ao entrar na sala, e já não achar o seu feroz rival.

Buscas, ameaças, chamamentos e nada; o homem, que se escondia, é que tinha medo; se tinha medo, é que Beausire triunfava.

Oliva obrigou-o a deixar as suas investigações e a responder-lhe às perguntas.

Beausire, a quem Oliva tratava com aspereza, tomou também um tom arrogante.

Oliva, que sabia não ser já culpada, pois que desaparecera o corpo de delicto, Quia corpus delicti aberat, como diz o texto; Oliva gritou tanto que, para a fazer calar, Beausire pôs-lhe ou quis por-lhe a mão na boca.

Mas enganou-se; Oliva deu outra interpretação ao gesto persuasivo e conciliador de Beausire. A essa mão rápida que lhe dirigiam à cara, opôs ela a sua, tão destra e ligeira como havia sido a espada do desconhecido.

Com a mão parou quarta e terça, atacou e tocou Beausire na face.

Beausire respondeu com a mão direita, fazendo uma quarta forçada, que abateu as duas mãos de Oliva, e fez-lhe corar a face esquerda de um modo extraordinário.

Era este o ponto da conversa, que o desconhecido ouvira antes de sair.

Uma explicação começada assim, dizemos, traz brevemente o desfecho; todavia, um desfecho, por melhor que seja, precisa sempre grande quantidade de preparativos para ser dramático.

Oliva replicou à bofetada de Beausire com um projétil pesado e perigoso: uma bilha de barro; Beausire treplicou ao projétil com um jogo de pau, e quebrando várias xícaras, deitou por terra um castiçal e acabou por achar resistência no ombro da rapariga.

Esta, furiosa, saltou sobre Beausire e agarrou-o pelo gasganete. O desgraçado viu-se obrigado a deitar mão ao que pôde encontrar de Oliva.

Rasgou-lhe o vestido. Oliva, sensível a semelhante afronta e à perda, largou a presa e fez cair no meio da casa Beausire, que se levantou espumando.

Mas como o valor de um inimigo se mede pela defesa, e a defesa sempre se faz respeitar, mesmo pelo vencedor, Beausire, que concebera muito respeito por Oliva, continuou a conversa verbal no ponto em que a tinha interrompido.

– És – disse ele – uma criatura bem má; arruínas-me.

– Tu é que me arruínas a mim – disse Oliva.

– Oh! eu arruíno-te! A ti, que nada possuis.

– Dize antes que já nada possuo! Dize que vendeste, que comeste e que bebeste ou jogaste tudo quanto eu tinha.

– E ousas lançar-me em rosto a minha pobreza?

– Porque és tu pobre? Por teres vícios.

– Hei de corrigir todos os teus de uma só vez.

– Batendo-me?

E Oliva agitou no ar uma tenaz pesadíssima, que servia para deitar combustível no fogão, e ao aspecto da qual Beausire recuou.

– Já te não faltava mais nada – disse ele – se não tomar amantes.

– E tu, que nome dás a essas desgraçadas que se assentam ao teu lado nas bodegas onde passas os dias e as noites?

– Eu jogo para viver.

– Tiras disso belo resultado; estamos morrendo de fome; bela indústria, na verdade!

– E tu, com a tua, vê-te obrigada a chorar quando te rasgam um vestido porque não tens meios para comprar outro. Bela indústria, na verdade!

– É melhor do que a tua! – exclamou Oliva, furiosa; – e a prova é esta!

E tirou da algibeira um punhado de ouro, que atirou ao chão, para o meio do quarto.

Os luíses começaram a correr sobre os discos e a tremer sobre as faces, uns escondendo-se debaixo da mobília, outros continuando as suas evoluções sonoras até debaixo das portas; os outros, enfim, parando de repente cansados e fazendo luzir as suas efígies como palhetas de fogo.

Quando Beausire ouviu aquela chuva metálica tinir na madeira da mobília e sobre o ladrilhe do chão, sentiu-se atacado como de uma vertigem, ou melhor diremos, de um remorso.

– Luíses, duplos luíses! – exclamou ele aterrado.

Oliva tinha nas mãos outro punhado do precioso metal. Atirou-o à cara e às mãos abertas de Beausire, para acabar de o cegar.

– Oh! oh! – disse ele. – Como estás rica, Oliva!

– É isto o que me produz a minha indústria – respondeu cinicamente a amante, repelindo ao mesmo tempo com um vigoroso pontapé o ouro, que estava no chão, e Beausire que ajoelhava para o apanhar.

– Dezesseis, dezessete, dezoito – dizia Beausire no auge da alegria.

– Miserável! – murmurou Oliva.

– Dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois...

– Covarde!

– Vinte e três, vinte e quatro, vinte e seis...

– Infame!

Quer porque tivesse ouvido, quer porque se tivesse envergonhado, Beausire levantou-se.

– Assim – disse ele num tom de seriedade tal que nada o podia igualar no cómico – assim, menina, tu fazias economias, privando-

me do necessário...

Oliva, confundida, não achou resposta para dar.

– Assim – prosseguiu o velhaco – deixavas-me andar por aí de meias velhas, de chapéu usado, roto e esgarçado, enquanto tu guardavas luíses de ouro na tua arca! De onde vêm esses luíses? Naturalmente da venda que eu fiz do meu espólio, associando ao teu o meu triste destino.

– Velhaco! – murmurou Oliva em voz baixa.

E encarou-o com um olhar cheio de desprezo.

Beausire não fez caso disso.

– Perdoo-te – disse ele – não a tua avareza, mas a tua economia.

– E querias matar-me, ainda agora!

– Ainda agora tinha eu razão; agora, se o fizesse, já a não teria.

– Porquê?

– Porque agora és uma verdadeira dona de casa, que trazes ganhos ao casal.

– E eu digo-te que és um miserável.

– Minha Olivasinha...

– E que vais restituir-me esse dinheiro.

– Oh! minha querida.

– Vais restituir-me, quando não, atravesso-te o corpo com a tua espada.

– Oliva!

– Sim ou não?

– Não, Oliva, nunca poderei consentir em te deixar atravessar o meu corpo.

– Não te arredes um passo, senão mato-te! O dinheiro!

– Dá-me.

– Ah! covarde! ah! criatura vil! mendigas, solicitas os lucros do meu mau procedimento! Ah! Eis aí está o que são os homens; eu sempre te desprezei e a todos, ouviste bem? e desprezo ainda mais aquele que dá do que aquele que recebe.

– Aquele que dá – redarguiu Beausire com gravidade – pode dar, é feliz. Eu também, quando tive, dei-te, Nicola.

– Não quero que me chamem Nicola.

– Perdão, Oliva. Dizia eu que tinha dado enquanto tive.

– Foram grandes as tuas generosidades! reduziram-se a uns brincos de prata, seis luíses de ouro, dois vestidos de seda, e três lenços bordados.

– É muito para um soldado.

– Cala-te; os brincos foram roubados a alguma outra para me oferecer; os luíses de ouro tinham-te sido emprestados e nunca os pagaste; os vestidos de seda...

– Oliva! Oliva!

– Restitui-me o meu dinheiro.

– O que queres tu em troca?

– Dobrada soma.

– Pois bem! sim – disse o velhaco com gravidade.

– Vou à rua de Bussy, à casa de jogo, e terás, não o dobro, mas cinco vezes mais.

E deu dois passos para o lado da porta. Ela agarrou-o pelas abas da casaca, já demasiado gasta.

– Bonito! – disse ele – rasgaste-me o fato!

– Melhor, terás um novo.

– Seis luíses! Oliva, seis luíses. Felizmente que na rua Bussy, os banqueiros e os frequentadores daquela casa não são rigorosos no artigo vestuário.

Oliva agarrou-lhe tranquilamente na outra aba da casaca e arrancou-a. Beausire tornou-se furioso.

– Com todos os diabos! – exclamou ele – vais fazer com que eu te mate. Então! não se lembra esta velhaca de me despir agora?! Assim, já não posso sair daqui!

– Pelo contrário, vais sair imediatamente.

– Havia de ser curioso, sem casaca!

– Vestirás o sobretudo de inverno.

– Roto, remendado!

– Pois se te aprouver não o vestirás, mas repito que vais sair já.

Oliva tirou da algibeira todo o ouro que ainda tinha, uns quarenta luíses, pouco mais ou menos, e fê-los saltar nas mãos.

Beausire esteve a ponto de enlouquecer e tornou a ajoelhar.

– Ordena – disse ele – ordena.

– Vai a correr ao Frade Mágico, na rua de Sena; vendem-se lá dominós para baile de máscaras.

– E daí?

– Comprar-me-ás um completo, mascarilha e meias, tudo igual.

– Bem!

– Para ti, um dominó preto; para mim, um de cetim branco.

– Sim.

– E para isso não dou senão vinte minutos.

– Vamos ao baile?

– Vamos.

– E levas-me a cear ao bulevar?

– Levo; mas com uma condição.

– Qual é?

– De seres obediente.

– Oh! sempre, sempre.

– Vamos, mostra-me o teu zelo.

– Eu corro.

– Como, pois ainda aí estás!

– Mas, a despesa...

– Tens vinte e cinco luíses.

– Como? Tenho vinte e cinco luíses! Dize-me como se entende isso?

– Os que apanhaste do chão.

– Oliva, Oliva, isso não é bonito!

– O que queres tu dizer?

– Oliva, já os havias me dado.

– Não digo que os não terás; mas se eu tos desse agora não voltarias cá. Vai, vai e volta depressa.

– E ela que tem razão – disse consigo o velhaco um pouco confuso. – Tinha tenção de não voltar cá.

– Vinte e cinco minutos, ouviste? – bradou ela.

– Obedeço.

Foi neste momento que o laçao, emboscado no pórtico em frente das janelas, viu desaparecer um dos dois interlocutores.

Era o Sr. Beausire, que saía com uma casaca sem abas, atrás da qual balanceava insolentemente o espadim, enquanto a camisa

aparecia em fofos nas aberturas da casaca como no tempo de Luís XIII.

Enquanto Beausire se dirigia à rua de Sena, Oliva escreveu rapidamente num pedaço de papel as seguintes palavras, que resumiam todo o episódio:

“Está assinada a paz, a partilha fez-se, o baile adoptou-se. Em sendo duas horas, estaremos na Ópera. O meu dominó há de ser branco, e levarei um laço de seda azul no ombro esquerdo.”

Oliva embrulhou um pedaço da bilha quebrada no bilhete, para lhe dar peso, passou a cabeça pela janela, e atirou com o papelinho à rua.

O laçao correu para ele, agarrou-o e fugiu.

Parece certo que o Sr. Beausire não tardou trinta minutos em voltar, seguido por dois oficiais de alfaiate, que traziam, pelo preço de dezoito luíses, dois dominós de gosto delicado, como tudo quanto saía da casa do Frade Mágico, fornecedor de Sua Majestade a rainha e das suas damas.

# XXI

## A casa oculta

Deixamos a Sr.<sup>a</sup> de La Motte à porta do palácio de Mesmer, seguindo com os olhos a carruagem da rainha, que desaparecia rapidamente.

Quando cessou de vê-la, quando a bulha do rodar deixou de ouvir-se, Joana entrou para a sua carruagem de aluguer e foi a casa vestir um dominó e pôr uma máscara, e ao mesmo tempo ver se houvera novidade no seu domicílio.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte prometera a si mesma, para essa bem-aventurada noite, um refrigerio às comoções do dia. Resolvera, como mulher forte que era, fazer de rapaz, como vulgar e expressivamente se diz, e ir, por consequência, respirar sozinha as delícias do imprevisto.

Mas esperava-a um contratempo no primeiro passo que dava nesse caminho tão sedutor para imaginações vivas e por muito tempo contidas.

Esperava-a um criado no cubículo do porteiro.

Pertencia ao Sr. de Rohan, e era portador de um bilhete de Sua Eminência, concebido nestes termos:

“Sr.<sup>a</sup> condessa. – Não terá certamente esquecido que temos de falar sobre certos negócios. Pode ser, porém, que não tenha boa memória; eu, que, pelo contrário, nunca esqueço o que me agrada, tenho a honra de a esperar no lugar aonde o portador há de conduzi-la, se for da sua vontade.”

A carta era assinada com a cruz pastoral.

A Sr.<sup>a</sup> de La Motte, contrariada de princípio com este contratempo, refletiu um instante e tomou o seu partido com a

rapidez de precisão que a caracterizava.

– Suba para o lado do meu cocheiro – disse ao criado – e indique-lhe o sítio.

O moço subiu para a almofada, e a Sr.<sup>a</sup> de La Motte meteu-se na carruagem.

Dez minutos bastaram para levar a condessa ao bairro de Santo António, num lugar onde umas árvores, tão velhas como o próprio bairro, ocultavam a todas as vistas uma dessas lindas casas edificadas no tempo de Luís XV, com o gosto exterior do século dezesseis e o conforto incomparável do século dezoito.

– Oh! oh! para uma casa destas! – murmurou a condessa; – da parte de um grande príncipe é coisa naturalíssima, mas para uma Valois, é bem humilhante. Enfim!...

Esta palavra, que a resignação tornou em suspiro e a impaciência em exclamação, patenteava a ambição devoradora, a cobiça louca, que lhe dormitava no espírito.

Mas, apenas transposto o limiar da casa, estava tomada a sua resolução.

Levaram-na de compartimento em compartimento, isto é, de surpresa em surpresa, até uma pequena casa de jantar de muito bom gosto.

Ali viu o cardeal, que estava só e a esperava.

Sua Eminência folheava umas brochuras que se pareciam muito com uma coleção desses panfletos que choviam aos milheiros naquela época, quando o vento vinha da Holanda ou da Inglaterra.

Assim que ela entrou, levantou-se o cardeal.

– Ah! ei-la! Muito obrigado, Sr.<sup>a</sup> condessa – disse ele.

E aproximou-se para lhe beijar a mão.

Joana recuou com um modo desdenhoso e ofendido.

– Como! – disse o cardeal – o que tem, minha senhora?

– Não está acostumado a ver uma cara assim nas mulheres a quem Vossa Eminência faz a honra de mandar chamar para aqui; não é verdade, Sr. cardeal?

– Oh! Sr.<sup>a</sup> condessa!

– Estamos na sua casa oculta, não é assim, monsenhor? – disse a condessa olhando desdenhosamente em volta de si.

– Mas, minha senhora...

– Eu esperava que Vossa Eminência se tivesse lembrado em que condição nasci. Esperava que Vossa Eminência se dignasse de não esquecer que, se Deus me criou pobre, deixou-me pelo menos o orgulhe da minha classe.

– Vamos, vamos, condessa, eu pensava que era uma mulher de espírito – disse o cardeal.

– Pelo que parece, monsenhor chama mulher de espírito a toda a mulher indiferente, que de tudo ri, até da desonra; a essas mulheres, peço perdão a Vossa Eminência, costume eu dar outro nome.

– Nada, não, condessa, está enganada; chamo mulher de espírito a toda a mulher que dá ouvidos quando lhe falam, ou que não fala antes de ter ouvido.

– Vamos, então fale, que eu lhe prestarei atenção.

– Tinha que falar com a condessa em coisas sérias.

– E para isso mandou-me vir para uma casa de jantar?

– Mandei. Teria preferido que eu a esperasse num gabinete, condessa?

– A distinção é delicada.

– Assim o creio, condessa.

– De modo que se trata unicamente de cear com o senhor.

– Nada mais.

– Persuada-se Vossa Eminência, que eu aprecio, como devo, tanta honra.

– Moteja, condessa?

– Não, rio-me.

– Ri?

– Rio. Prefere talvez que eu chore? Ah! Monsenhor é de génio difícil de contentar, segundo me parece.

– Oh! a condessa é encantadora quando ri, e estimaria muito vê-la sempre rir. Mas o seu riso, neste momento, não é franco. Oh! não, não; a cólera está por detrás desses formosos lábios, que mostram os dentes.

– De modo nenhum, monsenhor, basta-me estar numa casa de jantar para estar sossegada.

- Ora ainda bem!
- E espero que ceie à sua vontade.
- Como, que ceie à minha vontade? E a condessa?
- Eu não tenho vontade.
- Como, minha senhora, não me dá de cear?
- Como?
- Manda-me embora?
- Não percebo a Vossa Eminência.
- Ouça, querida condessa.
- Diga.
- Se fosse menos arrebatada, dir-lhe-ia que, por mais que faça, é sempre encantadora; mas como a cada cumprimento receio ser despedido, abstenho-me.
- Receia ser despedido? Realmente, monsenhor, peço perdão a Vossa Eminência, mas acho-o ininteligível.
- Entretanto, tudo isto é claríssimo.
- Nesse caso, desculpe Vossa Eminência a minha perturbação.
- Eu me explico. Noutro dia recebeu-me com muito acanhamento; achava que a sua casa não era própria para uma pessoa da sua classe e do seu nome. Obrigou-me isso a abreviar a minha visita, e fez com que se mostrasse fria para comigo. Pensei então que, colocá-la no seu lugar, na sua condição de viver, era restituir o ar ao pássaro que o físico tem debaixo do recipiente da máquina pneumática.
- E então?... – perguntou a condessa com ansiedade, porque começava a compreender.
- Então, formosa condessa, para que me pudesse receber com franqueza, para que eu pudesse vir visitá-la sem me comprometer ou comprometer a condessa...
- O cardeal olhava atentamente para a condessa de La Motte.
- Então? – perguntou esta.
- Esperei que se dignasse aceitar esta modesta casa. Compreende agora, condessa? Não falo misteriosamente.
- Aceitar, eu? Vossa Eminência dá-me esta casa? – exclamou a condessa, cujo coração palpitava de orgulhe e de avidez.

– É insignificante, condessa, é pouquíssimo; mas se eu lhe desse mais, decerto não aceitaria.

– Oh! nem mais nem menos, monsenhor – disse a condessa.

– A condessa disse?...

– Disse que é absolutamente impossível aceitar semelhante dádiva.

– Impossível! E porquê?

– Simplesmente porque é impossível.

– Oh! não pronuncie essa palavra ao pé de mim.

– Porquê?

– Porque ao pé da condessa não quero dar-lhe crédito.

– Monsenhor!...

– Minha senhora, a casa pertence-lhe, ali estão as chaves numa salva de prata. Trato-a como a um triunfador. Também vê humilhação nisso?

– Não, mas...

– Vamos, aceite.

– Não, monsenhor, já lhe disse.

– Como, minha senhora! Escreve aos ministros para solicitar uma pensão; aceita cem luíses de duas senhoras desconhecidas!...

– Oh! é muito diferente. Quem recebe...

– Quem recebe, obsequieia, condessa; – disse nobremente o príncipe. – Olhe, eu esperava pela senhora na sua casa de jantar; nem sequer vi o toucador, nem as salas, nem os quartos; limito-me a supor que há de haver tudo isso.

– Oh! perdão! Obrigame a confessar que não há homem mais delicado do que monsenhor.

E a condessa, que por tão longo tempo se contivera, corou de prazer pensando que ia afinal poder dizer: Minha casa!

Depois, conhecendo por um gesto do príncipe que se ia deixando arrebatado, recuou um pouco e disse:

– Monsenhor, rogo a Vossa Eminência que me dê de cear.

O cardeal tirou uma capa que ainda não largara dos ombros, chegou uma cadeira à condessa, e vestido com um simples traje de particular, que lhe ia às maravilhas, começou o seu ofício de mordomo.

A ceia foi servida de pronto.

Enquanto os lacaios entravam na antecâmara, Joana pusera a mascarilha.

– Eu é que devia pôr máscara – disse o cardeal; – está em sua casa... está entre os seus, e o estranho aqui sou eu.

Joana riu-se, mas nem por isso tirou a máscara; e apesar do prazer e da surpresa, tomou alegremente parte na ceia.

O cardeal, já por várias vezes o dissemos, era um coração rasgado e um homem de espírito.

O hábito continuado de residir nas cortes mais civilizadas da Europa, em cortes governadas pelas rainhas, o trato frequente com as mulheres, que naquela época complicavam, é certo, mas não raro resolviam todas as questões da política; aquela experiência, porque assim digamos, transmitida por via do sangue e multiplicada por estudo pessoal; todas essas qualidades, tão raras hoje, já raras então, faziam do príncipe um homem extremamente difícil de penetrar.

É que o seu bom modo e a sua alta cortesia lhe formavam uma couraça, que nada podia romper.

Por isso o cardeal se julgava muito superior a Joana. Aquela provinciana opada de pretensões, e cujo falso orgulhe não conseguira ocultar-lhe a cobiça, parecia-lhe uma conquista fácil, desejável sem dúvida pela formosura, pelo espírito, por esse não sei quê de provocante, que seduz muito mais os homens gastos do que os novos. Pode ser que desta vez o cardeal, tão difícil de penetrar quanto tinha de penetrante, se enganasse; o facto é que Joana, formosa como era, não lhe inspirava desconfiança.

Foi a perda daquele homem superior.

Nem só se fez menos forte do que era, senão que se fez pigmeu; de Maria Teresa a Joana de La Motte era muito grande a diferença para que um Rohan daquela têmpera se desse ao trabalho de lutar.

Por isso, uma vez travada a luta, Joana, que sentia a sua aparente inferioridade, não deixou transparecer a sua superioridade real; mostrou-se sempre a mulher cheia de fracos, para conservar o

adversário confiado na sua força, e por consequência débil nos ataques.

O cardeal, que surpreendera todos os movimentos que ela não pudera reprimir, julgou-a inebriada com o presente que acabava de lhe fazer; e ela com efeito estava-o, porque o presente fora não só superior às suas esperanças, mas ainda além das suas pretensões.

Ele, porém, não se lembrou de que ficava abaixo da ambição e da soberba de uma mulher como Joana de La Motte.

Além disso, a embriaguez da condessa foi dissipada pela sucessão de novos desejos, que de pronto substituíram os antigos.

– Vamos – disse o cardeal servindo à condessa um pouco de vinho de Chipre num copo de cristal com estrelas de ouro; – vamos, como já assinou o seu contrato comigo, condessa, não torne a mostrar-me má cara.

– Eu! oh! decerto que não.

– Receber-me-á então algumas vezes aqui, sem demasiada repugnância?

– Nunca serei bastante ingrata para esquecer que estou aqui em casa de Vossa Eminência.

– Em minha casa? que loucura!

– Não é loucura, não; é em sua casa que estou; muito sua.

– Ah! cuidado comigo, se me contraria!

– Porque? O que sucederia?

– Vou impor-lhe outras condições.

– Ah! tenha o senhor também cuidado.

– Com que?

– Com tudo...

– Diga.

– Estou em minha casa.

– E...

– E se achar as suas condições desarrazoadas, chamo os meus criados.

O cardeal riu-se.

– Então, vê? – perguntou a condessa.

– Não vejo nada – respondeu o cardeal.

– Sim, sim, bem se vê que Vossa Eminência está zombando comigo!

– Eu!

– Está rindo!...

– Parece-me que não falta de quê.

– Sim, há de quê, porque sabe muito bem que, se eu chamasse os meus criados, eles não acudiriam.

– Se acudiam! Os diabos me levem se não acudissem!

– Que horror!

– De que?

– Praguejou, Sr. cardeal.

– Aqui não sou cardeal, condessa; estou em sua casa e sou um simples particular.

E riu-se novamente.

– Vamos – pensou consigo a condessa; – decididamente, é um excelente homem.

– A propósito – disse de repente o cardeal como se um pensamento muito afastado do seu espírito lhe ocorresse por acaso; – o que me dizia a senhora noutro dia daquelas duas damas de caridade, daquelas duas alemãs?

– Das duas senhoras do retrato? – disse Joana que, tendo visto que se tratava da rainha, se aprontava para receber e repelir o golpe.

– Sim, das senhoras do retrato.

– Monsenhor – disse a condessa olhando para o cardeal – conhece-as tão bem, e mesmo melhor do que eu; aposto.

– Eu? oh! condessa, nisso não me faz justiça. Não mostrou desejo de querer saber quem elas eram?

– Certamente, e era muito natural, porque sempre se deseja conhecer um benfeitor, creio eu.

– Pois bem, se eu soubesse quem elas eram, também a condessa o sabia já.

– Pois, Sr. cardeal, eu digo-lhe que conhece as tais senhoras.

– Já lhe disse que não conheço.

– Diga outra vez que não, que lhe chamo mentiroso.

– Oh! e eu vingo-me do insulto.

- Como?
  - Dando-lhe um beijo.
  - Sr. embaixador junto da corte de Viena, Sr. amigo íntimo da imperatriz Maria Teresa, suponho, salvo se não está parecido, que deve ter conhecido o retrato da sua verdadeira amiga.
  - Como? Realmente, condessa, era o retrato de Maria Teresa?
  - Ora, faça-se ignorante, Sr. diplomata.
  - Pois bem, vamos, e quando assim fosse, quando eu tivesse conhecido que era o retrato de Maria Teresa, o que provaria isso?
  - Que, tendo conhecido o retrato de Maria Teresa, deve suspeitar quem sejam as senhoras a quem o retrato pertence.
  - Mas por que razão o havia de eu saber? – disse o cardeal bastante inquieto.
  - Porque? Porque não é muito comum ver um retrato de mãe (porque, note que aquele retrato é de mãe e não de imperatriz) em outras mãos que não as minhas...
  - Acabe.
  - Entre as mãos de uma filha...
  - A rainha! – exclamou Luís de Rohan com uma verdade de tom que enganou Joana. – A rainha! Sua Majestade em sua casa!
  - Pois monsenhor não tinha adivinhado que fosse ela?
  - Eu não – disse o cardeal num tom perfeitamente natural; – não é uso na Hungria que os retratos dos príncipes reinantes passem de família em família. Assim, por exemplo, eu, que lhe falo, não sou filho, nem filha, nem sequer parente de Maria Teresa: pois bem! tenho comigo um retrato dela.
  - Consigo!
  - Olhe! – disse friamente o cardeal.
- E tirou da algibeira uma caixa de tabaco, que mostrou a Joana confundida.
- Bem vê — acrescentou ele — que se tenho este retrato, eu que, como ainda agora lhe dizia, não tenho a honra de pertencer à família imperial, outrem que o possuísse assim como eu, podia muito bem tê-lo esquecido em sua casa, sem por isso pertencer à augusta casa de Áustria.

Joana calou-se. Tinha todos os instintos da diplomacia, mas faltava-lhe ainda a prática.

– Então, segundo a sua opinião – prosseguiu o príncipe Luís – foi a rainha Maria Antonieta quem esteve em sua casa?

– A rainha com outra senhora.

– A Sr.<sup>a</sup> de Polignac?

– Não sei.

– A Sr.<sup>a</sup> de Lamballe?

– Uma senhora moça, muito bonita e muito séria.

– A Sr.<sup>a</sup> de Taverney, talvez?

– Pode ser; não a conheço.

– Então, se Sua Majestade foi visitá-la, está segura da proteção da rainha. É um grande passo para a sua fortuna.

– Assim o creio, monsenhor.

– Sua Majestade, perdoe-me esta pergunta, foi generosa consigo?

– Deu-me uns cem luíses, creio eu.

– Oh! Sua Majestade não está rica, principalmente neste tempo.

– É o que duplica a minha gratidão.

– E mostrou-lhe algum interesse particular?

– Por certo.

– Então vai tudo bem – disse o prelado pensativo e esquecendo a protegida para pensar na protetora – já lhe não falta, portanto, senão uma coisa.

– Qual?

– Entrar em Versalhes.

A condessa sorriu.

– Oh! não o queiramos dissimular, condessa; nisso é que está a maior dificuldade.

A condessa sorriu segunda vez, mas de uma maneira mais significativa que da primeira.

O cardeal sorriu também.

– Realmente, as senhoras provincianas – disse ele – de nada duvidam. Como veem o palácio de Versalhes com grades que se abrem e escadas que se sobem, imaginam que toda a gente abre essas grades e sobe essas escadas. Já viu os monstros de bronze,

de mármore ou de chumbo, que ornaram a quinta e os terraços de Versalhes?

– Vi.

– Hipogrifos, quimeras, górgones e outros animais malfazejos, há centenas deles; pois então imagine dez vezes maior número de animais vivos da mesma espécie daqueles que viu nos jardins, envolvidos com os príncipes.

– Vossa Eminência decerto me ajudaria a passar por entre esses monstros, se eles me tolhessem o passo.

– Eu tentaria isso, mas havia de ser custoso. Além disso, se pronunciasse o meu nome, se descobrisse o seu talismã, ao cabo de duas visitas teria se tornado inútil.

– Felizmente – disse a condessa – desse lado estou defendida pela imediata proteção da rainha, e, se eu penetrar em Versalhes, há de ser num bom pé.

– Como, condessa?

– Ah! Sr. cardeal, isso é o meu segredo... Não, não digo bem: se o segredo me pertencesse, dir-lhe-ia, porque nada quero esconder ao meu mais amável protetor.

– Mas...

– Mas, monsenhor, como o segredo não é meu, não o digo. Basta que fique sabendo...

– O quê?

– Que amanhã hei de ir a Versalhes, que hei de ser recebida, e que tenho toda a esperança de que hei de ser muito bem recebida.

O cardeal olhou para a condessa, cujo modo lhe parecia uma consequência um pouco direta dos primeiros vapores da ceia.

– Condessa – disse ele rindo – veremos se entra.

– Como? Pois levaria a curiosidade a ponto de mandar seguir-me?

– Exatamente.

– Não me desdigo.

– A partir do dia de amanhã, condessa, tome cautela, porque eu declaro a sua honra empenhada em cumprir a promessa que me faz de entrar no palácio de Versalhes.

– Nos quartos particulares, sim, monsenhor.

– Asseguro-lhe que é para mim um enigma vivo.  
– Um desses pequenos monstros que habitam a quinta de Versalhes?

– Sabe que sou homem de gosto, não é verdade?

– Por certo, monsenhor.

– Pois bem! como estou aqui aos seus pés, como pego na sua mão e a beijo, poderá crer que eu ponha a minha boca sobre umas garras ou sobre a cauda de um peixe escamoso?

– Rogo-lhe, senhor – disse Joana friamente – que se lembre de que não sou modista, nem dançarina, isto é, que me pertenco toda a mim, quando não pertenco a meu marido, e que, julgando-me igual de qualquer homem neste reino, no dia em que algum tiver sabido agradecer-me, eu o receberei livre e espontaneamente. Assim, portanto, monsenhor, respeite-me um pouco, e respeitará assim a nobreza a quem ambos pertencemos.

O cardeal endireitou-se:

– Vamos – disse ele – quer que a ame seriamente?

– Não digo isso, Sr. cardeal, mas sou eu que quero amá-lo. Creia o que lhe digo. Quando o momento for chegado, se chegar, facilmente o adivinhará. Eu lhe participarei, no caso em que o não conheça: porque sei que sou bastante moça e bastante sofrível, para ir ao encontro de um homem, e um homem honrado não me repelirá.

– Condessa – disse o cardeal – asseguro-lhe que, se não depender senão de mim, há de amar-me.

– Veremos.

– Já me tem amizade, não é verdade?

– Mais do que isso.

– Deveras ? Então estamos em meio caminho.

– Não devemos medir o caminho a compasso, vamos andando.

– A condessa é uma mulher que eu adoraria...

E suspirou.

– Que adoraria?... – disse ela admirada – se...?

– Se me permitisse – apressou-se o cardeal em responder.

– Monsenhor, eu lhe permitirei talvez, quando a fortuna tiver sorrido bastante tempo para mim, para o dispensar de cair tão

depressa aos meus pés, e de me beijar tão prematuramente as mãos.

– Como?

– Sim, quando eu estiver superior à sua proteção, não suspeitará mais que procuro as suas visitas por um interesse qualquer. Então as suas visitas feitas a mim hão de enobrecer-se, eu ganharei nisso, e monsenhor não perderá coisa nenhuma.

Ela tornou a levantar-se, porque se assentara de novo, para melhor recitar a sua moral.

– Então – disse o cardeal – fecha-me num círculo de tais impossibilidades...

– Como é isso?

– Não me deixa fazer-lhe a corte?

– Por forma nenhuma; para fazer a corte a uma mulher não há outro meio senão a genuflexão e a prestidigitação.

– Comecemos já, condessa. O que é que me permite?

– Tudo o que for compatível com o meu gosto e o meu dever.

– Oh! oh! aponta aí os dois terrenos mais vagos que há no mundo.

– Fez mal em me interromper, senhor, porque ia mencionar um terceiro.

– Qual é?

– O dos meus caprichos!

– Estou perdido.

– Recua?

O cardeal sentia-se naquele momento muito menos sob a direção do seu pensamento do que sob o encanto daquela formosa e provocante fascinadora.

– Não – disse ele – não recuarei.

– Nem ante os meus deveres?

– Nem diante do seu gosto ou dos seus caprichos.

– A prova?

– Fale.

– Quero ir esta noite ao baile da Ópera.

– Isso é consigo, condessa; é livre como o ar, e não vejo nada que possa impedi-la de ir ao baile de máscaras.

– Espere, ainda não manifestei senão metade do meu desejo; a outra é que também me acompanhe ao baile.

– Eu! ao baile de máscaras!... Oh! condessa!

E o cardeal fez um movimento que, insignificante em qualquer sujeito, era um salto prodigioso num Rohan daquela força.

– É assim que procura agradar-me? – disse a condessa.

– Um cardeal não vai a bailes de máscaras, condessa; é o mesmo que se eu lhe propusesse para entrar num gabinete de fumar.

– Um cardeal também não dança, não é verdade?...

– Oh!... não.

– Então por que li eu que o Sr. cardeal de Richelieu tinha dançado uma sarabanda?

– Diante de Ana de Áustria, sim... – disse inadvertidamente o príncipe.

– Diante de uma rainha, é uma verdade – repetiu Joana olhando para ele fixamente. – Pois bem, talvez Vossa Eminência fizesse o mesmo por uma rainha...

O príncipe não pôde deixar de corar, apesar de hábil e forte como era.

Fosse porque a condessa tivesse dó da sua perturbação, fosse porque mais lhe conviesse não prolongar essa situação, deu-se pressa em acrescentar:

– Como deixaria de me sentir, eu, a quem faz tantos protestos, vendo que me tem em menos estimaçã do que a uma rainha, quando se trata de ficar escondido sob um dominó e uma máscara, quando se trata de fazer no meu espírito, com uma condescendência que eu mal saberia pagar, um desses passos de gigante, que o compasso a que se referia ainda há pouco nunca poderia medir?

O cardeal, contente por se ver livre por tão baixo preço, satisfeito com aquela fácil vitória, que a perícia de Joana lhe deixava ganhar, tomou a mão da condessa e apertou-a.

– Pela condessa – disse ele – tudo farei, até o impossível!

– Agradecida, monsenhor; o homem que acaba de fazer esse sacrifício por mim é um amigo bem precioso; todavia, como se

prontificou, dispenso-o.

– Não, não, o salário não pode vir senão depois de desempenhada a tarefa. Condessa, eu acompanho-a, mas de dominó.

– Vamos pela rua de Saint-Denis, que é perto do teatro; entrarei, de máscara, numa loja, comprarei dominó e máscara para Vossa Eminência, e vesti-lo-á na carruagem.

– A condessa teve ótima lembrança.

– Oh! monsenhor, mostra-se de uma bondade para comigo, que me torna confusa... Mas, agora me lembra, talvez que no palácio de Rohan Vossa Eminência tenha algum dominó mais do seu gosto do que qualquer outro que possamos comprar.

– Isso é uma malícia imperdoável, condessa. Se eu vou ao baile de máscaras, acredite uma coisa...

– Qual, senhor?

– É que hei de ficar tão admirado de me achar lá, como a condessa ficou de cear a sós com um homem sem ser o seu marido.

Joana agradeceu, porque conheceu que nada tinha que responder.

Uma carruagem sem armas chegou à porta da casa, para receber os dois fugitivos, e a trote largo dirigiu-se para os bulevares.

## XXII

### Algumas palavras acerca da ópera

A ópera, esse templo do prazer, fora destruído por um incêndio em junho de 1781.

Vinte pessoas pereceram debaixo das ruínas, e, como em dezoito anos era a segunda vez que acontecia essa desgraça, tendo o lugar habitual da Ópera, isto é o Palais-Royal, parecido fatal às alegrias parisienses, por uma ordem do rei fora transferido para outro bairro menos central.

Foi sempre para os vizinhos uma grande preocupação aquela cidade de panos, de madeira branca, de papelão e de pinturas.

O teatro, são e salvo, abrasava os corações dos financeiros e das pessoas distintas, produzia efeito nas jerarquias e nas fortunas, e, em combustão, podia destruir um bairro, a cidade inteira; bastava para isso um pouco de vento.

O local foi escolhido na Porta de Saint-Martin. *El rei*, penalizado por ver que a sua boa cidade de Paris ia por muito tempo achar-se sem Ópera, tornou-se triste, como se tornava sempre que não chegava o trigo de fora ou quando o pão subia sete soldos em cada peso de quatro libras.

Para avaliar a calamidade, era preciso ver como todos, a velha nobreza e a jovem magistratura, a espada e a finança, se encontravam desorientados por aquele vácuo; era preciso ver errando pelos passeios as divindades sem asilo, desde a mais somenos corifeia até à primeira cantora.

Para consolar *el rei* e também um pouco a rainha, apresentaram a Suas Majestades um arquiteto, o Sr. Lenoir, que prometia maravilhas e prodígios.

O estimável homem apresentava planos novos, um sistema de circulação tão perfeito, que em caso de incêndio, ninguém poderia ficar sufocado nos corredores. Abria oito portas aos fugitivos sem contar um primeiro andar com cinco janelas tão baixas, que os mais medrosos poderiam saltar por elas, sem temerem outra coisa mais que alguma torcedura.

O Sr. Lenoir dava, para substituir a bela sala de Moreau e as pinturas de Durameaux, um edifício de noventa e seis pés de fachada sobre o bulevar: a frontaria ornada de oito cariátides encostadas aos pilares, e para formar três portas de entrada; oito colunas assentando nas suas bases; um baixo-relevo em frontão por cima dos capitéis, e uma varanda com três janelas ornadas e arquivoltas.

A cena teria trinta e seis pés de abertura, o teatro setenta e dois de fundo e oitenta e quatro de largo, de parede a parede.

Haveria salas ornadas de espelhos, de uma decoração simples, mas nobre.

Em toda a largura da sala por debaixo da orquestra, o Sr. Lenoir conservaria um espaço de doze pés para conter um imenso reservatório e duas bombas, a cujo serviço se destinariam vinte homens das guardas francesas.

Enfim, para encher a medida, o arquiteto pedia setenta e cinco dias, para abrir ao público a sala do teatro, nem uma hora mais, nem uma hora menos.

A última condição pareceu uma fanfarronada; riram muito, mas *el rei* fez os seus cálculos com o Sr. Lenoir e admitiu tudo.

O Sr. Lenoir começou a obra e cumpriu a sua promessa. A sala achou-se pronta no espaço convencionado.

Mas então o público, que nunca está satisfeito ou tranquilo, começou a refletir que a sala era construída de madeira, que era o único meio de construir depressa, mas que a celeridade era uma condição de enfermidade, que por consequência o teatro novo era pouco sólido. Esse teatro, pelo qual tanto se havia suspirado, que os curiosos tinham com tanto prazer visto levantar viga por viga, esse monumento que a cidade inteira de Paris vinha todas as tardes ver crescer, fixando de antemão o seu lugar, ninguém quis lá entrar

quando se acabou. Os mais ousados, os doidos, tomaram bilhetes para a primeira representação de Adélia de Ponthieu, música de Piccini, mas ao mesmo tempo fizeram os seus testamentos.

Vendo isto, o arquiteto, aflito, recorreu a *el rei*, que lhe deu uma ideia.

– Os poltrões em França – disse Sua Majestade – são os que pagam; esses dão-lhe de boa vontade dez mil libras de renda e fazem-se esmagar na imprensa, mas não se querem arriscar a ser esmagados por edifícios que abatem. Deixe de parte essa gente, e convide os que não pagam. A rainha deu-me um delfim; a cidade está cheia de regozijo. Mande anunciar, que para festejar o nascimento do meu filho, a abertura do teatro verificar-se-á por uma representação gratuita; e, se das mil e quinhentas pessoas ali metidas, isto é, um termo médio de trezentos mil arráteis, lhe não bastam para experimentar a solidez, peça a toda essa gente que salte um pouco na sala; bem sabe, Sr. Lenoir, que o peso é cinco vezes maior quando cai de uma altura de quatro polegadas. Portanto os dois mil e quinhentos valentes hão de pesar um milhão e quinhentos mil arráteis se os fizer dançar; deve dar um baile depois da representação.

– Agradecido, senhor – disse o arquiteto.

– Mas pense bem antes, olhe que o peso é grande!

– Senhor, a esse respeito estou tranquilo, e irei eu mesmo ao baile.

– Eu – redarguiu *el rei* – prometo-lhe assistir à segunda representação.

O arquiteto seguiu o conselho do rei. Representou-se Adélia de Ponthieu diante de três mil plebeus, que aplaudiram mais do que o fariam reis.

Estes plebeus dignaram-se dançar depois do espetáculo, e divertiram-se consideravelmente. Aumentaram assim o peso, conforme as leis da mecânica.

Nada tremeu na sala.

Se havia alguma desgraça para temer, era nas seguintes representações, porque os nobres poltrões encheram a sala, essa

sala para a qual, três anos depois da sua abertura, se dirigiam para o baile de máscaras o Sr. cardeal de Rohan e a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

Tal era o preâmbulo que devíamos aos nossos leitores. Voltemos agora aos nossos personagens.

## XXIII

### O baile de máscaras

O baile estava no maior grau de animação quando o cardeal Luís de Rohan e a Sr.<sup>a</sup> de La Motte entraram furtivamente, pelo menos o prelado, entre milhares de dominós e máscaras de todas as espécies.

Viram-se logo envoltos na multidão, por entre a qual desapareceram nos grandes turbilhões os pequenos redemoinhos, por um instante vistos pelas pessoas que passeiam pela praia, mas que a corrente imediatamente arrasta.

Dois dominós ao lado um do outro, tanto quanto era possível estar-se lado a lado em semelhante chusma, tentavam, combinando os seus esforços, resistir à invasão; mas vendo que nada podiam conseguir, resolveram refugiar-se debaixo da tribuna da rainha, onde a multidão era menos compacta, e onde tinha ponto de apoio na parede.

Era um dominó preto e um dominó branco, um alto e outro baixo, um homem e outro mulher; um agitando os braços, outro virando e revirando a cabeça.

Estes dois dominós entregavam-se evidentemente a um colóquio animadíssimo.

Escutemos.

– Digo-te, Oliva, que esperas alguém – repetia o mais alto; – o teu pescoço parece o espigão de um cata-vento, que não gira com o vento, mas com a entrada de novas pessoas.

– Bem, e depois?

– Como depois?

– Sim, o que há para admirar que a minha cabeça ande à roda? Não estou eu aqui para isso?

– Sim, mas se fizeres andar à roda a aos outros...

– E que mal há nisso? Para que vem a gente a um baile de máscaras?

– Para mil coisas.

– Os homens decerto, mas as mulheres não vêm senão para uma.

– Qual?

– A que disseste; para fazer andar à roda o maior número de cabeças possível. Trouxeste-me ao baile de máscaras, estamos na sala, resigna-te.

– Oliva!

– Oh! não faças a voz grossa; bem sabes que me não assustas, e, sobretudo, recomendo-te que te abstenhas de me chamar pelo nome. Bem sabes que é de mau gosto chamar as pessoas pelo seu nome num baile de máscaras.

O dominó preto fez um movimento de cólera, que foi subitamente interrompido pela chegada de um dominó azul.

– Devagar, senhor, devagar – disse o recém-chegado – deixe esta senhora divertir-se como for da sua vontade. Com os diabos! nem todos os dias é meia quaresma, e nem sempre vem a gente aos bailes de máscaras.

– Isso não é da sua conta – respondeu brutalmente o dominó preto.

– Ah! senhor – disse o dominó azul – lembre-se de uma vez para sempre, que uma pouca de cortesia nunca faz mal.

– Não o conheço – respondeu o dominó preto; – por que motivo havia eu de ser cortês com o senhor?

– Não me conhece; mas...

– Mas o quê?

– Mas conheço-o eu, Sr. Beausire.

Ouvindo pronunciar o seu nome, ele, que tão facilmente pronunciava os nomes dos outros, o dominó preto estremeceu, sensação esta que visivelmente se conheceu pelas repetidas oscilações do seu capuz de seda.

– Oh! não se assuste, Sr. Beausire – continuou o dominó azul – não sou quem pensa.

– Ora essa! em quem penso eu? Dar-se-á o caso que se não contente em adivinhar os nomes, terá porventura também a pretensão de adivinhar os pensamentos?

– Por que não?

– Então veja se adivinha o que penso. Nunca vi feiticeiros, e terei verdadeiro prazer em encontrar algum.

– Oh! o que me pede não é difícil bastante para merecer um título, que parece conceder facilmente.

– Diga sempre.

– Não, veja se procura outra ideia.

– Basta-me isso. Adivinhe.

– Quer?

– Quero, sim.

– Pois bem, julga que sou um agente do Sr. de Crosne.

– Do Sr. de Crosne?

– Sim; conhece perfeitamente o chefe da polícia.

– Senhor...

– Devagar, meu caro Sr. Beausire; na realidade, dir-se-ia que procura a sua espada ao lado.

– Certamente que a procuro.

– Santo Deus! que natureza tão bélica. Mas sossegue, meu caro Sr. Beausire, deixou em casa a sua espada, e fez bem. Falemos de outra coisa. Quer fazer o favor de me deixar dar o braço a essa senhora?

– A esta senhora?...

– Sim, a essa senhora. Parece-me que isto é muito trivial num baile de máscaras, ou dar-se-á o caso de que eu venha das Índias Orientais?

– Certamente, senhor, é coisa muito trivial, quando assim convém ao cavalheiro.

– Algumas vezes, meu caro Sr. Beausire, basta que isso convenha à senhora.

– E é por muito tempo que lhe pede o braço?

– O meu caro Sr. Beausire é muito curioso: talvez seja por dez minutos, talvez pelo resto da noite.

– Ora adeus! o senhor está brincando comigo.

– Meu caro senhor, responda, sim ou não. Quer ou não quer ceder-me o braço dessa senhora?

– Não.

– Vamos, vamos, não se faça grave.

– Porque?

– Porque já tem uma máscara na cara, e é escusado ter duas.

– Vá com Deus, senhor.

– Ora! lá se enfada agora o senhor, que ainda agora estava tão brando.

– Onde?

– Na rua Dauphine.

– Na rua Dauphine! – exclamou Beausire que ficou um pouco estupefato.

Oliva deu uma gargalhada.

– Cale-se, senhora – disse o dominó preto.

Depois, voltando-se para o dominó azul, continuou:

– Nada compreendo do que diz, senhor. Intriga-me seriamente, se isso lhe é possível.

– Mas, meu caro senhor, parece-me que nada posso dizer mais sério do que a verdade, não é assim, Sr.<sup>a</sup> Oliva?

– Ora! – disse esta – também me conhece a mim?

– Pois o Sr. Beausire não a tratou pelo seu nome, em voz alta, há um instante?

– É a verdade – disse Beausire, voltando à fala – a verdade é...

– É que, no momento de matar esta pobre senhora, porque ainda há pouco queria matá-la, parou ao som de uns vinte luíses.

– Basta, senhor.

– Se isto lhe basta, dê-me então o braço da senhora.

– Oh! bem vejo – murmurou Beausire – que o senhor e esta senhora...

– Então! esta senhora e eu?

– Estão combinados.

– Juro-lhe que não.

– Ora! que lembrança! – exclamou Oliva.  
– E daí... – exclamou o dominó azul.  
– Como, e daí?  
– Sim, quando fosse verdade que estivéssemos combinados, seria para seu bem.  
– Para meu bem?  
– Certamente.  
– Quando se afirma uma coisa, prova-se – disse soberbamente Beausire.  
– De muito boa vontade.  
– Estimaria muito saber...  
– Provarei, portanto – continuou o dominó azul – que a sua presença aqui lhe é tão prejudicial quanta lhe seria proveitosa a sua ausência.  
– A mim?  
– Sim, ao senhor.  
– Em quê, tem a bondade de me dizer?  
– É membro de uma certa academia, não é verdade?  
– Eu?  
– Oh! não se enfade, meu caro Beausire, que não lhe falo da academia das ciências.  
– Academia... academia... – murmurou o dominó preto.  
– Rua de Pot-de-Fer, no pavimento por baixo das lojas, não é isso, meu caro Sr. Beausire?  
– Caluda!  
– Ora!  
– Sim, caluda! Oh! que homem tão desagradável que o senhor é!  
– Isso não se diz.  
– Porquê?  
– Porque não o julga assim, com os diabos! Mas voltemos a falar da academia...  
– Então?  
O dominó azul puxou pelo relógio, que era guarnecido de brilhantes, e sobre o qual se fitaram como duas lentes de fogo os olhes de Beausire.

– E então? – repetiu este último.

– Então, dentro de um quarto de hora, na sua academia da rua do Pot-de-Fer, meu caro Sr. Beausire, vai discutir-se um pequeno projeto, que tende a dar um benefício de dois milhões aos doze verdadeiros associados, um dos quais é o senhor.

– E o senhor outro, se...

– Acabe.

– Se não é algum beleguim.

– Realmente, julgava que o Sr. Beausire era um homem esperto, mas vejo com mágoa que não passa de um estúpido; se eu fosse agente da polícia, já vinte vezes o teria agarrado por negócios de mais pequena monta do que esta especulação de dois milhões, que se vai discutir na sua academia dentro de alguns minutos.

Beausire refletiu um instante.

– Os diabos me levem, se não tem razão.

Depois, caindo em si:

– O senhor -- disse ele -- manda-me à rua do Pot-de-Fer!

– Mando, sim.

– Bem sei para quê.

– Diga-o.

– Para me fazer prender; mas não sou tão tolo que caia nessa...

– Lá diz outra vez tolices.

– Senhor...

– Certamente; se tenho o poder de fazer o que diz, se tenho o poder ainda maior de adivinhar o que se faz na sua academia, por que viria eu pedir-lhe por favor que me cedesse o braço dessa senhora? Não. Nesse caso mandá-lo-ia prender imediatamente, e tanto a senhora como eu ver-nos-íamos livres do senhor; mas não, Sr. Beausire, não emprego semelhantes meios, brandura e persuasão é a minha divisa.

– Vamos a saber – exclamou de repente Beausire largando o braço de Oliva – o senhor é quem estava, haverá duas horas, assentado no sofá em casa desta senhora? Hem!

– Que sofá? – perguntou o dominó azul a quem Oliva apertou levemente a ponta de um dedo ; – a respeito de sofá, não conheço senão o do Sr. Crébillon, filho.

– Afinal, é-me indiferente – atalhou Beausire; – as suas razões são boas, e é quanto quero saber. Cedo-lhe, portanto, o braço da senhora, receba-o; mas se tiver armado algum laço a um homem de bem, core de vergonha!

O dominó azul riu-se daquele epíteto de homem de bem com que Beausire tão liberalmente se vangloriava; e depois, batendo-lhe no ombro disse:

– Durma sossegado, porque, mandando-o à academia, faço-lhe presente de uma parte dos dois milhões; porque, se lá não fosse esta noite, segundo o costume dos seus associados, seria excluído da partilha, ao passo que indo...

– Bem ! seja o que Deus quiser – murmurou Beausire.

– Agora nós – disse ela. – Deixei-o intrigar à sua vontade aquele pobre Beausire, mas desde já o previno de que não sou tão fácil de contentar. Assim, como se trata de continuar, diga-me coisas bonitas, quando não...

– Para lhe dizer coisas bonitas, vou contar-lhe a sua história, Sr.<sup>a</sup> Nicola, que é muito interessante – disse o dominó azul apertando agradavelmente o braço roliço da sua companheira, que soltou um grito abafado, ao ouvir o nome.

Mas logo disfarçou, como pessoa acostumada a não se deixar vencer facilmente, e disse:

– Oh! meu Deus! que nome é esse? Nicola!... Será de mim que quer falar? Quer porventura designar-me por esse nome? Nesse caso, naufraga à saída do porto e despedaça o baixel contra o primeiro rochedo. Não me chamo Nicola.

– Bem sei que atualmente não se chama Nicola; o seu nome agora é Oliva. Nicola cheira muito a província. Há em si duas mulheres, bem o sei, Oliva e Nicola. Já se esqueceu do tempo em que dava por este nome? Decerto que não. Ai, minha querida menina, quando se tem usado um nome na infância, é sempre esse o que se conserva, quando não para o público, pelo menos para nós, no íntimo da alma, seja qual for o outro nome que se tenha adoptado para esquecer o primeiro. Infelizmente Oliva. Feliz Nicola!

Neste momento algumas máscaras, como a onda da procela, vieram dar de encontro aos dois dominós, e Nicola ou Oliva viu-se

obrigada, quase contra sua vontade, a apertar ainda mais contra si o seu companheiro.

– Olhe – lhe disse ele – olhe para toda essa multidão variegada; veja todos esses grupos que se aproximam e se inclinam uns para os outros para devorar palavras de galanteio ou de amor, que trocam entre si; veja esses grupos que se ajuntam e se apartam, uns com risos, outros com enfado... Todas essas pessoas têm talvez tantos nomes como a menina, e muitos há que ficariam admirados dizendo-lhes nomes de que se não lembram e que julgam esquecidos.

– Há pouco disse: infeliz Oliva...?

– Disse, sim.

– Então não crê que eu seja feliz?

– Seria difícil achar felicidade junto de um homem como Beausire.

Oliva suspirou.

– Também não digo que o seja – disse ela.

– Todavia, ama-o?

– Oh! razoavelmente.

– Se o não ama, deixe-o.

– Não.

– Porquê?

– Porque, se o deixasse, teria saudades dele.

– Teria saudades dele?!

– Receio muito que sim.

– E por que teria saudades de um bêbedo, de um homem que lhe bate, de um ladrão que mais dia menos dia há de ser rodado na Grève?

– Talvez não compreenda o que vou dizer-lhe.

– Diga sempre.

– Teria saudades da bulha constante que ele faz em volta de mim.

– Eu devia ter adivinhado isso. É o resultado de passar a mocidade com pessoas silenciosas.

– Conhece a minha mocidade?

– Perfeitamente.

– Ah! meu caro senhor – disse Oliva rindo e abanando a cabeça com um modo de dúvida.

– Duvida?

– Oh! não duvido; tenho a certeza de que nada sabe.

– Vamos, portanto, falar da sua mocidade, Sr.<sup>a</sup> Nicola.

– Falemos; mas previno-o de que não o esclarecerei.

– Oh! não preciso.

– Então, fale.

– Não lhe falarei da infância, que é um tempo que não se conta na vida; começarei pela puberdade, no momento em que conheceu que Deus lhe havia dado um terno coração para amar e para sofrer.

– Para amar quem?

– Para amar Gilberto.

Ouvindo essa palavra, esse nome, um estremecimento percorreu todas as veias da rapariga, e o dominó azul sentiu-a estremecer no braço.

– Oh! – disse ela – como sabe isso?

E parou de repente, dardejando com imensa comoção os olhos, pelas aberturas da mascarilha, sobre o dominó azul.

Este emudeceu.

Oliva, ou antes Nicola, suspirou.

– Ah! senhor – disse ela sem procurar lutar mais tempo – acaba de pronunciar um nome para mim bem fértil em recordações. Conhece Gilberto?

– Conheço, uma vez que lhe falo nele.

– Ah!

– Era um moço guapo, por minha vida! Amava-o?

– Era belo rapaz?... Não, não era... mas eu assim o achava. Tinha muito talento, e era de nascimento igual ao meu. Mas não, enganei-me agora. Enquanto Gilberto quiser, mulher nenhuma será sua igual.

– Mesmo...

– Mesmo quem?

– Mesmo a Sr.<sup>a</sup> de Ta...

– Oh! bem sei o que quer dizer – interrompeu Nicola; – oh! está bem ao facto de tudo, senhor; sim, ele amava alguém que estava

muito acima da pobre Nicola.

– Bem vê que me calo.

– Sim, sim, sabe segredos terríveis – disse Oliva estremecendo;  
– agora...

E olhando para o desconhecido como se quisesse sondá-lo através da máscara, concluindo a frase, perguntou:

– Agora, o que é feito dele?

– Parece que a senhora melhor do que ninguém o poderá dizer.

– Porquê?

– Porque, se ele a seguiu de Taverney a Paris, a menina seguiu-o de Paris ao Trianon.

– Sim, é verdade, mas são passados dez anos; e demais, não é desse tempo que lhe falo. Refiro-me aos dez anos que decorreram desde que eu fugi e que ele desapareceu. Meu Deus! Passam-se tantas coisas em dez anos!

O dominó azul não respondeu.

– Rogo-lhe – insistiu Nicola quase suplicante – que me diga o que foi feito de Gilberto... cala-se? Volta a cabeça? Talvez que o magoe, que o entristeça semelhante recordação?

Com efeito, o dominó azul tinha não voltado, mas inclinado a cabeça, como se o peso das suas recordações fosse muito forte.

– Quando Gilberto amava a menina de Taverney... – disse Oliva.

– Diga os nomes em voz baixa – disse o dominó azul. – Não repara que eu nem sequer os pronuncio?

– Quando ele estava tão namorado – continuou Oliva suspirando – que cada árvore do Trianon sabia o seu amor...

– Bem! então já o não amava?

– Eu, pelo contrário, amava-o mais que nunca, e foi esse amor que me perdeu. Sou formosa, sou altiva, e quando quero sou insolente. Antes deixaria o carrasco decepar-me a cabeça, do que curvá-la.

– Tem coração, Nicola?

– Sim, tive... naquele tempo – disse ela suspirando.

– Esta conversa entristece-a?

– Não, pelo contrário, faz-me bem recordar-me da minha mocidade. A vida é como um rio, que por mais turvo que seja tem

sempre uma origem e fonte pura. Continue, e não faça caso de um pobre suspiro perdido, que me sai do peito.

– Oh! – disse o dominó azul com um modo que denunciava um sorriso debaixo da máscara; – da menina, de Gilberto e de outra pessoa sei tudo, ou mais ainda, quanto a senhora mesma pode saber, minha pobre criança.

– Então – exclamou Oliva – diga-me porque fugiu Gilberto do Trianon, e se me disser...

– Ficaré convencida? Pois bem! eu não lhe direi, e ainda mais convencida ficará.

– Como?

– Perguntando-me o motivo porque Gilberto fugiu do Trianon, não é uma verdade que quer verificar na minha resposta, uma coisa que não sabe e que deseja saber?

– É verdade.

De repente estremeceu mais vivamente do que até ali fizera, e agarrando-lhe convulsivamente nas mãos, exclamou:

– Meu Deus! meu Deus!

– Então! o que é?

Nicola pareceu sossegar e afastar de si a ideia que a obrigara a fazer essa demonstração, e respondeu:

– Nada.

– Era alguma coisa; queria fazer-me alguma pergunta?

– Queria. Diga-me francamente o que é feito de Gilberto?

– Não ouviu dizer que tinha morrido?

– Ouvi, mas...

– Pois bem, morreu.

– Morreu? – disse Nicola como duvidando.

Depois, com um abalo repentino semelhante ao primeiro:

– Por piedade, senhor – disse ela – preste-me um serviço.

– Dois, dez, tantos quantos quiser, minha cara Nicola.

– Há de haver duas horas que o vi em minha casa... porque era o senhor, não é assim?

– Certamente.

– Há duas horas não procurava esconder-se de mim.

– Por modo nenhum, pelo contrário, fazia diligência para que me visse bem.

– Oh! louca! louca que eu sou; eu que tanto olhei para o senhor. Louca, louca, estúpida, mulher, só mulher, nada mais que mulher, como dizia Gilberto.

– Ora vamos, deixe os seus lindos cabelos. Poupe-os!

– Não. Quero castigar-me por ter olhado para o senhor de modo que foi o mesmo que se o não tivesse visto.

– Não a compreendo.

– Sabe o que lhe peço?

– Diga.

– Tire a máscara.

– Aqui é impossível.

– Oh! não é o receio de ser visto por outros olhes além dos meus que o impedirá, porque ali, por detrás daquela coluna, na sombra da galeria, ninguém o veria senão eu.

– Então o que é que me impede?

– Receia que o conheça.

– Eu?

– E que exclame: é Gilberto!

– Ah! disse bem: é uma louca!

– Tire a máscara!

– Pois sim, mas há de ser com uma condição.

– Desde já a concedo.

– É que, se eu quiser, também há de tirar a sua.

– Tirá-la-ei. Se não a tirar, dou-lhe o direito de o fazer.

O dominó azul não se fez rogar mais tempo; dirigiu-se para o local indicado pela sua companheira, e ali, tirando a máscara, mostrou-se. Oliva, durante um minuto, devorou-o com o olhar.

– Ah! não – disse ela batendo o pé no chão e fechando convulsivamente os punhos. – Ah! não, não é Gilberto!

– Quem sou?

– Pouco me importa, uma vez que não é ele.

– E se fosse Gilberto? – perguntou o desconhecido prendendo novamente a máscara.

– Se fosse Gilberto!... – exclamou a rapariga com paixão.

- Sim.
- Se me tivesse dito: Nicola, Nicola, lembra-te de Taverney-Casa-Vermelha. Oh! então!
- Então?
- Morria para mim Beausire.
- Já lhe disse, minha querida menina, que Gilberto tinha morrido.
- Pois bem, talvez fosse melhor assim – disse Oliva suspirando.
- Sim, Gilberto não a teria amado, apesar de formosa como é.
- Quer dizer que Gilberto me desprezaria?
- Não; ele temia-a.
- É possível. O meu carácter era muito semelhante ao dele, e ele conhecia-me tão bem, que tinha medo de mim.
- Portanto, como disse, foi melhor que morresse.
- Por que repete as minhas palavras ? Na sua boca fazem-me mal. Por que diz o senhor que é melhor ter ele morrido?
- Porque hoje, minha querida Oliva (repare que já não digo Nicola), porque hoje, minha querida Oliva, tem em perspectiva um porvir de felicidade, opulência e brilho!
- Julga isso?
- Julgo, se está decidida a fazer tudo para chegar ao fim que lhe prometo.
- Oh! fique descansado.
- Mas, o que não deve tornar a fazer, é suspirar como ainda há pouco.
- Pois sim. Eu suspirava por Gilberto e como não há dois Gilbertos no mundo, e que o Gilberto que eu amava morreu, não tornarei a suspirar.
- Gilberto era moço, tinha os defeitos e qualidades da juventude, e hoje...
- Gilberto não é mais velho hoje do que era há dez anos.
- Não, decerto, pois que Gilberto está morto.
- Bem vê, morreu; os Gilbertos não envelhecem, morrem.
- Oh! – exclamou o desconhecido – ó juventude! ó coragem! ó formosura! eternas origens do amor, do heroísmo e da dedicação, aquele que vos perde, perde verdadeiramente a vida. A mocidade é

o paraíso, é o céu, é tudo. O que Deus depois nos dá é apenas a triste compensação da mocidade. Quanto mais dá aos homens, uma vez perdida a mocidade, quanto mais julgou dever indenizá-los. Mas nada substitui, santo Deus! os tesouros que essa mocidade prodigalizava aos homens.

– Gilberto teria pensado isso mesmo que tão facilmente enuncia – disse Oliva; – mas terminemos este assunto.

– Sim, falemos da senhora.

– Falemos do que quiser.

– Por que fugiu com Beausire?

– Porque queria sair do Trianon, e precisava fugir com alguém. Era-me impossível continuar a viver, como vivia, quase desprezada por Gilberto.

– Dez anos de fidelidade por orgulhe – disse o dominó azul. – Ah! caro pagou essa vaidade!

Oliva riu-se.

– Oh! bem sei de que se está rindo – disse gravemente o desconhecido. – Ri por ver que um homem que diz saber tudo, a acusa de ter sido fiel durante dez anos, quando tem a certeza do contrário. Oh! meu Deus! se se trata de fidelidade material, pobre pequena, bem sei o que há a semelhante respeito. Sim, sei muito bem que estive em Portugal com Beausire, que viveu ali perto de dois anos, que dali fora para a Índia, não com Beausire, mas com um capitão de fragata, que a escondeu no seu camarim, e esqueceu-a em Chandernagora em terra firme, no momento em que voltava para a Europa. Sei que teve às suas ordens para gastar dois milhões de rúpias em casa de um nababo, que a trazia fechada a sete chaves. Sei, enfim, que rica, porque tinha levado duas pulseiras de pérolas finas, dois brilhantes e três grandes rubis, voltou para França, desembarcando em Brest, onde a sua má estrela fez com que encontrasse Beausire, que esteve a ponto de perder os sentidos tornando a vê-la bronzeada e magra como regressava, pobre exilada!

– Oh! – disse Nicola – quem é então o senhor para saber todas essas coisas?

– Sei, enfim, que Beausire a levou, provou que a amava, vendeu-lhe as joias e reduziu-a à miséria... Sei que o ama, que assim o diz, pelo menos, e que como o amor é a fonte de todo o bem, deve ser a mulher mais feliz do mundo inteiro.

Oliva abaixou a cabeça; encostou a fronte à mão, duas lágrimas foram vistas a lhe correr, pérolas líquidas, mais preciosas talvez que as das pulseiras, e que, contudo, ninguém teria querido comprar a Beausire.

– E essa mulher tão soberba, essa mulher tão feliz – disse ela – comprou-a hoje por cinquenta luíses.

– Oh! é bem pouco, minha senhora, bem o sei – disse o desconhecido com essa graça delicada e perfeita cortesia, que nunca abandona o homem delicado, ainda que fale com a mais ínfima das mulheres.

– Oh! pelo contrário, foi demasiadamente caro, senhor, e juro-lhe que muito me admiro que uma mulher como eu valesse ainda cinquenta luíses.

– Vale muito mais do que isso, e eu lhe provarei. Ah! não me responda, porque me não percebe; e daí... – acrescentou o desconhecido inclinando-se para o lado.

– E daí?

– Preciso neste momento de toda a minha atenção.

– Então quer que me cale?

– Não, pelo contrário, fale-me.

– De que?

– Oh! do que quiser: Diga-me as coisas mais insignificantes, mais indiferentes, pouco me importa, contanto que pareça muito entretida em conversar comigo.

– Pois sim. O senhor é um homem bem singular!

– Dê-me o braço e caminhemos.

E caminharam por entre os grupos, ela endireitando-se e dando certo garbo à cabeça, elegante mesmo por debaixo do dominó, e por tal forma que os entendedores olhavam para ela com inveja; porque, no baile de máscaras da ópera, naquele tempo de galantes proezas, o espectador seguia com a vista o modo de andar de uma

mulher com quase tanta curiosidade como os amadores seguem hoje o andar de um bom cavalo.

Oliva, ao cabo de alguns instantes, fez uma pergunta.

– Silêncio! – disse o desconhecido; – ou antes, se lhe aprouver, fale quanto quiser, mas não me obrigue a responder. Enquanto finge conversar comigo, disfarce a voz, conserve direita a cabeça, e agite o leque.

Ela obedeceu.

Nesse momento os nossos dois dominós passavam perto de um grupo todo perfumado, no centro do qual um homem de estatura elegante, de figura esbelta e desembaraçado, falava com três companheiros, que pareciam ouvi-lo com atenção e respeito.

– Quem é aquele mancebo? – perguntou Oliva. – Oh! que lindo dominó cor de pérola.

– É o senhor conde de Artois – respondeu o desconhecido; – mas, por favor, não diga mais nada!

No momento em que Oliva, estupefata ao ouvir o nome que o dominó azul acabava de proferir, se colocava em posição de ver melhor e permanecia direita e firme, segundo a recomendação várias vezes repetida, dois outros dominós, fugindo de um grupo falador e bulhento, refugiaram-se para um lado onde não havia bancos.

Era uma espécie de ilhazinha deserta, em que penetravam por vezes os grupos repelidos do centro para a circunferência.

– Encoste-se a este pilar, condessa – disse em tom baixo uma voz, que fez impressão no dominó azul.

E quase no mesmo instante um dominó cor de laranja, cujos modos revelavam antes o homem útil do que o cortesão agradável, rompeu a multidão e veio dizer ao dominó azul:

– É ele!

– Bem – redarguiu este.

E com o gesto despediu o dominó amarelo.

– Ouça – disse ele então ao ouvido de Oliva – minha boa amiguinha, vamos começar a folgar um pouco.

– De boa vontade, porque na realidade já me entristeceu duas vezes, a primeira tirando-me Beausire, que me faz sempre rir, a

segunda falando-me de Gilberto, que tanta vez me fez chorar.

– Eu farei as vezes de Gilberto e de Beausire – disse o dominó azul com toda a gravidade.

– Oh! – suspirou Nicola.

– Não peço o seu amor, compreenda-me bem; peço-lhe que receba a vida tal qual eu lha hei de proporcionar, isto é, a satisfação de todas as suas fantasias, contanto que de vez em quando subscreva às minhas. Ora, eis aqui uma que eu agora tenho.

– Qual é?

– Aquele dominó preto que além vê, é um alemão meu amigo.

– Ah!

– Um pérfido, que recusou vir ao baile sob pretexto de uma enxaqueca.

– E a quem o senhor disse que não viria.

– Exatamente.

– Está uma mulher com ele?

– Está, sim.

– Quem é?

– Não a conheço. Chegemo-nos para ele, sim? Fingiremos que é uma alemã; mas não fale para ele não conhecer pela pronúncia que é parisiense pura.

– Muito bem. E o senhor vai intrigá-lo?

– Oh! por isso respondo eu. Vamos, comece a designar-me com o seu leque.

– Assim?

– Muito bem! Finja que me fala ao ouvido.

Oliva obedeceu com uma docilidade e inteligência, que encantaram o companheiro.

O dominó preto, objeto de semelhante demonstração, estava de costas voltadas para a sala, e conversava com a senhora que o acompanhava. Esta, a quem os olhes chamejavam debaixo da máscara, viu o gesto de Oliva.

– Olhe, monsenhor – disse ela em voz baixa – estão ali duas máscaras que falam de nós.

– Oh! nada deve recear, condessa; é impossível que nos conheçam. Permita, já que estamos no caminho da perdição,

permita que lhe repita que nunca vi figura tão encantadora como a sua, nunca vi uns olhos tão abrasadores; permita que lhe diga...

– Tudo o que se diz debaixo da máscara.

– Não, condessa; tudo o que se diz debaixo...

– Não acabe, porque se perderia... e daí, maior perigo ainda, os nossos dois espiões poderiam ouvir.

– Dois espiões! – exclamou o cardeal inquieto.

– Sim; lá se decidem eles, lá se aproximam.

– Disfarce bem a voz, condessa, se a obrigarem a falar.

– E o senhor faça o mesmo.

Oliva e o seu dominó azul aproximaram-se.

Este, dirigindo-se ao cardeal, disse:

– Máscara!

E inclinou-se ao ouvido de Oliva, que lhe fez um sinal afirmativo.

– O que pretendes tu? – perguntou o cardeal disfarçando a voz.

– A senhora que me acompanha – respondeu o dominó azul – encarrega-me de te dirigir várias perguntas.

– Depressa – disse o Sr. de Rohan.

– E que sejam bem indiscretas – acrescentou com voz aguda a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

– Tão indiscretas – redarguiu o dominó azul – que tu não as ouvirás, curiosa.

E inclinou-se ao ouvido de Oliva, que fez o mesmo sinal como dantes.

Então o desconhecido, em óptima linguagem alemã, dirigiu ao cardeal esta pergunta:

– Monsenhor, Vossa Alteza é namorado da mulher que o acompanha?

O cardeal estremeceu.

– Dá-me tratamento de Alteza?! – respondeu ele.

– Dou, sim, monsenhor.

– Então enganou-se, não sou quem pensa.

– Oh! por certo que é o Sr. cardeal príncipe de Rohan, não o queira negar, porque é inútil. Ainda que eu não o conhecesse, a senhora a quem sirvo de cavalheiro, encarrega-me de lhe dizer que o conhece perfeitamente.

Inclinou-se para Oliva e disse-lhe em voz baixa:

– Faça sinal que sim. Faça o mesmo sinal cada vez que eu lhe apertar o braço.

Ela fez o sinal.

– Espanta-me – respondeu o cardeal desorientado. – Quem é essa senhora que o acompanha?

– Oh! monsenhor, eu pensava que já a tivesse conhecido. Ela adivinhou logo quem o senhor era: verdade seja que o ciúme...

– A senhora tem ciúme de mim? – bradou o cardeal.

– Não dizemos isso – disse o desconhecido com certa altivez.

– O que lhe estão aí dizendo? – perguntou vivamente a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, a quem este diálogo em alemão, isto é, ininteligível para ela, contrariava no último grau.

– Nada, nada!

A condessa bateu impacientemente o pé.

– Minha senhora – disse então o cardeal para Oliva – uma palavra sua, rogo-lhe, e prometo adivinhar quem é por essa única palavra.

O Sr. de Rohan tinha falado em alemão. Oliva nada compreendeu e inclinou-se para o dominó azul.

– Rogo-lhe – exclamou este – que não fale, minha senhora.

Esse mistério despertou a curiosidade do cardeal, que acrescentou:

– Como! Uma única palavra em alemão! Não é coisa que comprometa muito uma senhora.

O dominó azul, fingindo receber as ordens de Oliva, redarguiu logo:

– Sr. cardeal, eis as próprias palavras desta senhora:

“Aquele, cujo pensamento não vela sempre, cuja imaginação não substitui eternamente a presença do objeto amado, não sabe amar; seria loucura dizer que ama.”

O sentido destas palavras fez impressão no cardeal. Toda a sua atitude exprimiu a maior surpresa e admiração, o maior respeito e exaltação. Mas depois deixou cair penderes os braços.

– É impossível – murmurou ele em francês.

– O que é impossível? – exclamou a Sr.<sup>a</sup> de La Motte, que acabava de ouvir avidamente estas únicas palavras de toda a conversa.

– Nada, minha senhora, nada.

– Monsenhor – disse ela com despeito – parece que me está a fazer representar um triste papel.

E largou o braço do cardeal. Este não só lhe não ofereceu outra vez, mas pareceu não dar atenção a isso, tão grande foi a sua insistência para com a senhora alemã.

– Minha senhora – disse ele a esta última, sempre direita e imóvel por detrás da sua muralha de cetim. – as palavras que o seu companheiro me disse em seu nome... são uns versos alemães que li numa casa, talvez sua conhecida?

O desconhecido apertou o braço de Oliva.

– Sim – disse ela com a cabeça.

O cardeal estremeceu, e disse hesitando:

– Essa casa não se chama Schoenbrun?

– Sim – disse Oliva.

– Foram escritos numa mesa de pau de cerejeira brava, com um buril de ouro por uma augusta mão?

– Sim – disse Oliva.

O cardeal calou-se. Uma espécie de revolução acabava de se operar nele. Vacilou e estendeu a mão para procurar um apoio.

A dois passos de distância espreitava a Sr.<sup>a</sup> de La Motte qual seria o resultado de tão estranha cena.

O braço do cardeal apoiou-se no dominó azul.

– E – disse ele – aqui está a continuação:

– “Mas aquele que por toda a parte vê o objeto amado, que o adivinha por uma flor, por um perfume, por véus impenetráveis, esse pode calar-se, que a voz está no coração, e basta que o outro o compreenda para se julgar feliz”.

– Ah! ah! fala-se alemão por aqui! – disse de repente uma voz suave saída de um grupo que se tinha aproximado do cardeal. – Escute um pouco o que dizem. O senhor entende o alemão, marechal?

– Não, monsenhor.

– E o Sr. de Charny?

– Eu entendo.

– O Sr. conde de Artois! – disse Oliva chegando-se muito para o dominó azul, porque as quatro máscaras a cercavam com demasiada liberdade.

Neste momento a orquestra começou a tocar alegres músicas, e o pó do chão e o dos penteados subia até acima dos lustres inflamados, que douravam essa névoa de âmbar e rosas.

Num movimento que fizeram as máscaras, o dominó azul sentiu-se empurrado.

– Cuidado! meus senhores – disse ele em tom de autoridade.

– Senhor – redarguiu o príncipe sem tirar a máscara – bem vê que nos estão empurrando. Queiram desculpar-nos, minhas senhoras.

– Vamo-nos, vamo-nos, Sr. cardeal – disse em voz baixa a Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

O capuz de Oliva foi amarrotado para trás por uma mão invisível; a mascarilha, soltando-se, caiu no chão, e as feições ficaram um instante patentes na penumbra da cimalha formada pela galeria que fica por cima da plateia.

O dominó azul soltou um grito afetado de inquietação, Oliva um grito de espanto.

Três ou quatro gritos de surpresa responderam a essa dupla exclamação.

O cardeal esteve quase para perder os sentidos.

Se naquele momento tivesse caído, teria caído de joelhos. A Sr.<sup>a</sup> de La Motte segurou-o.

Uma onda de máscaras, levadas pela corrente, acabava de separar o conde de Artois do cardeal e da Sr.<sup>a</sup> de La Motte.

O dominó azul, que, rápido como um raio, acabara de arranjar o capuz de Oliva e de prender-lhe a mascarilha, aproximou-se do cardeal, e apertando-lhe a mão, disse:

– Senhor, isto é uma desgraça irremediável! Bem vê que a honra desta senhora está nas suas mãos.

– Oh! senhor, senhor... – murmurou o príncipe Luís, inclinando-se.

E pela frente, escorrendo em suor, passou o lenço, que lhe tremia na mão.

– Vamo-nos depressa – disse o dominó azul para Oliva.

E desapareceram.

– Já sei o que o cardeal julgava ser impossível – disse consigo a Sr.<sup>a</sup> de La Motte; – julgou que esta mulher fosse a rainha, e foi esse o efeito que nele produziu aquela semelhança... Bem, é mais uma observação para registrar.

– Quer que nos retiremos do baile, condessa? – disse o Sr. de Rohan com voz enfraquecida.

– Como lhe aprouver, monsenhor – respondeu sossegadamente Joana.

– Não há aqui grande interesse, não é verdade?

– É verdade, já não vejo nenhum.

E abriram custosamente caminho por entre a multidão. O cardeal, que era de elevada estatura, olhava para todos os lados, para ver se descobria outra vez a sua visão.

Mas desde então, dominós azuis, vermelhos, amarelos, verdes e cinzentos andavam em turbilhão no vapor luminoso que tinha diante dos olhos, confundindo as cambiantes como as cores do prisma. De longe tudo lhe parecia azul ao pobre cardeal; mas de perto, nada tinha essa cor.

Neste estado chegou à carruagem, que o esperava, a ele e à condessa.

Havia já cinco minutos que a carruagem rodava com eles dentro, e ainda o prelado não havia dirigido palavra a Joana.

## FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Esta obra é distribuída Gratuitamente pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

1 Epílogo de Gália e França.

2 O oficial que trouxe as últimas notícias que se receberam de Lapeyrouse foi o Sr. de Lesseps, o único homem da expedição que tornou a Terra de França.